UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

SIMONE YUKIE KAWASHIMA

OS MULTILETRAMENTOS (DECOLONIAIS) NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS NO CONTEXTO BRASILEIRO

São Paulo
2023

Versão Corrigida

SIMONE YUKIE KAWASHIMA

Os Multiletramentos (decoloniais) na formação de professores de inglês no contexto brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz

São Paulo

2023

Versão Corrigida

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

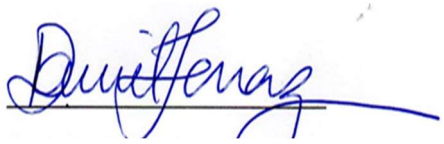
Nome do (a) aluno (a): __SIMONE YUKIE KAWASHIMA_____

Data da defesa: _10__/_11__/_2023_

Nome do Prof. (a) orientador (a): _PROF. DR. DANIEL DE MELLO FERRAZ

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08__/_01__/__2024___



Assinatura do (a) orientador (a)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K22m

Kawashima, Simone Yukie
Os Multiletramentos (decoloniais) na formação de professores de inglês no contexto brasileiro / Simone Yukie Kawashima; orientador Daniel de Mello Ferraz - São Paulo, 2023.
248 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

1. multiletramentos. 2. Formação docente . 3. decolonialidade. 4. educação linguística. I. Ferraz, Daniel de Mello, orient. II. Título.

KAWASHIMA, Simone Yukie. Os Multiletramentos (decoloniais) na formação de professores de inglês no contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 10/11/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (orientador)___ Instituição: USP_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Lynn Mario T. Menezes de Souza _____Instituição: USP_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Ana Paula Martinez Duboc_____ Instituição: USP_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Fabricio Tetsuya Parreira Ono_____ Instituição: UFMS_____

Julgamento_____ Assinatura_____

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Daniel de Mello Ferraz, por sua enorme generosidade, paciência, confiança e orientações, fundamentais para a construção desse caminho.

Às Professoras Drª. Carla Conti de Freitas e Drª. Claudia Cristina Ferreira, pelas contribuições dadas no processo de qualificação.

À USP, FFLCH e aos professores do PPGELLI pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À AUCANI, Agencia USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional, pela concessão da bolsa mobilidade que permitiu a realização de um intercâmbio, contribuindo para esta pesquisa. Às amigas Sandra e Kiara pela paciência na orientação dessa jornada. Aos Professores Dr. Erhan Aslan e Dr.Rodney Jones, que me receberam muito bem na Universidade de Reading (UK), colaborando para que eu tivesse uma experiência incrível.

Aos alunos e professores das escolas que participaram desta pesquisa, contribuindo com suas ideias, essenciais para as reflexões sobre o ensino no Brasil.

Às Prof. Drª. Walkyria Monte Mor e Prof. Drª. Roxane Rojo, referências na área, pela disponibilidade e generosidade de participar da pesquisa.

Aos grandes amigos que fiz na pós-graduação, sempre serão minha referência – são tantos nomes (mesmo) mas em cada etapa cada um teve um papel fundamental, com palavras de incentivo, escuta nos momentos de desabafo, compartilhamento de experiências e oportunidades, e risadas. Em especial, Otavio Silva (*in memoriam*) pesquisador, colega e amigo excelente, que sempre acreditou em mim.

Aos colegas do GEELLE (Grupo de Estudos de Educação Linguística em Língua Estrangeira), que me ensinaram e me ensinam, me inspiram todos os dias, e são o início de tudo.

À minha mãe, meu pai, meus maiores incentivadores, irmãs e minha família, pelo apoio incondicional de sempre. Aos amigos de longa data pelas palavras de apoio, encorajamento, amizade e sugestões, e pela compreensão da minha ausência em alguns momentos.

E a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho. Muito obrigada!

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem da sua finitude. Mais ainda, pelo fato de que, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho investiga a teoria dos Multiletramentos e a formação de professores no contexto brasileiro. O termo foi muito bem aceito e amplamente utilizado desde a sua elaboração, porém muitos pesquisadores já apresentaram uma série de críticas, passíveis de reflexão. Assim, o objetivo desta pesquisa é investigar as contribuições da teoria, bem como refletir sobre as críticas que têm sido feitas, a fim de trazer subsídios que possibilitem uma perspectiva revisitada e mais atualizada para o contexto escolar brasileiro. A metodologia utilizada foi a qualitativa, cujos métodos de investigação envolveram rodas de conversa com professores de inglês da escola pública, questionário online pelos alunos e entrevista com professoras especialistas na área, transmitida na internet no formato *live*. Todos os dados gerados foram analisados juntamente com a fundamentação teórica. A pesquisa está estruturada em 4 capítulos. O capítulo 1 apresenta informações sobre o conceito de letramentos, bem como suas adjetivações, com ênfase nos multiletramentos e reflexões sobre a inserção do termo na BNCC. O capítulo 2 debate a formação de professores e avaliação, sob a perspectiva dos multiletramentos. O capítulo 3 discorre sobre os conceitos dos multiletramentos em *emojis* e memes, suas significações e importância para o ensino, ressaltando as potencialidades ao revelar as conexões, a criatividade e a presença das imagens. O capítulo 4, com base nas teorias decoloniais, debate noções de decolonialidade na educação. Como resultado proponho o termo multiletramentos decoloniais, com a compreensão que os ML devem ser observados a partir do contexto em que serão aplicados, e não adotados como mais uma solução metodológica.

Palavras-chave: Formação docente crítica; educação linguística; língua inglesa; multiletramentos decoloniais.

ABSTRACT

This research investigates the theory of multiliteracies and teacher education in the Brazilian context. The term has been very well accepted and widely used since it was first coined, but many researchers have already presented a series of criticisms that can be reflected upon. Therefore, the aim of this research is to investigate the contributions of the theory, as well as to reflect on the criticisms that have been made, in order to provide subsidies that enable a revisited and more up-to-date vision for the Brazilian school context. The methodology is of qualitative background, and the research methods involve conversation circles with public school English teachers, online questionnaires and interviews with teachers specialized in Multiliteracies, broadcast on the internet in a live format. All the data generated were analyzed along with the theoretical framework. This Master's thesis is structured into 4 chapters. Chapter 1 presents information on the concept of literacies, as well as its adjectives, with an emphasis on multiliteracies and reflections on the inclusion of the term in the BNCC. Chapter 2 discusses teacher education and assessment from the perspective of multiliteracies. Chapter 3 discusses the concepts of emojis and memes in Multiliteracies, their meanings and importance for teaching, with regards to their potential of revealing the connections, creativity and work with images. Chapter 4, based on decolonial theories, discusses notions of decoloniality in education. As a result, I propose the term decolonial multiliteracies, considering that ML should be looked at from the context of where it will be applied, and not adopted as another methodological solution.

Key words: Critical teacher education; language education; English; decolonial multiliteracies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A distribuição e agendamento das rodas de conversa.....20
Figura 2 - Nuvem de palavras criada pelos professores.....21
Figura 3 - Educação moderna.....22
Figura 4 – O radinho do professor de inglês.....23
Figura 5 – O eterno verbo *to be*.....24
Figura 6 - Perfil dos professores.....27
Figura 7 – Fontes de aprendizado.....28
Figura 8 - Renda familiar dos alunos.....29
Figura 9 - Memes enviados pelos alunos.....30
Figura 10 - Nuvem de palavras dos alunos.....31
Figura 11 - Meme do Drake.....32
Figura 12 - Meme da Lorena.....33
Figura 13 - Aprender com memes.....34
Figura 14 – Folder digital de divulgação do evento.....36
Figura 15 - Instrumentos de pesquisa.....38
Figura 16 - Os letramentos.....44
Figura 17 - A pedagogia dos multiletramentos.....59
Figura 18 - *New learning*.....88
Figura 19 - Avaliação formativa e avaliação somativa.....96
Figura 20 – Avaliação da aprendizagem.....99
Figura 21 - A "palavra" do ano 104
Figura 22 - Emoji pintando a unha, de acordo com a plataforma.....105
Figura 23 - Os emojis e a construção de sentidos.....106
Figura 24 - Meme do 'conje'.....109
Figura 25 - Fotos da "coreaninha" enviados pelos alunos.....111
Figura 26 - Mais figurinhas da "coreaninha" 111
Figura 27 - Monkey D Luffy, personagem do anime One Piece 112
Figura 28 - Grito no supermercado.....113
Figura 29 - Meme do 'laranjo'.....114
Figura 30 - Meme do 'Mais ou menos'.....116
Figura 31 - Memes dos alunos.....116

Figura 32 - Nazaré confusa.....119
Figura 33 - O poder dos memes.....120

LISTA DE SIGLAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

LI – Língua Inglesa

ML - Multiletramentos

NLG - New London Group

TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação

TAC - Tecnologias para Aprendizado

TEP - Tecnologias para Empoderamento e Participação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....14

2. METODOLOGIA.....18

2.1 Rodas de conversa com professores.....19

2.1.1 Perfil dos Professores 27

2.2 Os alunos.....29

2.3 Bate-papo com especialistas.....35

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PRAXIOLOGIAS

3.1 - Multiletramentos 40

3.2 - Multiletramentos e formação docente 76

3.3 - Multiletramentos e juventude.....102

3.4 - Multiletramentos e decolonialidade.....121

4. CONCLUSÃO.....141

5. REFERÊNCIAS 145

ANEXOS 152

ANEXOS 1 A 4 – Rodas de conversas com professores.....152

ANEXO 5 – Perfil dos professores.....200

ANEXO 6 – Formulário dos alunos.....203

ANEXO 7 – Bate-papo com as especialistas.....218

ANEXO 8 – Comentários do chat ao vivo do YouTube 238

ANEXO 9 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....245

1. INTRODUÇÃO - O PONTO DE PARTIDA

Os problemas da educação e os motivos do não funcionamento da escola pública são questionamentos antigos e que ainda acarretam muito debate. Pesquisadores discutem a falta de investimento, falta de estrutura e a crise na educação como um projeto. São divulgados números, e o que se vê são professores culpabilizados. E quando se fala das aulas de inglês, então, a situação parece pior, o ensino não parece ter utilidade, alimentando-se a ideia de que não é ultrapassado o ensino do verbo *to be*, sendo alvo de desprestígio entre os professores de inglês.

Com o advento de novas tecnologias no mundo globalizado em que estamos inseridos, é inegável a necessidade de adaptação e inserção de novas metodologias que se adaptem e, ao mesmo tempo, transformem o ensino. Nesse sentido, os multiletramentos entraram nessa nova era, como uma alternativa e reflexão aos problemas educacionais e a nova realidade das escolas. A formação de professores voltada para os multiletramentos pode fazer mudanças expressivas, levando em consideração que essa formação pode ser utilizada a fim de oferecer aos alunos um melhor desenvolvimento.

Porém, o termo mutiletramentos foi muito bem aceito e amplamente utilizado a partir de 2000 e, desde sua criação, a teoria já passou por uma série de críticas, passíveis de reflexão. O objetivo desta pesquisa é investigar as contribuições desse conceito, bem como refletir sobre as críticas que tem sido feitas, a fim de trazer subsídios que possibilitem, de uma certa maneira, uma visão revisitada e mais atualizada para o contexto escolar brasileiro. Convido o leitor a um breve relato de como cheguei até aqui.

O caminho percorrido

Durante a minha graduação, como atividade obrigatória da disciplina “Metodologia do ensino do inglês”, realizei estágio na escola pública no ano de 2017, observando as turmas do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, o qual teve como foco de interesse investigar a interação e motivação dos alunos nas aulas de inglês, e as atividades utilizadas nesse sentido. Apesar de o foco ser o livro didático, o professor das turmas que eu presenciei fez questão de envolver os alunos, ao propor atividades dinâmicas.

As aulas observadas foram além do esperado, porém poderiam ter tido um viés mais crítico em diversas ocasiões, sendo possível conceber “uma concepção política das aulas de inglês, e não meramente metodológica” (Siqueira; Dos Anjos, 2012, p. 129). Por exemplo, as

aulas de inglês com música poderiam ter sido melhor aproveitadas se tivesse sido providenciado um contexto histórico, ou o tema da música, mas as atividades realizadas destinaram-se a "*fill in the gaps*", traduções, escolher a palavra correta. Música é um tema que os alunos costumam gostar muito, sendo uma oportunidade para língua e crítica. O próprio livro didático trazia temas interessantes, como países falantes de língua inglesa, que poderiam ser a base para discussões mais profundas, engajadas criticamente, assim como os temas levantados pelos alunos poderiam servir como "brecha" (Duboc, 2012) para um trabalho nesse sentido.

Além de observar, eu também ministrei algumas atividades nas aulas, o que chamamos de intervenção. Eu não tive muita liberdade durante o estágio para criar uma sequência didática ou aplicar uma atividade que oportunizasse discussões mais críticas. As práticas aplicadas focaram a gramática (em quizzes ou jogos, abordando a prática da língua), sempre com a aprovação prévia do professor, assim como as intervenções, que foram baseadas no livro didático. Na medida da possibilidade, eu tentava trazer diferentes dinâmicas, interações, com jogos que motivassem os alunos. Em uma ocasião, após um exercício do livro didático que discorria sobre os países falantes da língua inglesa, a pedido dos alunos, desenvolvi um "quiz" sobre os países de língua inglesa. O jogo não focava a gramática, e foi especialmente interessante aplicá-lo, pois se mostrou eficiente, no sentido de colocar "a motivação, o desejo de aprender, como a principal força motriz do processo" (Jordão, 2016, p. 26).

Ao refletir sobre a experiência, uma das conclusões poderia ser que o assunto interessava, e talvez aí resida o melhor método a ser aplicado. Meirieu (1998) afirma que se o papel do professor "é fazer com que nasça o desejo de aprender, sua tarefa é criar o enigma, ou, mais exatamente, fazer do saber um enigma: comentá-lo ou mostrá-lo suficientemente para que se entreveja seu interesse e sua riqueza, mas cala-se a tempo de suscitar a vontade de desvendá-lo" (1998, p. 92).

É necessário conhecer a turma e trazer esse enigma, a fim de mantê-la envolvida e interessada. Instigar motivação e crítica é possível (e fundamental) na sala de aula de uma escola pública. Não se trata de qualquer motivação, mas sim uma que se conecte com os alunos, que traga o gosto e o interesse, mas que problematize e instigue a reflexão. Trazer algo que os alunos já saibam, além de algo novo, instigando a vontade de aprender. A motivação aqui não diz respeito ao que os alunos desejam, jogos que não tenham conexão ou nenhuma possibilidade de crítica, mas sim de maneiras capazes de envolver alunos na sua realidade.

Siqueira e Dos Anjos (2012) afirmam que a crença do fracasso do ensino de línguas na escola pública deve ser ultrapassada, sendo esse o primeiro passo para a possibilidade de mudança. Não pretendo aqui, claro, duvidar do trabalho do docente. Há de se ultrapassar

também a ideia do fracasso escolar dos professores de inglês. Não é culpa do professor, e sim de todo um sistema que deve ser investigado, repensado e transformado.

Ressalto que essa experiência ocorreu na escola que frequentei durante parte do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio, e a prática relatada foi assim envolvida de memórias afetivas, de lembranças que se reviveram, não só no local, mas das vivências com línguas. Ainda, ao refletir mais profundamente sobre a minha motivação em relação ao tema da pesquisa, percebo que há diversas camadas muito complexas. Qual o motivo de eu escolher aprender (e a lecionar) a língua inglesa, mas não a língua japonesa, a língua da minha família, minha origem? O quanto estamos conscientes desses caminhos que traçamos, e o que está intrincado neles? E as consequências?

Acredito que parte do desejo da pesquisa foi motivado também pela minha história, sendo possível visualizar sobre o quanto de mim está nessa escolha, e que cada vez mais devemos refletir sobre esses pontos, e levar também essa discussão para sala de aula, e além dela. Por que não perguntar ao seu aluno do por que você quer aprender inglês? Você conhece a história da sua família e de seus ancestrais? Que língua eles falavam?

Assim, a partir da minha experiência, meu interesse no tema língua e cultura, e relacionado ao tema de motivação dos alunos da sala de aula de inglês na escola pública, tive contato com o conceito de multiletramentos, que se mostrou um tema extremamente relevante e atual. Com isso, acredito que a pesquisa possa descobrir mais ferramentas e consequentemente envolver os educadores nessa possibilidade dentro da sala de aula. Portanto, a pesquisa foi desenvolvida a partir da metodologia que será explicitada no próximo capítulo e deu origem aos seguintes capítulos teórico-analíticos:

Cope e Kalantzis (2013) descrevem o fenômeno de multiletramentos na educação como prática social. Letramento não é restrito a um indivíduo ou lugar, mas é coletivo; o importante é estabelecer a relação com o texto, e não o ensinar apenas como meras codificações. Esse é o objeto do primeiro capítulo, uma contextualização teórica sobre os letramentos, os demais termos associados, como novos letramentos, letramentos críticos, visuais, com especial ênfase nos multiletramentos. Além disso, faço um comentário sobre a BNCC[1], como a teoria aparece no documento e as implicações no contexto brasileiro.

[1] BNCC – Base Nacional Comum Curricular – documento oficial que rege o currículo de ensino público e privado no Brasil. De acordo com o site oficial, "A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica". Retirado do site: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/, acesso em 25/11/2023.

No segundo capítulo, discorro sobre formação de professores e os multiletramentos. A partir de informações trazidas pelos professores entrevistados, refletimos o que deve ser considerado na formação, se o termo multiletramentos faz (ou fez) parte na preparação de suas carreiras e alguns conceitos relacionados à utilização de tecnologias – o seu uso pelos alunos e pelos professores. O tema avaliação se tornou propício já que novas formas de comunicação/ensino demandam outras formas de observar esse quesito, e de questionar velhos métodos, se são cabíveis no atual cenário.

Já no terceiro, analiso alguns conceitos sobre *emojis* e memes, e também faço conexões com as imagens enviadas pelos alunos e sua relevância na educação – inclusive de línguas, com os multiletramentos. Acredito ser um tema presente, exemplos de formas multiletradas que fazem parte da vida cotidiana atual, aceleradas pelo uso das redes sociais, que mostra potencialidades ao revelar as conexões, a criatividade e a identificação que podem ser feitas com as imagens. Ressalto também que a escolha por falar de memes foi motivada pelo meu interesse por esse gênero – e quem não gosta de memes?

Muitos autores já pesquisaram sobre o assunto, porém, o termo multiletramentos está sendo utilizado há quase 30 anos, e nesse período críticas já estão sendo feitas, como, por exemplo, se é cabível no contexto brasileiro, o que é feito no último capítulo. O objeto desta pesquisa é, após uma revisão bibliográfica acerca do tema, trazer uma definição "revisitada" do termo, baseada em teorias decoloniais, desconstruindo, de certa forma, ideias que já não se encaixam no contexto atual brasileiro.

Talvez esta pesquisa se mostre um pouco ambiciosa ao cobrir muitos conteúdos diferentes em tão pouco espaço (e tempo). Porém, julguei todos relevantes e conectados, e acredito que a trajetória até o objetivo deste estudo, enfatizado no último capítulo, se mostrou coerente. Portanto, durante o percurso não pude deixar de, ao menos, fazer uma menção a esses assuntos.

Convido-a/o então à leitura deste trabalho e espero que seja agradável. Nas reflexões sobre educação no caminho proposto aqui, almejo também que as imagens, no mínimo, arranquem um sorriso, pois "a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria" (Freire, 1996, p. 144).

2 – METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, em um primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema multiletramentos, por meio de publicações acadêmicas, em seu sentido mais tradicional. Após essa fase, foram realizadas entrevistas com professores de inglês de escola pública, coletadas informações a partir das respostas dos alunos, e entrevistas com especialistas da área, a fim de levantar dados em relação ao assunto proposto.

Foi sugerida a utilização da abordagem metodológica da etnografia qualitativa[2]. Coletei as informações com os participantes, por meio de questionários e entrevistas gravadas de forma virtual. As percepções dos participantes são extremamente relevantes para a pesquisa e poderão ajudar a responder as perguntas do presente projeto, quais sejam: Quais as contribuições que a pedagogia dos multiletramentos proporcionaram nesses quase 30 anos? Quais são as críticas aplicáveis? A análise dos resultados será feita a partir das respostas provenientes dos questionários e das entrevistas realizadas, e a reflexão sobre elas de acordo com o suporte e aporte teórico.

A etnografia[3] proporciona ao pesquisador um conhecimento mais profundo do contexto em questão. Nessa lógica, permite perceber o mundo de outras maneiras e outras culturas, de uma maneira mais aprofundada. Cumpre ressaltar que Geertz (1973), na busca de entender a construção de sentidos, se questiona como as pessoas pensam e afirma que a "cultura é formada por teias de significados tecidas pelo homem"[4]; a etnografia seria a ferramenta utilizada para conhecer a cultura, e não apenas descrever. Utiliza a expressão *thick description*, o que quer dizer que o pesquisado, para entender a cultura, deve entender o lugar segundo a cultura do local. Faz uma reflexão de como a cultura influencia a construção de sentidos[5].

---

2 "Qualitative research is a means for exploring and understanding the meaning individuals or groups ascribe to a social or human problem. The process of research involves emerging questions and procedures. Data typically collected in the participant's setting. data analysis inductively building from particulars to general themes. and the researcher making interpretations of the meaning of the data" (Creswell, 2009, p. 37).

3 "Ethnography is a strategy of inquiry in which the researcher studies an intact cultural group in a natural setting over a prolonged period of time by collecting. primarily observational and interview data (Creswell. 2007b). The research process is flexible and typically evolves contextually in response to the lived realities encountered in the field setting (LeCompte & Schensul. 1'199)" (Creswell, 2009, p. 14).

4 "man is an animal suspended in webs of significance he himself has spun, I take culture to be those webs, and the analysis of it to be therefore not an experimental science in search of law but an interpretive one in search of meaning" (Geertz, 1973, p. 5).

5 "Culture is public because meaning is" (Geertz, 1973, p. 12).

"What is necessary is to see to it that the news of it reaches anthropology ; and in particular that it is made clear that to say that culture consists of socially established structures of meaning in terms of which people do such things as signal conspiracies and join them or perceive insults and answer them, is no more to say that it is a psychological phenomenon, a characteristic of someone's mind, personality, cognitive structure, or whatever, than

Ademais, cumpre observar o papel da pesquisa etnográfica nos tempos de pandemia de Covid-19, e seus desafios, tendo em vista que as entrevistas foram feitas de maneira virtual, devido à impossibilidade dos encontros presenciais. Christine Hine escreveu, já em 2005, sobre como a internet faria parte das nossas vidas e com a pesquisa etnográfica seria afetada por ela.

A autora observa que alguns estudos apontaram como o ambiente virtual possibilitou uma maior participação, bem como uma maior agressividade[6], considerando a redução de "sugestões visuais" dos outros participantes, ou como o social afeta a comunicação mediada pela tecnologia. A pesquisa da autora ainda aponta a questão da autenticidade das entrevistas, que poderia ser afetada pelo uso da internet[7], bem como a autenticidade da identidade ou das informações, devido o anonimato[8].

Os questionamentos em relação à etnografia virtual são extremamente relevantes e servem para reflexão, pois a eficácia da pesquisa poderia ser afetada em algum sentido, caso os participantes não se sentissem confortáveis. Porém, acredito que não sejam diretamente aplicáveis no caso em questão, levando em conta que serão entrevistas e conversas com especialistas da área. Outrossim, sustento que outras questões (e desafios) poderão ser levantadas durante a pesquisa.

Assim, a fim de obter informações, iremos investigar perspectivas dos professores de língua inglesa, dos estudantes da rede básica e dos pesquisadores especialistas da área. A pesquisa então foi dividida em 3 grupos focais, e, portanto, segmentada em 3 etapas, e cada fase será detalhada a seguir[9]:

---

to say that Tantrism, genetics, the progressive form of the verb, the classification of wines, the Common Law, or the notion of "a conditional curse" is" (Geertz, 1973, p. 13, grifo meu).

6 "The lack of social cues could be used to explain both the equality of participation and the high levels of aggression perceived in the computer-mediated groups" (Hine, 2000, p. 15).

7 "When we move from face-to-face interaction to electronically mediated contact, the possibilities for informants to fool the ethnographer seem to multiply" (Hine, 2000, p. 22).

8 "Authenticity, in this formulation, means correspondence between the Identity performed in interactions with the ethnographer and that performed elsewhere both online and offline" (Hine, 2000, p. 49).

9 Como será exposto, a proposta da dissertação não é separar os capítulos teóricos iniciais dos capítulos de análises finais. Assim, decidimos, orientador e eu, também apresentar alguns dados na descrição das etapas metodológicas, com o objetivo de apresentar à leitora quem são os participantes por meio de suas visões iniciais de linguagem, multiletramentos e multimodalidade.

2.1 - FASE 1 – RODAS DE CONVERSA/ENTREVISTAS COM PROFESSORES

Na primeira fase, foram convidados 9 (nove) professores de língua inglesa da escola pública, a fim de debater o tema proposto. Por meio de dinâmicas e atividades, nessa etapa serão analisadas as falas e reações dos professores participantes.

Foram enviados convites para grupos de *Whatsapp*, para colegas e para os grupos das disciplinas da pós-graduação, com o intuito de obter voluntários para a pesquisa. Por esse motivo, os professores participantes se inserem todos no contexto acadêmico, já matriculados ou que querem ingressar na Pós-Graduação.

Após o convite, os agendamentos dos encontros foram realizados por meio da plataforma *doodle*[10], pois eu imaginava que seria difícil conciliar uma data e horário em comum para todos – então disponibilizei algumas opções e deixei que os professores escolhessem a melhor data e horário para cada um. O site é de simples manuseio, intuitivo, e se mostrou eficiente, pois não foi relatado nenhum problema.

Os 9 (nove) professores convidados escolherem 4 (quatro) diferentes datas e horários, formando assim 2 (dois) grupos de 3 (três) professores, uma dupla e uma conversa individual. De início, acreditei que seriam muitas reuniões, porém os grupos menores foram muito produtivos, todos contribuíram e tiveram espaço para relatar suas experiências de uma forma bem rica. Os encontros ocorreram na modalidade online, síncrono, com aproximadamente 1h de duração cada, pela plataforma *Google Meet*, e organizados da seguinte forma – a fim de garantir a confidencialidade, os participantes foram identificados por pseudônimos:

Figura 1 - A distribuição e agendamento das rodas de conversa

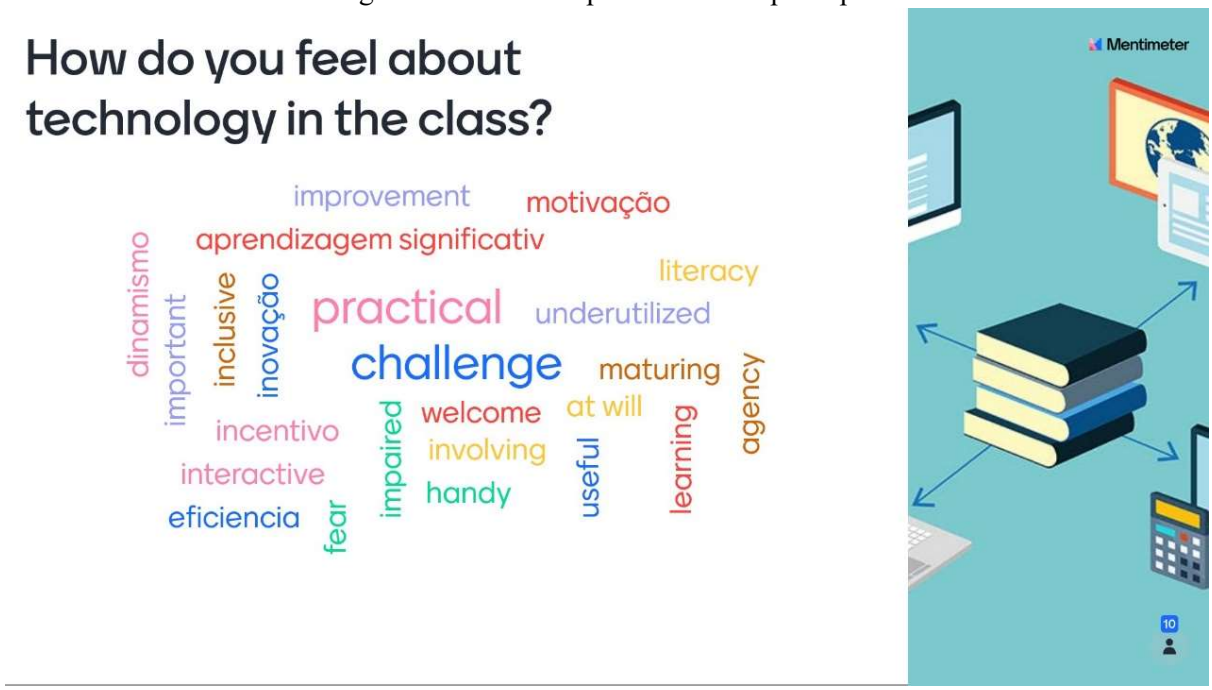
Roda de Conversa	Participantes	Duração
Roda de Conversa 1	3 (Professores Clara, João e Douglas)	55 min
Roda de Conversa 2	3 (Professores Kelly, Emília e Vanessa)	46 min
Roda de Conversa 3	2 (Professores Mario e Salete)	1h 32 min
Roda de Conversa 4	1 (Professor Fernando)	36 min

Fonte: Elaboração da autora

10 No link https://doodle.com/pt_BR/marcar-reuniao

Foi preparado material prévio para discussão e questionamentos. Iniciamos a conversa com a criação de uma nuvem de palavras relacionadas ao termo “tecnologia” (site mentimeter.com[11]). Enviei *link* aos participantes, já com a pergunta formulada, e pedi aos professores que selecionassem 3 (três) palavras que mais lembrassem o tema tecnologia na sala de aula. A proposta era trazer experiências multimodais, bem como iniciar a geração de dados em relação ao assunto, sendo enfatizado que o vocábulo escolhido poderia ser em português ou inglês. Também não foi relatado nenhum problema de acesso ou utilização, e o resultado, após as 4 (quatro) conversas, foi o seguinte:

Figura 2 - Nuvem de palavras criada pelos professores



Fonte: Elaborado pelos participantes, a partir do site mentimeter.com

Na sequência, foram feitos alguns questionamentos em relação à escolha das palavras. A maioria dos professores utilizou palavras com sentido positivo, como “*handy”*, “*useful”*, “motivação”, “*agency”*, “incentivo”, demonstrando que a visão é predominantemente otimista em relação ao uso de tecnologias na sala de aula, pois envolve o aluno, promove inclusão e não necessita de outros materiais que demandariam mais tempo, por exemplo. Porém, chamou a atenção a palavra “*fear”,* relatando o aumento das angústias da tecnologia durante a pandemia,

11 www.mentimeter.com

como aumento de pressão, demanda e falta da privacidade ocorridos no período. Resta claro que são pontos muito relevantes a serem considerados.

Em um primeiro momento, o início de conversa se deu em relação ao uso da tecnologia, para então seguir para outras reflexões, e o debate prosseguiu como planejado. Iniciamos as conversas com charges e questionamentos: O que te desperta? Você concorda?

A primeira charge, aqui chamada de "Educação moderna", foi a seguinte:

Figura 3 - Educação moderna

Fonte: Internet[12]

Os professores logo se manifestaram sobre a imagem ser anacrônica, não cabendo mais nos dias de hoje, revelando que o uso da tecnologia já é indiscutível. A Professora Kelly (roda de conversa 2), por exemplo, esclarece: "eu vejo como um pouco de conflito geracional nessa charge porque muitas pessoas que vieram de gerações anteriores que não utilizam tecnologia acham que o aluno se torna preguiçoso, que ele não pensa". Outro ponto questionado seria a existência e disponibilidade de todos esses tipos de equipamentos e recursos para os alunos da escola – pública –, pois obviamente não existem.

A segunda imagem, chamada aqui de "imagem do radinho", foi a seguinte:

12 Retirado do site: https://brasilescolar.wordpress.com/2013/02/07/memes-educacao-moderna/ Acesso em 16/08/2021.

Figura 4 – O radinho do professor de inglês

Fonte: Internet[13]

Essa charge gerou muitas risadas. Todos alegaram não utilizar mais o rádio, mas equipamentos mais modernos, como *bluetooth* e caixa de som da marca JBL. Porém, os alunos ainda remetiam essa imagem aos professores, e os professores recebem essa imagem dos alunos até hoje, quando circula nas redes sociais. O professor João (roda de conversa 1) menciona "Uma vez um aluno perguntou para mim, quando na formação universitária, eles nos ensinavam a usar esse rádio, em que ano da faculdade que a gente aprendia a usar o rádio, porque todo professor de inglês chegava na sala com o rádio. Eu tenho até hoje".

A terceira e última imagem foi chamada de "eterno verbo *to be*":

13 Retirado do site: https://pt.dopl3r.com/memes/graciosos/escola-da-depressao-atescoladepress1-quando-a-professora-de-ingles-chega-na-sala/219838 Acesso em 16/08/2021.

Figura 5 – O eterno verbo *to be*

Fonte: Internet [14]

Os professores relataram queixas dos alunos por sempre estudarem o mesmo verbo, mas que no fundo não sabem usar e não entendem a sua importância. Fato confirmado pela professora Emília (roda de conversa 2): "A gente pede para eles usarem numa frase e eles não sabem". Salientaram a importância de reforçar para os alunos a necessidade do verbo e que "vai estudar *forever* porque é um verbo onde você vai falar sobre você quem é você de onde você fala, né...quais são os seus sonhos o que que você anda fazendo eu trago sempre essa justificativa" (professora Salete, roda de conversa 3). Contextualizar o uso foi a "estratégia" utilizada pelos professores para fundamentar a insistência de sempre trazer/revisar o verbo *to be*.

O objetivo de mostrar as imagens nas conversas foi de suscitar o debate sobre o contraste geracional, as mudanças em relação ao uso de ferramentas e os estereótipos que ainda permanecem no imaginário de alunos e professores.

Após as conversas sobre as charges, alguns questionamentos foram feitos, e alguns comentários bem gerais sobre as respostas dadas estão a seguir:

1- Você usa memes na sala de aula?

14 Retirado do site https://br.ifunny.co/picture/chegando-na-aula-de-ingles-em-escola-publica-aquerta-se-NBX3PAEy8. Acesso em 16/08/21.

De uma maneira geral, os professores mencionaram que usam charges, memes na sala de aula, que se mostrou uma forma eficiente de envolver os alunos, sempre contextualizando com o que há de mais atual, entendendo que "a tirinha ela é interessante porque você trabalha a gramática e você consegue também trabalhar a parte do que se circula na sociedade então a tirinha ela tem esse esse intuito, né, de despertar o algo que o que acontece na sociedade" (Fernando, Roda de Conversa 4) ou o que suscitará debate mais questionador, como "eu trabalho meme assim praticamente quando eu vou levar algum assunto crítico" (professor Mario, roda de conversa 3).

2 - E mídias sociais – Instagram/Facebook?

Os professores contaram que sim, pois faz parte da vida dos alunos, e eles sempre procuram se inteirar mais: "porque eu dou aula também no regular né, lá a gente consegue fazer algumas coisas no *TikTok*, a gente grava *podcast, éh,* dá para usar muita coisa legal. Eles são bem antenados, assim, as crianças do regular" (professora Clara, roda de conversa 1). Utilizar as ferramentas habituais para os alunos é um aliado no processo de contextualização e motivação.

3 - Como as tecnologias são utilizadas nas suas aulas? Os alunos têm facilidade? Ou há resistência?

Os professores relataram que sim, usam as ferramentas possíveis na sala de aula. A pergunta fomentou, em quase todas as rodas de conversa, o debate entre nativos e imigrantes digitais. Os alunos tem facilidade com tecnologia, mas com as ferramentas que mais interessam a eles, como as mídias sociais, mas não conseguem fazer algumas coisas mais básicas, como editar textos no *Word,* ou mesmo ligar um computador, "eles não conseguem por exemplo fazer uma prova digital eles não conseguem preencher, por exemplo o nome eles não conseguem eles não conseguem fazer um e-mail para poder criar uma pra ter acesso ao *Google classroom*, entendeu?"(professora Salete, roda de conversa 3). Um ponto interessante foi que alguns professores colegas relataram resistência no início, mas que não viram alternativa senão aderir e ainda hoje preferem: "até os professores que são antigos, que tinham mais resistência né, eles voltaram mais engajados, a fazer diferente" (professora Clara, roda de conversa 1).

4 - O que você entende por multiletramentos?

Essa pergunta demostrou que os participantes conhecem o termo de forma superficial, já mencionado em disciplinas ou por alguns colegas – conforme mencionado, os participantes tem conhecimento de termos e conceitos teóricos por frequentarem, terem frequentado ou terem intenção de frequentar a academia. Foi levantado o ponto de que talvez até usem algumas

práticas em suas aulas, mas que não conhecem pelo nome. Não fizeram cursos específicos; professor João (roda de conversa 1) por exemplo, relata que: “nunca fiz um curso específico, ele vem nas formações que a gente vem fazendo na escola, mas acho que seria até interessante fazer futuramente”. Demonstraram interesse pois o termo consta em documento oficial, como a BNCC, e disseram que seria muito bom conhecer o conceito mais a fundo pela sua importância: “assim, é multiletramentos em todas as áreas em todos os componentes curriculares” (professora Vanessa, roda de conversa 2).

5 - Como foi a sua formação em relação às tecnologias?

Para a maioria, a formação em relação à tecnologia não foi de forma oficial e aconteceu com a prática, “a gente recebeu formação trabalhando né” (professor João, roda de conversa 1), ou workshops bem específicos de determinada ferramenta, como *Prezi* ou *Power Point,* por exemplo. Uma informação interessante foi “agora no governo do Estado de São Paulo, eles colocaram os professores de tecnologia, né? Cada escola tem um professor e eu acho isso bacana, porque antigamente não tinha” (professor Fernando, roda de conversa 4), ressaltando o crescimento da necessidade de suporte e maior formação nesse sentido.

6 - E na pandemia, o que mudou nas suas práticas?

A maior angústia dos professores foi a instabilidade do momento, e a decisão de mudar as práticas do dia para noite, sem preparo: “Acho que todo mundo virou *Youtuber* né…(risadas) todo mundo né, não teve como né ((risada)) até quem nunca pensou que ia fazer isso teve que fazer, não tinha outra forma” (professora Clara, roda de conversa 1). Outra diferença marcante para os docentes foi a interação com os alunos, sendo relatado que, durante as aulas online, os professores sentiram muito o convívio com eles: “Sinceramente eu senti muita falta mesmo do contato” (professor Fernando, roda de conversa 4).

As rodas de conversa foram importantes, frutíferas, senti que todos se sentiram à vontade, relaxados (talvez pela escolha do formato, mais informal? Das imagens escolhidas?) A roda de conversa 4 foi um pouco mais difícil, com menos “fluidez” que as outras conversas, possivelmente por ter sido individual, pois não foi possível conciliar a agenda com horários dos outros professores.

Ressalta-se que acima foram destacadas apenas alguns dos tópicos levantados e descrição geral de algumas das respostas, e ao longo da pesquisa serão analisadas as falas das participantes desta fase de forma mais detalhada (Anexos 1 a 4), bem como a nuvem de palavras criada por eles. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética e aprovado sob o número do

Parecer: 5.097.216. Os participantes preencheram o TCLE e tiveram ciência das questões éticas (Anexo 9).

2.1.1 Perfil dos professores

Após as rodas de conversa, foi pedido aos professores que preenchessem um formulário para que eu soubesse um pouco mais do perfil dos entrevistados (Anexo 5) [15]. 5 (cinco) mulheres e 4 (quatro) homens, com idades entre 25 e 58 anos, de diferentes cidades do país, participaram das rodas:

Figura 6 - Perfil dos professores

Nome	Idade	Cidade	Formação
João	58	São Paulo	Graduação em português/inglês - Universidade São Judas Tadeu - 1994 Mestrado Letras FFLCH 2013
Emília	40	Guaratinguetá	Mestre em Linguística Aplicada
Vanessa	34	Várzea Grande	Letras português/inglês
Mario	25	Itaberaí	Letras: português/inglês, Mestrado em Letras
Fernando	41	Sorocaba	Letras - Português e Inglês
Kelly	32	Ananindeua (Pará)	Licenciatura em Letras - habilitação em Língua Inglesa
Douglas	29	Belém	Letras - Inglês, pós em andamento
Clara	28	São José dos Campos	Letras - Inglês
Salete	32	Itaberaí	Letras - Inglês, pós em andamento

Fonte: Elaboração da autora

Como dito anteriormente, o grupo consistia em professores já com pós-graduação finalizada, em andamento ou com intenções de iniciar, fato que demonstrou uma relação dos professores com a academia, ou seja, confirmando o conhecimento dos participantes de algumas teorias bem especificas sobre linguagens e letramentos. O professor João trabalha há mais de 25 anos, e os outros atuam entre 10 e 5 anos no ensino público.

Também há de se ressaltar que são professores de diferentes cidades do país, o que enriqueceu a pesquisa. O contato/conversa, incluindo professores da cidade de São Paulo, interior do Estado de São Paulo, como São José dos Campos, Guaratinguetá, Sorocaba, e outros locais mais distantes, como Várzea Grande (MT), Itaberaí (GO) Ananindeua (PA), Belém (PA), foi possível devido ao uso das tecnologias digitais instigado pela pandemia de Covid-19.

15 Formulário disponível https://forms.gle/qmW8NHCG8XJ6r33a9

Foram feitas as seguintes perguntas:

1 - Conte sua experiência: o que a/o levou a estudar inglês?

A paixão por música, séries, filmes, línguas foi um dos motivos que levou os professores a se aprofundarem nos estudos. Além disso, foi citada também a influência de outros professores, ótimos ou rígidos, bem como a influência dos pais.

2 - Como você aprendeu inglês? Na escola / curso de inglês ou fora dela?

Os processos foram um pouco semelhantes: o contato inicial deu-se na escola regular ou "tive uma aproximação maior com a língua por meio de músicas, séries e redes sociais" (professor Mario), tendo complementado o conhecimento com cursos de inglês ou professor particular, a fim de formalizar o processo.

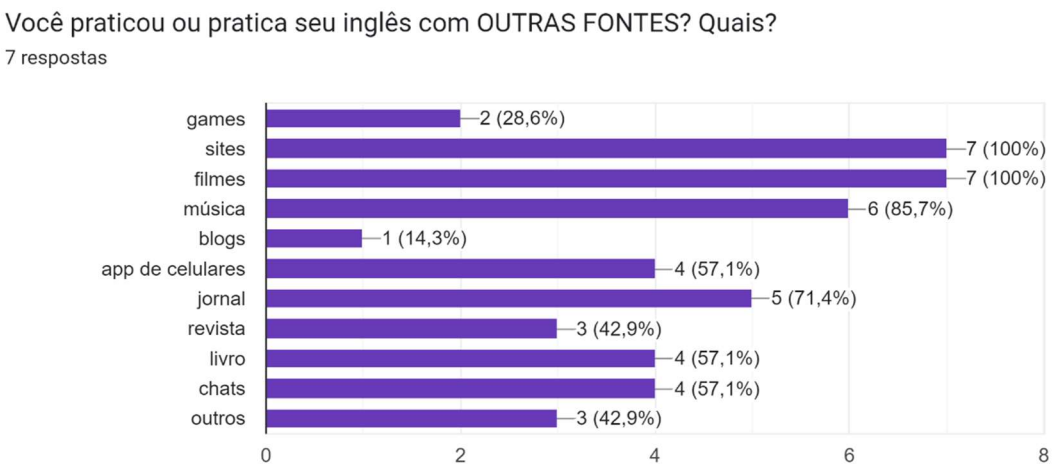
3 – O que o/a levou a seguir a carreira docente? E por que na escola pública?

Os participantes relataram que se apaixonaram pela sala de aula, como o professor Douglas: "Na juventude, eu jamais pensei em seguir a carreira docente, mas à medida que o tempo foi passando e as oportunidades foram surgindo, eu percebi o quanto eu gosto de trabalhar com educação em salas de aula". Além disso, mencionaram também "lecionar na escola pública com intuito de melhorar o ensino de língua inglesa", assim como a oportunidade de "fazer a roda do conhecimento girar, ressignificando práticas e discursos cristalizados em nossa sociedade".

4 - Você praticou ou pratica seu inglês com outras fontes? Quais?

Sites, filmes e música foram as fontes mais citadas, o que comprova o relatado na pergunta sobre como foi o processo de aprendizado da língua inglesa.

Figura 7 – Fontes de aprendizado



Fonte: Formulário *Google Forms* preenchido pelos participantes

As respostas foram bem interessantes e levam-nos a questionar métodos de ensino, repensar motivações dos professores e considerar outras fontes de prática da língua, para além da sala de aula e do material didático.

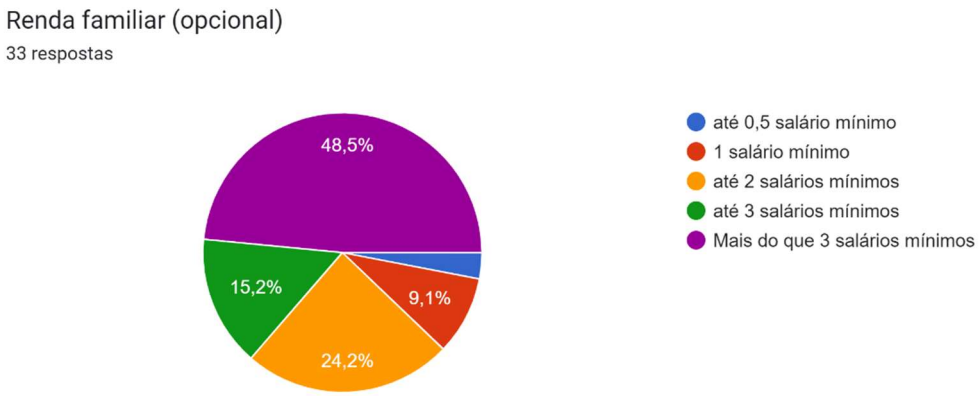
2.2 - FASE 2 – OS ALUNOS

Na segunda fase, a ideia inicial era que cada um dos professores entrevistados na Fase 1 indicassem 1 (um) aluno para participar de uma roda de conversa, a fim de investigar como os docentes sentem-se com relação às tecnologias em sala de aula. Seria realizada a roda com alunos do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio. Porém, os professores todos relataram que seria muito difícil e complicado, pois devido à idade, disponibilidade, insegurança, entre outros fatores, os estudantes não se sentiriam encorajados/confortáveis a participar de uma conversa, gravada ou não.

Assim, uma solução encontrada foi a utilização do *Google Forms*, sendo confeccionado um relatório online para que os alunos preenchessem com as questões que eu estava interessada em investigar[16].

Dessa forma, foi enviado o *link*, por intermédio dos professores da Fase 1, gerando 39 (trinta e nove) respostas. As idades dos alunos participantes variaram entre 15 e 18 anos, assim como a renda familiar, tendo a maioria (48%) declarado mais do que 3 (três) salários mínimos:

Figura 8 - Renda familiar dos alunos



Fonte: Formulário *Google Forms* preenchido pelos participantes

16 Formulário disponível em https://forms.gle/nMfVZ7er56hP1Kky9

As respostas seguem em anexo (Anexo 6) e os questionamentos feitos, todos de forma aberta, foram os seguintes:

1 - Seus professores utilizam tecnologia na sala de aula? Usam vídeos, imagens, memes, para além do livro didático? Realizam dinâmicas com o corpo? Projetos para além do espaço da sala de aula?

Todos responderam que sim. Há uso de tecnologia em sala de aula, sendo a prática mais frequente durante a pandemia, com vídeos, filmes, documentários, imagens, trabalhos com o corpo, "projetos para além do espaço de sala de aula, como recitação de poesia para outras pessoas" (aluna Juliana[17])

2 - Como você se sente? Faz parte do seu cotidiano? O que você aprende com tudo isso?

Os sentimentos reportados foram majoritariamente positivos, com relatos de que fica mais fácil, dinâmico e diversificado aprender a matéria, deixando "com mais fome de aprender" (aluno Carlos).

3 - Responda com um *emoji/sticker* como a tecnologia te faz sentir. Explique.

As respostas foram bem diversas aqui. Recebi 15 (quinze) imagens, e ficou evidenciado que a comunicação pelas imagens/memes é muito eficiente. Os alunos mandaram imagens que estão circulando atualmente e fazem ligação com a pergunta, ou algum anime da moda:

Figura 9 - Memes enviados pelos alunos

Fonte: Formulário *Google Forms* preenchido pelos participantes

Duas respostas na explicação chamaram-me a atenção: alguns alunos não conseguiram mandar a imagem, mas foram muito bem descritas: "Não consigo adicionar um arquivo :(porém se fosse pra colocar um, colocaria o meme do drake recusando as formas padrões de

17 Nome fictício.

aprendizado, e em seguida ele gostando das formas diferenciadas" (aluno José) e "Não consegui colocar a imagem, mas era o meme do "mais ou menos", pois eu utilizo muito a tecnologia, no caso para estudos e jogar, porém considero ela nociva, tanto pelo ambiente tóxico em algumas redes sociais, tanto pelo enfraquecimento das relações sociais quando um amigo só fica no celular, e não aproveita o momento, por exemplo" (aluna Ana). Resta claro como os alunos entendem a referência, dominam o uso dos memes e das imagens como forma de comunicação eficaz, e como elas também foram utilizadas para criticar um comportamento ou uma situação.

4 - Como a tecnologia te faz sentir? Escreva 3 (três) palavras que vierem a sua cabeça.

Nessa pergunta, as respostas mais comuns foram "feliz", "bem", "legal", mas também "ansiedade", "confuso" e "distração", demonstrando a existência de sentimentos contraditórios. Criei uma nuvem de palavras com os vocábulos fornecidos pelos alunos, utilizando o mesmo site da nuvem de palavra dos professores, o *mentimeter*[18]:

Figura 10 - Nuvem de palavras dos alunos

Fonte: Elaboração da autora

5 - E com a pandemia, o que mudou nas suas aulas?

18 https://www.menti.com/42hrkw92pe

Na visão dos alunos, tudo mudou na pandemia, “tudo virou online da noite para o dia” e ficou mais difícil prestar atenção e adaptar-se. A aluna Karla, por exemplo, disse que “EAD, por mais que tenha uma boa intenção, não conseguiu prender a minha atenção. A experiência de ter uma aula na sala de aula, ou no seu quarto, são completamente diferentes. Pra conseguir aprender de verdade as matérias passadas, você tem que se esforçar 10 vezes mais do que quando está indo pra escola”.

Além disso, foram mostrados 4 (quatro) memes e foi pedido para os alunos reagirem a eles: O que esse meme te faz pensar?

O primeiro foi:

Figura 11 - Meme do Drake

Fonte: Internet[19]

A maioria das respostas apontou para o entendimento da crítica em relação à nomenclatura americano: “Faz que os estadunidenses esquecem que vários outros países são nomeados como ‘americanos’ também, porque nós também vivemos na América” (aluno Ricardo), “Me faz lembrar de o quanto os estadunidenses se acham o centro do mundo, se acham o melhor país do mundo” (aluno João) ou “Que estadunidense é tudo egocêntrico que

19 Retirado do site https://www.facebook.com/InglesDepressao/photos/3737030549673600. Acesso em 15/08/21.

consideram os EUA como América inteira" (aluna Júlia). Foram fornecidas poucas respostas "não sei", demonstrando que os alunos conhecem o meme e entenderam a mensagem.

A próxima imagem:

Figura 12 - Meme da Lorena

Fonte: Internet [20]

A maior parte das respostas apontou para contraste entre a prática e a teoria: "Na prática é outra a realidade, acabamos ficando nervosos esquecendo como se fala as palavras e as conjugações. Então este meme é total realístico, ocorre muito" (aluna Maria). Ou "Entendo que quando você está em um país que a origem linguística é inglês diferencia-se do que estudamos na escola, pois existe muitas gírias e é falado mais rápido (aluno José).

A terceira imagem é:

20 Retirado do site https://www.facebook.com/InglesDepressao/photos/4011746512202001. Acesso em 17/08/21.

Figura 13 - Aprender com memes

Fonte: Internet [21]

As respostas dos alunos indicaram compreensão das diversas formas de aprender uma língua. Eles alegaram que "podemos aprender inglês de várias formas" (aluno Caio), aprender inglês com memes é mais fácil e divertido e "memes, por misturarem a linguagem verbal e a não verbal, fazem as pessoas aprenderem melhor o inglês, até porque memes geralmente são humorísticos e isso coopera no aprendizado" (aluna Juliana).

E a última imagem foi a mesma utilizada na conversa com os professores, "o eterno verbo *to be* (Imagem 5). Grande parte das respostas indicou a ideia de que "O inglês "nunca" avança em escola pública" (aluna Juliana) ou assinalou "O descaso do sistema público em ensinar a língua" (aluna Maria) e que o ensino de inglês está defasado nas escolas. Achei interessante o apontamento de uma aluna: "infelizmente as escolas públicas só se preocupam em ensinar o verbo *to be*, e muitas das vezes o aluno ainda sai sem ter aprendido" (aluna Bianca).

Assim, de maneira bem genérica, algumas das respostas do formulário foram anotadas acima. As explicações mostraram-se bastante interessantes, demonstrando os diversos sentimentos dos alunos em relação à pandemia/tecnologia: insegurança, desmotivação, falta de concentração, empolgação, inovação, fascinação, entre outros. Além disso, os memes

21 Retirado do site https://pt.memedroid.com/memes/detail/2698061/Trabalho-de-Ingles. Acesso em 15/08/21.

revelaram-se eficientes, no sentido de que a maioria dos alunos entendeu a mensagem e a criticidade escondida no humor das imagens, seja para repensar métodos de ensino, seja para questionar situações de hierarquia.

Os pais das crianças leram e assinaram o Termo de consentimento de livre e esclarecido (TCLE – Anexo 9) disponibilizado pelos professores. Foram realizados todos os protocolos de ética na pesquisa, garantindo o sigilo e anonimato das crianças, as quais nos referimos pelos pseudônimos.

2.3 - FASE 3 – BATE-PAPO COM ESPECIALISTAS

Nesta fase, inicialmente havia sido pensado em agendar uma roda de conversa com professores especialistas da área, com aproximadamente 5 (cinco) participantes. O encontro ocorreria na modalidade online, síncrono, com duração de aproximadamente uma hora de duração.

Porém, pensou-se que seria interessante mudar o formato das conversas para o modo bate-papo, na modalidade *live*, ou seja, transmitida ao vivo pela plataforma *YouTube,* permitindo maior interação e dinamicidade entre a audiência e as entrevistadas, tendo em vista que as perguntas e comentários poderiam ser feitos de imediato. Além disso, o formato favorece uma maior democratização e socialização do conteúdo, viabilizando o alcance de um número muito maior de pessoas. As convidadas especialistas que aceitaram o convite foram a professora Walkyria Monte Mór e a professora Roxane Rojo, o evento ocorreu em 13/05/2022[22], e teve duração de 1h34min. O evento foi divulgado pelas mídias sociais por folder digital:

22 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5lJLNjPZa78. Até o momento o vídeo foi visualizado 487 vezes. Acesso em 25/07/2022.

Figura 14 – Folder digital de divulgação do evento

Fonte: Elaborado por Daniel Ferraz

Os seguintes questionamentos foram enviados previamente para as participantes do bate-papo:

1 - O que são os Multiletramentos, para você? Qual é a sua visão?

A visão das professoras sobre a teoria, de forma geral, é que, apesar do tempo de seu surgimento, ainda tem muito a contribuir. Como Walkyria Monte Mór ressalta, “eu vejo multiletramentos dentro de um grande projeto que propõe revisões educacionais”, Roxane Rojo complementa “eu continuo achando, apesar de já fazer muitos anos que o conceito foi cunhado, que ele continua muito atual e amplo o suficiente para poder trabalhar com várias coisas”.

2 - Como os Multiletramentos começaram a fazer parte da sua pesquisa/carreira? Como aconteceu (foi no mestrado, doutorado, palestra, houve algum marco)? E há quanto tempo? Os multiletramentos ainda fazem parte de suas pesquisas hoje?

Interessante ressaltar que o encontro das pesquisadoras com a teoria dos Multiletramentos deu-se de forma diversa. A professora Roxane Rojo partiu de uma perspectiva

cognitiva ‘que envolvia entrevistar os alunos sobre como é que eles pensavam a produção das narrativas deles, o planejamento de texto e mais coisas envolvidas, texto entendido aí como texto escrito redação, né” e a partir daí começou a incorporar o conceito de multiletramentos. Já a professora Walkyria Monte Mór desde a década de 1980 já pensava que “um projeto didático pedagógico de alfabetização seria muito mais complexo se tivesse que levar em conta as pluralizações”, essa ideia levou-a ao encontro da teoria.

3 - Como você vê os multiletramentos após mais de 20 anos da teoria?

Para a professora Roxane Rojo, ainda há muita coisa a ser aproveitada da teoria, como “ideia de que eu posso pensar em *designers* de significação, em todas as linguagens(...) entender como funciona a linguagem do corpo a linguagem da imagem estática o cinema, o *remix,* enfim, cada gênero das diferentes linguagens”. Walkyria Monte Mór, quase no mesmo sentido, declara “Então, acho que é muito atual, se é isso que você também queria saber, acho que é muito atual, acho que ainda continua valendo esse projeto que a gente quer ter de uma outra escola uma outra sociedade uma outra visão de educação, porque eu acho que é isso que na verdade tá lá nas raízes desse projeto, sabe”.

4 - E no Brasil, como deu-se/dá-se a sua aplicação? Há diferença em relação a outros países?

Nessa pergunta sobre a aplicação no Brasil, debateu-se o termo nos documentos oficiais, como a BNCC. Segundo Walkyria Monte Mór, “precisamos pensar numas reestruturações, você não pode trabalhar isso na educação fundamental, na Educação Básica nossa e mesmo universitária sem fazer alterações na outra ponta que é a formação do professor. Não adianta você lançar só o documento, você tem de mudar também a formação do professor”. No sentido de garantir que o professor tenha acesso a essa formação, a professora Roxane Rojo alerta: “a questão dos multiletramentos que tá na base Nacional impactou... eu acho que nós temos um outro problema, que é um problema de gestão”.

Em seguida, foram selecionadas algumas perguntas do chat ao vivo do *YouTube*, como “os letramentos podem ser utilizados como base teórica e prática dos estudos do discurso de provocação de medo e ódio na mídia?”. Roxane Rojo respondeu que sim, e que “há muito a ensinar, os checadores de informação que as pessoas nem sabem que existe, que existem várias ferramentas de checagem de exatidão da informação da mídia digital”, complementado pela professora Walkyria, segundo a qual o “currículo de letras tá defasado em relação a isso”.

Conforme mencionado, há várias perguntas e comentários no *chat* ao vivo da plataforma, como Lizika Goldchleger questiona “Professoras, qual, quais os letramentos mais

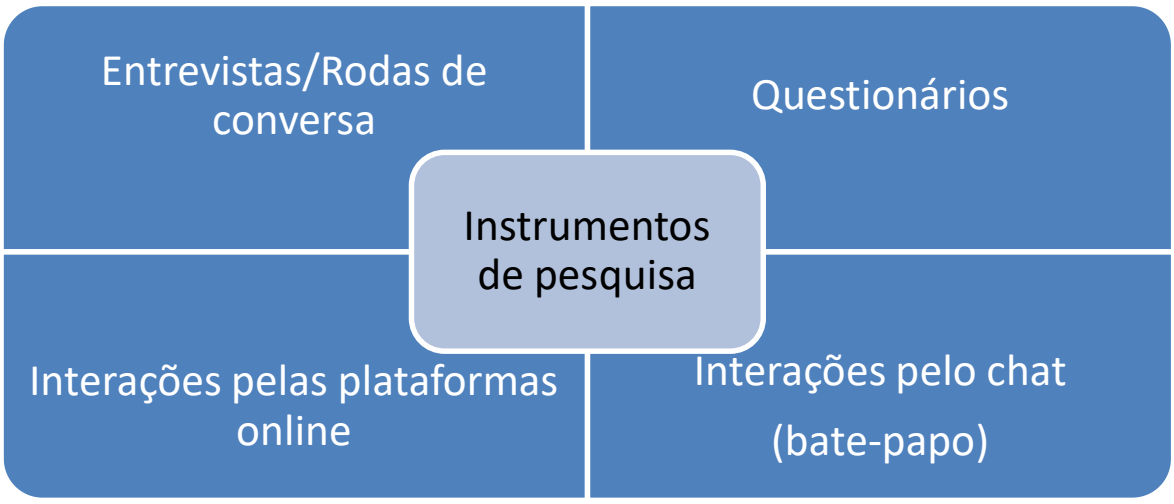
recentes e seus conceitos que foram encorporados aos estudos dos multiletramentos?" e André Effgen de Aguiar "Como seria alfabetizar na escola pública brasileira a partir da perspectiva dos multiletramentos?". Também vale ressaltar comentários relevantes, como o de Elba Mar : "Só tenho a agradecer e apontar que o ensino a partir dos multiletramentos tem sido fundamental no desenvolvimento cognitivo de minha filha que é uma criança no Espectro do Autismo". As interações no *chat* também são fontes riquíssimas de debate:

> Michely AVELAR também tenho percebido isso... Não tenho visto muito movimento, por parte da Educação/escola/governo, em prol dos multiletramentos ou de outras linguagens q não as tradicionais
> Aline Erika A. de Freitas Sim @Michely AVELAR , há uma defasagem entre o que está nos documentos e o que está sendo aplicado na escola no dia a dia. É preciso que se tenham mais cursos de formações para o professores.
> Michely AVELAR @Aline exato. Ora falta formação, ora falta recurso, ora ambos.

Assim, nesta fase serão analisadas de forma mais detalhada as falas das participantes (Anexo 7), bem como as interações no *chat* ao vivo da plataforma *YouTube* (Anexo 8), considerando as perguntas e comentários feitos pelos espectadores.

Dessa forma, conclui-se que os instrumentos de pesquisa utilizados até o momento foram os seguintes:

Figura 15 – Instrumentos de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Os dados foram gerados no segundo semestre de 2021 e no primeiro de 2022, e as

análises foram incluídas na fundamentação teórica a seguir. Foram agrupados em blocos de interesse, e partir daí surgiram os temas relevantes a serem aprofundados e as teorias foram sendo expandidas. Considero ter sido um desafio amarrar na fundamentação teórica tantos dados gerados – afinal, foram três grupos –, mas acredito que todo esse percurso resultou em um trabalho coerente, visto que os diferentes temas conectaram-se de certa forma. Os capítulos teóricos estão baseados em praxiologias[23], no sentido de que os fundamentos apresentados estão respaldados nas informações produzidas, ou seja, a prática (ações humanas) sustenta as reflexões a seguir.

Para os capítulos teóricos, iniciarei com uma definição do conceito de ML, costurando os dados fornecidos pela *live* das professoras especialistas. No segundo capítulo, faço uma breve descrição do conceito de formação docente, juntamente com os dados dos professores. No terceiro capítulo, analiso as imagens e memes, dados enviados pelos alunos. E no último, apresento a teoria dos multiletramentos sob lentes decoloniais, também com os dados fornecidos pelos professores.

23 Praxeologia ou praxiologia (do grego antigo πρᾶξις, *praxis,* ação, prática + -λογία, -logia, estudo) é uma teoria que tenta explicar a estrutura lógica da ação humana. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Praxeologia. Acesso em 22/06/2023.
Também: estudo da conduta humana, cujo objetivo é entender as causas e as consequências das ações do indivíduo. Disponível em: https://www.dicio.com.br/praxiologico/ Acesso em 22/06/2023.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PRAXIOLOGIAS

3.1 – OS MULTILETRAMENTOS

Resta claro que as mudanças ocorridas na sociedade (econômicas, sociais, tecnológicas) fomentam novas formas de comunicação e exigem, no mesmo sentido, diferentes maneiras de pensar o cenário educacional. A inadequação dos conhecimentos convencionais às práticas das sociedades digitais mostrou-se incontestável, revelando-se mais do que necessário pensar em mudanças e perspectivas atuais para a sala de aula.

Os multiletramentos foram concebidos a partir dessas transformações, a fim de trazer alternativas para as modernas modalidades de conhecimento e construção de sentido. É inegável que as novas mídias favorecem a utilização de diferentes modos semióticos (visual, auditivo, táctil, espacial), e a multimodalidade na sala de aula é facilitada por essas tecnologias. Ademais, a necessidade de se olhar para as novas culturas e contextos também foi um fator determinante para que a teoria fosse desenvolvida e ganhasse notoriedade em diversos locais.

Na próxima seção será feita uma breve definição de letramentos, seus desmembramentos, a fim de adentrarmos o conceito de multiletramentos, seus princípios e as contribuições para a construção de sentido. Outrossim, finalizamos o capítulo tecendo algumas considerações sobre a inserção do termo nos documentos oficiais que regem a educação básica brasileira, bem como suas consequências.

3.1.1 – Os letramentos

A expressão “letramento” surgiu em contrapartida ao uso da palavra “alfabetização” (ou “alfabetismo”), esta última ligada ao aprendizado do alfabeto, ou seja, à leitura e à escrita como uma função mental a ser fixada, vista como um código. Assim, letramento surgiu da necessidade de um termo que abarcasse as mudanças educacionais e sociais, e incluísse a variedade de textos e suas modalidades, sendo “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (Rojo; Moura, 2019, p. 14).

O letramento não exclui a alfabetização, no sentido do reconhecimento e da decodificação dos textos, porém abrange mais do que a mera codificação, automática e sem contextualização, ou conhecimentos de leitura e escrita a serem adquiridos, de forma individual, de um único modelo como forma ímpar de expressão cultural. Trata-se, ao contrário, de práticas

letradas variadas, e socialmente determinadas, englobando as formas mais diversas de culturas, sejam elas valorizadas ou não.

> Se antes o alfabetizado era aquele capaz de ler um simples bilhete e de codificar o próprio nome, atualmente é o indivíduo capaz de usar a leitura e a escrita para uma prática social. Essa prática implica ter várias habilidades (por exemplo, compreensão e uso da multimodalidade, construção ou reconstrução de sentidos, levando em conta as diferenças e as pluralizações sociais, linguísticas e culturais), habilidades essas que, então, são defendidas pelas propostas dos Letramentos (Monte Mór, 2019, p.176).

Dessa forma, é possível não ser escolarizado e analfabeto, mas participar de práticas que o considerem letrado de certa maneira. O sujeito realiza diversas práticas de letramento, se pensarmos em contextos sociais diversos, como utilizar transporte, fazer compras, realizar uma tarefa no banco, entre outros, e essas não estão exclusivamente ligadas à escola/alfabetização que convencionalmente conhecemos.

Nesse sentido, por reconhecer a variedade de práticas de letramento, o termo passa a ser utilizado no plural, letramentoS, considerando que "como são muito variados os contextos, as comunidades, as culturas, são também muito variadas as práticas e os eventos letrados neles circulantes (Rojo; Moura, 2019, p. 18). Devemos considerar as diversas formas e não apenas a cultura valorizada e dominante, controlada pelas instituições formais.

Letramento não estaria limitado, dessa maneira, apenas às competências e habilidades termos descritos na própria BCNN[24] (Brasil, 2018), e que serão tratados adiante a serem aprendidas na escola. O importante é formar sujeitos letrados, capazes de criar significados, com diferentes visões, e fazer uso social da língua de acordo com finalidade e contexto. A própria definição de letramento é complexa, e muitos autores, como Menezes de Souza (2017), entre outros, explicitam a complexa tarefa dessa designação, levando em consideração aspectos culturais, linguísticos, ideológicos e as relações de poder e conhecimento envolvidos.

Ferreira e Takaki reafirmam que "O letramento aqui deve ser entendido como uma prática discursiva social. Nesse modelo, o aluno/cidadão é capaz de articular um contexto em meio aos outros, acionando sua agentividade de forma crítica e não simplesmente adotando os sentidos já preestabelecidos como se eles fossem universais" (2014, p. 120). Trata-se de uma visão empoderadora dos sujeitos, valorizando a sua cultura local, no sentido de colaborar para

24 BNCC – Base Nacional Comum Curricular – documento oficial que rege o currículo de ensino público e privado no Brasil.

a construção de identidade do indivíduo, afastando-se das ideias que devem apenas adaptar-se às exigências da cultura hegemônica.

Cumpre notar que Kress (2003) já destaca um questionamento sobre o termo letramento, questionando inclusive o uso da referência da língua inglesa e a necessidade de se atentar às consequências do imperialismo:

> Precisamos estar cientes de que outros idiomas não têm tal palavra. Eles dão um nome diferente ao ramo: *alphabetismus* em alemão; *alphabetisme*, em francês como em outras línguas românicas. Nos idiomas que não usam uma versão do alfabeto, chinês ou japonês, por exemplo, existem expressões bem diferentes: em japonês, por exemplo, "o reconhecimento de letras" (*mon-mou*); em chinês há uma série de frases, por exemplo, "saber-caracteres-fazer", "criação/educação normal", "ter recebido educação". Evidentemente, poderíamos tentar insistir que, como a língua inglesa já domina o mundo, a palavra inglesa também deveria dominar, ou que outras línguas deveriam pelo menos produzir traduções dessa palavra, como no letramento em português (brasileiro), ou *Literalitäet* em contextos de língua alemã. É claro que podemos refletir sobre o que as diferenças na nomenclatura realmente significam, e se a extensão do letramento da palavra inglesa a todos os contextos de comunicação, ou a outras culturas, às suas línguas e às suas formas de representação, é realmente o melhor caminho a seguir (Kress, 2003, p. 17, tradução minha)[25].

O autor traz à reflexão a referência do uso da palavra "letramento" e as diferentes traduções possíveis de se encontrar em outros idiomas, e como adotamos, inclusive na língua portuguesa, a tradução mais próxima do inglês, resultante da influência da cultura dos países anglo-saxões, interferindo em diversas questões, inclusive na escolha/determinação do vocabulário. Ficamos com a reflexão: qual seria o melhor termo a ser utilizado? Haveria diferença caso outro termo fosse utilizado? Até que ponto a escolha influencia/é influenciada pelo imperialismo?

Há muitos pesquisadores da área que enxergam os letramentos em fases (Monte Mór, 2015; Rojo, 2019; Duboc, Ferraz, Monte Mór, 2021).

---

25 Do original: "we need to be aware that other languages do not have such a word. They name the field differently: alphabetismus in German; alphabetisme, in French as in other romance languages. In languages which do not use a version of the alphabet, Chinese or Japanese for instance, quite different wordings exist: in Japanese, for instance 'the recognition of letters' (mon-mou); in Chinese there are a range of phrases, for instance 'know-character-ability', 'normal raise/bring-up', 'to have received education'. Of course, we could attempt to insist that as the English language already rules the world, the English word literacy should do also, or that other languages should at least produce translations of this word, as in letramento in (Brazilian) Portuguese, or Literalitäet in Germanspeaking contexts. Of course, we might reflect on what the differences in naming actually mean, and whether the extension of the English word literacy to all contexts of communication, or to other cultures, to their languages and to their ways of representing, is really the best way to go" (Kress, 2003, p. 17) .

Monte Mór sintetiza essas "fases" dos letramentos, pensando no contexto brasileiro e na evolução até o presente momento[26], salientando que tais classificações foram revistas (2021) e podem ser resumidas da seguinte forma:

A primeira fase, chamada de alfabetização, ainda compreendia a leitura e a aprendizagem por uma via puramente linguística. Pode-se dizer que essa etapa está ligada às ideias de Paulo Freire, o qual questionou essa visão, ao entender a necessidade de novas percepções que melhor se adaptassem ao contexto brasileiro. Freire então influenciou as fases seguintes, trazendo desde a década de 1960 ideias sobre empoderamento dos alunos e pedagogia crítica, o que significava olhar e criticar o contexto e o local – educação (e linguagem) entendidas assim como prática política, oportunizando observar as relações de poder e interesses envolvidos.

A segunda fase está relacionada às ideias de que as práticas de letramento variam de acordo com o contexto social no qual estão inseridas. Já na década de 1980, influenciada pelo movimento de redemocratização do país, essa tendência levou em conta ainda as concepções de Freire, Street, entre outros, que começaram a pensar o ato de ler e escrever como ideológicos. Nesse estágio, foram identificadas as primeiras ocorrências do uso da palavra "letramento" em contraste com o termo "alfabetização".

A terceira fase, dos anos 2000 até hoje, considera as transformações sociais, como o fenômeno da globalização e uso das tecnologias digitais, e caracteriza-se como uma proposta educacional que repensa currículo, linguagem, escola e sociedade, pensando na multimodalidade e no digital. Essa proposta educacional conflita com a ideia de Estado-nação como unidade soberana detentora do controle, por meio da linguagem e identidade, e pede um novo *ethos*, uma nova mentalidade, e como consequência, novas forma de construção de conhecimento.

Monte Mór, em um evento em formato de *live*[27] em dezembro de 2020, retoma as fases dos letramentos e cita uma quarta geração, que olha para as especificidades do contexto local,

---

26 Do original: "In sum, the three views of literacies provide evidence of significant changes in the concerns in Brazilian education. The first, standing for a project of 'alfabetização', as literacies were called in Portuguese, is the read and-write- code- breaking perspective. In the second, literacies mean going beyond the linguistic code and the autonomous model of reading, responding to the need for broader abilities. In the third, literacies are seen as an educational project that would link the traditional, but still meaningful and responsive, concepts of educational practices to the current aspirations, promoting their revision while they are integrated with the 'multi' of the digital, and the diversities among learners" (Monte Mór, 2015, p. 190).

27 MONTE MÒR, Walkyria. Letramentos: revendo o ensino de línguas. [S. l.]: Multiletramentos e ensino, 16 dez. 2020. 1 vídeo (1h:39min). [Live]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f7zRcvh3t-Y&t=2222s Acesso em: 23 ago. 2021. Espaço para diálogo e divulgação científica criado pelo Grupo de Pesquisa sobre Multiletramentos e ensino o GPMULTI/IEL/Unicamp, coordenado pelo Prof. Dr. Petrilson Alan Pinheiro.

como o brasileiro, com um olhar mais decolonial, questionando se a teoria serve para os nossos alunos ainda hoje – tema melhor aprofundado no 4º capítulo.

No mesmo evento, a autora, quando fala dessa proposta educacional dos letramentos, menciona as diversas adjetivações e "desmembramentos" que surgiram, como os novos letramentos, os letramentos críticos, os letramentos digitais e os letramentos visuais. Esses não se confundem, pois cada um tem suas especificações, embora disponham de uma mesma base filosófico educacional. Ligados pela ideia de letramentos e multimodalidade, apresentam uma nova proposta educacional e a expansão de novas formas de conhecimento, abarcando o fenômeno da globalização e o advento da tecnologia como conhecemos hoje. São todos movimentos (ou epistemologias) em diálogo entre si, trazendo contribuições para repensarmos o ensino, enfatizando que têm a criticidade e digitalidade em comum.

No evento em que foram gerados dados para essa pesquisa, em 2022, a autora amplia as adjetivações mencionadas acima, e sintetiza, conforme podemos ver no seguinte quadro:

Figura 16 - Os letramentos

Letramentos: Projeto que propõe revisões educacionais					No Br
Multi-letramentos [Cope & Kalantzis...]	**Novos letramentos** [Lankshear & Knobel...]	**Letramentos críticos** [Luke; Luke; Freebody; Gee; Kress...]	**Letramentos Visuais** (Krees; van Leewen; Gee...)	**Letramentos Digitais** (Lankshear & Knobel; Gee...)	**Educação Crítica** **Ideologização** **Pós-colonialismo** **Letramentos** **Letramentos críticos** **Colonialidade / Decolonialidade...**
Interface com conhecimentos / áreas					**Brasil – Am. Latina**
Educação Sociologia Antropologia História Visões de Cultura Visões de Sociedade **Práticas Sociais** Visões de Linguagem **[Multi:** • Culturalidade, • Diversidade; • Tecnologia; • **Modalidades] / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Tecnologia Epistemologias **Práticas Sociais** Concepções Filosóficas Pedagogias Metodologias Práticas de sala de aula **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Educação crítica Linguística Aplicada **Práticas Sociais** Filosofias da linguagem (Visões de Língua e de Linguagem) Sujeito – identidade **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Sociedade Globalização **Práticas Sociais** Imagem Construção de sentidos Cultura digital **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Tecnologias Epistemologias **Práticas Sociais** Visões de cultura Visões de sociedade (da Escrita e Digital) **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Linguística Aplicada Crítica Sociologia Antropologia História / Globalização Imagem Concepções Filosóficas Epistemologias Filosofias da linguagem Construção de sentidos (Visões de Língua e de Linguagem) Visões de Cultura / Cultura Digital Visões de Sociedade **Práticas Sociais** Visões de Linguagem **[Multi:** • Culturalidade, • Diversidade; • Tecnologia; • **Modalidades] / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**

Fonte: Walkyria Monte-Mór (2022), projetada no evento *online*

E explica:

> (Walkyria Monte Mór, *live*): todos tinham essa preocupação com a educação, então aqui eu coloquei as interfaces de cada uma dessas áreas, e coloquei educação como sendo a primeira delas, sendo a que une todas essas sub áreas de letramentos (...) então pra mim o que mais une todos eles não é só educação, é também a ideia de práticas sociais, e a ideia dos multi, a ideia é que da pluralidade que eles começaram a falar em multiculturalidade multidiversidade, multitecnologia, e por aí vai… modalidades visões de língua, linguagens, sujeito e sociedade etc. Isso é o que eu vi de comum em todos eles, mesmo cada um tendo seu foco específico.

Assim, letramentos são vistos como algo mais amplo, que abarca todos esses outros vocábulos e visa revisitar conceitos tradicionais de educação, língua, linguagem, visões de cultura, sujeito e sociedade. Ou seja, analisando o quadro, é possível ver todos esses temas interligando essas grandes áreas, todos com seus pesquisadores que se aprofundaram no seu respectivo tema (alguns em mais de uma área, como Kress, Lankshear e Knobel), no entanto, são definições que diferem em alguns aspectos, como será visto com um pouco mais de detalhe adiante. É fundamental que certos conceitos sejam revisitados, repensados, debatidos, a fim de que se discuta, de uma forma mais efetiva e concreta, as mudanças necessárias para a educação.

Há de se mencionar ainda outras adjetivações de letramentos, vistos em vários contextos, como letramento econômico ou religioso, ligados à essa ideia de competências mencionadas pela BNCC. Esses outros letramentos não se confundem com a ideia de mudança social descrita acima, como cita Kress (2003), que preza por uma visão mais limitada do termo, a fim de não se perder sua essência[28]social e cultural.

Em relação ao termo multiletramentos, Monte-Mór expõe sua visão sobre o termo:

> (Walkyria Monte Mor, *live*): Então para mim eu vejo multiletramentos dentro de um grande projeto que propõe revisões educacionais, então esse projeto quer dizer para mim, ele é mais fundo, eu conheço um nome mais para letramentos que na verdade abraça todos esses outros conceitos.

Aqui a autora faz referência a "letramentos" no plural, enfatizando, mais uma vez, a pluralidade e a variedade de práticas sociais mencionadas no início desse capítulo, sendo essa característica o que todos esses termos têm em comum e como base em seus fundamentos. Da

28 Do original: "It also separates the issue entirely from that further set of metaphoric extensions, as in *cultural*, *emotional*, *sexual*, *social literacy*, and many more. Literacy, in all its aspects, is entirely social, cultural and personal. And so, of course, all matters social and cultural, economic and political, as much as those which are affective or emotional, have their impact. But that is not, for me, a good enough reason to bring all these into discussions of literacy in an undifferentiated way. I have no objections if such terms are used in popular settings, or if such usages exist. There is in any case an absolute need to keep popular and academic modes of working and naming quite separate. The danger of extending the term too far is that of dragging things which are and should remain entirely outside the social regulations that literacy is subject to into that domain, to push social regulation into domains where there is no need for it to exist" (Kress, 2003, p. 18).

mesma forma, vale destacar que todos esses termos fazem parte desse projeto cujo objetivo é repensar a educação, incluindo os multiletramentos, tema principal dessa pesquisa. Nas próximas seções, será feita uma breve explanação dos conceitos mencionados acima e, na sequência, um aprofundamento sobre os multiletramentos. Não proponho aqui um esgotamento dos termos, mas sim apresentar de forma sucinta os princípios básicos que guiam cada um deles, a fim de enriquecer o debate.

3.1.1.1 – Os letramentos críticos

Apesar de entendermos que a criticidade está em todos os outros termos de letramentos mencionados, com a proposta de fomentar um pensamento crítico, aqui frisamos o caráter político do termo. O letramento crítico "constrói-se segundo a premissa de que a linguagem tem natureza política, em função das relações de poder nela presentes. Logo, entende que o discurso é sempre permeado por ideologias, independente da modalidade e contexto em que se apresente" (Monte Mór, 2018, p 7).

Os letramentos críticos partem de uma concepção de língua como discurso. Nessa perspectiva, a multiplicidade dos sentidos construída socialmente é valorizada, ou seja, não se busca estabelecer um único saber (geralmente o que vem da escola) como sendo a verdade absoluta. Concebo crítica como prática questionadora: entender o mundo, as diferenças e também questionar verdades e ideias previamente dadas. É preciso abrir espaço para diferentes opiniões, ou seja, compreender que o outro é diferente (nem melhor nem pior) e que conflito faz parte da vida.

Monte Mór (2015) menciona Luke e Freebody (1997), os quais relacionam a leitura e a escrita com atividades sociais, alegando que não há textos neutros, e assim, da mesma forma, que os sentidos são construídos socialmente. A autora afirma que a:

> estruturação institucional da educação de natureza positivista tende a homogeneizar as diferenças. Portanto, as desigualdades nas condições simbólicas e nas relações de poder tendem a ser veladas no processo educativo (...) os autores defendem a necessidade da percepção de que a leitura tem a ver com a distribuição de conhecimento e poder numa sociedade (Monte Mór, 2015, p.10).

Devemos pensar em um ensino que forme alunos capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, a fim de fazê-los captar os valores e intenções veladas. A ideia dos letramentos críticos está conectada e baseada nas concepções de Freire. O educar criticamente,

para ele, significava a leitura do mundo, não somente da palavra, essa última pressupondo que os significados dos textos estão dados, naturalizados, inquestionáveis. Levando em consideração que a linguagem é uma prática social, que não há palavra neutra, é preciso ter em mente que toda linguagem utilizada situa-se social, histórica e politicamente:

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 1).

Paulo Freire considerou todas essas questões para além da palavra: relações históricas, sociais e de poder envolvidas no texto, ressaltando a importância da percepção crítica do ato de ler. Assim, "a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a "leitura" do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da "palavramundo" (Freire,1989, p. 11), mencionando um exemplo pessoal, da experiencia com uma professora que fez parte de seu processo.

Além disso, a leitura crítica da palavra dentro do mundo, bem como sua interpretação e a sua releitura, são importantes instrumentos de transformação social pois oportunizam questões de justiça social e emancipação, ultrapassando a educação bancária (1989, 2018).

Menezes de Souza (2011), pensando na questão das diferenças em um mundo globalizado que propicia a aproximação de pessoas e culturas diferentes, também postula que os letramentos críticos podem ajudar os alunos a lidarem com os conflitos. Porém, também a partir de Freire, enfatiza o fato de não estarmos sozinhos no mundo (estar com o mundo, e não no mundo), e ressalta o modo como nos conhecemos na relação com o outro e aprendemos escutando o outro e a nós mesmos. Ou seja, a criticidade residiria justamente aí, na possibilidade de descobrirmos a nós mesmos e a nossa própria leitura quando lemos um texto:

> Dito de outra forma, o processo de ler criticamente envolve aprender a escutar não apenas o texto e as palavras que o leitor estiver lendo mas também - e talvez mais crucialmente no mundo de conflitos e diferenças de hoje - aprender a escutar as próprias leituras de textos e palavras. Isso quer dizer que ao mesmo tempo em que se aprender a escutar, é preciso aprender a se ouvir escutando. Ler criticamente implica então em desempenhar pelo menos dois atos simultâneos e inseparáveis: (1) perceber não apenas como o autor produziu determinados significados que tem origem em seu contexto e seu pertencimento sociohistórico, mas ao mesmo tempo, (2) perceber como, enquanto leitores, a nossa percepção desses significados e de seu contexto está inseparável de nosso próprio contexto e os significados que dele adquirimos (Menezes De Sousa, 2011, p .3).

Poder é o que deve motivar as novas formas de conhecimento. Capacidade de identificar discursos, manipular, e também conhecer a cultura, para que assim se abra a possibilidade de inversão (ou tomada de consciência) das relações de poder que permeiam a linguagem. Torna-se necessário, assim, abandonar o conceito tradicional de ensino/aprendizagem, para que seja possível assumir uma postura mais ativa, trazendo à tona um ensino/letramento mais crítico e fazendo uso das novas comunicações/mídias. O conceito de letramentos críticos aqui diz respeito à postura do leitor em relação ao texto, possibilitando a problematização de questões sociais.

3.1.1.2 – A multimodalidade

Com o aumento dos estudos sobre os letramentos, o conceito de multimodalidade cresceu e ganhou muita visibilidade no campo educacional na última década. Trata-se de algo de vital importância para as formas de construção de sentidos, mas ressalta-se que a multimodalidade não é necessariamente um fenômeno novo do campo das linguagens. Ela abarca as mais diversas formas de expressão, como dança, música, desenho, sonhos, entre outros, tendo esses estudos dos letramentos, junto com as mudanças da digitalidade, resgatado a importância dos textos multimodais.

Um texto multimodal é aquele cujo sentido dá-se por mais de um código semiótico: visual, auditivo, táctil, gestual, sendo plausível a ocorrência de duas ou mais modalidades. Nesse sentido, é possível dizer que as novas mídias favorecem a utilização de diferentes códigos e acompanha as mudanças nas formas de comunicação. A multimodalidade conecta todos os termos sobre letramentos mencionados acima, e por esse motivo vai ser mencionada muitas vezes nas referências desta pesquisa. Na obra "Literacy in the new media age" (2003), Gunther Kress afirma que é inegável a transformação da escrita para a imagem, e do livro para a tela, com especial atenção para a mudança para textos digitais e práticas comunicativas na tela[29]. :

> Considerando que o mundo comunicacional ao nosso redor está se movendo para uma preferência pela imagem em muitos setores, a nova tecnologia facilita, sustenta e intensifica essa preferência. O que é verdade em termos de palavra e da imagem também é cada vez mais verdadeiro em relação a outros

29 Do original: "These two together are producing a revolution in the uses and effects of literacy and of associated means for representing and communicating at every level and in every domain. Together they raise two questions: what is the likely future of literacy, and what are the likely larger-level social and cultural effects of that change?" (Kress, 2003, p. 1).

> modos. A facilidade no uso de diferentes modos, um aspecto significativo das possibilidades de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, faz o uso de uma multiplicidade de modos usuais e comuns. Essa modalidade, que é julgada melhor pelo designer da mensagem para aspectos específicos da mensagem e para um determinado audiência, pode ser escolhida sem nenhuma diferença no 'custo'. A multimodalidade é facilitada, habitual, 'natural' por estas tecnologias. E tais usos naturalizados dos modos levarão a uma maior especialização de modalidades: as possibilidades de modalidades serão alinhadas com as necessidades representacionais e comunicativas[30] (Kress, 2003, p. 4, tradução minha).

A comunicação é multimodal (Kress, 2010). Não há como se falar de uma única forma isolada, mas sim de combinação de fala, gesto, sons, o espacial, e nesse sentido essa associação sempre existiu, como dito acima. Porém, quando transportamos esse debate para a sala de aula, resta claro que a multimodalidade na sala de aula é facilitada por tecnologias digitais (mas não se restringem a elas), pois surgem como alternativa, cada vez mais frequente, aos materiais didáticos ou recursos. O advento do texto multissemiótico ou multimodal revela a "emergência de novos gêneros discursivos no ciberespaço, tais como ciberpoema ou poema virtual/digital, miniconto, microconto ou nanoconto, fanfics, fanclips, podcasts, animações, posts, twits, para citar alguns (Duboc, 2015, p. 670)", como novas escolhas para a formação na sala de aula. É inegável que todos esses gêneros fazem parte da vida dos alunos, imersos na vida digital (pelo menos a maioria deles), por isso entendo que trazer todas as opções próximas ao aluno contribui de uma maneira significativa para o aprendizado, pois o docente vivencia essa experiência fora da escola e isso não deve ser deixado de lado.

3.1.1.3 – Os novos letramentos

Cabem aqui ainda algumas considerações sobre a expressão "novos letramentos". Lankshear e Knobel (2011) explicam que os novos letramentos, além de envolverem questões como o aumento das ferramentas digitais, também incluem, em sua definição, um novo *ethos*, uma nova forma de pensar, e assim, envolveria alunos mais participativos, colaborativos, abrangendo diferentes aspectos de valores sociais e culturais. Os autores (2007) caracterizaram

30 Do original: "Given that the communicational world around us is moving to a preference for image in many domains, the new technology facilitates, supports and intensifies that preference. What is true of word and image is also increasingly true of other modes. The ease in the use of different modes, a significant aspect of the affordances of the new technologies of information and communication, makes the use of a multiplicity of modes usual and unremarkable. That mode which is judged best by the designer of the message for specific aspects of the message and for a particular audience can be chosen with no difference in 'cost'. Multimodality is made easy, usual, 'natural' by these technologies. And such naturalised uses of modes will lead to greater specialisation of modes: affordances of modes will become aligned with representational and communicative need" (Kress, 2003, p. 4).

ethos, ou *Web 2.0,* como uma mudança de mentalidade na medida em que essa digitalidade, o *new technical stuff*, influencia o indivíduo ao mudar valores agregados quando pensamos na forma tradicional de ensino[31]. Ou seja, o entendimento de que:

> novos letramentos são mais "participativos", "colaborativos" e "distribuídos" na essência do que as letramentos convencionais. Ou seja, eles são menos "publicados", "individualizados" e "centrados no autor" do que os letramentos convencionais. Eles também são menos "dominados por especialistas" do que os letramentos convencionais. As regras e normas que os regem são mais fluidas e menos rígidas do que aquelas que normalmente associamos com letramentos convencionais[32] (Lankshear; Knobel, 2007, p. 9, tradução minha).

Outros autores também enxergaram nos novos letramentos, essa nova forma de pensar a educação, uma possibilidade mais acentuada de uso na sala de aula, permitindo maior atuação dos alunos com elementos que fazem parte da vida deles:

> menos dominados por especialistas, seguem regras e normas mais fluídas, os coletivos são as novas unidades de produção, competência e inteligência. Os novos letramentos maximizam relações, diálogos, redes e dispersões, são o espaço livre da informação e inauguram uma cultura do remix e da hibridação (Rojo; Moura, 2019, p. 27).

Os novos letramentos (Duboc, 2015, p. 667) "se fundamentam na lógica da colaboração, do compartilhamento e da experimentação em lugar da centralidade e da norma na construção do saber sob o paradigma da modernidade". Como dito, enquanto o letramento convencional preza pela centralização, concentração, autoria individual, ou seja, estabilidade e homogeneidade, os novos letramentos focam a distribuição, autoria compartilhada e diluída.

Compartilho da mesma visão que a professora Vanessa, ao mencionar a mudança de mentalidade, juntamente com as possibilidades trazidas pela tecnologia, pensando em quais

---

31 Do original: "We think that what is central to new literacies is not the fact that we can now "look up information online" or write essays using a word processor rather than a pen or typewriter, or even that we can mix music with sophisticated software that works on run-of-the-mill computers but, rather, that they mobilize very different kinds of values and priorities and sensibilities than the literacies we are familiar with. The significance of the new technical stuff has mainly to do with how it enables people to build and participate in literacy practices that involve different kinds of values, sensibilities, norms and procedures and so on from those that characterize conventional literacies" (Lankshear; Knobel, 2007, p. 7).

32 Do original: "new literacies are more "participatory," "collaborative," and "distributed" in nature than conventional literacies" (Lankshear; Knobel, 2007, p. 9).
That is, they are less "published," "individuated," and "author-centric" than conventional literacies. They are also less "expert-dominated" than conventional literacies. The rules and norms that govern them are more fluid and less abiding than those we typically associate with established literacies. (Lankshear; Knobel, 2007, p. 9.

opções podem ser oferecidas na sala de aula além do material didático tradicional, e considerando o que o aluno pode fazer com elas:

> (Professora Vanessa, roda de conversa 2): muito prático e acho muito interativo, porque como a Kelly acabou de falar, você pode trazer o mundo para a sala de aula... antigamente a gente ficava muito preso a todo o material adaptado do livro didático... hoje você pode pegar aquele material que tá sugerido no livro didático, no caso de um texto por exemplo, você pode ir lá na fonte e trazer ele na íntegra e trabalhar com os alunos a visão deles, do que eles adaptariam e não pegar o que foi adaptado, julgado por alguém, que aquela parte é importante.

Não se trata apenas de substituir um equipamento por outro, a lousa pelo *power point*, pois estaria repetindo assim as mesmas ideias do letramento tradicional, com memorização, repetição, cópia, mas sim de uma mudança de mentalidade.

3.1.1.4 – Os letramentos digitais

Conforme explicitam Lankshear e Knobel (2008), letramento digital relaciona-se à compreensão da informação, assim como a uma cuidadosa análise do conteúdo digital. Entende-se, dessa maneira, que o indivíduo, para ser qualificado como letrado digitalmente, tem de entender além da apresentação de uma lista de habilidades e técnicas específicas necessárias para manusear um aparato, devendo levar em conta também a capacidade de avaliação crítica em relação ao conteúdo consultado.

No mesmo sentido, também podemos citar os letramentos digitais como a aptidão de manusear o ambiente digital para fins educacionais, conforme Bulla (2020) destacou, referindo-se à habilidade de operar os equipamentos e a rede para consultar e acessar conteúdos (“surfar na internet”), mas também à capacidade de “interpretar, intervir e produzir conhecimento no ciberespaço (“fazer ondas na internet”) (Warschauer, 2008)” (Bulla, 2020, p. 5) fazendo uso de uma metáfora com os termos surfar e fazer onda, esse último já exigindo uma postura mais ativa daqueles que estão consumindo o conteúdo.

Luz (2016, p. 265) igualmente definiu letramentos digitais como o conhecimento que envolve uma série de itens, como pensar em soluções para problemas técnicos, usar as ferramentas digitais disponíveis, manusear sites de busca e pesquisa, avaliar se essas mesmas informações são confiáveis, e por último criar e compartilhar material na rede. Sabemos que essas dificuldades existem na prática e constituem diversos elementos que merecem atenção na formação de professores e alunos. Destacamos aqui a capacidade de instruir o estudante a

reconhecer se o que está sendo oferecido é apropriado, se as informações são seguras e válidas, como parte essencial para o desenvolvimento da criticidade do aluno cidadão.

Na roda de conversa, uma das professoras deu-nos um exemplo prático que, na minha visão, pode ser interpretado nesses dois sentidos, de saber usar o equipamento e também de saber pesquisar uma informação, avaliando se é verídica, confiável:

> (Professora Vanessa, roda de conversa 2): ela me lembrou de uma outra charge que trabalhei com alunos na semana passada e me lembrou do relatório do PISA que ficou evidenciado que é uma geração que mais tem acesso a informações, não é só o meio, mas ela tem mais acesso, mas é a que menos sabe utilizar.

Sem dúvida, trata-se de uma geração que tem acesso a inúmeras fontes de informação, podendo consultar com muito mais facilidade e rapidez, mas que foca o seu uso para os interesses imediatos, como as redes sociais de troca de mensagens. Assim, a prática de letramentos digitais encontra-se defasada no sentido de instruir o aluno a utilizar os programas, os softwares, as redes e as fontes, o que permitiria que eles explorassem da melhor forma as possibilidades oferecidas. Claro que as redes sociais não devem ser deixadas de lado, nem endemoniadas (inclusive podem ser aliadas no processo educacional), mas a instrução do digital deve transpassar todas essas etapas, englobando todos esses elementos mencionados.

No evento de geração de dados, as professoras especialistas mencionaram o termo e deram um exemplo prático, inclusive com o uso das redes sociais:

> (Roxane Rojo, *live*): Então eu xingo o cara, bloqueio e denuncio, e vira e mexe tem - é só falar mal do Bolsonaro que vem uma renca de robô fazendo discurso de ódio. Então eu acho que há muito a ensinar, como os checadores de informação que as pessoas nem sabem que existem, há várias ferramentas de checagem de exatidão da informação da mídia digital, os recursos que você tem no *Instagram,* no *Facebook,* em cada rede social, para poder denunciar, bloquear etc, então eu acho que tem trabalho sim a desenvolver, sobre redes sociais especialmente, e não só na questão do discurso de medo e ódio. Informação, checador de informação, eu acho que em qualquer currículo que se preze, devem ser o seu objetivo

Há inúmeras possibilidades de uso das redes. Assim como mencionado acima pela professora Rojo, devemos ir além do "uso pelo uso" e adotarmos uma postura mais ativa. O que fazer quando me deparo com uma informação falsa? E quanto aos discursos de ódio? Ferramentas como checadores de informação dessas redes é essencial e parceiro na luta contra a propagação de notícias que disseminam mentira, que incitam violência e discursos de ódio, podendo influenciar comportamentos homofóbicos, racistas, entre outros.

Saber identificar conteúdo duvidoso e agir perante eles são habilidades que devem ser ensinadas desde os primeiros anos do Ensino Básico, tendo em vista que é inegável como a digitalidade e o uso das redes, bem como a velocidade com que as informações circulam, fazem parte da vida dos alunos. Há de se ter consciência da potência das redes e do seu poder de manipulação, interferindo nas motivações e podendo induzir a mudanças de pensamento e comportamento[33].

É de fundamental importância da criticidade para verificar informações, já conectando e enfatizando a importância do termo com a formação de professores:

> (Walkyria Monte Mór, *live*): a Michelle Knobel falou muito sobre letramento digital também em texto dela de 2016, onde ela fala sobre letramentos digitais no plural: para ela é diferente do letramento digital no singular quando as pessoas se referem muito a conhecer máquinas, conhecer *software;* quando ela fala de letramentos digitais, ela faz isso ligado a uma prática social, que é exatamente isso que você está escrevendo e descreveu muito bem, acho que é esse o letramento digital que a gente tá falando. Eu acho que é isso que precisa começar a incorporar nas universidades inclusive, tem que passar a ter essa disciplina, não pode imaginar o curso de letras hoje em dia que não faz isso, um curso de línguas ou literatura, seja o que for que não trabalha com isso.

Mais uma vez fazendo uso da palavra "letramentos", no plural, a professora Walkyria refere-se a práticas sociais e à pluralidade das mesmas, citando o que já foi mencionado sobre a importância do uso das máquinas, do aparato técnico, bem como a relevância dessa perspectiva crítica.

Da mesma forma, reconhece-se que os alunos não têm esse conhecimento, essa formação, porque essa formação não existiu para os professores – na minha formação, no curso de Letras, não foi oferecida nenhuma disciplina que nos orientasse nesse sentido, então, como exigir dos alunos essa formação?

Não basta termos as informações ou aprendermos a manusear aparatos técnicos. É necessário que nós, professores, também possamos orientar os alunos a verificar fontes, especialmente em momentos delicados, como eleições, quando sabemos que esses eventos podem ser altamente influenciados (ou mesmo decididos) com base em informações falsas circulando nos meios de comunicação, que podem ser determinantes para o futuro de uma comunidade e da democracia de um país.

3.1.1.5 – Os letramentos visuais

33 Nesse sentido, podemos citar "O dilema das redes" (2020), documentário disponível na Netflix, exemplo dos perigos causados pelas redes sociais.

As imagens estão cada vez mais presentes em nossa sociedade, presença intensificada pelo uso das mídias sociais, trazendo como consequência o crescimento da sua aplicação na sala de aula. Na geração de dados com os professores, esses, em sua maioria, relataram usar imagens, memes e charges na sala de aula, mais comumente para contextualizar algum uso gramatical:

> (Professor Fernando, roda de conversa 4): eu trabalho a minha dinâmica assim: eu trabalho bastante tirinhas, que você trabalha com imagem e você trabalha com a escrita. Mas eu trabalho algum ponto gramatical antes.

Ou adaptando alguma questão do livro didático:

> (Professor Mario, roda de conversa 3): por exemplo, a gente teve uma unidade de um livro do primeiro ano falando sobre *body language,* linguagem corporal. E aí eles trazem um estudo que mostravam como que as pessoas mudavam de feição, tinha triste, alegre. Mas aí eu falei "não quero só isso não", peguei umas imagens, tem uma imagem muito forte do Rodolfo do BBB [o programa de Tv, reality Big Brother Brasil] olhando de uma forma muito homofóbica pro Gil, e eu levei essa foto e coloquei lá.

Acho muito inteligente essa opção do professor Mario de adaptar material didático quando esse não se mostra suficiente para atender os seus alunos; ele conhece sua turma e acredita que algo mais contextualizado e atual poderia fazer mais sentido. Ao mesmo tempo, deve haver também a preocupação com o modo de utilização dessas imagens, com um cuidado na escolha e finalidade, sendo esses os principais pontos de "inquietação" dos letramentos visuais. Segundo Ferraz (2014), pode-se definir letramento visual como:

> uma área de estudo a qual problematiza o estudo das imagens (estáticas, em movimento, mistas) para: investigar sua importância em todos os campos, questionar a ideia de representação, repensar as imagens como processo de realização de significados, expandir perspectivas, interpretações e conhecimentos[34] (Ferraz, 2014, p. 21, tradução minha).

Deve haver prudência de como eu, enquanto professor, uso, interpreto e levo essa imagem para a sala de aula. Cada sujeito vai ver a imagem de acordo com sua visão, seu sentido, e deve haver, nesse movimento, abertura para diferentes interpretações, e não a imposição de

34 Do original: "Visual Literacy is a field of study which problematizes the study of images (static, movement, mixed) in order to: investigate their importance in all fields, question the idea of representation, rethink images as meaning making processes, expand perspectives, interpretations, and knowledge" (Ferraz, 2014, p. 21).

uma única visão, correndo o risco de sermos levados para um ensino totalitário, que não olha para as especificidades de cada aluno.

Kress e van Leewen (2006) trazem importante contribuição para o campo, com o que eles chamaram de "gramática visual", ao afirmarem a possibilidade de ler as imagens como os textos e a existência de uma gramática a ser usada para a leitura dessas figuras. Asseveram como os elementos verbais e não verbais arranjam-se de forma a propiciar significados, relacionando forma e conteúdo, e assim, a disposição das figuras, cores, sobreposição, profundidade, entre outros, pode alterar o sentido e a leitura, e estabelecer certas hierarquias. Desse modo, os autores fornecem uma série de exemplos de como esses elementos são usados na propaganda, materiais didáticos, nas mídias, entre outros lugares.

Ressalto que a gramática aqui não deve ser vista sob o seu significado de "regras", mas sim no sentido de olhar para os elementos da composição estética, que traz implicações por traz dessas escolhas. Essas gramáticas também variam de cultura para cultura, valores e normas, não havendo uma determinação universal, pois levam em conta diferenças culturais. "A linguagem visual não é apesar das suposições em contrário transparente e universalmente compreendida; ela é culturalmente específica" [35](Kress; van Leewen, 2006, p. 4, tradução minha).

Ainda com Kress (2010) voltamos para seus importantes conceitos no que se refere à construção de sentidos[36]. O autor trabalha com imagens, como são construídas para atingir o significado esperado. Imagens também são manipuladas, considerando que variam de acordo com os interesses, especialmente quando o autor menciona a lógica do design[37]. Como modelo de funcionamento da lógica tipográfica (lógica da sociedade da escrita), mostrou-se como a posição de uma imagem em uma página (à direita, esquerda, superior ou inferior) já traz um sentido de, por exemplo, o que é real/ideal, novo/dado, técnica essa utilizada como meio de persuasão em diversos locais, como revistas e websites.

Ao longo da obra, Kress descreve em vários momentos as diferenças entre o texto escrito e as imagens. O texto escrito tem uma lógica temporal; deve-se ler o texto da maneira como foi

35 Do original: "Visual language is not – despite assumptions to the contrary – transparent and universally understood; it is culturally specific" (Kress; van Leewen, 2006, p. 4).

36 "An interpretation is therefore always a mix of features of the 'ground', as the prompt framed by the interpreter with the resources brought by the interpreter. An interpretation is the result of a series of transformations in which aspects of the prompt and aspects of the resource brought by the interpreter are shaped, into a new semiotic entity (Kress, 2010, p. 36).

37 "Design is shaped by the prior analysis provided by the rhetor through questions such as 'what is the environment of communication?' 'what relations of power are at issue?' (…). All raise the issue of choice: choices reflecting interest" (Kress, 2010, p. 43).

concebido e deve ser seguido para que faça sentido. A organização da imagem, por outro lado, é governada pela coerência do espaço e pela lógica da simultaneidade das informações visuais, que são organizadas de uma determinada maneira e com um determinado propósito. A leitura de uma imagem é, assim, relativamente aberta, dando espaço para a imaginação, mas ao mesmo tempo, seus elementos já trazem significado (como por exemplo, imagens centralizadas, trechos enquadrados, e mesmo o uso de *bullet points*). Trata-se, dessa forma, de uma mudança nas formas de *meaning making*, importante ferramenta na forma de se perceber o mundo.

A metáfora que o autor utiliza na obra, referindo-se à mudança de "contar para o mundo" para "mostrar o mundo" ('*from telling the world to showing the world'*), ressalta a importância da nova forma de leitura trazer novos significados, e destaca como essa transformação pode influenciar as relações de poder, pois forma e significado já não são fixos. A imagem, combinada ou não ao texto escrito, pode dar ou complementar um outro significado.

Trata-se da destreza de entender e interpretar a informação visualmente apresentada, com base na ideia que imagens podem ser lidas, e que seu significado pode ser dado por meio de um processo de leitura. Imagem não é apenas um meio estético e de se expressar, mas contém estruturas sociais e políticas bem definidas.

É de essencial importância ver as imagens como uma fonte de construção da realidade e não apenas como uma representação da realidade, como defende Elkins (2003), já que elas se relacionam com o contexto cultural no qual estão imersas, podendo, inclusive, ser usadas como instrumento de dominação:

> é fundamentalmente importante aprender a entender as imagens como construções sociais em vez de reflexos da realidade, instâncias de prazer estético, ou ferramentas de marketing. Estudos visuais e estudos de mídia, nesta visão, podem ajudar a educar as pessoas a pensar e agir de forma responsável na cultura capitalista tardia contemporânea[38] (Elkins, 2003, p.7 – tradução minha).

No mesmo sentido, é preciso estar alerta porque, a todo momento, estamos cercados dos recursos visuais, sendo necessária a nossa capacidade de interpretá-los para entender e identificar as estruturas ideológicas que estão por trás das imagens. É preciso problematizar a concepção de imagem como representação, e entender que elas constroem realidades sociais,

38 Do original: "As a general rule, one that has many exceptions, the central concerns of visual studies in English- and French-speaking countries are politics, social construction, and identity: how images shape perception and the self, and how they reflect and project collective and national ideologies. [...] it is fundamentally important to learn to understand images as social constructions rather than reflections of reality, instances of aesthetic pleasure, or marketing tools. Visual studies and media studies, in this view, can help to educate people to think and act responsibly in contemporary late capitalist culture" (Elkins, 2003, p.7).

sendo capazes de transmitir intenções e ideologias. Permitir o aluno analisar, questionar e desconstruir a ideia de imagens como reflexo da realidade, mas percebê-las como instrumentos de manutenção de poder.

Assim, letramentos visuais são essenciais no sentido de tornar consciente que "A percepção da realidade como objetiva a ser captada por uma mente e um olho neutro pode ser expandida e render-se às "irrealidades" da nossa realidade"[39] (Mizan, 2015, p. 116), tendo em mente que imagens representam um lado da história, já que são historicamente, socialmente e culturalmente localizadas.

3.1.2 – Os Multiletramentos

Retornamos agora mais especificamente para a teoria dos Multiletramentos – expressão definida pelo New London Group (NLG) em um documento publicado em 1996, por um grupo de pesquisadores que estudava a educação e o futuro da pedagogia de letramentos[40]. Iniciado como um manifesto, Cope e Kalantzis (2000, p. 16) consideraram o termo multiletramento adequado, tendo em vista a multiplicidade de canais de comunicação, e também o crescimento da variedade cultural e linguística. Assim, surgiu uma nova pedagogia que dava conta dessas transformações, sendo que "a noção de Multiletramentos propõe-se abordar a variedade da produção de significado em diferentes contextos culturais, sociais ou de domínio específico" (Cope; Kalantzis, 2015, p. 3, tradução minha)[41].

O termo alude a dois aspectos da comunicação e representação. O primeiro é a multiplicidade de significados em diferentes situações culturais e sociais, considerando que as pessoas interagem de diferentes modos quando se encontram em contextos diversos. Resta claro que a maneira tradicional de ensino já não é mais eficiente, requerendo domínio para transitar de um tipo de convenção para outro[42]. O segundo aspecto é a multimodalidade, a qual favorece

39 Do original: "The perception of reality, as something objective to be grasped by a neutral mind and eye, can be expanded and give way to the "unrealities" of our reality" (Mizan, 2015, p. 116).

40 Convened by Mary Kalantzis and Bill Cope, the group also consisted of Courtney Cazden, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan Luke, Carmen Luke, Sarah Michaels, and Martin Nakata (Cope; Kalantzis, 2015, p. 3).

41. Do original "the Multiliteracies notion sets out to address the variability of meaning making in different cultural, social or domain- specific contexts" (Cope; Kalantzis, 2015, p. 3).

42 Do original: "a multiliteracies approach to literacy suggests we needed to move to, ward a discipline grounding for literacy learning that takes its cue from contrastive linguistics. Such an approach is based in an account of discursive differences and how one learns to move between different representational settings" (Cope; Kalantzis 2013, p. 1).

outros meios de produção de significado em detrimento da escrita, sendo assim necessário expandir o entendimento sobre as pedagogias de letramento restritas à mera codificação[43].

A pedagogia baseia-se em 3 (três) eixos condutores: o "por que", "o que", e o "como". Em relação ao "por que", os autores citam que o ensino tradicional já não acompanha as transformações sociais, sendo imprescindível a formação de alunos flexíveis, colaborativos e participativos. É de extrema importância que novas pedagogias olhem para a diversidade, levando em conta um maior repertório comunicativo, e considerando alunos/sujeitos que estão imersos – pelo menos a grande maioria deles em outras fontes, como as mídias, como mais um recurso (motivação?) de aprendizado.

Já em relação ao "como", as dimensões da pedagogia podem ser caracterizadas como tipo de atividade de aprendizado, ou orientações formuladas em 2000 e retrabalhadas em 2015 que decorrem do amadurecimento mencionado acima, a partir da necessidade de acrescentar um número maior de práticas possíveis, visando o aluno como sujeito social:

> Nas formulações originais do New London Group, foram identificadas as seguintes dimensões principais da pedagogia dos letramentos: prática situada, instrução explícita, enquadramento crítico, e prática transformada. Ao aplicar estas ideias às práticas curriculares ao longo da última década, reestruturamos de alguma forma estas ideias e traduzimos nos mais imediatamente reconhecíveis 'Processos de Conhecimento': experimentar, conceptualizar, analisar e aplicar (Cope; Kalantzis, 2015, p. 4, tradução minha).[44]

Cumpre frisar as principais ideias mais específicas de cada tipo mencionado, ressaltando que é possível mover para frente, voltar entre as diferentes atividades pedagógicas, não havendo ordem ou forma pré-determinada a ser seguida:

- Prática situada ou experienciando (*situated practice/experiencing*): Os alunos trazem para a sala de aula o que é familiar, a fim de refletir sobre suas experiências, e são, ao mesmo tempo, imersos no novo, produzindo conexões com o mundo real. A cognição humana é situada e contextual, ressaltando que "uma construção pedagógica fundamental é entre a aprendizagem

43 "written linguistic modes of meaning interface with recordings and transmissions of oral, visual, audio, gestural, tactile, and spatial patterns of meaning" (Cope; Kalantzis, 2013, p.1).

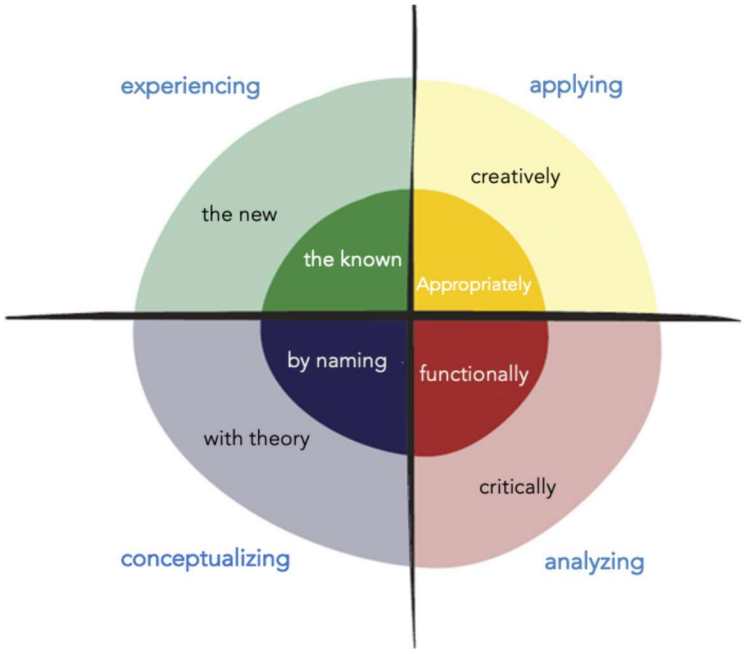
44 Do original: "In the original formulations of the New London Group, the following major dimensions of literacy pedagogy were identified: situated practice, overt instruction, critical framing, and transformed practice. In applying these ideas to curriculum practices over the past decade, we have reframed these ideas somewhat and translated them into the more immediately recognizable 'Knowledge Processes': experiencing, conceptualizing, analyzing, and applying" (Cope; Kalantzis 2015, p. 4).

escolar e as experiências práticas dos alunos fora da escola”[45] (Cope; Kalantzis, 2015, p. 4, tradução minha).

- Conceitualizando (*overt instruction/conceptualizing*): O conhecimento é trazido em forma de conceitos, classificações e teorias, porém de forma que haja interação entre os professores e alunos durante as atividades, sendo o docente responsável por “alavancar” o aprendizado, unindo o conhecimento existente do estudante ao algo novo.
- Analisando (*critical Framing/analyzing):* O objetivo aqui é estimular a análise, incitar conexões, relações, e também a crítica. Segundo os autores, “aqui, crucialmente, o professor deve ajudar os alunos a desnaturalizar e tornar estranho novamente o que aprenderam e dominaram” (Cope; Kalantzis,2005, p. 4, tradução minha)[46] .
- Aplicando (*transformed practice/applying*): O objetivo aqui é aplicar o conhecimento no mundo, de forma criativa e apropriada, em situações reais ou simuladas, e em diferentes contextos.

Abaixo, um esquema com as funções/orientações da pedagogia e seus “processos de conhecimento”:

Figura 17 - A pedagogia dos multiletramentos



Fonte: Cope e Kalantzis (2021, p. 44)

45 Do original: “one key pedagogical weaving is between school learning and the practical out- of- school experiences of learners” (Cope; Kalantzis 2015, p. 4).
46 Do original: “here, crucially, the teacher must help learners to denaturalize and make strange again what they have learned and mastered (Cope; Kalantzis 2015, p. 4).

O objetivo não é fornecer um modelo de sequências a ser seguido, mas sim expandir o repertório de professores e alunos, e "nesse sentido, a pedagogia se constitui como um design de sequências de ação de conhecimento que possam atender a domínios sociais e acadêmicos distintos: escolher o tipo de atividade, sequenciar, estabelecer as transições e determinar os resultados" (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 80).

Conectado ao "como", o "o que" da pedagogia dos multiletramentos baseia-se principalmente no conceito de design. Tal concepção refere-se ao constante processo de organização e reorganização de currículos e procedimentos escolares, provocando mudanças nas formas de aprendizado, pois consideram as necessidades específicas dos alunos. Assim, os usuários dos multiletramentos estão em frequente processo de replanejar suas práticas ao executá-las, uma vez que observa diferentes culturas e identidades dos sujeitos. Esses participantes são ativos nesse processo, e não reprodutores.

> O design é premeditado, uma série de fases explícitas de ação. Cada um dos Processos de Conhecimento é uma forma de ver e pensar, uma orientação para o mundo, uma orientação epistemológica, uma sensibilidade ou uma forma de sentir, e para momentos mais curtos ou mais longos, uma forma de estar em relação ao mundo conhecido". (Cope; Kalantzis, 2005, p. 29, tradução minha).[47]

> A nossa noção de "Learning by Design" aplica-se tanto a professores como a alunos. Para professores, pretendemos identificar o alcance e a sequência dos movimentos epistemológicos que estão na base do seu ensino. Os professores tornam-se designers à medida que escolhem o leque de atividades que trarão ao ambiente de aprendizagem, planejarão a sequência, e refletirão sobre os resultados da aprendizagem durante e após a aprendizagem. Esta atividade de concepção é, em si mesma, um processo de aprendizagem profissional. Para os alunos, quando os Processos de Conhecimento são explicitamente nomeados, eles desenvolvem a consciência dos diferentes tipos de coisas que podem fazer para ter conhecimento. Cada vez mais, tornam-se designers dos seus próprios conhecimentos e assumem um maior controle sobre a sua aprendizagem (Cope; Kalantzis, 2005, p. 31, tradução minha).[48]

---

47 Do original: "Design is premeditated, a series of explicit stages of action. Each of the Knowledge Processes is a way of seeing and thinking, an orientation to the world, an epistemological take, a sensibility or way of feeling, and for shorter or longer moments in time, a way of being in relation to the knowable world" (Cope; Kalantzis 2015, p. 29).

48 Do original:" Our notion of *Learning by Design* applies both to teachers and learners. For teachers, we mean to identify the range and sequence of epistemological moves that underlie their teaching. Teachers become designers as they select the range of activities they will bring to the learning environment, plan their sequence, and reflect on learning outcomes during and after the learning. This design activity is itself a professional learning process. For learners, when the Knowledge Processes are explicitly named, they develop conscious awareness of the different kinds of things they can do to know. Increasingly, they become designers of their own knowledge and take greater control over their learning" (Cope; Kalantzis, 2015, p. 31).

De maneira resumida, o design é embasado em três definições: *available designs,* aquilo que é conhecido, disponível e oferecido, seja pelas formas de representação, pelos recursos do contexto, da cultura e das convenções; o *designing*, ação sobre o que conhecemos, ou seja, caracteriza-se pela possibilidade de mudar um conteúdo já conhecido para dele se apoderar; e o *redesigned,* as transformações feitas em novos projetos, uma nova interpretação de acordo com a nossa experiência e memória, levando à transformação do texto[49]. Ressalta-se que:

> A noção de design destaca o fato de que, em cada ato de percepção visual e na criação de cada imagem mental, acrescentamos algo de nós mesmos. O artista vê aspectos de uma montanha que quer comunicar; o frequentador da galeria, do mesmo modo, vê aspectos da pintura do artista que considera interessantes ou atraentes (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 258).

Assim, essa capacidade de produzir é o que mais representa o termo "design". Ressalta-se o sentido de construir juntos, de forma colaborativa. Não se trata apenas de utilizar novas técnicas, mas sim de uma pedagogia que crie o senso de crítica. É necessário questionar métodos práticos de como utilizar a tecnologia para ensinar gramática, e se voltar para estimular a crítica, problematizando e desconstruindo conceitos engessados, que estão além do texto.

Pode-se entender, assim, que esse processo de criação de significados deve ser um processo de transformação, e não de mera replicação, devendo inclusive superar a cópia e alterar o significado que havia sido dado em um primeiro momento. Deve-se olhar para os alunos como agentes ativos em relação ao seu aprendizado, e não como seres passivos, meros reprodutores do que é passado. Freire, ao descrever a educação bancária, discorre sobre a importância de os alunos serem sempre agentes do seu aprendizado, a fim de que os educandos "desenvolvam seu poder de captação e compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação" (Freire, 2018, p. 100).

Cumpre destacar que um importante aspecto dessa pedagogia:

> Disso inferimos que uma pedagogia de multiletramentos coloca-se, essencialmente, como proposta inclusiva, na medida em que não olha apenas para a multiplicidade das novas tecnologias, mas sim e, sobretudo, para a

49 'The multiliteracies view of design has three aspects: (available) designs (found representational forms); the designing one does (the work you do when you make meaning, how you appropriate and revoice and transform available designs); and the (re-)designed (how, through the act of designing, the world and the person making meanings are transformed)" (Cope; Kalantzis 2013, p. 3).

> visibilidade da diferença e da subjetividade nos novos tempos. (Duboc, 2015, p. 669).

Além disso, deve-se considerar a multimodalidade, já mencionada, como o mais eficiente meio para construção de significado, pois "o significado é feito de formas cada vez mais multimodais em que os modos de significado escrito linguístico fazem interface com padrões de significado oral, visual, auditivo, gestual, táctil e espacial"[50] (Cope; Kalantzis, 2015, p.3, tradução minha). A pedagogia relaciona-se com conhecimento e significados:

> A pedagogia dos Multiletramentos, no entanto, tal como articulada no *Learning by Design,* é uma teoria epistemológica da aprendizagem. O conhecimento não é (apenas) o produto que acaba na nossa mente. É o que nós fazemos e construímos. A aprendizagem é uma consequência de uma série de ações de conhecimento, utilizando meios multimodais para externalizar o nosso pensamento. Contamos com as próteses cognitivas da escrita, computadores, diagramas, gravações de imagem e som, e afins. A aprendizagem consiste em formas de agir dentro e com estas mídias (Cope; Kalantzis, 2015, p. 32, tradução minha)[51].

Sabe-se da importância das línguas e da maneira como elas contribuem para a construção do mundo ao nosso redor, sendo de extrema importância no mundo educacional. Especialmente quando falamos em ensino de língua, devemos considerar que não se trata de ensino de código, com função comunicativa apenas, mas como forma de acesso à cultura do outro. Por que construímos sentidos da maneira como construímos? Como alunos constroem sentido? Qual é o papel do professor nessa relação?

Um pertinente conceito a ser mencionado é a existência de "raciocínios disciplinadores". Nós "acostumamo-nos" com certas interpretações de textos e de imagens também. Monte Mór, por meio de analogia em relação aos estudos de Bourdieu sobre o poder simbólico da linguagem, avaliou que essa mesma lógica pode ser usada quando falamos em construção de sentidos. Ou seja, quando Bourdieu fala em *habitus* linguístico, quer dizer que a língua e a linguagem são reguladas por forças políticas, sociais e culturais dominantes, que levam os usuários a usar uma língua padrão estabelecida, socialmente aceita, reforçando esse

---

50 Do original: "meaning is made in ways that are increasingly multimodal— in which written- linguistic modes of meaning interface with oral, visual, audio, gestural, tactile, and spatial patterns of meaning" (Cope; Kalantzis, 2015, p.3).

51 Do original: "The pedagogy of Multiliteracies, however, as articulated in Learning by Design, is an epistemological theory of learning. Knowledge is not (just) the stuff that ends up in our minds. It is what we do and make. Learning is a consequence of a series of knowledge actions, using multimodal media to externalize our thinking. We rely on the cognitive prostheses of writing, computers, diagrams, image and sound recordings, and the like. Learning consists of ways of acting in and with these media" (Cope; Kalantzis, 2015, p. 32).

poder simbólico. Pode-se dizer, segundo a autora (Monte Mór, 2015, p. 5) que o mesmo acontece com a interpretação – somos levados a interpretar da mesma forma, regidos pelos mesmos poderes. Assim, achamos que interpretamos de maneiras diferentes, porém a questão é mais profunda – os valores e as crenças dominantes estão sempre rondando, com uma influência sutil (às vezes nem tanto), que nos leva a compreender, julgar e nos comportar de uma determinada forma.

Ainda falando de Bourdieu, cumpre enfatizar como o autor ressalta a importância das palavras como modo/instrumento de dominação, quando fala que devemos estar atentos em relação à autoridade que reveste a linguagem, e ao modo como ela representa a autoridade, e não o contrário, pois "O uso da linguagem depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima" (Bourdieu, 2008, p. 87).

É ingênuo, assim, acreditar na neutralidade da palavra como uma instituição autônoma separada de seu contexto social. Podemos dizer que a escola cumpre esse papel, muitas vezes, de autoridade repressora, tendo em vista que tem (foi dada) legitimidade para policiar alunos sobre a maneira correta de usar a língua, e também sobre como interpretar, como se houvesse apenas uma forma apropriada. É preciso reconhecer autoridade que reveste os atos de linguagem, e pensar por que construímos sentidos do modo como construímos, a fim de perceber os raciocínios disciplinadores, formadores do sujeito e da sociedade.

Assim, resta clara a importância de uma educação que enfatize as línguas e os processos de construção de sentidos para o mundo, realçando a percepção de que as línguas são culturalmente diferentes e nos possibilitam várias formas de nos comunicarmos, de entendermos/construirmos o mundo, de fazermos sentido das coisas. Os Multiletramentos enfatizam a importância da expansão de interpretações e perspectivas, e fornecem reflexões essenciais nesse ponto de vista.

Muito esclarecedor, especialmente para os dias de hoje, bastante polarizados (em particular pelo uso das mídias sociais), são os conceitos de bolhas interpretativas e filtros bolhas. O texto de Recuero (2017) sobre a existência de filtros bolha é essencial nessa discussão sobre a construção de sentidos e sobre a relação com as mídias sociais. A tecnologia "abre espaço" para maior participação política, com maior propagação de informações. Porém, de acordo com a pesquisa, as ações dos sujeitos tendem a criar bolhas, em que apenas determinados conteúdos circulam, e "essas bolhas tendem a isolar os atores dentro de grupos onde apenas

alguns tipos de informação circulam, criando uma percepção falsa de EP[52] (onde "todos" falam) e de opinião pública (onde a "maioria" concorda)" (Recuero, 2017, p.3).

Gera-se, assim, a falsa impressão de que estamos tendo contato com as informações mais diversas, mais democráticas, e a partir daí formamos a nossa opinião. Um conceito interessante são as chamadas "câmaras de eco", referindo-se aos grupos fechados ao redor de determinadas ideias. Assim,

> A formação de câmaras de eco em conversações políticas no ambiente online pode constituir uma ameaça ao caráter supostamente democrático da mídia social, pois ainda que supostamente todos possam fazer circular informações, a combinação de filtros sociais, algoritmos e preferências pessoais pode trazer obstáculos ao acesso a informações (Recuero, 2017, p. 8).

Logo, as informações que chegam até nós são filtradas, corroborando a opinião aqui formulada. A impressão era a de que eu escolhia o que queria ver, evitando o que era contrário ao que eu pensava, mas percebi que o que via nas minhas redes sociais já estava selecionado para reforçar o que eu já imaginava, sem espaço para o diferente. A diferença com o *habitus interpretativo* é que nesse há uma possibilidade maior de heterogeneidade, maior abertura para outros pontos de vista, enquanto nas bolhas, como pode-se interpretar as imagens do texto, tende-se ao binarismo, a uma polarização mais rígida.

Nesse ponto, a formação de professores (e assim os professores de língua inglesa) seria de extrema relevância, considerando as novas tecnologias e novas formas de interpretar. Abre-se espaço para muitas possibilidades, pois os alunos podem pesquisar de modo quase instantâneo outras fontes, outros pontos de vista, a favor da construção do diálogo, desconstruindo as *fake news,* por exemplo, ou mesmo colaborando com a *wikipedia,* ao acrescentarem mais dados. Tais atividades aconteceriam mais facilmente com as plataformas digitais do que com o texto impresso.

Gee e Hayes (2011) descrevem o fenômeno do controle social dos sentidos ou controle interpretativo. A escrita permite a separação entre quando e onde algo é dito (escrito) e quando e onde é interpretado, ou seja, pode ser escrito em um lugar e tempo e interpretado em outro lugar e tempo.[53] Isso aconteceu com religião e ciência, por exemplo, onde alguns tinham o poder de dizer o que certos textos significavam e queriam dizer. Mas hoje, com o advento das

52 A autora menciona EP como Espaço público, onde é possível realizar debates políticos e construir opiniões.

53 "One effect of written language is that it defers negotiation over what things mean away from face-to-face communication to what we might call "interpretation police". In oral culture, there is no way to decide what people mean other than by listening to them. (…) writing allows a separation between when and where something is said (written) and when and where it is interpreted" (Gee; Hayes, 2011, p. 41).

mídias, as posições podem se inverter. [54]Os autores falam em crise dos experts, quando a escrita e as novas mídias dão espaço para o colaborativo, ressaltado os multiletramentos:

> A alfabetização deu origem a um mundo de especialistas e instituições que durante muito tempo nos fez um mundo de bons (e alguns de maus) e que nos está matando (literalmente). O mundo é muito complexo para essa noção antiquada de especialistas. Não só a investigação de diferentes tipos de conhecimentos de uma forma colaborativa, com linguagem e métodos recentemente partilhados, é crucial hoje. Mas também a "sabedoria" das pessoas comuns. Hoje, a "pessoa do quotidiano", há muito marginalizada como conhecedora pelos especialistas e pelas suas instituições, está recebendo uma atenção renovada como recurso para a resolução de problemas globais [55](Gee; Hayes, 2011, p. 44, tradução minha).

Na comunicação multimodal, o conceito de design é a condição fundamental de uma prática produtiva, como a capacidade de construir utilizando os diversos meios semióticos. O mundo da comunicação é agora constituído de formas que tornam imprescindível destacar a noção de design, em vez de conceitos como aquisição ou competência.

De forma geral, esses são os principais conceitos que envolvem a teoria dos multiletramentos. Na geração de informações, perguntamos às professoras especialistas sobre a atualidade da teoria no Brasil. A professora Roxane Rojo trouxe seu ponto de vista sobre as adjetivações que surgiram, deixando claro que o que mais faz sentido para ela é o termo Multiletramentos, por ainda se mostrar atual e abrangente o suficiente e, por esse motivo, ainda fazer parte de suas pesquisas, pois se mostra eficiente quando traz contribuições nas áreas da educação e das linguagens:

> (Roxane Rojo, *live*): Embora seja um conceito cunhado há bastante tempo, no final dos anos 1990 do grupo de Nova Londres, meu contato com isso vem depois. Embora haja também uma profusão de novos conceitos a partir do conceito de letramento, como transletramento, eu continuo achando não só o conceito como também a abordagem dos dois, do Cope e Kalantzis, a mais interessante. Então, em vez dos outros letramentos, digital, transletramento, etc. acho que todo conceito acrescenta alguma visão particular, mas acho que

54 Do original: “Humans has always contested and fought this erosion of their powers of knowing. Historically, it often has been a losing battle in face of the massive scale of science and religion, and the ways both are often supported by the powers of state in the modern world. But the tide of battle, perhaps, is changing. As we have seen, experts and institutions, and their claims for trust, are in crisis. Digital media are both contributing to this crisis and offering some ways out of it” (Gee; Hayes, 2011, p. 53).

55 Do original: “Literacy gave rise to a world of experts and institutions that for a long time did us a world of good (and some bad) and it is killing us (literally). The world is too complex for this old-fashioned notion of experts. Not only is polling different sorts of expertise in a collaborative fashion, with newly shared language and methods, crucial today. So is the “wisdom” of everyday people. Today, the ‘everyday person’, so long marginalized as a knower by experts and theis institutions, is receiving renewed attention as a resource for solving global problems” (Gee E Hayes, 2011, p. 44).

> a abordagem deles é ampla o suficiente para o conceito se manter, tanto é que eu mudei de objeto de pesquisa várias vezes, estou mudando de novo e continuo mantendo o conceito de multiletramento... mas novos letramentos, transletramento nem tanto. Eu acho que são conceitos mais adjetivos que não pegam o cerne do fenômeno, então eu continuo achando, apesar de já fazer muitos anos que o conceito foi cunhado, que ele continua muito atual e amplo o suficiente para poder trabalhar com várias coisas.

A professora Rojo não acredita que as adjetivações, todas mencionadas acima, são abrangentes o suficiente como o termo Mutiletramentos, e por esse motivo ainda faz uso dele em suas pesquisas, afirmando que os outros termos, como os novos letramentos, os letramentos digitais, trabalham na sua especificidade. Justifica dizendo que o conceito de design*,* que implica a possibilidade*,* já explicitada acima, de criar e transformar ainda tem muito com o que colaborar, se pensarmos nas diferentes linguagens e significações: "o efeito que provocou em mim essa ideia de que eu posso pensar em *designers* de significação, em todas as linguagens (...) De fato, entender como funciona a linguagem do corpo, a linguagem da imagem estática, o cinema, o *remix,* enfim, cada gênero das diferentes linguagens" (Roxane Rojo, *live*).

Em relação ao termo design, como dito previamente, é o que permite a criação, a criatividade dos alunos, diversas possibilidades de, inclusive, entender as variadas formas de linguagem, e, assim, expandir as formas de adquirir conhecimento, acompanhando as diversas mudanças na sociedade.

Walkyria Monte Mór concorda e chama a atenção para o fato que sim, a teoria dos Multiletramentos é uma grande aliada quando pensamos em mudanças educacionais, mas os fundamentos da teoria, baseados nas ideias de Freire, já estavam sendo estudados antes da publicação do manifesto. No Brasil, por exemplo, desde a década de 1980, reforçadas pelo Projeto Nacional de Letramentos (Duboc, Feeraz, Monte Mór; Ferraz, 2021), as preocupações com o futuro da educação já estavam em pauta:

> (Walkyria Monte Mór, *live*): o que que eu quero chamar a atenção é que aqui no Brasil, apesar das pessoas identificarem que isso vem do *New London Group,* pra nós do projeto de letramentos, eles já desenvolveram essas ideias a partir de Freire, a partir desses estudos que já eram realizados aqui no Brasil, as discussões, tanto que todos eles citam Freire como sendo um pensador que os estimulou a repensar o que eles pensavam antes. Então eu coloquei aqui, acrescentei mais uma coluna na nessa minha divisão falando que no Brasil tudo isso aqui já vinha sendo discutido por várias pessoas. Então, educação, ideologização, pós-colonialismo, letramentos, letramentos críticos, colonialidade, decolonialidade são termos que, desde a década de 1980, a gente já vinha discutindo. Um exemplo disso é a tese de doutorado do Lynn Mario que chama "o rato que ruge", que já era uma proposta de discutir essa ideia do colonialismo e pós-colonialismo aqui no Brasil no ensino de línguas; e também o meu mestrado que se chamou "o aspecto ideologizante do ensino de línguas no Brasil", de língua inglesa, que eu falei no Brasil e durante um

> tempo esses foram trabalhos que ficaram um pouco patinando porque parece que eles não tinham tanta aderência ainda, a julgar a forte influência estrangeira que a gente sempre teve no Brasil, das corporações dos consulados etc nessa busca pela língua estrangeira no caso língua inglesa, e ampliação do status dela e da presença dela no Brasil. E aí a partir disso emerge o Projeto Nacional, eu coloco aqui também nessa lista, depois eu posso disponibilizar os temas todos, nós temos os focos e teorizações todas com as quais a gente trabalha e vocês vão ver que a gente já trabalha com essas noções há muito tempo, só pra responder para as pessoas que acham que nós do Projeto Letramentos estamos seguindo as pessoas do *New London Group*. Nós somos colegas dele, estamos em contato com eles, mas eu sempre enfatizo que o nosso projeto abraçou todos eles, e nós já vínhamos com essas preocupações e com essas pesquisas desde a década de 1980.

Quando falamos da teoria dos Multiletramentos, Monte Mór deixa claro que não é uma teoria nova e o que o assunto já vem sendo estudado, baseado nas ideias de Freire. O autor já trazia, desde a década de 1980, os fundamentos nos quais se baseou a primeira geração dos estudos de letramentos no Brasil, como dito anteriormente, com uma mudança de perspectiva do ensino não somente linguístico, mas também contextualizado, conectado às práticas sociais. Além disso, os estudos sobre colonialidade/descolonialidade, ideologização, reflexões sobre o ensino da língua inglesa no Brasil, já estavam sendo discutidos naquele momento.

O Projeto Nacional de Letramentos[56], que desde 2009 conta com inúmeros parceiros colaboradores de universidades públicas brasileiras e instituições internacionais,visa discutir esses tópicos, abordando a educação de língua estrangeira com uma perspectiva crítica, e levando em conta as questões de digitalidade em sala de aula. Em seus dois ciclos (2009-2015 e 2016-2021) os participantes buscaram ações que olhassem para as políticas de ensino de língua, oferecendo cursos para professores de escola pública e acordos internacionais.

Tudo isso levou ao Ciclo III do Projeto Educação Linguística, Formação Docente, Políticas e Decolonialidade, dando continuidade às pesquisas "Como resposta à observação de Freire sobre a forte colonialidade manifestada na relação oprimido - opressor brasileiro uma relação desigual, fechada, colonialista e escravista na sociedade hierárquica brasileira dos anos

56 "O projeto iniciou-se informalmente em 2009 com a participação de nove universidades públicas. Foi cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq, em 2010, como "Projeto Nacional de Formação de Professores: Novos Letramentos, Multiletramentos e o Ensino de Língua Inglesa" (2009-2015), já com a participação de treze universidades públicas. Gradativamente, ampliou-se. Em seu segundo ciclo, está cadastrado como "Projeto Nacional de Letramentos: Linguagem, Cultura, Educação e Tecnologia" (2015-2019), contando atualmente com a participação de cerca de trinta universidades, de diversas regiões brasileiras. A adesão dos colegas ao projeto nacional ocorreu desde o início por "afinidade com o tema e os propósitos" daqueles que se propunham / propuseram: a desenvolver pesquisas e levantamentos; a ofertar seminários e cursos como educação continuada a professores de línguas da educação básica nas regiões de suas universidades; a fazer publicações sobre esses estudos, e a compartilhar as experiências desse projeto por meio de livros e de eventos acadêmicos." Mais informações no link: https://letramentos.fflch.usp.br/historico

60, que não foi superada desde os velhos tempos"[57] (Duboc; Ferraz; Monte Mór, 2021, p. 138, tradução minha). Freire inspirou e influenciou os pesquisadores de todo o mundo, conforme dito pela professora, o que significa que os estudos dos letramentos no Brasil não foram influenciados pelas teorias estrangeiras, como podem pensar ou como comumente se pensa, e sim o contrário.

Não se trata, portanto, de uma grande novidade, mas ganharam o mundo somente após a publicação do manifesto, com a participação dos especialistas majoritariamente europeus e americanos, o que nos faz repensar qual valor é dado ao que é produzido em nosso local, como resquício do colonialismo. Esse tema será abordado em outro capítulo, quando refletirmos sobre a incorporação da teoria no contexto brasileiro. Na próxima seção, nos atentaremos mais especificamente ao uso do termo na BNCC e suas implicações.

3.1.3 – Os Multiletramentos e a BNCC

O tema BNCC foi constante nas rodas de conversa, bem como nas entrevistas com as especialistas, e por esse motivo não poderia deixar de fazer essa menção neste capítulo. O interesse justifica-se pois o termo Multiletramentos é mencionado na BNCC em diversas passagens:

> (Professora Vanessa, roda de conversa 2): basicamente é multiletramentos em todas as áreas em todos os componentes curriculares. Então, por mais que eu não vá trabalhar com multiletramento, não vai ser meu objeto, não pretendo macerar meu objeto de pesquisa com multiletramentos, mas para eu entender melhor o documento, porque o documento é o meu objeto, eu tive que buscar e entender.

A BNCC[58], em sua versão para o Ensino Fundamental a partir do 6º ano, traz uma divisão por componente curricular. Para o ensino de língua inglesa e para cada ano da Educação Básica, as seguintes seções são discriminadas: ano/faixa; eixo; unidades temáticas; objetos de conhecimento; e habilidades. Em relação ao termo utilizado, competências e habilidades,

57 Do original: "As a response to Freire's observation (1996 [1968]) about the strong coloniality manifested in the Brazilian oppressor– oppressed relationship—an unequal, closed, colonialist, proslavery relationship in the hierarchical Brazilian society of the 1960s that has not been overcome since old times" (Duboc; Ferraz; Monte Mór, 2021, p. 138).

58" Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das unidades federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil." Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em 01/08/2022.

importante citar aqui a relevante discussão de Fairclough (2001) sobre o conceito de comodificação do discurso educacional:

> o conceito de habilidade tem implicações normativas, passivas e objetificadoras; todos os indivíduos adquirem elementos de um repertório social comum de habilidades, por meio de procedimentos de treinamento institucionalizados e supondo-se que as habilidades sejam transferíveis a contextos, a ocasiões e a usuários de um modo que deixa pouco espaço à individualidade (Fairclough, 2001, p. 257).

É preciso trazer aqui a discussão sobre a adequação do termo e suas consequências. O que significa falar em habilidades e competências no contexto escolar? É necessário questionar a existência desse sentido de treinamento, homogêneo e padronizado para todos os alunos e todos os contextos. Qual é a educação que irá surgir de um currículo que fala em (in)competência?

Apenas para citar de maneira breve, o documento menciona expressamente os multiletramentos nas especificações de habilidades de língua inglesa para o Ensino Fundamental:

> A segunda implicação diz respeito à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico (Brasil, 2018, p. 242).

Como competência específica, esclarece que "utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável" (Brasil, 2017, p. 246).

Já para o Ensino Médio, ao mencionar também os multiletramentos de forma explícita, menciona que "essa perspectiva já apontava para usos cada vez mais híbridos e miscigenados do inglês, característicos da sociedade contemporânea" (Brasil, 2018, p. 484). Em habilidades específicas, estabelece que:

> Para tanto, é necessário não somente possibilitar aos estudantes explorar interfaces técnicas (como a das linguagens de programação ou de uso de ferramentas e apps variados de edição de áudio, vídeo, imagens, de realidade

> aumentada, de criação de games, gifs, memes, infográficos etc.), mas também interfaces críticas e éticas que lhes permitam tanto triar e curar informações como produzir o novo com base no existente (Brasil, 2018, p. 497).

Esses foram apenas alguns trechos retirados do documento, mas neles percebe-se o diálogo com termos utilizados na pedagogia dos multiletramentos, como design, construção de significado/sentido. Da maneira análoga, há de se fazer aqui as mesmas considerações realizadas acima em relação aos conceitos de habilidade e competência, deixando claro que existe uma demanda para o mercado de trabalho. Nas especificações gerais para o Ensino Médio, há algumas considerações sobre a ênfase no trabalho, porém "atenuando" e apontando o destaque para a construção da criticidade:

> Essas experiências, como apontado, favorecem a preparação básica para o trabalho e a cidadania, o que não significa a profissionalização precoce ou precária dos jovens ou o atendimento das necessidades imediatas do mercado de trabalho. Ao contrário, supõe o desenvolvimento de competências que possibilitem aos estudantes inserir-se de forma ativa, crítica, criativa e responsável em um mundo do trabalho cada vez mais complexo e imprevisível (Brasil, 2018, p. 465).

Ressalta-se que o manifesto dos ML de 1996 referia-se muito ao preparo para o mundo do trabalho, sendo criticado por focar as demandas neoliberais e mercadológicas, ao mencionar habilidades e competências como atributos individuais (as mesmas críticas apontadas acima em relação aos termos da BNCC). Ao serem incorporadas ao currículo, passam a ser cobradas nas avaliações. Luke (2018), que participou da redação do manifesto, em uma entrevista relatou preocupação com relação ao sentido dos multiletramentos, que têm sido alvo de comercialização, tendo seu uso remetido a abordagens e métodos oferecidos pelas empresas educacionais. Isso pode causar o enfraquecimento do olhar para as diversidades locais, culturais e linguísticas, resumindo a relação interativa dos multiletramentos a instrumentos pré-estabelecidos.

Os autores consideraram que essas críticas e a pedagogia passaram por uma fase de amadurecimento/reformulação, preocupando-se com a questão da criticidade na formação dos alunos, e na relação com os designs. É importante valorizar o papel da agência na construção de significado, conforme destacam os autores, já combatendo, em certo sentido, a crítica feita em relação à ênfase no mercado de trabalho:

> As implicações pedagógicas dessa mudança na concepção que subjaz o significado são enormes, pois uma pedagogia dos multiletramentos requer que

> reconheçamos o papel central da agência no processo de construção de significado. Por meio desse reconhecimento, busca-se, assim, criar uma pedagogia mais produtiva, relevante, inovadora, criativa e até emancipadora. Nesse sentido, o trabalho com letramentos na escola não se reduz a habilidades e competências, mas visa contribuir para formar alunos que sejam designers ativos de significado, com sensibilidade aberta às diferenças, à solução de problemas, à mudança e à inovação. A lógica da pedagogia dos multiletramentos reconhece, portanto, que a construção de significado é um processo ativo e transformador, o que parece ser mais apropriado para o mundo atual de mudanças e diversidades (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 177).

É preciso se atentar às mudanças, para que os ML não sejam apenas mais um nome metodologizado e comercializado, mas entender de uma forma crítica como funcionam. Na prática, vemos professores que não sabem exatamente sobre o termo, que, no entanto, está inserido no documento. Na prática, vemos professores que precisam da formação, para que possam entender que multiletramentos não se resumem a usar "mais" tecnologia, a trocar uma ferramenta por outra, mas envolvem crítica, ter direito à cidadania e não só para o mercado de trabalho. Ser cidadão significa muitas coisas, significa saber votar, participação consciente na sociedade. Ainda, aprender línguas também é cidadania, pois significa acesso à cultura e à diversidade, em um mundo cada vez mais conectado.

Acredito que ter uma base é bom para poder se guiar, para poder ter um senso de organização, estabelecer princípios basilares a serem seguidos, porém desde que seja pensando no aluno, na sua formação, respeitando sua individualidade, e não apenas no mercado de trabalho. É preciso contribuir com formação e não só adquirir competências linguísticas de uma forma tecnicista, atendendo às demandas neoliberais, que têm a "homogeneidade, normatização e universalismos como princípios fundadores" (Duboc, Ferraz, 2018, p .8)[59].

Conforme visto, os parâmetros já estabelecem a forma de ensino de línguas sob essa perspectiva social, crítica e multimodal, e não mais priorizando a forma, e isso deve ser levado em consideração. É preciso, assim, permitir esses múltiplos modos semióticos no espaço escolar, a fim de inserir uma educação linguística que melhor se adéque às demandas contemporâneas, para a formação de sujeitos capazes de manipular os diversos modos semióticos de maneira ética e crítica, ressaltando que "embora a tecnologia não salve a educação (e nem deveria), os letramentos (ML) podem nos dar algumas pistas de como a educação linguística pode lidar com a digitalidade, com os nativos e imigrantes digitais e com as questões de inclusão/ exclusão". (Ferraz, 2018, p. 82).

---

59 "the National Common Core Curriculum, the High School Reform, and the controversial School Without Party movement to see how homogeneity, normatization, and universalism function as their founding principles under a neoconservative/rightist agenda" (Duboc; Ferraz, 2018, p .8).

Sobre a Reforma do novo Ensino Médio[60], estipulado pela Lei de Diretrizes e Bases, a mesma que definiu os princípios da BNCC, muito se fala em relação ao aumento da carga horária e obrigatoriedade do inglês. As principais mudanças, que começaram a ocorrer já em 2022, focam as mudanças da carga horária e a possibilidade da escolha de disciplinas de acordo com áreas de interesse e formação técnica profissional:

> A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade (grifo meu).
>
> Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP. As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar. [61]

Resta claro que essa mudança foca em um ensino tecnicista, pois visa um ensino técnico, obviamente, mirando a formação para o mercado de trabalho. Acredito ser problemático, por reforçar um ensino mecanicista e não voltado para a formação humanista. A lei também estabelece sobre o ensino de línguas:

> **E a língua inglesa? Por que foi escolhida como obrigatória?** Anteriormente, a LDB não trazia a língua inglesa como estudo obrigatório. A Lei nº 13.415/2017 torna o inglês obrigatório desde o 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio. Os sistemas de ensino poderão ofertar outras línguas estrangeiras se assim desejarem, preferencialmente o espanhol.

Os profissionais entrevistados, apesar de serem todos professores de língua inglesa, preocupam-se:

---

60 https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/

61 Retirado do **http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361** Acesso em 04/08/2022.

> (Professor Douglas, roda de conversa 1): o inglês é uma das poucas que vai ser obrigatória, mas eu acho que no geral a carga horária vai diminuir porque atualmente, que eu saiba, - eu não sei em SP - mas pelo menos no Estado, vai diminuir nas turmas de EM; eu tenho duas aulas, e depende de turma para turma. Por exemplo, com EJA é meia hora uma aula, a gente sabe que é pra ser uma hora, mas dá meia hora, ainda mais à noite. Mas com o EM regular é 45, 50 minutos, duas aulas. Que eu saiba vai baixar pra uma, tipo artes, então de certa forma a carga horária de inglês vai ficar menor ainda. Então a única língua estrangeira deles vai ser inglês; matemática e português obrigatórios, mas mesmo assim, vai ter diminuído a carga horária geral, mas pelo menos não tiraram completamente, como tiraram filosofia. Eu acho que só vai ficar no primeiro ano, e sociologia no segundo. Então se já era meio complicado de trabalhar a língua estrangeira, principalmente com foco pro ENEM com, digamos, duas horas por semana, uma hora é menos ainda.
>
> (Professor João, roda de conversa 1): nos documentos, eu não encontrei essa especificidade da carga horária, eles deixam isso mais solto, mais livre, acho que as escolas vão se adequar e ter certa liberdade pra montar essa carga horária. Na nossa escola, eles têm 3 línguas, inglês e francês até o 8º ano, no 9º ano entra o espanhol, e no 1º ano do EM eles indicam alguma língua para cursar ao longo de todo o EM. Então eu tenho aluno que faz cultura inglesa há 5 anos, não tem por que ele fazer inglês, ele já fala, ele já tem uma certa fluência, então (certamente) ele vai para o francês ou vai para o espanhol. Então a gente consegue, nesse sistema, trabalhar com turmas reduzidas. Agora essas mudanças nos afetam diretamente, o que a gente vai fazer com francês e com o espanhol, vai simplesmente parar de oferecer? Não dá. Então a gente tá pensando em como garantir que a gente cumpra a lei, que a gente ofereça o inglês como é obrigatório, mas que, de alguma maneira, eles também mantenham o francês e o espanhol, porque a gente acha que empobrece o currículo dele. Então como que a gente pode pensar em alguma alternativa, estamos quebrando a cabeça lá.
>
> (Professora Clara, roda de conversa 1): E, na verdade, os estudantes não entenderam ainda esse impacto que vai ser. Eles estão achando o máximo, 'ah, mas vai ter menos aula de português, vai ter menos aula de matemática, legal' eles não tão entendendo ainda esse impacto que vai ser. Eu também estou preocupada, é triste a gente ver uma mudança que a gente sabe não vai levá-los em um caminho que deveria levar. Eu vejo muito isso, o novo ensino médio quer colocar a formação técnica como "ok, é isso que dá para vocês, seja feliz". E, como eles falaram, eu vi numa entrevista que a universidade tem que ser para poucos, então eles estão colocando isso na cabeça do estudante, que é muito difícil chegar, e talvez eles tendo uma formação técnica já está ok…eu vejo bem assim.

A partir dessas falas, fica claro que há uma preocupação com as mudanças que irão ocorrer e que os professores estão apreensivos em relação à formação e à qualidade do ensino. Qual o motivo de se escolher o inglês como língua obrigatória? Seria para obedecer às demandas neoliberais? Por que não acolher a diversidade, um olhar para abarcar a pluralidade, tendo em vista que há outras línguas a serem contempladas? Nas palavras do professor, e eu

concordo com essa visão, isso empobrece o currículo, a formação, dificultando o processo de enxergar o outro.

Outro ponto problemático é a diminuição da carga horária e a redução de matérias, como filosofia, ou seja, matérias que estimulariam o pensamento crítico, a reflexão, a criação. Mais uma vez, ponderamos: quais os ganhos, e para quem, de se formarem sujeitos menos conscientes, com dificuldade de interpretação? O que não nos deixa desanimar é que há professores que têm entendimento e convicção das consequências que essas mudanças podem causar, e lutam como podem, como arrumando um jeito de ainda conseguir ofertar outras línguas estrangeiras, trazendo essa observação para a discussão com os próprios alunos, para que possam pensar sobre as suas respectivas escolhas. A universidade deve ser para todos aqueles que desejam, como uma opção acessível que pode sim ser alcançada, se assim pretenderem.

Outrossim, o utilitarismo parece ser o princípio orientador de tais documentos, se analisarmos as línguas e o foco no ensino técnico. Isso seria mostrar aos alunos que as chances deles são essas, ensino técnico, limitando perspectivas, esperanças, fazendo com que eles se "conformem", de certa forma, com um destino dado. Não há nada de errado, claro, em uma carreira mais profissionalizante, cujo objetivo seja cumprir demandas que atendam ao mercado de trabalho, mas a escolha deve ser dos alunos. Novamente, a quem serve o estímulo de políticas públicas que estimulem sujeitos com visão mais limitada sobre o seu próprio futuro?

Ao dispor sobre os desafios da formação docente, tema do nosso próximo capítulo, Ferraz (2021) preceitua:

> uma leitura profunda de todos eles [os documentos, quais sejam, a BNCC, a Reforma do Ensino Médio e Escola Sem Partido] aponta um retorno ao tradicionalismo, aos que entendem por "educação neutra", aos universalismos do tipo de educação *one-fits-all*. Este é o desejo das novas políticas públicas educacionais e linguísticas do governo brasileiro e de seus representantes em âmbito federal, estadual e municipal a partir de 2016/2017 (Ferraz, 2021, p. 189).

Assim, devemos nos atentar ao fato de que parâmetros podem trazer benefícios, como senso de organização, mas não devem determinar o tipo de ensino oferecido. É preciso considerar quais são os propósitos de se oferecer uma educação que foque o mercado de trabalho e a formação técnica e não necessariamente o desenvolvimento crítico. É necessário que os alunos sejam motivados a seguirem e a serem o que quiserem, e é dever nosso, de professores, da sociedade, mostrar a eles que há possibilidades e oportunidades – e que restringir e limitar escolhas seria uma injustiça e retrocesso.

O que aprendi com os (multi)letramentos

Aprendi que os ML estão além das tecnologias e devem atuar como prática social. Entendi que a tecnologia por si mesma não salva, e que essas reflexões devem permear minhas aulas. Neste capítulo discorremos sobre o termo letramentos, bem como as demais terminologias e adjetivações vindas com ele, como letramentos visuais, letramentos críticos, novos letramentos, com maior ênfase nos multiletramentos. Além disso, mencionamos a inserção do termo multiletramentos na BNCC, bem como a visão dos professores da rede pública e das professoras especialistas.

Aprendi a refletir e a olhar para questões muito profundas que surgiram e nos fazem considerar nossas práticas, assim como questionar pontos de políticas públicas. Não é o objetivo aqui trazer respostas para esses questionamentos, mas são demandas que devem permear a nossa reflexão. Devemos pensar em quais seriam as "soluções" que incluam a diversidade/singularidade dos alunos e do contexto, porém nos preocupando com "fórmulas" que muitas vezes podem se mostrar excludentes. É necessário olhar para esses modelos que focam o "treinar" professores e não formar, esse é o tema do próximo capítulo.

3.2 – FORMAÇÃO DOCENTE E OS MULTILETRAMENTOS

O termo mutiletramentos foi muito bem aceito e amplamente utilizado desde sua criação, porém a teoria já passou por uma série de críticas, passíveis de reflexão. Uma delas é que o termo tenha se tornado sinônimo de tecnologia, embora não abarque apenas isso. Como mencionado acima, trata-se de práticas que devem ser vistas com o social, que não devem ser utilizadas apenas como ferramentas, e devem ser utilizadas a favor da crítica, levando em consideração as diferentes realidades.

Assim, é de suma importância o debate que essas mudanças trazem quanto à forma como a digitalidade dos novos tempos faz emergir um novo entendimento de língua/linguagem, texto, gênero, leitura, escrita e autoria, dentre outros temas, e o que isso muda em relação à formação docente – ou o que deveria mudar. Essas novas maneiras de se ver o mundo tornam imperativa a necessidade de repensar e reavaliar processos de ensino de línguas, que superem as estruturas fixas e as fórmulas, daí a possibilidade de surgirem estratégias que vinculem culturas, tecnologias, práticas sociais ao contexto e às vivências dos envolvidos.

O objetivo deste capítulo é fazer reflexões em relação à formação de professores e à teoria dos multiletramentos, bem como alguns conceitos relacionados ao uso de tecnologias. Também serão feitos alguns comentários sobre as formas de avaliação, como consequência da formação docente que leva em conta o desenvolvimento crítico do aluno.

Antes de seguirmos, porém, apresento uma revisão de literatura sobre formação docente e multiletramentos, focando pesquisas do Brasil, na última década.

3.2.1 – Formação docente

O fenômeno da globalização trouxe questões que nos fazem pensar, agir e nos comunicar de modo diferente, evidenciando a nova realidade e a inevitabilidade do uso das ferramentas digitais. Iniciando a discussão, considero de fundamental importância os conceitos de TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação – a ferramenta em si), TAC (Tecnologias para Aprendizado – a ferramenta utilizada para fins educacionais) e TEP (Tecnologias para Empoderamento e Participação) nesse processo de construção de sentido. Quando se pensa no ambiente educacional, tendo em vista as tecnologias e os ambientes virtuais, os AVA's [62]

62 Ambiente Virtual de Aprendizagem – ambiente de aprendizagem disponível na internet.

avançam cada vez mais–, reforçados pela epidemia de Covid-19. Como já mencionado, o progresso das TAC's é inegável, embora, por si só, elas não sejam suficientes para que os alunos alcancem um aprendizado nos moldes dos letramentos como prática social. Há necessidade de os professores utilizarem as ferramentas de forma crítica, permitindo que os alunos reflitam sobre o seu processo de aprendizado e se empoderem dele:

> para que possa alcançar um nível de autonomia suficiente que lhe permita libertar-se dos métodos prescritivos e fechados em procedimentos que não consideram as realidades locais de ensino, é essencial que esse professor tenha uma formação voltada para o desenvolvimento crítico e reflexivo, proposta que aqui apresentamos resgata a necessidade de ressignificação das TIC em TAC, e avança em direção a um novo passo, necessário ao desenvolvimento da autonomia que se espera do professor no contexto de ensino orientado pelos princípios do Pósmétodo: o uso das tecnologias para o empoderamento e participação (TEP) (Albuquerque-Costa, Mayrink, Oliveira 2020, p. 202, grifo meu).

O conceito de mediação está muito relacionado aos multiletramentos, tendo em vista que vê a tecnologia como uma ferramenta importante no processo de aprendizagem, mas não se trata somente disso, pois sozinha ela não dá conta da complexidade do processo. Trata-se de uma "nova" atitude, do professor e do aluno: o estudante adquire uma postura mais ativa, como um aprendiz participativo, e o docente deve, assim, ser orientador, facilitador, consultor, "alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os mesmos objetivos; numa palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica" (Masetto, 2000, p. 142). No mesmo sentido, outros autores também falam sobre a função do professor:

> O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda os alunos a encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e cada aluno. Ele tem de ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas). Isso exige profissionais melhor preparados, remunerados, valorizados. Infelizmente não é o que acontece na maioria das instituições educacionais (Moran, 2015, p. 24).

Resta claro que professores, motivados e bem remunerados, devem ser formados, a fim de se preparar para as velhas questões da sala de aula (como melhorar a educação e fazer diferença na vida do aluno), mas com novos desafios: as tecnologias. Entretanto, o próprio autor cita exemplos de vários modelos educacionais mais inovadores (Moran, 2015, p. 20), inclusive

de escolas que não fazem tanto uso da tecnologia, como a Escola de Todos (nome fictício), mas que mesmo assim são consideradas progressistas, baseadas em projetos, no sentido de oferecer aos alunos uma visão de mundo menos engessada. O trabalho dessa escola, especificamente, eu conheço pessoalmente e confirmo que é diferenciado de outras escolas municipais da capital, com poucos recursos fazem um trabalho admirável nessa tentativa de transformação. Apenas para exemplificação, as turmas têm aulas no mesmo salão, de maneira simultânea, o que já reduz a ideia de separação física em "séries", aumentando contato entre alunos e professores de matérias diferentes.

Retomamos aqui o tema dos multiletramentos e a sua relação com a tecnologia, em razão da digitalidade. Resgatando que os multiletramentos enfatizam o uso de múltiplas modalidades (espaciais, táteis, visuais, auditivas), com uma infinidade de possibilidades, que podem ser trabalhadas em conjunto, de forma complementar, para que haja consistência no processo. Um ponto importante que merece ser mencionado é "não se pode pensar no uso de uma tecnologia sozinha ou isolada. Seja na educação presencial, seja na virtual, o planejamento do processo de aprendizagem precisa ser feito em sua totalidade e em cada uma de suas unidades" (Masetto, 2000, p. 155), considerando assim no conjunto:

> A partir da (super) sobreposição da imagem sobre a palavra escrita, principalmente no mundo digital e nos meios de comunicação, surge o que Kress (2003) denomina "multimodalidade". O autor parte do princípio de que todos os textos são multimodais e que nenhum texto pode existir em apenas um modo (mode). Kress e Van Leweeen (1996) definem, nos estudos sobre multimodalidade, que há outros elementos além do linguístico que compõem o texto, tais como a imagem, o gestual, o auditivo e o espacial (Nascimento; Eluf, 2018, p.110).

Considerar o conceito de multiletramento e compreendê-lo no contexto atual requer uma releitura dos cursos de formação de professores e uma busca por processos inovativos no intuito de gerar uma reflexão sobre novas práticas que possibilitem o desenvolvimento da capacidade de leitura e compreensão do mundo, e não apenas de conteúdo. Segundo Rojo (2012, p.8):

> trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (Rojo, 2012, p. 8).

No que concerne à formação de professores para atuação nesse contexto, de um novo *ethos*, é necessário repensar como esses profissionais, dentro de seus contextos de formação, visualizam essas práticas de letramentos em suas atuais ou futuras práticas docentes. Como dito no capítulo anterior, Knobel e Lankshear (2007) retrataram o novo *ethos* como uma transformação no entendimento dos conceitos de língua, linguagem, sujeito, ensino, impulsionados pela digitalidade, o *new technical stuff*[63]. Ou seja, o raciocínio de que os:

> novos letramentos são mais "participativos", "colaborativos" e "distribuídos" na essência do que os letramentos convencionais. Ou seja, eles são menos "publicados", "individualizados" e "centrados no autor" do que os letramentos convencionais. Eles também são menos "dominados por especialistas" do que os letramentos convencionais. As regras e normas que os regem são mais fluidas e menos rígidas do que aquelas que normalmente associamos com letramentos convencionais[64] (Knobel; Lankshear, 2007, p. 9, tradução minha)

As novas tecnologias abarcam novas práticas, mas são as experiências em si, no contexto em que estão inseridas, a questão central para os letramentos, insistindo da mudança de entendimento de como conduzir a educação nesse cenário. Novas tecnologias impõem mudanças ao professor. Deve-se se atentar ao fato de que em condições informatizadas e tecnologizadas, "o professor pode sentir-se pressionado pela variedade de opções de atividades pedagógicas e metodológicas e acabar por optar pelas "velhas" fórmulas, "*old wines in new bottles*" (vestir nova roupagem em prática antiga)" (Nascimento; Eluf, 2018, p.110).

Como dito anteriormente, surge aí um maior aprofundamento no estudo sobre os (novos, multi) letramentos – o aumento das ferramentas digitais inclui um novo *ethos*, novos pensamentos, e assim, os participantes costumam ser mais participativos, colaborativos, envolvendo diferentes aspectos sociais e culturais, diferentes valores e prioridades, como autoria mais diluída.

---

63 Do original: "We think that what is central to new literacies is not the fact that we can now "look up information online" or write essays using a word processor rather than a pen or typewriter, or even that we can mix music with sophisticated software that works on run-of-the-mill computers but, rather, that they mobilize very different kinds of values and priorities and sensibilities than the literacies we are familiar with. The significance of the new technical stuff has mainly to do with how it enables people to build and participate in literacy practices that involve different kinds of values, sensibilities, norms and procedures and so on from those that characterize conventional literacies" (Knobel; Lankshear, 2007, p. 7).

64 Do original: "new literacies are more "participatory," "collaborative," and "distributed" in nature than conventional literacies. That is, they are less "published," "individuated," and "author-centric" than conventional literacies. They are also less "expert-dominated" than conventional literacies. The rules and norms that govern them are more fluid and less abiding than those we typically associate with established literacies" (Knobel; Lankshear, 2007, p. 9).

As habilidades e a formação de professores em relação à tecnologia trazem à tona muitos questionamentos, e os iniciais referem-se ao uso da ferramenta em si. Segundo Luz:

> Muitas vezes, os aprendizes e professores não têm a habilidade necessária para lidar com o computador ou com os aplicativos que são utilizados no ensino e aprendizagem de línguas mediado pelas novas tecnologias.(...) Para tanto, é imprescindível que tais concepções teóricas e práticas sejam priorizadas e incorporadas à Educação Básica e que sejam fortemente representadas e praticadas nas políticas de formação continuada e inicial de professores (Luz, 2016, p. 262).

Durante a pandemia de Covid-19, intensificou-se a necessidade de os docentes aprenderem, de forma emergencial, o uso das ferramentas para as aulas remotas, pois tudo aconteceu da noite para o dia, ressaltando assim a exigência de treinamento/contato/apoio de uma equipe técnica. Referindo-se ao Ensino Superior, mas também à Educação Básica, Mayrink e Ferraz (2021) descreveram as dificuldades que surgiram como uma:

> falta de acesso ou lentidão conexão à internet, a falta de interação nas aulas, as aulas em forma de palestra e suas consequências em termos do impacto no processo de aprendizagem, a escolha das práticas pedagógicas e metodologias para a educação à distância, e o fato de que muitos estudantes se sentiram deprimidos e ansiosos em relação à Covid-19 pandemia, isolamento e educação remota obrigatória[65] (Mayrink; Ferraz, 2021, p .135, tradução minha)

Isso sem falar nos professores que, durante o período de transição das aulas online para o presencial (momento em que ocorreram as rodas das conversas, agosto de 2021), relataram esse esgotamento mental:

> (Professor Mario, roda de conversa 3): Estou aprendendo bastante durante esse período das aulas remotas, mas ao mesmo tempo também nessa questão de ansiedade, elas [crises de ansiedade] ficaram muito violentas (...) mas as aulas a distância que deixavam um pouco angustiado, voltei presencial tem duas semanas, mas despertou um certo medo porque é tudo muito imprevisível, pandemia é muito imprevisível e fluido. Tudo que vale hoje já não vale amanhã então pode ser que amanhã eu receba ordem para ficar em casa normalmente.
>
> (Professora Salete, roda de conversa 3): Estou mais surtada na pandemia, nunca trabalhei tanto na minha vida, nunca fui tão desrespeitada em horários

65 Do original: "lack of access or slow internet connection, the lack of interaction in classes, the lecture-like classes and their consequences in terms of the impact on the learning process, the choice of the pedagogical practices and methodologies for remote education, and the fact that many students felt depressed and anxious in relation to the Covid-19 pandemic, isolation, and mandatory remote education" (Mayrink; Ferraz, 2021, p .135, p. 135).

> relacionada a horário, não tem mais a divisão entre casa e trabalho. Então eu nunca sabia se eu estava em casa ou trabalhando.

Questiona-se, assim, como exigir de professores que tenham saúde mental, física, organização, estrutura, interesse, disposição, bom humor etc, nesse momento de instabilidade, em que tudo se exigia do docente e nada era reconhecido em troca? Nesse momento, intimar professores para treinarem, se adaptarem, e aprenderem novas ferramentas, da noite para o dia, é insensível, é não enxergar a pessoa que existe. Formação deve passar, assim, pela pessoa, pelo corpo, também do professor.

Após o período inicial, porém, os educadores, começaram a manipular as ferramentas, olhando, aparentemente, de uma forma diferente, no sentido de refletir sobre muitas questões que envolvem suas práticas, ou mesmo sobre sua existência e maneiras de se relacionar com o mundo:

> (Professor Mario, roda de conversa 3): e nós fomos pegos de surpresa por uma pandemia, por uma crise sanitária mundial e nós tivemos de ressignificar muita coisa. Não sei se nós somos resilientes (porque é uma palavra que tá sendo muito desgastada) mas nós temos de ver e significar muita coisa, no sentido de ressignificar o que é tempo.

> (Professora Clara, roda de conversa 1)Acho que foi tudo no susto, que pegou todo mundo de surpresa, mas acho que enriqueceu também, que todo mundo voltou diferente, eu acredito que os professores estão mais entusiasmados (com as novidades) e até os professores que são antigos, que tinham mais resistência voltaram mais engajados a fazer diferente. Então eu achei isso legal, eu lembro que tinha professor que não tinha nem *whatsapp,* e aí teve de comprar um celular, teve de instalar, teve de aprender a mexer, e agora eles vivem disso; então foi legal essa mudança de chave que teve.

Conectado a isso, acredito de extrema importância trazer a discussão de nativos/imigrantes digitais e o que isso quer dizer na realidade, pois, embora aparente ser uma questão muito básica, está longe de ser simples. –. O termo "nativos digitais" foi cunhado por Prensky (2012), definindo a geração mais atual, a qual nasceu absorvida pela digitalidade, na sociedade de acesso à rede, à web, com todos os tipos de informações disponíveis, ou seja, conectada. Em oposição, os imigrantes digitais foram definidos como aqueles que não nasceram na sociedade conectada e foram introduzidas a ela mais tardiamente. Segundo essa definição, fica subentendido que os alunos (os nativos, pois nasceram nesse ambiente mais tecnológico, fazendo uso dessas ferramentas) teriam plena capacidade de acesso, enquanto que os imigrantes digitais teriam mais dificuldade.

Prensky (2001) diz que é necessário repensar a Educação Básica, considerando os indivíduos que irão usufruir dela, os nativos digitais, ou seja, aqueles que cresceram cercados e usando essa nova tecnologia, seja através de vídeo games, computadores, telefones celulares, ou outras ferramentas da era digital. O autor preceitua que esses sujeitos pensam e irão processar informações de modos diferentes[66] e, dessa forma, o professor deve ter em mente que métodos antigos de ensino já não servem mais, e novas formas devem ser valorizadas, como meio de chegar nesse aluno.

Embora seja essa a ideia de nativos digitais sendo discutida, a realidade é diferente. Sabe-se que alunos mais jovens fazem uso das mídias sociais com muita facilidade, realmente, mas professores relataram que há alunos com dificuldade de ligar um computador, formatar um texto, inserir figuras, entre outros, derrubando de certa forma esse mito dos nativos digitais, como se professores, os imigrantes digitais, não tivessem a capacidade de aprender a manusear a tecnologia. Conforme relatos de professores:

> (Professor João, roda de conversa 1): Eu acho que a gente cai em alguns mitos. Tem esse mito de que os jovens dominam a tecnologia de uma maneira impecável, que tudo é fácil para ele, e que a pessoa de mais idade não consegue utilizar. Eu já vi situações de estar no laboratório de informática e ter que ensinar o aluno de Ensino Médio a copiar e colar!

> (Professora Salete, roda de conversa 3,): Eles não conseguem, por exemplo, fazer uma prova digital, preencher o nome deles, não conseguem fazer um e-mail para ter acesso ao *Google classroom*. O que os nossos alunos, que são ditos nativos digitais, sabem é mexer em aplicativos de interesse deles e que é de rede social de interação, eles gostam de interagir de compartilhar de postar, fazer meme. Que eu tenho visto, eles estão começando alguns posicionamentos, mas não ainda tá? Eu acho que falta uma orientação maior, mais crítica.

Podemos entender assim que a exposição e o contato dos usuários influenciam a facilidade ou não do manuseio das ferramentas, independentemente de sua idade/faixa etária, não sendo esse o fator determinante. Alguns autores defendem essa ideia, como Oblinger e Oblinger[67] (2005, p. 29), entendendo a maior importância da exposição do que da idade para

66 "Digital Natives are used to receiving information really fast. They like to parallel process and multi-task. They prefer their graphics *before* their text rather than the opposite. They prefer random access (like hypertext). They function best when networked. They thrive on instant gratification and frequent rewards. They prefer games to "serious" work" (Prensky, 2001, p. 2).

67 "Although these trends are described in generational terms, age may be less important than exposure to technology. For example, individuals who are heavy users of IT tend to have characteristics similar to the Net Gen" (Oblinger e Oblinger, 2005, p. 29). Os autores referem-se à net gen e à geração Millenials, nascidas entre 1982 a 1991.

definir a qual geração pertence um sujeito, e o envolvimento desse sujeito com as tecnologias. Sabe-se que há realidades diferentes e fatores determinantes, como o tempo de utilização do artefato, a disponibilidade de mais recursos, ou pessoas mais dispostas, e como consequência, a exposição vai ser diferente, refletindo na facilidade de manuseio ou falta dela.

Achei muito interessante a menção de uma professora a uma pesquisa afirmando que "ficou evidenciado que é uma geração que mais tem acesso à informações, não é só o meio, mas ela tem mais acesso, mas é que menos sabe utilizar" (Professora Vanessa, roda de conversa 2) enfatizando que o objetivo dos alunos mais jovens, hoje, é usar as redes sociais para se comunicar, e não exatamente para buscar conteúdo ou informações.

Um dos professores entrevistados pensa diferente, ressaltando que não são todos que pensam da mesma forma "Eu acho que aluno não tem dificuldade nenhuma em relação à isso, na minha opinião acho que eles não têm é dificuldades porque eles têm certa habilidades com relação a isso" (Professor Fernando, roda de conversa 4) e que não percebeu nenhum inconveniente para que os alunos manejassem as plataformas digitais durante o período das aulas remotas.

Principalmente durante o período da pandemia de Covid-19, muitos professores relataram resistir no início (ou a resistência de colegas), mas que aprenderam a mexer, a se acostumar, ou mesmo a apreciar a tecnologia, de certa forma, pois facilitou em vários aspectos, comprovando não se tratar de faixa etária, e sim de exposição/necessidade. Resta claro que o interesse dos jovens repousa sobre as mídias sociais, sendo seu uso restrito a isso, não os tornando necessariamente nativos digitais, no sentido de terem ou não mais facilidade com a tecnologia como um todo.

Muitos professores não se sentem preparados, apenas vão para a sala de aula. Principalmente quando falamos em multiletramentos, a maioria não conhece o termo, e, por esse motivo, entendo a importância da formação como treinamento técnico, junto ao processo de reflexão. É muito importante o treinamento técnico, no sentido de facilitar o contato com várias formas de passar um conteúdo, técnicas, estratégias, e a partir daí, com essas ferramentas, o professor pode refletir e selecionar o que funciona para a turma e o que de fato contribui para o ensino crítico. O docente deve saber como fazer e o porquê está fazendo – essa última parte inclusive é importantíssima para o processo de reflexão de suas condutas/critérios –, mas não deve se restringir a isso.

Ferraz (2021), ao falar dos desafios para a formação docente, menciona as práticas pedagógicas como um deles, pensa ainda na irrelevância desse "como" (ao citar Menezes de Souza), mas, ao meu ver, não se trata de ser irrelevante, mas sim de:

> reexaminar as nossas práticas pedagógicas de maneira local (tudo isso serve para o meu contexto? Se sim, como aplicar ou adaptar? Se não, o que devo buscar?), e também de maneira crítica e autocrítica (preciso utilizar essa metodologia? Se preciso, posso adaptá-la ao meu contexto, aos meus alunos, a suas idades, aos seus desejos, a sua cultura? O que "aplico" faz sentido para os meus alunos?) (Ferraz, 2021, p. 180).

A minha formação como professora baseou-se muito em uma instrução técnica – muito treinamento baseado em fórmulas prontas, repetição, com listas e *lesson plans* (enormes), em que deveríamos escrever as perguntas a serem feitas nas aulas, como um roteiro. Não havia, claro, espaço para discussões não previstas, brechas (Duboc, 2012) para que os alunos trouxessem algo de sua experiência e sua vivência. Obviamente falo de um local diferente da sala de aula de escola pública, mas ressalto que muitos desses treinamentos são oferecidos aos professores, mas com pouco (quando existente) espaço para o desenvolvimento crítico. Por isso uma formação baseada na reflexão de suas práticas torna-se essencial, não apenas um treinamento que abarque as tecnologias e produtos (de ambientes virtuais, materiais didáticos, entre outros). É necessário pensar uma formação que "possibilite ao futuro docente construir suas ações pedagógicas de forma fundamentada, que lhe proporcione oportunidades de desenvolver o hábito de refletir constantemente sobre as ações que têm lugar em sua prática, avaliá-las e buscar alternativas, quando necessário" (Costa, 2020, p. 194).

Muitos professores relataram não ter tido, em seus estudos, nenhum conhecimento em relação aos multiletramentos, ou em relação às tecnologias. Importante ressaltar esse ponto dos relatos, pois ML está na BNCC, e os professores querem saber sua definição, então uma educação mais específica seria muito interessante:

> (Professor João, roda de conversa 1): Eu nunca fiz um curso específico, ele vem nas formações que a gente vem fazendo na escola, mas acho que seria até interessante fazer, futuramente, alguma coisa na Letras para me aprofundar um pouco mais.

> (Professor Douglas, roda de conversa 1): Eu vi isso na universidade, eu acho que entra um pouco em sociolinguística, eu trabalhei em sociolinguística um pouquinho, pelo menos enquanto eu estava na graduação e nos cursos livres do meu estágio. Eu tentava trabalhar, principalmente contextualizando, trazendo abordagem comunicativa para as aulas, mas eu não posso dizer que

> eu sou muito inteirado em multiletramentos, que eu tenha trabalhado intencionalmente pensando que eu tenha trabalhado com isso.
>
> (Professora Emília, roda de conversa 2): Eu não tive informação oficial na graduação ou em alguma especialização, o que eu fiz foram workshops específicos para determinada ferramenta. Quando surgiu o *Prézi,* por exemplo, que era a sensação do negócio para substituir o *PowerPoint*, eu fiz um workshop sobre o *Prezi* e depois alguns workshops sobre o *storyline 360* ... e algumas ferramentas que são muito parecidas com que a gente tem gratuitamente hoje. Mas não tinha formação oficial mesmo não.

Resta claro a proliferação de formação no que tange às tecnologias, tendo a maior parte dos professores relatado que o contato com tecnologia foi feito de forma autônoma, ou cursos/workshops, que focavam ferramentas ou softwares específicos. Como foi dito anteriormente, devido à pandemia da Covid-19, esse aprendizado das tecnologias digitais ocorreu de forma abrupta, forçando o uso das ferramentas como meio emergencial para continuação das aulas. O caminho da construção de conhecimento, de professores e alunos, deveria ser contínuo e duradouro.

Pelo relato dos professores, podemos concluir que o treinamento foi oferecido, no sentido de manuseio dos aparatos tecnológicos, e não no sentido formativo, que focasse uma mudança de perspectiva, bem como considerasse um preparo estimulante da criticidade dos alunos.

Da mesma forma, ainda não há formação específica sobre os multiletramentos, apesar do termo estar inserido na BNCC. Há interesse dos professores em saber mais do que se trata, pois é não conceito de base e deve ser seguido. Como um termo presente no currículo, é fundamental a sua chegada aos professores, ainda mais se for apresentado como uma possibilidade, que é, de se repensar práticas na sala de aula, aproximando os alunos da sua realidade, conectando realmente com um ensino mais significativo.

Alguns professores já conhecem e fazem investigações, ou querem iniciar pesquisa, na área de ensino de línguas:

> (Professora Vanessa, roda de conversa 2): É multiletramentos em todas as áreas e em todos os componentes curriculares. Então por mais que eu não vá trabalhar com mutiletramento, não vai ser meu objeto não pretendo macerar meu objeto de pesquisa com os multiletramentos, mas para eu entender melhor o documento - porque o documento é o meu objeto - aí eu tive de buscar e entender.

Resta claro, assim, como há defasagem na formação, principalmente se pensarmos no currículo e nas mudanças que ele requer na sala de aula. Conectando a BNCC à formação docente, cita a professora:

> (Walkyria Monte Mór, *live*): Primeiro precisamos pensar numas reestruturações, você não pode trabalhar isso na Educação Fundamental, na Educação Básica, e mesmo Universitária, sem fazer alterações na outra ponta, que é a formação do professor. Não adianta você lançar só o documento, você tem que mudar também a formação do professor para que ele possa se sentir confortável em pensar sobre essas coisas. Mas primeiro ponto e o segundo ponto é: a quem interessa fazer essa mudança na nossa sociedade? Interessa a nós acadêmicos, mas politicamente...

Assim, trata-se de extrema importância entender que não basta mudança no currículo sem que essa mudança alcance a formação – se os professores que atuam na Rede Básica não sabem do que se trata, ou não estão cientes dos fundamentos basilares do documento, como irão explorar as possibilidades disponíveis, e assim revelar as potencialidades dos seus alunos? A formação precisa se iniciar na universidade, e ressalto, não tive nenhuma nesse sentido.

Porém, mais uma vez ressaltamos que os ML não estão conectados somente à tecnologia (pois vivemos em uma sociedade multiletrada) e não podem ser vistos apenas como um recurso, ou uma ferramenta. Acredito necessário que o termo seja incluído na formação como prática social, não se tratando de uma fórmula. É indispensável que os professores tenham ciência da importância de outras condições sociais e outras formas de se comunicar, entendendo os ML não como método, mas sim como prática social, presente no cotidiano e construtora de práticas diferentes.

Podemos fazer as conexões aqui com as informações apresentadas pelos professores sobre como aprenderam inglês (Anexo 5): foram citados séries, música, filmes, gostar da língua. Ora, todas elas já não são práticas multiletradas? Os professores podem não conhecer a teoria dos ML, o nome, mas a prática, e a experiência já se mostram presentes em sua realidade.

A quem interessa fazer mudanças na sociedade? É necessário refletir sobre quais as vantagens de manter como está, caminhando para o tecnicismo, homogeneização de conhecimentos. Quais os benefícios de ensinar alunos críticos, conscientes de sua essência, levando em conta também a diversidade?

Porém, pensando em aspectos práticos, e provocando um importante debate: o que isso, a inserção de um termo, acarreta na formação? É somente mais uma expressão? E na forma prática, o que isso significa? Mostram-se assim mais desafios na formação do professor:

> Assim, entendemos que os documentos norteadores do ensino no Brasil já reconhecem a importância do uso da tecnologia nas atividades escolares, o que destaca a importância de adequações curriculares nos cursos de Letras, de modo a propiciar letramento digital aos futuros professores de língua inglesa, uma vez que a matriz atual não é suficiente para atender às demandas sociais. Ser letrado digitalmente possibilitar ao professor oportunidades para compreender as possibilidades advindas dos gêneros multimidiáticos, as práticas sociais do contexto digital, construção das novas identidades, os diferentes textos presentes no suporte digital e a forma como tudo se conecta na vida pessoal e coletiva, e deste modo, aproveitar o potencial pedagógico que esses recursos podem oferecer (Avelar, Conti, 2018, p. 216).

A formação de professores (em consequência, os professores de língua inglesa) seria de extrema relevância nesse sentido, considerando as novas tecnologias e formas de interpretar. Abre-se espaço para muitas oportunidades, pois os alunos podem pesquisar, de modo quase instantâneo, outras fontes e pontos de vista, a favor da construção do diálogo, desconstruindo as *fake news,* por exemplo, ou mesmo colaborando com a *wikipedia,* ao acrescentarem mais dados. Tais atividades aconteceriam de modo mais fácil utilizando as plataformas digitais do que aconteceria com o texto impresso, por exemplo, favorecendo alcançar o objetivo de problematizar o mundo ao redor:

> Entendemos aqui os Multiletramentos como uma maneira de construção para esses novos ambientes de produção do conhecimento na formação do professor de LI, ambientes compartilhados com alunos que promovam múltiplas possibilidades de práticas, que criem espaços para os aprendizes a partir das tecnologias e que, por meio da LI, problematizem significativamente o espaço escolar, social e digital (Nascimento; Eluf, 2018, p.113).

A questão de construção de sentidos é ideia basilar dos multiletramentos, e deve ficar claro que se trata de um processo de transformação, e não de replicação. Ou seja, a criação de significados ultrapassa a cópia e vai além, transformando o significado previamente dado. Isso é extremamente importante quando falamos da passividade de alunos em relação ao aprendizado, apenas reproduzindo o conteúdo ofertado. É importante valorizar o papel da agência na construção de significado, conforme destacam os autores.

O ponto principal é o foco na formação de professores que olhem para os alunos como seres autônomos, que utilizem a tecnologia para mediar e para auxiliar os alunos, incentivando a participação e o comprometimento do aprendiz, o intercâmbio de informações, de diálogo e de debate entre os participantes, e assim assumirem uma postura crítica em relação ao mundo.

> O acesso a um dispositivo conectado à internet nos possibilita infinitas oportunidades de busca e construção de conhecimento. Para tanto, é importante que desenvolvamos o pensamento reflexivo / pensamento crítico para avaliarmos a veracidade destas informações e como elas se adéquam às nossas concepções de mundo (Luz, 2016, p. 266).

Abaixo, um quadro reproduzido da obra de Cope e Kalatzis, resumindo as ideias fundamentais para a formação de novos docentes (e aprendizes), com uma nova postura, enfatizando as questões de autonomia, e propiciando condições aos alunos para que sejam construtores de significados:

Figura 18 - *New learning*

Novos alunos	Novos professores
Pesquisar informações usando múltiplas fontes e mídias	Engajar os alunos como ativos construtores de significados
Analisar ideias a partir de múltiplas perspectivas	Projetar ambientes de aprendizado em vez de apenas regurgitar e entregar conteúdo
Trabalhar em grupos como construtores de significados colaborativos	Fornecer aos alunos oportunidade de usar novas mídias
Enfrentar questões difíceis e resolver problemas	Usar novas mídias para um design de aprendizagem e facilitar o acesso do estudante à aprendizagem a qualquer momento, de qualquer lugar
Assumir responsabilidade pela sua aprendizagem	Ser capaz de dar mais autonomia aos alunos quando estes passarem a assumir mais responsabilidade por sua aprendizagem
Continuar seu aprendizado de forma independente e para além do livro didático e da sala de aula	Oferecer uma variedade de caminhos de aprendizagem para diferentes alunos
Trabalhar de perto com outros colegas em um ambiente que fomente a inteligência coletiva	Colaborar com outros professores, compartilhando designs de aprendizagem
Criticamente autoavaliar seu próprio pensamento e aprendizagem	Avaliar continuamente a aprendizagem e o progresso dos alunos, usando essa informação para criar experiências de aprendizagem mais apropriadas para diferentes aprendizes

Fonte: Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 28.

O uso de tecnologias dá aos estudantes o poder de pesquisar informações, se o professor instruir seus alunos a terem discernimento e questionarem o que encontram na *web*. Os celulares, tão "demonizados" no passado, podem ser aliados, como eu já vi em várias situações em que atuei em estágios nas escolas. Os games e a gamificação são também uma estratégia que pode ser usada na sala de aula, muito eficiente e que faz parte da vida do aluno. Podem também "trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros

professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio (Moran, 2015, p. 25). Todas essas transformações são fundamentais para os dois lados, sendo primordial entender “que quando as novas tecnologias são ambientadas no contexto educacional, podem respaldar o princípio de novas realidades, expandindo o conhecimento tanto do aluno quanto do professor” (Santos, Ferreira, 2020, p. 163).

Nesse sentido, importante a reflexão sobre a possibilidade oferecida pelo uso da tecnologia de pular os muros da escola, reafirmando que essa separação entre escola e sociedade deve ser reduzidas:

> La gran ventaja de las tecnologías digitales, desde nuestro punto de vista, es que nos ofrecen la posibilidad de “saltar los muros de las escuelas” junto con los alumnos, en la búsqueda por nuevas experiencias, personas y culturas, lo que contribuye al desarrollo de pensamiento crítico acerca de los contenidos estudiados. Se nos presenta, de esa forma, la oportunidad de conectar conocimientos com experiencias significativas, de forma inter o transversal, compartiendo y aprendiéndolo en nuevas formas de sociabilidad ubicuas (SANTAELLA, 2013). De esa forma, hay más oportunidad de implicación de los alumnos en el propio proceso de aprendizaje (Gregolin, 2019, p.67). [68]

As experiências escolares se tornarão mais significativas, pois estará mais conectada à vida e à realidade dos estudantes. A autora usa o termo “prosumidores” para se referir aos jovens que produzem, consomem e divulgam o conteúdo nas redes com muita facilidade, cada vez mais multimodais, com uma circulação incrivelmente veloz, pois faz parte do cotidiano deles. Outro fenômeno que deve ser levado em conta nesse processo é a produção, pois “con los fenómenos de las selfies y de los youtubers que los jóvenes están produciendo con sus aparatos nuevos formatos narrativos, centrados en la producción de “imágenes sociales”, multihipermediáticos, caracterizados por lenguaje híbrido y multimodal”[69](Gregolin, 2019, p. 64), enfatizando aqui as transformações que a multimodalidade pode trazer para dentro da

68 “A grande vantagem das tecnologias digitais, do nosso ponto de vista, é que elas nos oferecem a possibilidade de "saltar as paredes da escola" junto com os alunos, na busca de novas experiências, pessoas e culturas, o que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre os conteúdos estudados. Assim, temos a oportunidade de conectar o conhecimento com experiências significativas, de forma inter ou transversal, compartilhando e aprendendo em novas formas de sociabilidade ubíqua (SANTAELLA, 2013). Dessa forma, há mais oportunidades para que os estudantes se envolvam no próprio processo de aprendizagem” (Gregolin, 2019, p. 67, tradução minha).

69 “Uma das características mais características da fase atual é considerar os jovens como "prosumers", pois eles consomem, produzem e disseminam conteúdo digital em seus momentos de lazer. Pode-se verificar também, com os fenômenos de selfies e youtubers, que os jovens estão produzindo novos formatos narrativos com seus dispositivos, centrados na produção de "imagens sociais", multi-hipermídia, e caracterizados por linguagem híbrida e multimodal” (Gregolin, 2019, p. 64, tradução minha).

escola, com possibilidades de novos formatos e novos gêneros discursivos que auxiliem a produção de sentido, como discutido anteriormente.

O docente deve usar as ferramentas disponíveis para se aproximar da realidade dos seus alunos, e se os estudantes estão cada vez mais conectados às redes, deve-se assumir que é preciso integrar essa realidade à sala de aula, e "quanto mais aprendamos próximos da vida, melhor. As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas" (Morin, 2015, p. 18).

Luz (2016, p. 278) também enfatiza sobre a necessidade da formação inicial e continuada de professores em relação aos letramentos digitais, a fim de que o uso das tecnologias em sala de aula seja efetivo o bastante, visando buscar mais oportunidades no caminho da educação. Cumpre ressaltar aqui ainda, como o autor fala, a importância da linguagem para a construção de sentido, já discutida no capítulo anterior, salientando que "língua é acesso à outros significados e outras visões de mundo. A língua não é instrumental, no sentido apenas de alfabetização, e nem um 'facilitador' de acesso ao mercado de trabalho, e sim outro meio de gerar sentido" (Luz, 2016, p. 267).

O professor deve levar em conta um novo conceito de linguagem e aplicá-lo em sua prática, pois não faz sentido o professor manter o mesmo pensamento "engessado" e tecnicista, ainda mais quando falamos em ensino de línguas. Devemos lembrar que "los esfuerzos por la integración de tecnologías en el campo de la enseñanza de lenguas ponen de manifiesto que, pese a la influencia de la tecnología digital en nuestras formas de comunicación, la educación formal sigue siendo analógica" [70](Gregolin, 2019, p. 65).

É de fundamental importância que a formação de professores se fundamente além da estrutura da língua, não a deixando de lado, mas aplicando à língua um novo olhar, a ideologia existente na linguagem e todas as implicações decorrentes dessa visão:

> Pelo contrário, debruçamos sobre a gramática, ortografia, vocabulário, concordância, pontuação, sintaxe etc. O que vem diferençar é que enxergamos cada signo como ideológico e construído por seus falantes, cada regra gramatical como um acordo arbitrário legitimado por uma elite linguística, problematizamos as escolhas sintáticas e os valores semânticos como contextual e culturalmente construídos (cf. SILVA, 2014). (Batista, 2018, p. 221).

70 "Os esforços para integrar tecnologias no campo do ensino de línguas mostram que, apesar da influência da tecnologia digital em nossas formas de comunicação, a educação formal continua sendo analógica" (Gregolin, 2019, p. 65, tradução minha).

Transformar o aluno para que ele seja capaz de questionar situações de preconceito e desigualdade que ele, ou seu colega, vizinho, ou alguém da comunidade, possa estar vivenciando. É a chance de mudar a sociedade, a fim de desmascarar relações de exclusão que aparecem de forma naturalizadas, mas que trazem a carga da injustiça. Trata-se de uma educação linguística que "problematiza, questiona e busca o rompimento com visões reducionistas de língua/linguagem, de sujeito e de mundo que homogeneízam e reproduzem discursos de separação (ROCHA, 2012, 2013)" (Rocha, 2018, p. 87). No mesmo sentido:

> Educação linguística crítica é, entre outras coisas, promover o uso de línguas e linguagens para que o sujeito questione o lugar, privilegiado ou não, que ele e os grupos a que pertence ocupam na sociedade. Como resultado, espera-se uma tomada de consciência que possa levar a uma transformação de mundo, seja no âmbito individual ou coletivo. Ainda que uma determinada pessoa pertença a um grupo, mas não se identifique com ele, há aí condições também para uma educação crítica. A linguagem serve, portanto, como espaço de negociação para essa conscientização. Sendo assim, essa linguagem não deve ser vista como acabada e estática, pois ela se define, performativamente, nas relações sociais e intersubjetivas típicas de cada contexto. É, pois, nesse espaço que se dão as descobertas de si e do outro, das negociações e dos conflitos (Zacchi, 2018, p.242).

O professor de inglês deve utilizar a aula para questionar ideias, como a do falante nativo, a qual postula ser esse o melhor inglês a ser utilizado, do falar correto (a língua materna também) e língua colonizadora (como difusora de ideais totalmente descolados da realidade do aluno, e outras ideias permeadas na linguagem, discutindo as relações de poder, ainda mais quando se fala do ensino de língua inglesa. Apenas para exemplificar, a experiência que tenho com meus alunos, adultos, diz respeito à dificuldade deles de entender que o inglês é uma língua oficial da Índia, pois eles não compreendem o fenômeno da existência de tantas línguas no mesmo local. "*Mas como assim, teacher, eles nascem falando inglês? Então aquele personagem do seriado que eu assisto, indiano, fala inglês certinho? Mas e o sotaque carregado?"*[71] são algumas das indagações trazidas por eles. Trata-se de uma oportunidade de mudar certas ideias, derrubar preconceitos, estereótipos, e entender que o ensino deve discutir pensamentos reprodutores de sistemas de dominação, que colaboram para a manutenção da opressão. Há, assim, uma função (ou dever) social:

> A formação crítica deve reconhecer e combater diretamente as ideologias linguísticas — a associação quase exclusiva do ensino e aprendizagem de

71 Trata-se da série estadunidense de grande sucesso "Big Bang Theory", e Rajesh, personagem indiano, tem seu inglês e seu jeito de falar questionado, inclusive em vários momentos da série.

> inglês com uma elite social, a supervalorização da figura do falante nativo e a desvalorização da cultura e das práticas linguísticas brasileiras (Windle, p. 133, 2018).

Resta claro que é fundamental entender que "discutir as possibilidades e limitações das novas tecnologias no contexto do ensino e aprendizagem de línguas pode significar a superação da visão instrumentalizadora ainda profundamente enraizada no contexto do ensino e aprendizagem de línguas"[72] (Gregolin, 2019, p. 68, tradução minha). Uma nova mentalidade, como dito anteriormente, deve fazer parte do cotidiano da sala de aula, mas com isso uma série de mudanças em vários setores da escola deve ocorrer também:

> É possível manter a "sala de aula" se o projeto educativo é inovador, - currículo, gestão competente, metodologias ativas, ambientes físicos e digitais atraentes - se a escola tem professores muito bem preparados para saber orientar alunos e onde estes se sentem protagonistas de uma aprendizagem rica e estimulante (Moran, 2015, p. 30).

Destaco aqui o depoimento de um dos professores, o qual demonstra conhecimento de que existe uma forma de aprendizado não tradicional, utilizando inclusive o termo educação linguística, nos trazendo a esperança de que há professores com vontade e possibilidade real de "contaminar" seu local de atuação, alunos ou colegas, enfatizando a importância da:

> (Professor Mario, roda de conversa 3): Questão de fortalecer não a língua, mas os falantes dessa língua, no caso são os meus alunos e eu. Hoje a gente está pensando esse processo de empoderação através da educação linguística. E depois que eu li aquele artigo, fiquei louco porque eu pensei "eu quero fazer isso em minhas aulas" só que a gente não tem uma receita. Então vai brotando as questões e eu vou levando, por exemplo, eu vi que essa semana que muita gente falou do Talibã, e já tô aqui louco na internet procurando desde do dia que eles falaram mais.

O professor explicita como buscou tratar de um assunto de extrema importância e atual na sala de aula, transportando situações da sociedade para o debate. O professor avaliou a questão do Talibã, onde na época da conversa estava ocorrendo transformações significativas[73],

---

72 Do original:"discutir las posibilidades y limitaciones de las nuevas tecnologías en el contexto de enseñanza y aprendizaje de lenguas puede significar la superación de la visión instrumentalizadora aún muy enraizada en el contexto de enseñanza y aprendizaje de lenguas" (Gregolin, 2019, p. 68).

73 Trata-se do momento em que as tropas do Talibã retornaram ao território afegão, em agosto de 2021, e várias notícias circularam o mundo, suscitando discussões acerca da violência contra mulheres muçulmanas, que teriam seus direitos mais restritos, como a obrigatoriedade do uso da burca e a proibição de frequentar instituições de ensino. Link das notícias: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/taliba-cabul-20-anos-depois.ghtml https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/08/30/o-movimento-taliba-no-afeganistao.htm, Acesso em 05/09/2022.

como uma oportunidade para abrir discussões sobre feminismo e violência, por exemplo, ressaltando que foram assuntos de interesse dos próprios alunos. O objetivo de fortificar os alunos foi pensado de uma forma bastante eficiente, pois assim eles terão base para reflexão, e cada vez mais confiança para atuação em seus locais.

Não se pode falar de receita pronta, como mencionado, aplicável a todos os alunos e contextos (pois assim cairíamos na armadilha de padronizar métodos e, como consequência, alunos), mas sim de sentir a necessidade dos estudantes, pensando no contexto e no impacto na formação deles. O assunto chegou até os discentes pelas redes, de forma rápida, e cabia ao professor fazer uso das mesmas redes, pesquisando e trazendo materiais relevantes e confiáveis, para que fosse oportunizado espaço para um debate rico. Esse é um exemplo de como as tecnologias foram utilizadas no ambiente educacional como aliadas para expansão do conhecimento.

Devemos ter em mente "a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele" (Moran, 2015, p. 18). Falando de Freire, sempre atual:

> vale aqui uma premissa famosa desde os primórdios freireanos: criar situações reais em que todos têm o que aprender, compartilhar e construir juntos, situações nas quais não mais existam professores e aprendizes, mas sim situações nas quais todos possam aprender e contribuir, pensar e agir juntos,construindo novas formas de significado. Isso é um desafio para o professor. As tecnologias e multimodalidades exigem que os professores repensem seu papel de educador, colaborador e de co-construtor de sentidos (Nascimento; Eluf, 2018, p.118).

Educadores poderão entender e apreciar o potencial dos alunos, a partir da ideia de que eles também são capazes e podem construir conhecimentos partindo de suas vivências. Ao lembrar que a linguagem é atravessada por relações de poder e que a língua e a cultura são indissociáveis, esses profissionais terão melhores condições de assumir seu papel de educador, buscando não somente ensinar repertórios linguísticos, mas também contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Assim, acredito que se trata de um processo, não de uma fórmula mágica, um caminho de sensibilização do professor e do aluno, para discutir relações de poder entranhadas na sociedade:

> (Professor Mario, roda de conversa 3): Nós tivemos de ressignificar muitas questões, o meu próprio processo de educação linguística porque eu não poderia simplesmente ficar só falando de língua e gramática. Eu não poderia

> por exemplo passar por um momento desse sem trazer alguma reflexão pensando num olhar mais empático para o outro, porque hoje no contexto de uma pandemia da SARS Covid-19 a sua vida depende do cuidado que o outro tem com a vida dele, então você fica muito à mercê do cuidado que o outro tem para com ele. Então isso é muito sério, muita gente ainda não absorveu isso, eu tenho alunos que acham que pandemia é uma grande mentira, uma gripezinha.
>
> (Professora Salete, roda de conversa 3): Eu tive muita dificuldade de entender que não existe separação da língua com essas questões pra sala, porque eu achava que eu tinha de dar aula só da gramática. E aí foi o outro grupo de estudo que eu participo (...) e foi ali que eu comecei a entender que tem como eu fazer isso. E depois da pandemia que fez sentido para mim, de trazer esses assuntos pra sala [ao se referir em trazer questões políticas para discussão em sala de aula, mais especificamente sobre o Talibã].

Há docentes confortáveis em apenas 'transferir' conteúdos gramaticais, seguir o livro didático, e tal posição deve ser respeitada – na minha visão, contanto que eles tenham consciência de tal ação e suas consequências –, mas eles devem saber que podem tirar do aluno a possibilidade de adquirirem mais poder para mudar sua realidade.

Penso (e falo partindo da minha experiência) que docentes devem ser estimulados a participarem de grupos de pesquisa e cursos de formação de professores impulsionadores da abordagem crítica do ensino de inglês, mas não esquecendo que as relações entre os formadores devem ocorrer de forma horizontal e recíproca. Caso contrário, apenas se alimentará mais uma relação de verticalidade, quando deveria ser horizontal.

Da minha experiência, participar de um grupo de estudo significa fazer parte de um grupo de apoio, além de ser um espaço de trocas de experiências, de aprendizado, há a chance de subverter algumas ideias e conceitos muitas vezes engessados e considerados como certos, sobre os quais nunca tivemos a oportunidade de refletir. Meu aprendizado mudou totalmente a minha visão como professora e como pessoa, pois junto a colegas com os mesmos valores e objetivos (ou mesmo divergentes, mas que façam sentido em algum momento dessas trocas), a transferência de conhecimento tende a se expandir para os seus círculos, e esse ciclo só tende a se fortificar. Ao ter contato com esses grupos, ficamos tão animados e isso se contagia, assim como a vontade de fazer mudança.

Quero dizer aqui que os formadores de professores devem olhar para esses docentes, seus colegas, com empatia, cada um com o entendimento de seu contexto e suas possibilidades, e não como detentores de conhecimentos e verdade, com o perigo de recairmos na armadilha de um grupo ditar as regras de como devem preparar os alunos, como se houvesse receita.

Por fim, vale a reflexão de Menezes de Souza, quando se fala de formação docente: “Os recursos disponíveis não são somente a tecnologia. Recursos disponíveis significa o que é que eu sei, o que os meus alunos sabem e o que eu posso fazer com isso levando em conta onde eu quero que eles cheguem, ou seja, as necessidades deles” (Menezes de Souza, 2018, p. 248). O autor não fala em receita, em um modelo, pois aí entraríamos na questão de estabelecer padrões a serem seguidos, e nos encaminharíamos para o mesmo impasse, em mais uma metodologização.

Trata-se de difícil tarefa, talvez impossível, trazer uma resposta , mas a proposta (ou o início) talvez seja uma mudança de mentalidade, conforme proposto por Mattos: “Portanto, a educação linguística crítica, assim como o letramento crítico, não é uma metodologia para o ensino de línguas, mas uma perspectiva, como propõe Janks (2013), ou um ponto de vista, uma maneira de ver o mundo” (Mattos, 2018, p. 29).

3.2.2 – Avaliação

Juntamente com a ideia de formação de professores, é importante ressaltar que a tecnologia trouxe importantes avanços, e que certas ideias, igualmente engessadas, também devem ser revistas. A avaliação no sentido tradicional, por exemplo, já se mostra ineficiente dentro do contexto escolar, e deve fazer parte dessa nova formação:

> As tecnologias permitem o registro, a visibilização do processo de aprendizagem de cada um e de todos os envolvidos. Mapeiam os progressos, apontam as dificuldades, podem prever alguns caminhos para os que têm dificuldades específicas (plataformas adaptativas). Elas facilitam como nunca antes múltiplas formas de comunicação horizontal, em redes, em grupos, individualizada. É fácil o compartilhamento, a coautoria, a publicação, produzir e divulgar narrativas diferentes. A combinação dos ambientes mais formais com os informais (redes sociais, wikis, blogs), feita de forma inteligente e integrada, nos permite conciliar a necessária organização dos processos com a flexibilidade de poder adaptá-los a cada aluno e grupo (Moran, 2015, p. 24).

Quando se fala dos propósitos da avaliação, é importante mencionar que essa pode ser de dois tipos, somativa e formativa. A maioria dos autores utiliza a clássica definição, entendendo que a “Formativa é geralmente entendida como interação e feedback contínuos que contribuem para o aprendizado do conhecimento, enquanto somativa ocorre em pontos críticos e designados no processo de aprendizado e geralmente é relacionada a uma nota” (Conrad;

Openo, 2019, p. 37). Enquanto que o último enfatiza o desempenho individual, com o objetivo de obter um número final, o primeiro utiliza de estratégias de um ensino mais colaborativo, entre alunos, e entre estudantes e professores, focando a construção de um conhecimento coletivo, em que todos possam dar sua voz e espaço para trazer suas vivências. Os autores evidenciam a tensão entre *assessment* e *evaluation*, utilizando termos da língua inglesa, quase que no mesmo sentido de avaliação formativa e somativa. O quadro abaixo compara as avaliações destacadas acima:

Figura 19 - Avaliação formativa e avaliação somativa

Avaliação formativa		**Avaliação somativa**
Nota	Em geral sem nota	Em geral com nota
Objetivo	Aperfeiçoamento: dar *feedback* ao professor e aos alunos sobre o quanto os alunos entendem materiais específicos.	Julgamento: dar uma nota e permitir que os alunos trabalhem intensamente com o material do curso.
Foco	Muito focada em saber se os alunos adquiriram habilidades ou informações específicas.	Menos focada em habilidades ou informações específicas; em vez disso, permite que os alunos demonstrem uma gama de habilidades e conhecimentos.
Esforço	Requer pouco tempo dos professores ou alunos; simples; realizada na sala de aula.	Requer mais tempo dos professores e dos alunos; complexa; realizada fora da sala de aula.

Fonte: Center for Innovative Teaching and Learning — CITL (2015)

Os autores ainda falam de vantagens na incorporação das tecnologias na avaliação (Conrad; Openo, 2019, p. 23), mas considero as mais relevantes e interessantes as seguintes:

a) captura de habilidades e atributos mais amplos que não são facilmente avaliados por outros meios, por exemplo, mediante simulações, e-portfólios e jogos interativos;
b) aumento de oportunidades para os alunos agirem com feedback, por exemplo, por reflexão em e-portfólios;
c) abordagens inovadoras baseadas no uso de mídias criativas, avaliações por pares e autoavaliação online.

Dessa maneira, há mais multiplicidades e variedades nas formas de avaliar, oferecendo mais oportunidades para o aluno demonstrar seu interesse, participação e evolução em relação ao conteúdo, o que pode proporcionar um ambiente de maior igualdade na sala de aula. Ao priorizar o individual, a avaliação somativa não dá um retorno adequado em relação ao seu progresso, não fornecendo informações para que o aluno possa agir de forma construtiva no futuro. “Esses testes também têm sido criticados por seu foco no conhecimento individualizado, quando se espera cada vez mais um conhecimento que seja situado, social e contextualmente incorporado (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 380).

Devemos entender que se trata de uma mudança fundamental, pois, principalmente quando falamos em línguas, a avaliação nos métodos mais tradicionais se reduz à lista de exercícios, que enfatizam a memorização, cópia e checagem de conhecimentos gramaticais. Qual o sentido de ainda se insistir em estratégias que, sabemos, não estimulam os alunos (pelo contrário, podem desencorajá-los) e focam conteúdos que serão esquecidos em pouco tempo e deslocados da prática e da realidade?

Cope, Kalantzis e Pinheiro falam em avaliação quase no mesmo sentido, fazendo uma distinção também nos métodos de avaliação, e o quanto são determinantes para a formação do aluno e do professor. A multimodalidade pode ser utilizada para várias fases de uma avaliação, ao utilizar o Moodle, ou outra plataforma colaborativa, refletindo também que:

> a avaliação ocorre não apenas no fim e não é apenas uma nota com um comentário do professor; ao contrário, suas perguntas estão presentes o tempo todo no processo, composto de muitos incrementos. A avaliação é feita por muitas perspectivas (colegas, professores e autoavaliação) e de vários tipos (retorno por parte de software de verificação, classificações numéricas em critérios de revisão, comentários em relação a critérios de revisão e abonações codificadas (Kalantzis; Cope; Pinheiro; 2020, p. 383).

Entendem, também, que “um aspecto interessante da avaliação formativa construída por meio de muitos incrementos é que a qualidade dos produtos finais de escrita é mais consistente do que no caso de um texto produzido ao fim para avaliação somativa” (Kalantzis; Cope; Pinheiro; 2020, p. 383). Concluem que a melhor maneira de representar o conhecimento do aluno é a produção textual multimodal, um ‘braço’ dos multiletramentos. Eu acredito que a avaliação somativa fomenta sentimentos de exclusão, fracasso e frustração no aluno por não ter atingido um número, uma nota/desempenho determinado como o ideal. Assim, ao excluir a realidade do aluno e da sua comunidade, a avaliação somativa pode contribuir para desinteresse e desistência, causando evasão escolar.

Em uma pesquisa publicada em 2019 pela UNICEF (United Nations Children's Fund - Fundo das Nações Unidas para a Infância), em parceria com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), demonstra que "Em números absolutos, adolescentes de 15 a 17 anos são a maioria dentre as(os) que estão fora da escola. Os motivos alegados com maior frequência, segundo dados da Pnad, são: desinteresse em estudar, trabalho ou procura por trabalho e gravidez" (2021, p. 37)[74]. A falta de interesse resultou em ´preocupantes 38% dos casos; os motivos podem ser diversos, não são especificados no relatório mas nesse cenário é preciso investigar e repensar a educação para os jovens: "Na impossibilidade de enfrentar questões econômicas externas, as escolas podem e devem combater, em seu cotidiano, as discriminações, as "brincadeiras", as humilhações e, sobretudo, as reprovações e o abandono escolar" (2021, p. 38).

O feedback mostrou-se uma ferramenta eficaz na forma de "avaliar", pois leva em consideração o processo, e não apenas uma classificação final, o produto (utilizando aqui inclusive termos neoliberais, como se aprendizado fosse mercadoria mensurável), cabendo ao docente pensar em uma forma de incorporar tal método. Não apenas as tecnologias, mas também como falar, como devolver, a fim de que o aluno se aproprie da sua produção:

> A avaliação é um componente central da pedagogia e deve ser adequadamente integrada ao ciclo da aprendizagem como um método de ensino que reflete e contribui para a aprendizagem. Como parte de sua natureza contributiva, a avaliação oferece a oportunidade de medir, de várias maneiras, o desempenho tanto dos alunos quanto dos professores (Conrad; Openo, 2019, p. 40).

Assim como foi falado na seção anterior, os multiletramentos, a visão de língua e o ensino devem compor uma mentalidade, e assim a "mediação nos processos avaliativos (por meio, por exemplo, da valorização de trabalhos ou projetos em grupos) ganha expressiva força na medida em que colaboração, distribuição, compartilhamento e experimentação passam a fundamentar uma nova base epistemológica" (Duboc, 2015, p. 676), e ainda

> No que diz respeito aos conteúdos, a avaliação da aprendizagem de línguas passa a considerar conteúdos menos objetivos e estáveis (em geral, restritos ao uso "correto" da língua ou à acepção de leitura como mera decodificação) ao legitimar a multiplicidade de sentidos em exercícios de interpretação textual, por exemplo, ou mesmo o uso contextualizado e situado da língua. Quanto aos propósitos, passa-se a "avaliar para conhecer" em vez de "examinar para excluir" (Duboc, 2015, p. 675).

74 Disponível em https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf. Acesso em 08/08/2022.

Interessante a proposta de Duboc apresentada abaixo, não se tratando, claro, de fundamentos engessados, mas de bases que podem ajudar a fundamentar e repensar a questão da avaliação. A autora menciona três dimensões a serem levadas em conta quando falamos em avaliação: estética (considerando as novas estéticas, abarcando os gostos dos alunos), ética (discussão com os estudantes sobre a questão do autoral, do plágio, e como funcionam as fontes e referências no mundo virtual), e estratégico (principalmente quando mencionamos as possibilidades das mídias e ferramentas, e o que pode ser realizado com elas).

Figura 20 – Avaliação da aprendizagem

QUADRO 3 – Avaliação da aprendizagem de línguas e os multiletramentos: uma proposta

DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO ESTRATÉGICA
• Habilidade de usar o gênero de forma apropriada a uma determinada situação comunicativa. • Habilidade de usar semioses ou modalidades apropriadas a um determinado gênero discursivo. • Habilidade de manipular, criar e remixar diferentes textos (impressos e digitais). • Habilidade de identificar a multiplicidade de valores e gostos nos usos das linguagens. • Habilidade de comparar e contrastar os efeitos de sentido na utilização de cada modo semiótico.	• Habilidade de interpretar diferentes pontos de vista. • Habilidade de respeitar diferentes valores e gostos circulantes nas mídias digitais. • Habilidade de reconhecer e problematizar veiculações de estereótipos e preconceitos. • Habilidade de problematizar a propriedade intelectual e o direito autoral. • Habilidade de elaborar citações e referências. • Habilidade de posicionar-se criticamente nas práticas de letramento das quais participa.	• Habilidade de distribuir conhecimento em diferentes mídias (impressas e digitais). • Habilidade de compartilhar em diversos formatos midiáticos. • Habilidade de trabalhar de forma colaborativa. • Habilidade de experimentar de forma autônoma e criativa na ausência de modelos predefinidos.

Fonte: Elaboração da autora.

Fonte: Duboc, 2015, p. 679.

Resta claro nas discussões feitas anteriormente, como a autonomia pode ajudar a revisar os parâmetros, e, mais do que isso, os motivos da avaliação. Quais são as razões de se aplicarem as avaliações da maneira em que são feitas hoje? Para essa reflexão, é importante destacar as lições de Monte Mór (*live*)[75]:

> para mim tem a ver com o interesse político. Não existe esse interesse político, nem interesse dos conservadores, pois seria perder a possibilidade de controle, porque a grande possibilidade dessa sociedade da escrita é o controle, fazer o controle - faz avaliação você controla, você escreveu certo, você tá errado, trabalha muito desse binarismo que facilita. Então com uma sociedade mais aberta, com a adoção da diversidade em todos os sentidos, como é que você controla a diversidade? Como é que você avalia a diversidade? Então isso é

75 MONTE MÒR, Walkyria. Vamos conversar sobre os Multiletramentos?. [S. l.], 21 maio. 2022. 1 vídeo (1h:34min). [Live]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lJLNjPZa78&t=2571s Acesso em: 23/06/2022.

> um impeditivo para muitas pessoas de uma outra ala da academia e da sociedade.

Ou seja, trata-se de uma questão de raízes profundas, com diversos interesses envolvidos, com uma parcela que não deseja ver alunos se desenvolvendo, assim o discurso do fracasso se perpetua, como um ciclo que se repete. Desse modo, os motivos da dificuldade de mudanças estão justamente nesse controle, pois não se sabe o que poderá acontecer quando não houver mais as amarras dessa frustração.

O mais interessante é considerar maneiras em que aprendizado e avaliação ocorram no mesmo tempo e espaço. No decorrer da nossa vida acadêmica, estamos acostumados a nos deparar com uma separação entre essas duas concepções, mas por que devem ser separadas? Não será hora de realmente revisitar essa ideia, a fim de tornar a educação mais efetiva e o aluno mais responsável por seu aprendizado?

O que aprendi com a formação

Aprendi que a formação de professores é fundamental e base se quisermos pensar em um novo projeto educacional. Neste capítulo discorremos sobre a formação dos professores e reflexões sobre o uso de tecnologia. Defendemos que a formação não deve estar restrita à tecnologia, mas sim usar os meios disponíveis para oferecer aos alunos um ensino que estimule a criticidade e reflexões sobre conceitos de língua, cultura e identidade. Ademais, como a teoria dos ML pode auxiliar a repensar os métodos de avaliação que conhecemos hoje.

A partir dessas reflexões, ficou claro para mim que não devemos demonizar as tecnologias dentro da sala de aula, que podem ser aliadas nesse processo. A pandemia de Covid-19 potencializou nas minhas aulas o uso emergencial desses métodos que eu mesma desacreditava, oferecendo certa resistência – mas era oposição em relação ao novo, ao não saber o que poderia acontecer, se os alunos iriam gostar das aulas, já que eu estava confortável com os métodos utilizados antes.

Além disso, pude repensar as questões de criticidade, como as informações e materiais/conteúdo para trabalhar estavam lá, disponíveis, bastava o exercício de selecionar e questionar o seu uso, levando essa reflexão também para os alunos. Essa criticidade, ressalto aqui, foi potencializada com a minha vontade de participar de grupos de estudo que contribuísse para minha formação.

Resta clara a contínua necessidade de repensar práticas escolares e os currículos, provocando mudanças na formação e considerando as necessidades específicas dos alunos. E, muito importante, repensar questões de avaliação – métodos tão tradicionais fazem sentido para quem?

3.3 – MULTILETRAMENTOS E JUVENTUDE

Como dito anteriormente, facilitados pelas tecnologias digitais, os multiletramentos favorecem outros meios de produção de significado e abrem espaço para criação de novos gêneros. Podemos citar alguns gêneros muito utilizados pelos jovens, os quais abrem possibilidades para textos multissemióticos ou multimodais, com ênfase em modalidades do mundo digital, tais como memes, figurinhas, emojis, fanfics, animações, mensagens instantâneas ou postagens de mídias sociais. Há de se mencionar também os remixes, as paródias, sátiras, feitos com os inúmeros recursos para elaboração/edição e inclusão nas redes sociais, como *YouTube, Instagram, TikTok*, *WhatsApp,* e outras plataformas.

Que discussões podem ser geradas a partir de um emoji? Que diferentes interpretações podem ser geradas de uma figurinha? E de um meme? Com as contribuições das teorias principalmente de Paiva (2016) e Furtado (2018; 2019), neste capítulo focaremos as imagens e memes trazidos pelos alunos no *Google Forms*. O foco aqui foi o contexto escolar, e por isso falamos em juventude no título, mas sabemos que cada vez mais todas as idades tem usado e se comunicado por esse gênero.

3.3.1 - Os emojis

Nesta seção discutirei brevemente os emojis e suas funções. Eles são definidos como um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa, com uma gama enorme de opções, como os rostos, gestos, bandeiras, objetos, alimentos, animais, entre outros. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra)[76]. Já o termo "emoticons" vem da língua inglês, da junção das palavras *emotion* (emoção) e *icon* (ícone), sendo eles representações gráficas de expressões visuais usadas para demonstrar uma ideia ou um sentimento, como :) ou :(simbolizando rostos.

De acordo com Paiva (2016), "Com o advento das tecnologias digitais, pictogramas, ideogramas e logogramas ganharam suas versões digitais" (Paiva, 2016, p. 381). Hoje os emoticons, emojis e stickers são utilizados em grande escala nas redes sociais, como *WhatsApp* e *Instagram*, e seu uso tornou-se muito popular. Podemos dizer que a grande característica desses recursos é transmitir uma resposta de forma mais rápida nas trocas de mensagens, inclusive podendo substituir mensagens curtas.

76 https://www.significados.com.br/emoji/

Apesar de tornar essa troca de mensagens mais ágil, devemos nos atentar para o fato de que o entendimento e a interpretação das mensagens não se torna mais simples, e há uma série de implicações a serem consideradas, pois "os *emojis*, como toda linguagem, sofrem limitações contextuais (...) Dentro de uma mesma cultura, assim como as palavras, os significados dos *emojis* podem ter variações de significado sutis, dependendo do contexto" (Paiva, 2016, p .385).

Ainda pensando em diferentes culturas e nas diferentes interpretações dos emojis, no Japão, o uso do emoji 👌 [77], dedo indicador e polegar juntos formando um círculo, pode significar algo muito ofensivo, em razão de sua associação com partes íntimas, enquanto que em algumas culturas pode ser um "ok, estou de acordo". E não precisamos ir para outras culturas, outros países: o mesmo com o sinal 👍, polegar para cima, pode ser interpretado com ironia, frieza, por algumas pessoas, enquanto que para outras pode ser apenas um "estou de acordo, aprovação". No mesmo sentido,

> Os emojis e stickers podem funcionar como pictogramas e também como ideogramas, como explica Sternbergh (2014), exemplificando com os pictogramas de berinjela 🍆 e pêssego 🍑 que são, ao mesmo tempo, utilizados com conotação sexual. Existem também variações culturais, a exemplo de um montinho de fezes 💩 (ver CARPANEZ (s/d).), que no Japão é usado para desejar boa sorte, mas pode ser ofensivo no Brasil (Paiva, 2016, p. 385).

Assim, como uma forma de linguagem e forma de comunicação, o uso dessas figuras não é despretensioso como parece, e merece cuidado, devendo ser utilizado com certa cautela, considerando o "alerta que [E]m alguns casos, o visual pode mudar o suficiente para alterar o sentido da mensagem, tornando o uso confuso, ou até mesmo sugerido (sic) o envio de um 'emoji errado'" (Paiva, 2016, p .388). Devido ao grande número de ícones, pode ser complexo encontrar o emoji certo para cada situação, e deve-se tomar cuidado com o duplo sentido aplicado a cada um deles – lembrando que a cada dia podem surgir sentidos novos, sendo necessário estar atento para não cometer nenhuma "gafe".

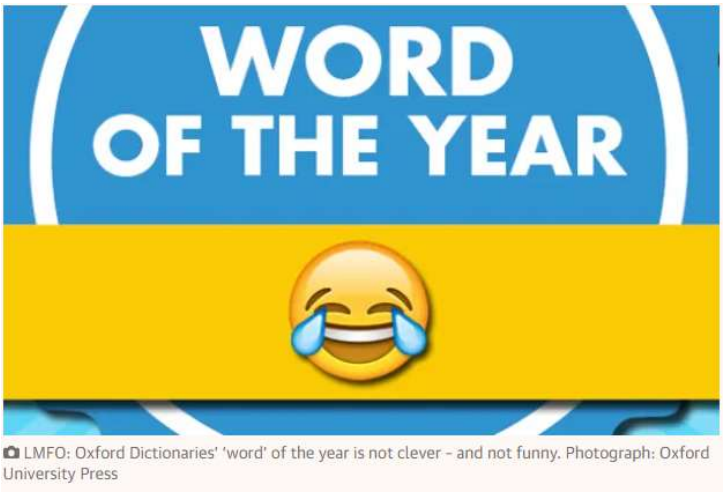
Ainda segundo a autora, as funções discursivas dos emojis podem ser diversas: substituir palavra(s), expressar emoção, indicar afeto, intensificar. A duplicação do mesmo emoji é usada para enfatizar a emoção ou expressar ironia (Paiva, 2016). Resta claro como a complexidade de sua funcionalidade é enorme, e abre diversas possibilidades de leituras, reforçando que "o crescente uso dos *emojis* é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica

77 Imagens retiradas do aplicativo de mensagens WhatsApp.

em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções" (Paiva, 2016, p .396).

Vale a pena trazer aqui algumas reflexões de um artigo de Hanna J. Parkinson[78], publicado há 8 anos, mas ainda relevante, já que "os *emojis* agora fazem parte de nosso universo de comunicação. Nós os usamos para transmitir uma infinidade de emoções e pensamentos[79]". A pesquisadora cita o curioso caso de um emoji eleito a 'palavra' do ano em 2015 pelo Oxford Dictionaries[80]:

Figura 21 – A "palavra" do ano



Fonte: Oxford University Press

Da mesma forma, a autora traz reflexões sobre os diferentes sentidos que podem ser expressados em um mesmo emoji; similar aos casos citados acima, menciona o exemplo da berinjela com conotação sexual, de fezes com sentidos variados em locais diferentes. Além desses, aponta que o emoji "pintando as unhas" não significa apenas a ação de pintar as unhas, ir à manicure, mas também pode significar "eu sou muito boa", "eu não me importo", ou mesmo uma confirmação de "sim, eu consegui". Concordamos que não se trata de uma associação direta, e ficamos com a indagação de qual foi o percurso do emoji para se chegar a essa leitura, podendo insinuar até um certo desprezo?

78 https://www.theguardian.com/technology/2015/nov/17/oxford-dictionary-emoji-word-of-the-year-crying-face
79 "emoji are now a part of our communicative fabric. We use them to convey myriad emotions and thoughts"
80 https://languages.oup.com/
"Every year, we debate candidates for word of the year and choose a winner that is judged to reflect the ethos, mood, or preoccupations of that particular year and to have lasting potential as a word of cultural significance". Apenas para exemplificação, em 2013, a palavra *selfie* for eleita, em 2016 *post-truth* e em 2021 *vax* (de vacina, substantivo ou verbo). A relação completa em: word of the year

Além disso, ainda há de se observar a variação do ícone de acordo com cada plataforma utilizada, pois pode haver alterações da figura e, consequentemente, de sentido. Ainda usando o caso do emoji "pintando a unha", demonstrado abaixo, segue um exemplo de como a imagem pode mudar a depender da plataforma (no caso a seguir, *Apple, WhatApp* e *Windows,* respectivamente), podendo trazer à tona diferentes interpretações. A terceira imagem, por exemplo, apenas com o vidrinho de esmalte, tem o mesmo sentido de indiferença que pode ser relacionado às duas primeiras imagens?

Figura 22 - Emoji "pintando a unha", de acordo com a plataforma

Fonte: Autora, referência do site https://emojipedia.org/pt/esmalte-de-unha/

A pergunta desta pesquisa enviada aos alunos foi: "Responda com um meme/emoji/sticker como a tecnologia te faz sentir". Considerando as limitações do *Google Forms*, como dito acima, pois as imagens variam de plataforma para plataforma, (além das imagens que serão analisadas a seguir) os emojis enviados foram 😄 🙂 😎✌️ 👍 acompanhados das explicações "feliz, é legal, eu gosto", e o emoticon ;-; o qual descobri se tratar de um rosto chorando, embora não tenha sido acompanhado de explicação (um exemplo de como descobrimos coisas novas com os alunos todos os dias).

Acredito que todas essas formas de linguagem reforçadas pelas novas tecnologias digitais são muito relevantes, porém ficam os questionamentos/provocações: como essas novas formas de linguagem relacionam-se com a educação? E o que isso muda na maneira de ensino da linguagem?

O que se deve considerar é a interação, pois o uso dessas imagens é um modo de expressão dos alunos, que compartilham, comentam e fazem inclusive remix desses materiais, colocando-os de volta em circulação nas redes. Ou seja, há uma potencialidade enorme e perspectiva de ressignificação e transformação. A relação com o texto muda, pois não é apenas para ser lido de forma linear, mas há possibilidades, mais criativas, entre leitor e texto. A forma

de ensinar deve partir das familiaridades dos alunos fora da escola, a fim de que sejam feitos questionamentos e negociação de sentido. Uma maneira de se comunicar mais dinâmica e criativa, que privilegia outros modelos, não apenas a escrita tradicional:

> Entretanto, a maneira mais importante pela qual as tecnologias digitais mudaram o aprendizado de idiomas, e a principal razão pela qual os pesquisadores da aquisição de idiomas não podem ignorá-la, é que elas mudaram drasticamente a maneira como as pessoas usam o idioma em suas vidas diárias, introduzindo todos os tipos de novas "práticas de alfabetização" que não existiam antes (Jones, 2016, p. 290, tradução minha).[81]

É necessário olhar para as novas formas de significado e considerar letramentos, como defendido no capítulo 1, como todas as práticas sociais associadas à utilização de sistemas semióticos, e práticas que não se referem apenas à codificação e decodificação de informações, mas também à negociação de relacionamentos, à distribuição de recursos materiais e simbólicos e à construção de identidades sociais.

São questões aparentemente muito simples, mas que podem revelar diversas leituras. A escolha da cor de pele desses emojis também pode suscitar debates relevantes, como por exemplo reconhecer a minha cor, a cor de pele do outro, levantando questões sobre racismo e identidade.

Figura 23 - Os emojis e a construção de sentidos

Fonte: elaborado pela autora [82]

81 Do original: “The most important way digital technologies have changed language learning, however, and the main reason researchers of language acquisition cannot ignore it, is that it has dramatically changed the way people use language in their daily lives, introducing all sorts of new ‘literacy practices’ which did not exist before” (Jones, 2016, p. 290).

82 Imagem da pesquisadora, retirada do aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Assim, fica clara a importância e a potencialidade ao se explorar essas novas formas de comunicação e de fazer sentido. Na próxima seção, discutirei um pouco mais sobre as imagens trazidas pelos alunos.

3.3.2 - Os memes

Da mesma forma que falamos dos emojis, podemos entender os memes[83], no sentido de que fazem parte dos diálogos e discursos do cotidiano, usados nas conversas e interações sociais. Furtado (2019), ao falar dos memes, defende que:

> Não só vários gêneros de discurso surgem como também uma nova forma de dizer, mas solta (...) é como se estivéssemos em outro lugar, com uma outra língua, que usa e abusa das abreviações, neologismos, gírias, sinais gráficos, imagens, sons e tudo mais que for útil para que seu discurso dialogue com o interlocutor e, assim, crie uma rede de interação discursiva com regras próprias: é o ápice do plurilinguismo (Furtado, 2019, p. 21)

Pode-se dizer que a diversidade (ou pluralidade de conceitos, discursos e visuais) é a ideia basilar dos memes. Baseada nos estudos do Círculo Bakhtiniano, a autora não busca definir o termo, mas sim olhar de forma dialética para esse fenômeno, qual seja, entender o fato a partir de um movimento dialético e dialógico, que parte do individual para o coletivo, e vice-versa. Ressalta que devemos olhar para essas estruturas como movimento, e não estrutura fixa, "no movimento dialético entre as forças centrípetas e centrífugas" (Furtado, 2018, p. 38), salientando a mobilidade, deslocamento e dinamicidade dos memes.

Deve-se ter em mente que somos agentes ativos, e não passivos, na produção de língua. O falante recebe e transforma o discurso – e assim como os emojis, os memes trazem a possibilidade de produzir língua e linguagem, a partir do dialogismo, relações entre sociais e os (permanentes) conflitos ideológicos que permeiam esses vínculos, entendendo que "a língua é definida a partir do amplo diálogo social, histórico, cultural, concreto, ideológico" (Furtado, 2018, p. 38). É no processo de interação que os sentidos se realizam, "como um fenômeno sócio-histórico ressonante da criação ideológica" (Furtado, 2019, p. 49).

De forma perspicaz, a autora traz o conceito de liquidez dos discursos, referenciando Bauman que discursa sobre a liquidez da sociedade moderna, e cita que a fluidez (que não se prende às formas, adaptando-se, remodelando-se e preenchendo espaços com mais rapidez e mobilidade) pode ser aplicada aos discursos, (res)surgindo e (re)formando o ambiente digital:

---

83 A expressão meme de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou outros, relacionados ao humor, que se espalha online. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)

> Os discursos, nas redes sociais virtuais, proporcionadas pelo império da internet, assim como os líquidos, avançam o espaço, rompem o tempo e se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos: o movimento dialógico nas redes sociais é expandido e potencializa uma linguagem menos uniforme em seus formatos, mais fluida, mais liquida (...)A liquidez discursiva não se isenta da criticidade e da argumentatividade, muito presente em vários dos novos gêneros discursivos; os discursos são líquidos por serem capazes de se rearranjarem nos múltiplos espaços virtuais e, também, orais, numa relação de tempo/espaço muito mais fluida que outrora (Furtado, 2019, p. 115, grifo meu).

Como demonstrado nos dados gerados nesta pesquisa, os memes romperam espaços, transformaram-se, e mantiveram a criticidade que a imagem propunha. Essas características podem ser observadas nos memes enviados pelos, e também nos memes que enviei e pedi que escrevessem o que escreveram, e assim essa liquidez se mostrou presente.

Outra característica importante é que "os memes ganham tanta força entre os adolescentes e jovens que hoje já o implodiram da internet para os diálogos orais da vida cotidiana" (Furtado, 2019, p. 129). Não é incomum que os "jargões" originados dos memes circulem na língua oral cotidiana. Apenas para exemplificação, aposto que já ouviram alguns bordões como "Reage, bota um cropped", "Bora Bill" ou "Isso aqui é a elite" – as origens são muitas vezes desconhecidas, mas, por terem se tornado muito famosas e circularem com grande força nas redes, as frases tornaram-se parte dos diálogos orais.

Ressaltamos a questão da autoria diluída, discutida no capítulo 1, tão característica dos ML – nesse contexto, a questão da criação coletiva destaca-se, não se sabe quem criou, quem recriou, replicou, perdendo o 'controle' da autoria, e a criatividade toma conta.

Assim, um meme é caracterizado como um gênero discursivo que se espalhou pelas redes, a partir das relações dialógicas, ou seja, das interações que permitem ao leitor certas relações de sentido. É crucial ter em mente que para entender o sentido de um meme, é preciso participar do mesmo contexto de uso que o interlocutor, compartilhando "com o locutor conhecimentos de mundo interligados, valores sociais e situações cotidianas comuns" (Furtado, 2019, p. 80).

Exemplificando com uma situação da minha experiência, levei o meme abaixo para os alunos, ressaltando que se trata de um curso para alunos avançados de uma universidade, com ênfase em inglês acadêmico e preparatório para testes de proficiência internacional:

Figura 24 - Meme do ‘conje’

Fonte: Acervo da autora

Como o foco do curso era os testes de proficiência, salientei a importância de *check the spelling*, ou seja, checar a ortografia antes da entrega final das produções escritas, pois trata-se de um critério de correção dos examinadores e seriam descontados pontos, e ilustrei com esse meme. Para entender a imagem, é preciso fazer várias conexões: primeiro, a imagem foi postada em maio de 2022 na conta oficial do *Instagram* da então primeira-dama com a frase ‘olha quem apareceu🥰🥰... *my rusband*💔” (ressalto aqui o uso de emojis “carinha de apaixonado com corações” e “coração”, retomando a discussão da seção anterior, sobre o uso dos emojis para demonstrar/ressaltar emoções – teria o mesmo efeito se não tivesse?), demonstrando orgulho de aparição do marido em alguma solenidade. Já se nota que a palavra *rusband* (marido) foi escrita de forma errada, sendo que o certo seria husband, e a confusão entre a grafia e o som das letras r e h na língua inglesa, descuido comum principalmente entre as pessoas que estão aprendendo a língua. Na sequência, vemos o comentário de @MayosDavis: “Rusband é conje em inglês”, fazendo referência à situação em que Sérgio Mouro, ex-Ministro da Justiça, durante discurso proferido em 2019 na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), usa a palavra *conje*

em vez de conjugue[84]. Assim, o humor fez-se pelas associações entre os erros, nas duas línguas, cometidos pelas figuras públicas citadas.

É necessário saber quem são os participantes, a quais acontecimentos fazem referência, e também ter conhecimento linguístico, fonético e fonológico da inglesa – os sons das letras h e r são os mesmos do inglês e português? A correspondência de letra e som são os mesmos? No contexto em que mostrei o meme, ambiente acadêmico, contando com alunos (com conhecimento intermediário a avançado de inglês) de graduação e pós-graduação, a maioria entendeu e achou graça quase imediatamente, demonstrando terem feito as conexões – mas e em outro contexto? Ainda, há essa questão: caso fossem outros os participantes (das figuras públicas citadas do meme), o deslize ortográfico seria ignorado? Seriam motivo de piada? Marcando um posicionamento político do lado do humor, "os discursos revelam muito além, revelam um embate, como se o enunciador quisesse demonstrar que o que importa é ser compreendido ativa e responsivamente na heteroglossia imanente de toda língua" (Furtado, 2019, p. 108).

Os memes mostraram-se uma forma muito eficiente de contextualizar, ao mesmo tempo em que podem transformar alunos em protagonistas de seu aprendizado. Não se trata de tecnologia por si só (se estivermos falando da questão do acesso e do manuseio), mas sim de utilizar as ferramentas, a fim de envolver o aluno no processo de aprendizagem, pois o ambiente no qual o estudante está envolvido é levado em consideração. Também não estamos falando aqui da imagem por si só, pois essa acarreta uma série de interpretações que devem ser feitas com cautela, pois imagens podem manipular. Vale a pena trazer as considerações de Ferraz (2019b):

> A linguagem visual não é neutra, apenas representa fatos ou é, assim como a linguagem/língua verbal, política, problematizadora, construtora de realidades? Tomemos o caso que está mais "na moda" e nas discussões nos âmbitos midiáticos, políticos e escolares: as imagens digitais/digitalizadas. Estas, propagadas nas redes sociais, são editadas, coladas, montadas e, a partir delas, memes, *fake news*, arte, humor, tragédia, manipulação, informação e conhecimento são criados (por qualquer pessoa que tenha um celular em mãos, há de se ressaltar) (Ferraz, 2019b, p. 2).

Considero que se deve pensar em recursos com os quais os alunos tenham familiaridade; trazer o que está fora para dentro da sala de aula, como aliado:

84 Em: https://economia.uol.com.br/videos/?id=ministro-sergio-moro-fala-conje-em-vez-de-conjuge-e-vira-meme-0402CD1B3962CCB16326. Acesso em 18/06/2023.

> É por isso que os jovens produzem colagens, bricolagens, pastiches, *jammings*, *mashups*, etc para se comunicarem enquanto nós, educadores, insistimos não somente na proibição dos celulares em nossas aulas, mas ainda utilizamos o famoso material didático (a bíblia do ensino!) e o velho quadro negro e giz (sim, giz!) para dar aulas (Ferraz, 2019b, p. 2).

Os alunos revelaram domínio do contexto da imagem, conforme demonstrado nos dados. Memes da moda, animes, as imagens que eles se identificaram e que fazem sentido para o aluno: "Cada interlocutor ativa sua responsividade ao compreender ou não o meme, ao decidir replicá-lo ou descartá-lo, significando-o e o ressignificando a partir de suas experiências singulares" (Furtado, 2018, p. 141). Assim, a partir de sua experiência pessoal, aquela imagem escolhida foi o que simbolizou o sentimento do aluno naquele momento. Por exemplo, como demonstrado na imagem abaixo, a menina e o meme foram as imagens lembradas.

A figura da "coreaninha", como é conhecida a bebê famosa por ter circulado (e ainda circular) nas redes sociais, mostrou-se presente nas respostas dos alunos. Pode-se perceber que, por sua enorme expressividade, é capaz de ilustrar diversas reações. Abaixo, seguem imagens enviadas pelos alunos, e, para exemplificação, mais algumas imagens do acervo da autora.

Figura 25 - Fotos da "coreaninha" enviados pelos alunos

Fonte: Enviado pelos alunos

Figura 26 - Mais figurinhas da" coreaninha"

Fonte: Acervo da autora

A imagem abaixo também foi enviada pelos alunos, e, após breve pesquisa, descobri que se trata de um personagem do gênero anime, muito popular entre os jovens.

Figura 27 - Monkey D Luffy, personagem do anime *One Piece*

Fonte: Enviado pelos alunos [85]

Demonstrando que o memes e o humor são inerentes à vida cotidiana dos jovens, potencializados pelo uso das mídias sociais:

> Os novos gêneros que estão "bombando" nas redes, como os memes, demonstram como a instabilidade das instituições e a capacidade de adaptação rápida dos sujeitos que passam a transitar em variados espaços sociais – reais ou virtuais –, acentuadas pela nova fase da modernidade, são sentidas também nas práticas discursivas, já que estas começam a se ver recheadas de novas configurações (Furtado, 2018, p. 142).

Devemos ressaltar que "Os memes parecem brincar com a realidade, promovendo na praça púbica virtual um riso coletivo" (Furtado, 2018, p. 146), o que pode parecer, à primeira vista, algo simples, o riso pelo riso. Podem colaborar, no entanto, no processo de ensino mais crítico, pois "O tom imprimido nos referidos enunciados tende para a ironia, para a carnavalização de um discurso oficial e não retira deles o lado crítico, pelo contrário, fortifica a criticidade: são como raios de avaliações sociais que refratam o acontecimento sob um determinado ângulo" (Furtado, 2018, p. 148).

Assim, usando o efeito irônico como sua principal característica, os memes abrem possibilidade de questionar discursos oficiais, assim como preconceitos, "alegre inversão daquilo que é socialmente estabelecido" (Furtado, 2018, p. 222).

> o riso é o que nos movimenta, nos tira da estaticidade da vida e nos liberta, potencializando a arquitetônica, ou seja, movimenta as práticas discursivas

85 https://onepiece.fandom.com/pt/wiki/Monkey_D._Luffy

> intersubjetivas elevando o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-outro. (...) essa é a função social do riso: nos libertar das amarras do sério, do desagrado, mesmo que seja por um instante (Furtado, 2019, p. 205).

De acordo com a autora, "conseguimos passar do medo, do estático, ao riso e á comicidade" (Furtado, 2019, p. 209). Apenas para exemplificação, trouxe um exemplo do meu acervo dessa imagem que circulou, demonstrando a importância de conhecer o contexto e as referências, a fim de compreender o meme:

Figura 28 - Grito no supermercado

Fonte: acervo da autora

Com o intuito de entender o meme, em circulação no começo de 2022, é necessário lembrar da obra de Edvard Munch, *O grito*, de 1893 o famoso rosto simbolizando profunda angústia e desespero. É também preciso entender a situação econômica do país naquele ano, com níveis altíssimos de inflação, resultando no aumento do preço dos alimentos – o rosto refletindo o sentimento de todos os brasileiros frequentando supermercados. O nome, "grito no supermercado" reforça mais uma vez a referência. Ainda, a brincadeira com a legenda "óleo e lágrimas sobre tela" traz um toque a mais, referenciando as técnicas usadas pelos artistas, como óleo sobre tela, entre outros – no caso da imagem, 'lágrimas sobre a tela' representando o "desespero" ao nos depararmos com essa situação abusiva. Podemos trabalhar essa imagem criticamente na sala de aula? Em quais disciplinas – artes, história, matemática, sociologia? Pode ser trabalhado de forma multidisciplinar? Transdisciplinar?

Ademais, os memes podem ser um importante parceiro quando falamos em um ensino de línguas por uma abordagem intercultural, isto é, a não considerar apenas aspectos linguísticos, mas também culturais da língua-alvo:

> Esse diálogo entre diferentes costumes e contextos pode levar professores e alunos a um processo de mudança, conscientizando criticamente os falantes da língua estrangeira/adicional no que diz respeito à língua e ao contexto em que é utilizada. Desse modo, oportuniza-se uma possível interação entre encontros linguístico-culturais, viabilizando um olhar mais compreensível no que se refere à própria cultura, quanto à cultura do outro (Santos; Ferreira, 2021, p. 612).

Na minha visão, humor pode ser usado não só para aliviar o clima e o tom das aulas, mas também pode provocar, inspirar e ser ferramenta para acessar e promover discussões sobre todos os aspectos da vida. Resta claro como os alunos entendem a referência, dominam o uso dos memes e das imagens como forma de comunicação eficaz, também utilizados para criticar um comportamento ou uma situação. A melhor forma de contextualizar e entrar no mundo do aluno, envolver o social, entendendo que "Por expressar contextos sociais e culturais diversos, o uso de memes nas aulas de língua estrangeira/adicional fomenta o trabalho cultural além do linguístico estrutural e funcional do idioma" (Santos; Ferreira, 2021, p. 611). Temos como exemplo o meme abaixo, enviado pelos alunos:

Figura 29 - Meme do 'laranjo'

Fonte: Enviado pelos alunos

Além das imagens, pedi que escrevessem uma explicação sobre o material enviado. A explicação do aluno Bruno sobre o 'meme do laranjo' é que "as vezes é tanta coisa que fico sem saber o que fazer, sem saber o que tô fazendo, onde estou kkkkkkkkkk" , ou seja, ficou claro que os alunos sabem brincar com a língua e subverter o seu uso formal, demonstrando conhecimento de seu uso.

Selecionei abaixo mais algumas das explicações enviadas pelos alunos:

- Ana: A tecnologia me deixa fascinada, pois a cada dia aprendemos mais com ela, e a cada dia mais ferramentas incríveis são criadas.
- Breno: Acho uma ferramenta legal, mas hoje em dia não é algo muito empolgante devido ao uso constante da tecnologia.
- Clara: Ela me faz sentir feliz, pois qualquer conteúdo que eu quiser conhecer mais um pouco, basta realizar uma pesquisa, e também possibilitou o aprendizado de outras várias maneiras.
- Enzo: Me refiro a esta imagem porque antes da tecnologia ir para as aulas a fixação sobre o conteúdo era mais lenta.
- Cinthia: Não consigo adicionar um arquivo :(porém se fosse pra colocar um, colocaria o meme do drake recusando as formas padrões de aprendizado, e em seguida ele gostando das formas diferenciadas.
- Júlio: Não consegui colocar a imagem, mas era o meme do "mais ou menos", pois eu utilizo muito a tecnologia, no caso para estudos e jogar, porém considero ela nociva, tanto pelo ambiente tóxico em algumas redes sociais, tanto pelo enfraquecimento das relações sociais quando um amigo só fica ano celular, e não aproveita o momento, por exemplo.

Devemos considerar, claro, que não houve tempo hábil na escolha dos memes – e a plataforma escolhida impunha limitações para o envio –, mas, pelos depoimentos, podemos perceber a ressalva de aspectos positivos, a possibilidade de aprendizado, a facilidade de encontrar informações e fazer pesquisas.

As duas últimas justificativas impressionaram-me pelo domínio de explicar os memes, e também de recriá-los/adaptá-los para uma situação específica. Quando citaram o meme do Drake, eu logo já sabia que se tratava da figura 11, demonstrando que sabem descrever a imagem de forma natural, e também usar a linguagem, no sentido de entender as reações do personagem em aceitar e rejeitar algo. A descrição do aluno Júlio chamou-me a atenção : “Não consegui colocar a imagem, mas era o meme do "mais ou menos", com a explicação sobre as vantagens e desvantagens da tecnologia, auxiliando nos estudos e jogos, mas também pode ser tóxica, sendo que o uso excessivo das redes pode acarretar o enfraquecimento das relações sociais”. Depois de realizar uma pesquisa, encontrei o meme citado, com o bordão (que, aliás, passou a fazer parte dos diálogos orais) utilizado pelo personagem Poderoso Castiga:

Figura 30 - Meme do ‘Mais ou menos’

Fonte: Internet[86]

Estes dois memes enviados também são interessantes:

Figura 31 - Memes dos alunos

Fonte: Enviado pelos alunos

A imagem da esquerda demonstra o sentimento em relação à tecnologia – é muita informação para assimilar, e por esse motivo pode ser difícil lidar com muitas coisas novas surgindo ao mesmo tempo. Já a imagem da direita, trabalha com um pouco mais de humor, contando ainda com a legenda “marque somente o que você não sabe. Eu” – como se o autor dissesse que não sabe de muita coisa e precisa destacar o texto todo. Acredito ser essa a explicação: “me refiro a esta imagem porque antes da tecnologia ir para as aulas a fixação sobre o conteúdo era mais lenta” (aluno Caio), dando a entender que a imagem mostra texto e apostila de papel, mais convencional, sendo hoje mais fácil reter conteúdo com ajuda da tecnologia.

86 https://twitter.com/DonBanguela/status/867093908148428800/photo/1

Vimos a conexão que os alunos trazem das suas vivências, revelando o entendimento da criticidade, como o ensino de inglês na escola pública, o abismo entre a teoria e a prática dessas aulas, os sentimentos em relação à pandemia. Na geração de dados foram mostrados 4 (quatro) memes e pedi para os alunos escreverem o que entenderam, ao fim ele demonstraram compreender a mensagem, as referências e humor. Certas respostas foram muito interessantes, por isso destacarei algumas abaixo.

Em relação à figura 11, meme do Drake (inclusive mencionado por um aluno), destaco 2 (duas) respostas dos alunos:

- Pedro: Que os "americanos" não deveriam ser chamados de americanos, visto que não é somente quem mora nos Estados Unidos da América que está na América. Tem muitos outros países americanos, por isso o mais coerente é ser estadunidense, e é o que nós, habitantes desses outros países, fazemos.
- Dandara: Me faz lembrar de o quanto os estadunidenses se acham o centro do mundo, se acham o melhor país do mundo. Se você perguntar pra um estadunidense o que é a América, grande parte não sabe que é o nosso continente, e sim o país deles.

Julgo as respostas elaboradas e inteligentes, com consciência geográfica e social bem afiadas, e críticas em relação à supremacia e influência cultural dos Estados Unidos. Questiono-me se o meme trouxe essa reflexão ou se já discutiam isso em seus locais.

Em relação à figura 12, o meme da Lorena[87], as interpretações dos alunos foram:

- Sebastião: Que geralmente quando uma pessoa estuda inglês, ela estuda só o básico, o que acha que realmente vai usar, mas na realidade é bem diferente.
- Laura: Muitos acham que aprender outra língua é fácil, aprendem o básico, não procuram praticar nada da língua, e pensam que são fluentes.
- Sophia: Me faz rir e me identificar.
- Raul: Que temos um ensino fraco, infelizmente.
- Victor: Na prática é outra a realidade, acabamos ficando nervosos esquecendo como se fala as palavras e as conjugações. Então este meme é total realístico, ocorre muito.
- Rayane: Que o inglês teórico é mais fácil do que o inglês praticado no exterior. Pois na hora de treinar, o cérebro consegue. Mas na hora de pôr em prática já é diferente
- Valentina: Que a teoria é diferente da prática.

87 “Hi Lorena” faz referência a um vídeo que viralizou nas redes há alguns anos, em que duas garotas gravaram um diálogo em inglês (aparentemente estavam gravando uma tarefa para aula de inglês), porém com uma pronúncia bastante “robótica”, fazendo a conversa soar artificial. Aliás, muitos materiais trabalhados em sala de aula muitas vezes trazem interações que são, de fato, artificiais e desatreladas da vida real.

Ou seja, ficou claro para os alunos que a teoria é diferente da prática, trazendo o questionamento sobre a qualidade e eficiência do ensino do inglês. O que se aprende na escola é tão diferente da realidade? Por que? E por que o ensino não prepara para a vida real, seja em qualquer disciplina que podemos mencionar?

Além disso, eu acredito ser extremamente relevante a questão da identificação mencionada por vários alunos – ao se "verem" na mesma situação ilustrada pelo meme, o que gerou o riso e causou a sensação de não serem os únicos a viverem aquela situação e a se sentirem daquela forma. Ao compartilhar dos mesmos sentimentos e angústias, entendo que se torna mais fácil enfrentar certos medos, aumentando as chances de saírem mais fortalecidos para questionar os motivos daquele cenário e quem sabe pensar em possíveis soluções.

Já sobre a figura 13, 'Aprender com memes', os alunos relataram:

- Samantha: Diversas maneiras de aprender inglês.
- Victoria: Que memes, por misturarem a linguagem verbal e a não verbal, fazem as pessoas aprenderem melhor o inglês, até porque memes geralmente são humorísticos e isso coopera no aprendizado.
- Luis: Que os memes nos trazem muitas referências e aprendemos muito.
- Jaqueline: Que podemos aprender inglês de várias formas.
- Antônio: Me lembra que eu queria aprender inglês pra também conseguir ler mangas.
- Ana: Que podemos aprender inglês com outras coisas além da aula.

Os depoimentos ressaltam que os alunos tem consciência das diversas formas de aprender, não só da maneira convencional, mas também com imagens, com referências que vão além da sala de aula.

E sobre o último meme, a figura 5, o eterno verbo *to be*, os alunos entenderam que:

- Clarissa: Que a educação de outra língua, como o inglês, em escolas públicas, na maioria das vezes é fraca e repetitiva.
- Maria Alice: Concordo com o meme, a maioria das escolas públicas só ensinam o verbo *to be* e mesmo assim os alunos saem da escola sem entender.
- Kleber: Mostra que na escola o pensamento e só o verbo *to be.*
- Lizandra: Que nas escolas só aprendemos o verbo *to be* que é ser ou estar. Todos pensam que é só verbo *to be* em todos os anos, tal meme é uma ironia.
- Cesar: Muitas escolas públicas possuem o ensino de inglês muito básico por falta de estrutura, mas infelizmente essa carência abrange diversas matérias no ensino público.
- Rayssa: O inglês "nunca" avança em escola pública.
- Lais: Isso me faz pensar que as aulas de inglês são defasadas na maioria das escolas.

- Flor: Que em todos os ano vemos o verbo *to be* .
- Rubens: Parece que todo o inglês gira em torno do ver *to be*.

A ironia e a crítica foram compreendidas pelos participantes, confirmando que eles têm consciência sobre as questões trazidas – enviaram as imagens e além disso demonstraram fazer uma leitura (rica, do meu ponto de vista) do que eu enviei. A pretensão é desconstruir ideias, conceitos preestabelecidos e preconceitos, os memes mostraram-se bastante eficientes na missão de questionar lugares, conceitos hegemônicos e conceber novas possibilidades, a fim de repensar injustiças, sempre dentro de um contexto e uma cultura específica.

O que aprendi com os memes

Aprendi que os memes e os emojis fazem parte da nossa vida, e seus estudos devem ser aprofundados. Neste capítulo busquei trazer algumas discussões sobre os usos e sentidos dos emojis e dos memes, apoiadas nas teorias, bem como fazer uma relação dessas práticas multiletradas com a juventude, considerando que a internet impulsionou essa forma de interação, enriquecendo assim a concepção de língua como prática social, como defendido pela pedagogia dos multiletramentos.

Ao pesquisar material para os alunos, deparei-me com esse meme da 'Narazé confusa', como é conhecido, em um site em língua inglesa sobre debates acadêmicos, e acabei descobrindo que a personagem é conhecida internacionalmente, comprovando que pode ultrapassar barreiras espaciais e temporais:

Figura 32 - Nazaré confusa

Fonte: Acervo da autora

Corroboramos assim a liquidez que rompe o tempo, pois a personagem Nazaré pertence a uma novela brasileira antiga, transmitida há mais de 20 anos, e a imagem do meme é uma cena em que estava com um olhar perdido, como se tentasse entender algo. Também rompe o espaço, pois foi compartilhada por pessoas que não conhecem a origem, a novela, mas usaram para transmitir a ideia de confusão, confirmando a legenda "eu quando perco um debate". A internet permitiu que esse intercâmbio cultural acontecesse.

Aprendi que há possibilidade, com os memes e emojis, de questionar e desconstruir conceitos impostos e engessados, e esse gênero deve entrar na sala de aula por fazer parte da vida cotidiana. Dessa forma, devemos pensar em um ensino que tenha a missão de 'desestruturar' velhas ideias, mesmo que no caminho fiquemos todos confusos como a Nazaré. Além disso, esse caminho pode ser feito sorrindo – identificando-nos, rindo de nós mesmos?

Figura 33 - O poder dos memes

Fonte: Internet[88]

88 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/06/interna_politica,1417823/brasil-patria-dos-memes-o-homem-e-um-animal-que-ri.shtml. Acesso em 04/09/23.

3.4 – MULTILETRAMENTOS E DECOLONIALIDADE

Os Multiletramentos foram recebidos com muito entusiasmo e suscitaram ainda mais euforia quando inseridos nos documentos oficiais, como a BNCC, pois foi determinada a imprescindibilidade de sua aplicação nas escolas. Como discutido no capítulo anterior, a formação dos professores deve passar pela teoria, a fim de conhecerem e saberem o trabalho. Eu acredito que os professores devam estar munidos, para que tenham, também, a possibilidade de questionar a sua aplicação na prática, pois eles vivem o dia a dia e conhecem a realidade e o contexto dos alunos, bem como o local em que lecionam.

As críticas a essa prática pedagógica já estão sendo realizadas, pois a teoria, com seus inúmeros pontos positivos, que apontam para a possibilidade de revisão educacional e abarcam a diversidade de culturas, foi criada por um grupo formado por pesquisadores em sua maioria europeus e norte-americanos. Há uma tendência (acredito mais forte do que apenas tendência) na qual os pesquisadores que não estão no Norte Global, aceitam as teorias, vistas como superiores, sem, às vezes, questionar se essas teorias são cabíveis, se fazem sentido para o contexto local. Reiteradamente, estudos enviados de longe são acatados com pouco questionamento, reforçando a hegemonia dos países eurocêntricos, sendo esse o principal debate e crítica dos estudos decoloniais. Ainda, quais são as consequências dessas escolhas – se é que podemos falar em escolhas, como se uma opção tivesse sido oferecida?

Assim, o objetivo é aprofundar também essas questões. A maior indagação é a utilização da teoria no Brasil, após quase 30 anos de sua publicação, e o seu propósito na realidade brasileira. O capítulo será dividido em duas partes, a primeira delas oferecerá algumas referências gerais breves a algumas teorias decoloniais, e, a segunda, o ponto de vista de alguns intelectuais, mais especificamente no Brasil, sobre a teoria dos multiletramentos.

3.4.1– Teorias decoloniais

Quando se fala em teorias decoloniais, há alguns autores fundamentais os quais não se deve deixar de mencionar. Aníbal Quijano, sociólogo peruano, foi um dos principais intelectuais a se debruçar sobre o tema da decolonialidade, objetivando desmantelar uma concepção de poder eurocêntrica,ao olhar para o contexto do sistema do mundo colonial/moderno. Em seus estudos, conceitua a colonialidade e a modernidade como eixos fundamentais do padrão capitalista, e como tais sustentam uma classificação dos indivíduos em termos de raça, trabalho

e gênero, levando à divisão da população em superiores e inferiores, racionais e irracionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos, separação essa justificada como um fenômeno natural.

Assim, iniciou-se a era da hegemonia eurocêntrica, a modernidade, solidificando a noção de que a Europa antecedia essa referência, pois "sobretudo com o Iluminismo, no eurocentrismo foi-se afirmando a mitológica ideia de que a Europa era pré-existente a esse padrão de poder" (Quijano, 2009, p. 75). Foi determinado, assim, que a Europa "e os europeus eram o momento e o nível mais avançados no caminho linear, unidirecional e continuo da espécie" (Quijano, 2009, p. 75), daí lhe serem atribuídos direitos de dominação.

O grande problema consiste no fato de que os povos não-europeus, colonizados, por não fazerem parte desse padrão, eram considerados seres irracionais, e não tinham, assim, reconhecimento para produzir ideias, pensamentos ou história válidos[89]. E porque as formas de conhecimento desses povos são muitas vezes baseadas no corpo e corporalidade, integradas ao estado de natureza, elas não são consideradas, até os dias de hoje, como modos de conhecimento "aceitáveis".

No mesmo sentido, relacionado à essa noção fundadora do pensamento eurocêntrico, acredito que não pode faltar aqui menção ao importante conceito do filósofo colombiano Castro-Gomez de "*hybris del punto cero"* [90], que complementa esse imaginário do marco europeu como o legítimo instituidor da humanidade. Segundo as palavras de Ballestrin, "O ponto zero é um ponto de partida de observação, supostamente neutro e absoluto, no qual a linguagem científica desde o Iluminismo assume-se "como a mais perfeita de todas as linguagens humanas", refletindo "a mais pura estrutura universal da razão" (Castro-Gomez, 2005c, p. 14)" (Ballestrin, 2013, p. 104).

A dominação foi assim justificada e considerada como algo natural, pois: "los habitantes del punto cero (científicos y filósofos ilustrados) están convencidos de que pueden adquirir un punto de vista sobre el cual no es posible adoptar ningún punto de vista"[91] (Castro-Gómez, 2005, p. 18), o que não faz sentido, pois não há conhecimento neutro, sem resquícios de

89 "Estes elementos "pré-modernos" destinavam-se a ser substituídos no futuro por Estados-Nação-como-na-Europa.A Europa é civilizada. A não-Europa é primitiva. O sujeito racional é Europeu. A não-Europa é objeto de conhecimento. Como corresponde, a ciência que estudará os europeus chamar-se-á 'sociologia'. A que estudará os não-Europeus chamar-se-á etnografia" (Quijano, 2009, p. 99).

90 "Este punto absoluto de partida, en donde el observador hace tabula rasa de todos los conocimientos aprendidos previamente, es lo que en este trabajo llamaremos la hybris del punto cero" (Castro-Gómez, 2005, p. 24).

91 "Os habitantes do ponto zero (cientistas e filósofos esclarecidos) estão convencidos de que podem adquirir um ponto de vista sobre o qual não é possível adotar nenhum ponto de vista" (Castro-Gómez, 2005, p. 18, tradução minha).

memória, de vida, daqueles que os conceberam e impuseram. Essa foi uma forma de defender o sistema de dominação como "orgânico", genuíno e sem culpa.

Mas, como já foi discutido, "una de las consecuencias de la hybris del punto cero es la invisibilización del lugar particular de enunciación para convertirlo en un lugar sin lugar, en un universal"[92] (2005, p. 61), demonstrando extrema soberba pois "La hybris supone entonces el desconocimiento de la espacialidad y es por ello un sinónimo de arrogancia y desmesura"[93] (Castro-Gómez, 2005, p. 19).

Importante lembrar das lições de Mignolo que, junto com Vásquez (Mignolo; Vásquez, 2017), aponta como principal ponto o atrelamento entre o conceito de modernidade e a desumanização de alguns povos, apontando como a criação de um padrão atinge o conhecimento, e consequentemente, o modelo educacional que é visto como referência em tantos lugares.

Dessa forma, descrevem que esse modelo determinou uma visão baseada na lógica imutável, incentivando rótulos. Como solução, os autores trazem a definição de pedagogia decolonial, como uma ação política e pedagógica, que visa estimular uma forma de conhecimento não fosse baseado apenas na racionalidade, mas sim na emocionalidade[94], favorecendo uma maior igualdade, pois daria chance para outras configurações de conhecimentos. Assim, os autores propõem uma nova concepção, diferente da atribuída pelo eurocentrismo.

De maneira análoga, os pesquisadores focam a importância da corporalidade e outros formatos de conhecimento, banidos por esse pensamento moderno/racional, lembrando que o saber vem do corpo. O *sentir-pensar,* usando o termo dos autores, é essencial no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O melhor caminho para se chegar a esse ponto, inicialmente, deve ser:

> Aprender a desaprender, a fim de reaprender. Na primeira parte do sintagma está a dimensão analítica da descolonalidade, na segunda, a dimensão criativa e prospectiva: o desengajamento e o início do ser no mundo de outra forma; o

92 "uma das consequências do híbrido do ponto zero é a invisibilização do lugar particular de enunciação para transformá-lo em um lugar sem lugar, em um universal" (Castro-Gómez, 2005, p. 61, tradução minha).

93 "O hybris implica assim um desrespeito pela espacialidade e é, portanto, sinônimo de arrogância e exagero" (Castro-Gómez, 2005, p. 19, tradução minha).

94 "De ahí la palabra "*aesthesis*" que, al invocar los sentidos, nos conduce a privilegiar la emocionalidad sobre la racionalidad" (Mignolo; Vásquez, 2017, p. 497).

> sentir, o pensar e o raciocinar decolonialmente[95](Mignolo; Vásquez, 2017, p. 493, tradução minha).

Ou seja, há a urgente necessidade de desaprender o que as tradições impõem pela escola, universidade e Estado (Mignolo; Vásquez, 2017, p.504)[96]. O sentir e o pensar, a ênfase na corporalidade, tudo isso passa e faz parte da construção da individualidade. Não há de se pensar em negar isso às pessoas, objetar que a visão, o sonho, um desenho, possam fazer sentido, mesmo diferentemente. Ainda que não faça sentido para a história de alguns, faz para outros. Não se pode deixar esse julgamento de valores determinar o que é melhor, baseado apenas em uma visão, no que você sabe/aprendeu. Por que não pode ser diferente? Desse modo, é necessária uma mudança de visão, a fim de se reconhecer outras formas de conhecimento, sem enaltecer uma em detrimento de outra, abrindo espaço para todas as culturas que foram depostas de poder ao longo dos anos, sendo retirada a sua humanidade.

Nessa perspectiva, Walsh reflete sobre a situação das universidades da América do Sul, e dos projetos de "humanização" em curso na academia, mais especificamente das demandas do Chile, onde se exige uma educação "mais relevante e sujeita a "outra humanidade", violentamente acalentada pela modernidade, uma humanidade não ligada ao mercado ou ao humanismo racional, euro-usa-cêntrica e pretensamente universal, que segue ordenando seres e saberes em um sistema mundo moderno/colonial desumanizador"[97] (Walsh, 2014, p. 5, tradução minha). A autora refere-se, assim, ao sistema que invisibiliza e transforma seres em objetos universalizados.

Acredito que esse debate é muito interessante e cabível ao contexto brasileiro, quando falamos em academia e universidade, e do tipo de ensino oferecido (ou imposto) para os alunos, ou até para os professores, em sua formação. Devemos nos atentar para que a formação dos professores, dos cursos livres ministrados nas universidades, não seja focada em conhecimentos práticos, voltados para o mercado de trabalho. Não há fundamento em se transpor teorias de outros lugares, como o norte global (ideia de universalismo), e se distanciar do contextual, não

---

95 Do original:"Aprender a desaprender para volver a aprender. En la primera parte del sintagma está la dimensión analítica de la decolonialidad, en la segunda la dimensión creativa y prospectiva: el desenganche y el comienzo de estar en el mundo de otra manera; sentir, pensar y razonar decolonialmente" (Mignolo; Vásquez, 2017, p. 493).

96 "la urgente necesidad de *desaprendernos* (desaprender y desengancharnos) de todo aquello que las tradiciones cívicas y académicas europeas, por medio de sus figuras canónicas y sus seguidores locales, imponen a través de la escuela, la universidad y el Estado" (Mignolo; Vásquez, 2017, p.504).

97 Do original: "Entre sus demandas: una educación más relevante y sujetada a la "otra-humanidad" que "fue acallada violentamente por la modernidad", una humanidade no ligada al mercado o al humanismo racional, euro-usa-céntrico y pretendidamente universal que sigue ordenando seres y saberes en un sistema mundo moderno/colonial deshumanizador" (Walsh, 2014, p. 5).

olhando para as necessidades locais. No mesmo sentido, critica-se o processo de modernização, que "elogia a 'excelência' de instituições estrangeiras de países 'desenvolvidos' por sua oferta científica e tecnológica 'universal', desacreditando e subordinando o nacional e o regional"[98] (Walsh, 2014, p. 10, tradução minha). Conhecimentos locais/ancestrais são considerados contraproducentes nesse processo de modernização global, pois qual o valor teria esses conhecimentos "irracionais"?

Na entrevista com os professores, estes demonstraram interesse em saber mais sobre os multiletramentos, já que o termo está sendo citado nos documentos oficiais, como a BNCC. Tal fato é indiscutível, mas é necessário que a formação passe por um questionamento crítico, que o professor saiba de onde são seus alunos e seu contexto, olhando para os seres humanos, pois muitas vezes as teorias podem pregar o contrário da humanização:

> O humanismo, como bem sabemos, tem sido componente fundamental do poder imperial-colonial-capitalista e seu racionalidade/projeto ocidental e ocidentalizante da racionalidade; as ações de "humanizar" (leia-se: civilizar, domesticar e pacificar) os "bárbaros e selvagens", "desenvolver" os "subdesenvolvido" e instituir um modelo humano – de humanidade – que hierarquiza seres e saberes, são somente parte do legado "humanístico" (de humanismo como também de humanidades) e sua dupla que tem sido -e é - da desumanização -desumanidade (Walsh, 2014, p. 6, grifo meu, tradução minha).[99]

A palavra "domesticar", utilizada pela autora, chamou-me muito a atenção e lembrou-me do processo de desumanização, passando pela organização das carteiras, como forma de dominação dos alunos, para que todos obedeçam e vejam o professor em um lugar superior, hierarquizado. No meu Ensino Fundamental, as carteiras eram enfileiradas, a rigidez era constante, isso mudou no meu Ensino Médio, quando eu já sentia diferença em relação às aulas. Conforme conversa com professores, reforçando o meu sentimento:

> (Professor João, roda de conversa 1): Eu gosto de trabalhar no semicírculo, porque ele favorece a interação, então a língua também é instrumento de interação...[...] acho que aproxima, eu acho que humaniza um pouco, eu acho

98 Do original: "enaltece la "excelencia" de instituciones extranjeras de los países "desarrollados" por su oferta científica y tecnológica "universal", desprestigiando y subordinando lo nacional y regional" (Walsh, 2014, p. 10).
99 Do original: "El humanismo, como bien sabemos, ha sido componente fundamental del poder imperial--colonial--capitalista y su racionalidad/proyecto occidental y occidentalizante; las acciones de "humanizar" (leer: civilizar, domesticar y pacificar) a los "bárbaros y salvajes", "desarrollar" a los "subdesarrollados" e instituir un modelo humano –de humanidad– que jerarquiza seres y saberes, son solo parte del legado "humanístico" (de humanismo como también de humanidades) y su dupla que ha sido –y es– la deshumanización –deshumanidad" (Walsh, 2014, p. 6).

> que isso é positivo, se a gente puder fazer isso porque aproxima o aluno da gente e o aluno do outro aluno também.
>
> (Professora Clara, roda de conversa 1): Eu também gosto de sentar nas carteiras, gosto de sentar junto, pra mostrar que a gente não é melhor, que a gente não tem super poder, que a gente é igual eles mesmo, então acho muito legal a gente ter essa posição, eles adoram isso. [...] . Então sempre coloco na posição deles também, eu sento junto, na hora de fazer cartaz eu sento no chão, e eu vou um pouco contra as regras da instituição, porque eu acho que dessa forma eles se sentem super à vontade assim, e eles confiam em mim e eu confio neles, então é essa relação que a gente precisa ter.

A humanidade, assim, passa pelo corpo, e não podemos esquecer que parte desse processo de desumanização é a negação do orgânico, do físico, como parte do aprendizado, encaminhando o aluno para a formação de uma maneira mais técnica, com ênfase na produção e no emprego. Eu acredito que em muitos lugares do Brasil, e em São Paulo, meu local de fala, muitos alunos (de universidade mesmo) sentem-se desconfortáveis em realizar atividades envolvendo os gestos, o sentido, a intuição, pois, além de não confiarem no próprio corpo, preferem focar o conteúdo, a escrita, a produção, acreditando que aprendem muito mais ouvindo o professor passivamente, o formato tradicional ao qual fomos acostumados.

Dussel, mais um importante pesquisador da decolonialidade, elabora o conceito de transmodernidade como uma possibilidade de reforma da visão; mais do que isso, é a mudança de paradigma, levando em conta a necessidade de transformar a racionalidade: “a razão moderna é transcendida (mas não como negação da razão enquanto tal, e sim da razão eurocêntrica, violenta, desenvolvimentista, hegemônica)” (Dussel, 2000, p. 29). O autor questiona os binarismos criados para separar o considerado “diferente” do mais evoluído, vislumbrando a esperança de integração:

> O projeto transmoderno é uma co-realização do impossível para a Modernidade; ou seja, é a co-realização de solidariedade, que chamamos de analéptica, de: Centro/Periferia, Mulher/Homem, diversas raças, diversas etnias, diversas classes, Humanidade/Terra, Cultura Ocidental/Culturas do mundo periférico ex-colonial etc.; não por pura negação, mas por incorporação partindo da Alteridade (Dussel, 2000, p. 29).

A ideia principal baseia-se na negação do caráter mítico como um projeto de libertação político, econômico, ecológico, erótico, pedagógico, religioso etc (Dussel, 2000, p. 30). O que se vê aqui são tentativas de emancipação baseadas nas ideias de desprendimento, abertura, de-linking, desobediência, vigilância e suspeição epistêmicas; são estratégias para a descolonização, de-colonização ou descolonização epistemológica (Ballestrin, 2013, p. 108).

Césaire, em sua obra “Discurso sobre o colonialismo”, com suas palavras que mais se assemelham a poesia (como poeta que também é, e dessa forma não seria diferente), faz duras críticas ao colonialismo, ao capitalismo e ao “pedantismo cristão por haver elaborado equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvagerismo, das quais só poderiam resultar consequências colonialistas e racistas abomináveis, cujas vítimas deveriam ser os índios, os amarelos, os negros” (Cesaire, 2020, p. 14), escancarando os binarismos criados, demonstrando a incapacidade de resolver os problemas da sociedade criados por esse sistema.

O pesquisador também cita o pseudo-humanismo por “haver socavado por muito tempo os direitos do homem; tido deles, e ainda ter, uma concepção estreita e dividida, incompleta e parcial; e no final das contas, sordidamente racista” (Cesaire, 2020, p. 18). Esse humanismo foi o criador dessa sociedade dividida, precisando dela para sobreviver, embora ela possa ser o motivo pelo qual ele está fadado a não sobreviver.

O autor traz referências históricas e de outros discursos, descontruindo os argumentos de uma série de pensadores e intelectuais que defendiam o colonialismo e a sua naturalização; escancarando a descivilização e desumanização do colonizado. Sua obra é importante, porque dá nome e significado ao processo de colonização e colonialismo, revelando o sistema de validação europeu para o campo de produção das ideias.

Césaire faz uma comparação entre nazismo e colonialismo, descrevendo seu funcionamento como um bumerangue, uma força que volta para você: “apoiamos esse nazismo antes de padecê-lo, o legitimamos, porque até então só se havia aplicado aos povos não-europeus; e este nazismo cultivamos; somos responsáveis por ele e ele brota, penetra, goteja, antes de engolir em suas águas avermelhadas a civilização ocidental e cristã por todas as fissuras desta” (Cesaire, 2020, p. 147). O poeta constrói um raciocínio para provar que, ao desumanizar o outro desde o início, o colonialismo está fadado ao fracasso: “A verdade é que nesta política ‘está inscrita a perdição da própria Europa’” (Cesaire, 2020, p. 74).

Veronelli reforça que decolonialidade é um processo de produção de classificações por meio de instituições modernas, leis, tratamentos, práticas e desejos, que posicionam sujeitos destituídos de direitos em situações e relações adequadas apenas para “seres/sociedades inferiores, em contraste com os colonizadores superiores, civilizados e humanos” (2015, p. 86), levando para o silenciamento essas vozes subalternizadas. Tudo passa pela linguagem como uma forma de poder, de controle – como a reflexão feita pelo professor da escola pública que conversei, para quem a língua é um instrumento de interação, especialmente importante na aula de línguas.

> A colonialidade da linguagem é o termo que estou propondo para nomear um processo que acompanha a colonialidade do poder. É um aspecto do processo de desumanização das populações colonizadas-colonializadas através da racialização. O problema que a colonialidade da linguagem propõe é a relação entre raça/linguagem (Veronelli, 2021, p. 91).

Ballestrin, ao falar sobre o giro decolonial, expressão de Maldonato-Torres, cita a locução como resultante de um projeto de pesquisa que repensa as consequências desse eurocentrismo, e aparece como "movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, a lógica da modernidade/colonialidade" (Ballestrin, 2013, p. 105). É possível ver aqui a perspectiva de uma postura mais ativa, com mais compromisso com a prática, trazendo o questionamento de como mudar de fato.

Importante falar de sua reflexão aqui, encaminhando-nos para um panorama brasileiro: "A colonização portuguesa – a mais duradoura empreitada colonial europeia – trouxe especificidades ao caso brasileiro em relação ao resto da América. O Brasil aparece quase como uma realidade apartada da realidade latino-americana" (Ballestrin, 2013, p. 111). Assim, na próxima seção, iremos analisar como essas teorias foram pensadas para rever alguns conceitos dos multiletramentos no Brasil, tendo como base a discussão sobre os estudos decoloniais. Nesse sentido, poderíamos falar em ML decolonais ou decolonizados do Norte Global?

3.4.2 – Problematizações dos Multiletramentos no Brasil

Ao referirmo-nos às teorias e práticas escolares, não se pode deixar de lado a análise sob a perspectiva da colonialidade, pois a relação de poder que permeia essas associações pode levar à valorização e imposição de algumas categorias, vistas como superiores, sobre as outras. Todas essas críticas levam, então, a possibilidades (ou propostas) de um multiletramento "brasileiro", que não se apresenta de forma generalizada, conectando o global e o local, e apontando para a nossa terra, nossos sujeitos e espaço, como frutos de uma educação colonizada.

Começamos com Pinheiro (2016), que indaga se o termo design, emprestado do mundo corporativo, leva a uma interpretação/perspectiva mercadológica, correndo o risco de sermos "guiados por uma perspectiva que se enquadra exclusivamente na dinâmica de reestruturação do capitalismo, que se consolida no modelo vigente neoliberal. Tal perspectiva pode conduzir à criação de modelos de ensino que se enquadram em lógicas mercadológicas" (Pinheiro, 2016, p. 258). O autor traz o conceito de design contingencial, baseado na ideia de que a relação texto-prática, relatada na instrução explícita da teoria, não deve ser orientada previamente, mas

sim levar em conta a experiencia do aluno, ou seja, o design não deve se formar a partir dos textos, mas das práticas sociais, para que, assim, faça sentido para os estudantes:

> Essa visão, que parte da prática para o texto, por sua vez, possibilita um enquadramento crítico que busca fazer uma análise e interpretação de questões sociais, culturais, políticas e ideológicas, tendo como referência não apenas os designs moldados a priori pelos textos, mas também o que se denomina aqui designs contingenciais, nos quais operam movimentos, indeterminações e dissonâncias (Pinheiro, 2016, p. 529).

Ainda no mesmo sentido, Windle (2020) comenta como certas práticas e teorias afastam-se da área em que são executadas, não considerando o contexto e a história de seus locais de origem. Seu texto traz importantes reflexões sobre a prática de multiletramentos, sustentada em condições que podem não ser adequados para o contexto do Brasil[100] que, em razão da história do seu surgimento e desenvolvimento, bem como da política empregada, se encontra em condições diferenciadas. Baseado em sua experiência, o autor problematiza os termos utilizados pela teoria e cita o conceito de gambiarra, o conhecido "jeitinho brasileiro" de solucionar problemas, como um equivalente mais adequado à condição da noção de design já definido anteriormente:

> O *design*, como utilizado metaforicamente pelo The New London Group, também envolve um planejamento cuidadoso, possibilitado por recursos estáveis, prazos previsíveis e materiais confiáveis. Estas não são as condições sob as quais muitas construções brasileiras são realizadas, para levar a metáfora de volta a uma escala literal, algo que me marcou enquanto ajudava em projetos de construção familiar na Austrália regional e em uma periferia urbana brasileira.
>
> No Brasil, o termo gambiarra é usado para se referir às soluções improvisadas e não-oficiais que entram nas lacunas deixadas pelos projetos oficiais e sua execução. Estas envolvem materiais recuperados, adaptações e criatividade, e são frequentemente soluções precárias ou temporárias para problemas urgentes. Embora haja o perigo de romantizar e naturalizar conceitos cotidianos quando captados como lentes teóricas, encontrei valor no uso do conceito de gambiarra para repensar localmente "A pedagogia das multiletramentos" (Windle, 2020, p. 8, tradução minha)[101].

---

100 The environment of literacy education in rural Brazil, for example, frequently comprises a classroom without computers, textbooks, or even electricity. (Windle, 2020, p. 7)

101 Do original: "Design, as used metaphorically by The New London Group, also implies careful planning, enabled by stable resources, predictable timeframes and reliable materials. These are not the conditions under which much Brazilian construction is undertaken, to take the metaphor back to a literal scale, something that was hit home to me as I helped out in family building projects in regional Australia and in a Brazilian urban periphery. In Brazil, the term *gambiarra* is used to refer to the improvised and unofficial solutions that step into the gaps left by official designs and their execution. These involve salvaged materials, adaptations and creativity, and are often precarious or temporary solutions to pressing problems. While there is a danger of romanticising and naturalising everyday concepts when picked up as theoretical lenses, I have found value in using the concept of gambiarra to locally rethink 'The pedagogy of multiliteracies'" (Windle, 2020, p. 8).

Bom, resta claro que as condições do contexto brasileiro são diferentes, e não há como comparar e exigir o mesmo grau de "eficácia", se é que podemos falar assim, da teoria em condições que são, em muitos locais, precárias e incertas. A gambiarra vem justamente nesse sentido, de dar soluções à falta de estrutura, quando as condições "perfeitas" são inexistentes. O relato de alguns professores entrevistados impressionou-me muito, como por exemplo da professora Clara, que relata a falta de suporte em seu contexto e comenta o que pode ser feito ou não, principalmente ao falarmos de tecnologia e recursos na escola. Há vontade dos docentes, isso ficou muito transparente nas conversas, mas também fica evidenciada a dificuldade de se falar em uma teoria que não olha para situações mais frágeis, sendo a vontade e a criatividade do professor os motores da aula:

> (Professora Clara, roda de conversa 1): Tem tudo a ver com a novidade, o professor tem um outro olhar, por mais que a gente tenha muitos desafios, porque na escola pública tem os notebooks agora, mas as vezes não tem internet; às vezes a gente tá com internet, mas os computadores estão quebrados. A gente tem esses desafios, mas eu acho que se a gente inovar, vai ter sempre um sucesso dentro da sala de aula.

Ferraz (2018) ainda complementa que muitas vezes lemos os multiletramentos com uma visão metodológica, sendo que "antes de serem práticas pedagógicas, os ML devem ser entendidos como epistemologias/ontologias e, nesse sentido, é a preparação do professor (suas leituras e entendimentos dos ML) que vai determinar se os ML são, inclusive, adequados para o seu contexto local" (Ferraz, 2018, p. 76). Não se trata apenas de aplicação de métodos, mas de novas ponderações, pois:

> as novas tecnologias digitais não estão disponíveis para todos e nessa complexa balança da exclusão e inclusão, é preciso retomar as discussões sobre classe, política e poder. Como vimos, podemos realizar um trabalho de discussão (epistemológica e ontológica) sobre os ML, (...) ou seja, trabalhar com os ML não significa necessariamente ter um laboratório de informática ou alunos com ipads/laptops em suas carteiras (Ferraz, 2018, p. 82).

Ferraz e Mattos (2019, p. 151) asseveram que:

> A perspectiva dos multiletramentos é, sem dúvida, uma perspectiva inovadora para compreensão das atuais práticas de letramento de nossa sociedade ocidental globalizada. Entende-se que essas práticas não são individuais, mas coletivas, sociais, ou seja, são compartilhadas por comunidades e grupos sociais específicos, em contextos específicos de uso, e para determinados objetivos. Tais práticas, por isso mesmo, são compreendidas como plurais e daí o uso do termo também no plural: multiletramentos. É também por isso

> que essas práticas não devem ser isoladas das demais práticas sociais da comunidade ou do grupo que as utiliza. Pelo contrário, devem ser compreendidas de acordo com os contextos locais em que se desenvolvem e de acordo com os objetivos específicos dos sujeitos e grupos que delas fazem uso (Ferraz; Mattos, 2019, p. 151).

As mídias sociais e as tecnologias digitais devem ser utilizadas, isso é indiscutível, pois elas existem e estão aí para ajudar, trazem novidade e inovação para a sala de aula, porém não devem ser restritas a isso. Mais uma vez, a professora Clara, que trabalha com aulas de inglês e também com aula de tecnologia, em relação as questões de estrutura (ou a falta dela) relata que:

> (Professora Clara, roda de conversa 1): Na Fundação Casa, a gente não tem acesso à internet, mas eu posso gravar no meu notebook e entrar, isso a gente pode fazer. A gente não tem acesso à internet lá dentro e eles também não têm computadores… e eu dou aula de tecnologia lá também, então é desafio, porque é só na teoria, eles não têm muita prática.

A professora trabalha em condições especiais, bem específicas, claro, mas por que não olhamos para essas situações? Por que esses alunos devem ser negligenciados? Aqui é um exemplo claro de um contexto local que deve ser olhado, e alternativas devem ser pensadas para que não fiquem de fora e não deixem de receber formação adequada e de qualidade, dentro das possiblidades. Os ML decoloniais, assim, significariam considerar essas circunstâncias, podendo ser um aliado que auxilie na busca de melhores condições e de uma educação de qualidade, que também fomente a crítica.

Resta clara a crescente procura pelas tecnologias, embora elas não devam ser utilizadas apenas como ferramentas, mas a favor da crítica, levando em consideração as diferentes realidades. Deve-se avaliar a questão do acesso à tecnologia, pois muitos não têm o mínimo de estrutura para o contato com esses recursos, situação essa ressaltada na pandemia de Covid-19, contribuindo ainda mais para as desigualdades sociais, tão escancaradas em nosso país, conforme Mattos e Ferraz afirmaram:

> A tecnologia, assim, contribui para as mudanças que percebemos em nossas vidas. Tais mudanças permitem que alguns indivíduos tenham mais acesso a estilos de vida abundantes e, no entanto, negam acesso a outros tantos indivíduos de forma cada vez mais contundente (COPE; KALANTZIS, 2000), ou seja, ao mesmo tempo em que empoderam alguns, desempoderam outros drasticamente (Mattos; Ferraz, 2019, p. 157).

Neste momento, encaminhamo-nos para uma postura mais questionadora, sob a qual é preciso examinar se os multiletramentos não estão se tornando mais uma metodologia/pedagogia "diferenciada", que pode ser comercializada, como um produto a mais a ser oferecido para as escolas, sendo necessário refletir sobre o seu entendimento da cultura e da diversidade.

Duboc (Duboc; Menezes de Souza, 2021) também argumenta que a teoria dos multiletramentos não é necessariamente nova, pois já existiam e sempre existiram nas culturas tradicionais, as quais fazem uso de gestos, de sentimento, de corporalidade – acreditar que a teoria é totalmente nova e originária do NLG é reforçar o imaginário criado lá atrás, do ponto zero, do mito metafísico do eurocentrismo, que coloca a Europa como a mais avançada das civilizações.

A autora alerta que os multiletramentos praticamente se tornaram sinônimo de uso de tecnologia, e a adequação social mencionada no manifesto quase foi "deixada de lado":

> O que aconteceu com a outra faceta prometida nesses estudos anteriores, ou seja, o reconhecimento de diversos contextos socioculturais, cujas singularidades locais teriam de ser consideradas na nova teoria e prática de letramentos? Até que ponto a faceta social não se tornaria de alguma forma indefinida pela faceta digital como resultado de uma espécie de compreensão metonímica de multiletramentos, que assumiu a parte como um todo, ecoando uma verdade, mas incompleta, do fenômeno? [102] (Duboc; Menezes de Souza, 2021, p. 554, tradução minha)

A pesquisadora argumenta que os multiletramentos não podem ser metodologizados, mencionando Paulo Freire e a inevitabilidade da contextualização no processo de aprendizagem, bem como as experiências multimodais, que nunca deixaram de estar presentes. Nas aulas de línguas, os professores entrevistados usaram diversas vezes essa palavra, trago dois exemplos de como utilizaram o contexto para o ensino da língua inglesa:

> (Professor João, roda de conversa 1): Mas quando você começa a contextualizar, aquele aluno fica mais interessado, começa a ficar mais relevante. É tudo no 'como', como que a gente apresenta, como vende esse verbo em diferentes momentos da aprendizagem dele …

102 Do original:"What has happened to the other facet promised in those earlier studies, that is to say, the acknowledgement of diverse sociocultural contexts whose local singularities would have to be accounted for in new literacy theory and practice? To what extent wouldn't the social facet become somehow blurred by the digital facet as a result of a kind of metonymical understanding of multiliteracies that has assumed the part as a whole, echoing a true, but incomplete view of the phenomenon?" (Duboc, Menezes de Souza, 2021, p. 554).

> (Professor Douglas. roda de conversa 1): Eu comecei a mostrar os adjetivos, e quando você começa a falar de adjetivo, você vai contextualizar alguém, "a pessoa é alta", falando em inglês e aí o *to be* de novo. Mas ele ainda significa duas coisas, ser ou estar, e isso para colocar nos alunos…eles já ficam "ah, então *I am happy* pode ser uma pessoa alegre ou pode uma pessoa que está feliz naquele momento". É, se eles conseguirem entender isso já é uma vitória, sinceramente, é contextualizar realmente, comparar com português de vez em quando, paralelo com português.
>
> .

O contexto é o que deve ser levado em conta ao olhar para o aluno: qual a melhor forma de passar o conhecimento, de fazer o aluno entender determinada estrutura de maneira mais acessível? Retirar essa autoridade do professor, para assim chegar mais perto do aluno, é o que preconiza Freire, com sua teoria educacional sobre emancipação e promoção de conscientização, a qual propõe métodos de descontruir o mito que sustenta a estrutura opressora.

Descontruindo essa hierarquia entre professor e aluno, abre-se a possiblidade do estudante se tornar ator de seu aprendizado, e não mais o espectador, o vaso, um recipiente vazio que recebe o conteúdo, a educação bancária. Desse modo, a fórmula rígida, que cobra o memorizar, não restará frutífera, pois "os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos" (Freire, 2018, p.96).

Como discutido no capítulo anterior, os memes, emojis, stickers, mostraram-se eficientes meios ao contextualizar e envolver o aluno em seu aprendizado, ao mesmo tempo que o transforma em protagonista desse processo. Nesse sentido, não estamos falando aqui das tecnologias digitais, mas da identificação, do humor, das diversas maneiras de fazer sentido e se aproximar do aluno, as quais são ferramentas que podem e devem ser usadas para um ensino mais efetivo.

Menezes de Souza (2006) pesquisa há tempos as comunidades indígenas tradicionais, como Kaxinawás, questionando o conceito de cultura/conhecimento/realidade ditado pelos países hegemônicos [103], o qual inibe outras epistemologias e reforça uma noção singular de letramento. Deve-se conduzir as reflexões sob a perspectiva da decolonialidade, questionando

103 "Western logocentrism paradoxically requires the existence of alphabetic writing to represent speech in order to valorize speech as the representation of thought. Cultures perceived as not possessing alphabetic writing in this logocentric-graphocentric logic are deemed merely "oral" or "illiterate" and are devalued" (Menezes de Souza, 2006, p. 264).

a visão de cultura, língua, considerando onde foram criadas as pedagogias, pois a colonialidade negou a existência de alguns povos e:

> Ao mesmo tempo, universalizou os conhecimentos produzidos por sujeitos brancos, masculinos, cristãos, heterossexuais, racionais, colonizadores, escondendo (tornando invisíveis, não como não-inexistentes, mas como não-visíveis) os corpos desses sujeitos e, portanto, escondendo seus lócus de enunciação e a natureza local situada desses conhecimentos[104] (Duboc; Menezes De Souza, 2021, p. 567, tradução minha).

O autor aponta ainda que a teoria pressupõe um monolinguismo e monoculturalismo, como o que ocorre nas sociedades ocidentais dos países colonizadores, sendo que as inúmeras complexidades envolvendo o multilinguismo e multiculturalismo das sociedades colonizadas não têm espaço:

> Multilinguismo e bi- ou multiculturalismo e seu papel em tais multiletramentos recebem pouca atenção crítica nas discussões de multiletramentos. Além disso, essas discussões pressupõem significativamente a disponibilidade inquestionável de novas mídias/novas tecnologias em suas comunidades. Finalmente, a possibilidade de mudança no conhecimento e nas circunstâncias sócio-históricas por meio do uso de multiletramentos parece estar nas mãos dos alunos, embora não esteja claro se essa possibilidade nas mãos dos "estudantes" refere-se aos discentes como indivíduos (como na tradição liberal ou neoliberal) ou estudantes como um corpo ou comunidade (com características e origens sociais compartilhadas)[105] (Menezes De Souza, 2017, p. 267, tradução minha).

Assim, fica a indagação: a teoria considerou alunos específicos ou universais? Conhecimentos específicos ou universais? Realmente abarcou a diversidade que enalteceu, olhando para as especificidades dessas comunidades? Há de se insistir em uma pluralidade de verdade. Qual cultura foi/é valorizada? Aliás, o que é cultura? Ela pode ser vista como uma

---

104 Do original: "At the same time it universalized the knowledges produced by white, male, Christian, heterosexual, rational, colonizing subjects by hiding (making invisible not as non-existent but as not-to-be-seen) the bodies of these subjects and therefore hiding their loci of enunciation and the situated local nature of these knowledges" (Duboc; Menezes De Souza, 2021, p. 567).

105 Do original: "Multilingualism and bi- or multiculturalism and their role in such multiliteracies are given little critical attention in multiliteracies discussions. Moreover, these discussions significantly presuppose the unquestioned availability of new media/new technologies in their communities. Finally, the possibility of change in knowledge and in socio-historic circumstances through the use of multiliteracies seems to lie in the hands of students, though it is not clear if this possibility in the hands of "students" refers to students as individuals (as in the liberal or neoliberal tradition) or students as a body or community (with shared social characteristics and origins)" (Menezes De Souza, 2017, p. 267).

ideia neutra ou é entrelaçada por relações de poder, não podendo por si só ser vista com imparcialidade?[106]

Sustenta o autor que a língua escrita na cultura ocidental foi priorizada em detrimento de outras formas, reforçando, como já mencionado, que algumas culturas, como os Kaxinawás, são tradições de visão, sendo o conhecimento, adquirido em rituais por esse sentido, sempre contextualizado e situado[107] (2006, p. 158). O que aconteceu com as outras formas de conhecimento, outros sentidos, e porque não devem ser consideradas como benéficas e capazes de propiciar aprendizagem? Assim:

> Para mim, a multimodalidade, então, não significava apenas a interação do textual com o imagético, como muitas vezes agora são entendidos os multiletramentos; significava, dessa maneira, olhar para corpos, humanos ou não humanos, que serviam como suportes de sinais ou como os próprios sinais. A multimodalidade olhava para formas não alfabéticas de escrita, nas quais o aparecimento de sinais escritos estava metonimicamente ligado a fenômenos, como visões e sonhos, em culturas nas quais as visões eram válidas não apenas como textos, mas também como fontes de conhecimento (Duboc; Menezes De Souza, 2021, p. 253, tradução minha).[108]

O professor Menezes de Souza, com suas experiências com comunidades indígenas, é muito esclarecedor ao incluir o tema das visões e dos sonhos dessas comunidades em suas investigações e questionar o porquê de sua exclusão. O estudioso destaca a importância de sonhos, visões, rituais, desenhos, corpo, ritmo, tradição oral e afeto, em sociedades que não privilegiam a escrita alfabética como conhecemos[109]. O conhecimento desses povos foi considerado deficiente, incompleto, incompreensível, mesmo fazendo uso de diversas interações multimodais.

---

106 "Though "culture" here is often seen as a complex phenomenon traversed by power relationships, often termed "dominant" and "local" or "vernacular," it tends to be presupposed as a totality, organized *vertically* in movements of top-down control or bottom-up ascendancy, or *horizontally* as multiple coexisting equal possibilities, acquired through education or in the normal course of communicative practice" (Menezes De Souza, 2017, p .268).

107 "Knowledge is thus gained from vision. If, as they learn from their non-indigenous tutors, the function of writing is the registration of knowledge, then from the indigenous perspective, writing has to register vision. In this sense, far from being a neutral technology or skill, a mere instrument of progress, alphabetic writing is strongly implicated in Eurocentric concepts of knowledge and its phonocentric source (Derrida 1974) which sees writing as a second-order form of representing speech and hence knowledge" (Menezes de Souza, 2006, p. 158).

108 Do original: "For me, multimodality, then, did not mean just the interaction of the textual with the imagetic, as it is often now taken to mean in multiliteracies; it then meant looking at *bodies,* human or non-human, which served as the supports of signs or as signs themselves. It looked at non-alphabetic forms of writing in which the appearance of written signs was metonymically connected to phenomena, such as visions and dreams, in cultures in which visions were not only valid as texts but also as sources of knowledge" (Duboc; Menezes De Souza, 2021, p. 253).

109 "The coloniality of Multiliteracies lies in its privileging of certain forms of knowledge over others where affect plays a minor role" (Duboc; Menezes De Souza, 2021, p.568).

Retomando os conceitos de desumanização e falso humanitarismo propagados em nome do humanismo, seguem as palavras de Freire que, discorrendo sobre a desumanização dos corpos, escreveu, já em 1968[110], discutido na seção anterior:

> A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não "humanitarista", pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objeto de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização (Freire, 2018, p. 56).

Mais uma vez, recuperando a discussão anterior, a questão do corpo é extremamente importante para o aprendizado do aluno, pois deve se conectar ao seu local e fazer sentido para o seu contexto. Há o entusiasmo pela tecnologia e as novas metodologias, e é importante manter-se atento a elas, pois auxiliam na aquisição do conhecimento. Acho muito sábia a visão do professor João, que privilegia as várias formas de sentido e merece ser destacado:

> (Professor João, roda de conversa 1,): É muito legal ler um livro, é muito legal também fazer uma redação, é muito legal desenhar e fazer um poster que você cola na parede e que outro aluno vai olhar e falar sobre aquele pôster e interage com aquele material… é muito legal fazer uma roda em que todo mundo vai jogar uma bolinha para o outro e outro vai ter que fazer uma coisa viva, então eu acho que tem lugar para tudo. Não dá pra gente ir só para esse mundo tecnológico e achar que ele vai resolver tudo porque não vai. A gente é humano, a gente precisa de outros seres humanos, e perto, e não só no digital, então não sei, eu acho que eu fico no meio do caminho aqui. Um pouco de tudo.

Extremamente relevante a fala do professor Mario, quando ele menciona a impossibilidade de dissociar seu corpo do "que vai ser ensinado":

> (Professor Mario, roda de conversa 3): Mas a sala de aula também é o lugar do corpo. Quando a gente entra, as nossas entidades entram junto conosco, então quando eu falo inglês com os meus alunos ou quando eu dou algum comando na língua que nós estamos estudando, de alguma forma, eu tô colocando nesse enunciado, nesse processo de enunciação no meu corpo. Então, quando eu penso em educação linguística, na utilização de todas essas questões imagéticas, visuais, auditivo, espaciais, eu tô colocando tudo isso também na roda.

110 "O livro foi escrito em 1968, quando o autor encontrava-se exilado no Chile. Proibido no Brasil, somente foi publicado no país em 1974". Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia_do_Oprimido. Acesso em 24/03/22.

Ao entrar na sala, o professor entra com sua história, com seu corpo e o usa para garantir conhecimento. E estará olhando para seus alunos também de forma individual. Dessa maneira, há esperança na existência de muitos professores dispostos a trabalhar com o material que têm, fazendo uso crítico de teorias, protegendo o seu aluno e buscando a melhor forma de conectá-lo ao conhecimento e ao mundo. Usando o corpo, a natureza, a intuição, o material disponível – uma bola de papel –, dando sempre um jeitinho, a gambiarra, as possibilidades são imensas.

Sinto que o corpo, o gesto, os movimentos, a imaginação, tudo isso foi negligenciado durante muito tempo, por todos nós no processo escolar, e por isso deve-se pensar em formas que priorizem o eu, o individual, o outro ao nosso lado e a nossa comunidade, que compartilha do mesmo contexto. Dessa maneira, o ML decolonial, como proponho aqui, envolve esse olhar para a nossa conjuntura de forma efetiva – e afetiva – e não para fórmulas do norte global, que se apresentam como soluções.

Fica muito claro que o desinteresse pelo corpo tem como objetivo disciplinar os seres, e nesse ponto devemos estar atentos. Garantir que o aluno fique sentado em carteiras enfileiradas, e o professor na frente como único detentor do conhecimento, é reproduzir um sistema que tem o norte global como referência. É preciso olhar para nós, para nossa perspectiva, assumindo nossa cultura como parâmetro, e da mesma forma, encarar o próximo com muito mais respeito, para assim, construir uma relação equilibrada.

Há muitos pontos positivos na teoria dos multiletramentos, como, por exemplo, o elogio a diferentes culturas e contextos, oferecendo outras possibilidades (como evidenciado nos casos de ensino emergencial remoto). Pesquisadores como Monte Mór ainda estão vendo a teoria dos Multiletramentos como uma possibilidade real de mudança, destacando a necessidade de debater muitos aspectos, principalmente alguns pontos, como os discutidos anteriormente, que se “desfizeram” no decorrer desse caminho. Porém, se pensarmos nas diversas discussões sobre educação levantadas ao longo dos quase 30 anos do conceito, as vantagens que emergiram valem a pena, ainda mais se refletirmos sobre seu fundamento, no sentido de retomar o princípio do projeto:

> (Walkyria Monte Mór, live[111]): Então, acho que é muito atual, se é isso que você também queria saber, acho que ainda continua valendo esse projeto que a gente quer, ter uma outra escola, uma outra sociedade, uma outra visão de educação, porque eu acho que é isso que na verdade tá lá nas raízes desse projeto.

Não se esquecendo que "é o que precisa ser feito, que é a gente ter contato com essas teorizações, é mais pra gente pensar sobre o nosso local", reafirma Monte Mór no mesmo evento. Ou seja, a ideia do projeto amplia a maneira de pensar, tanto para alunos quanto para professores, e o fato do nome, teoria dos multiletramentos, estar em documento oficial, como a BNCC, já abre uma perspectiva – pelo menos uma tentativa – de fazer diferente na sala de aula.

No mesmo sentido, Roxane Rojo, também uma das referências da área, pensa que é necessário retomar as origens da teoria, ressaltando a importância do conceito de design, como uma outra possibilidade de fazer sentido:

> (Roxane Rojo, live): Para mim tá essencialmente no conceito de design, e que eu acho que é muito útil para você pensar o digital e todas as outras linguagens, que vão ter designs completamente diferentes do verbal, e que dirá então do escrito, que é muito policiado. Então eu atualmente estou de bem de novo com a teoria, o bebê não foi com a água do banho, mas eu acho que o efeito que provocou em mim, essa ideia de que eu posso pensar em designers de significação, em todas as linguagens, foi ter que, como mostra o meu último livro – que já tá meio velhinho, de 2019 – estudar todas as outras linguagens, aprender sobre elas, eu não fiz a opção de ir para uma semiótica geral, Peirce ou Santaella, eu uso, mas eu não quero generalizações. De fato, entender como funciona a linguagem do corpo, a linguagem da imagem estática, o cinema, o remix enfim, cada gênero das diferentes linguagens, e foi disso que eu me ocupei nos últimos anos.[112]

Penso, dessa forma, que se deve considerar o funcionamento disso no Brasil, na prática, e que a teoria deve ser vista no sentido de não poder ser metodologizada, nem universalizada, pois não é cabível em todos os contextos, sendo necessário tirar o foco da tecnologia, do digital somente, privilegiando outros modos de fazer sentido.

De maneira tímida, acredito e tenho esperanças que estamos caminhando para isso, pois há professores e pesquisadores interessados e com vontade de realizar alguma mudança, que não precisa ser grande, mas o suficiente para transformar a realidade de uma comunidade, de uma família ou de um aluno. O ML decolonial teria o propósito de mostrar que as opções e

---

111 MONTE MÒR, Walkyria. Vamos conversar sobre os Multiletramentos?. [S. l.], 21 maio. 2022. 1 vídeo (1h:34min). [Live]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lJLNjPZa78&t=2571s Acesso em: 23 jun. 2022.

112 ROJO, Roxane. Vamos conversar sobre os Multiletramentos?. [S. l.], 21 maio. 2022. 1 vídeo (1h:34min). [Live]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lJLNjPZa78&t=2571s Acesso em: 23 jun. 2022.

possibilidades de um ensino de qualidade também consiste em defender quem nós somos, garantindo a nossa subjetividade.

O que aprendi com o decolonial

Aprendi a olhar para a nossa importância. Neste capítulo, foi feita uma breve revisão de algumas teorias decoloniais, as quais questionam as formas de conhecimento que chegam até nós, discutiu-se ainda a desconstrução do mito do eurocentrismo, e como certas formas de pensar levam a desumanização de alguns grupos, ao negarem seu direito de existir. Por terem sua história, sua cultura e seu conhecimento inferiores e não "cabíveis" no mundo moderno:

> a super-humanidade de alguns, a sub-humanidade de outros e as práticas de desumanização que subordinam apenas certos grupos humanos, suas culturas, conhecimentos e visões de estar no e com o mundo, incluindo a natureza e também aqueles que apelam para sua remoção (Walsh, 2014, p. 13, tradução minha).[113]

. Todas essas maneiras de pensar homogeneizantes foram (são?) importantes para manutenção da estrutura do poder colonial, mas é necessário criticar e achar soluções para os problemas que temos. O objetivo central deste trabalho foi repensar a teoria dos multiletramentos, um conceito muito importante, que foi bem recebido. Porém, questionamentos devem ser feitos nesse sentido: serve para esse contexto? São oferecidas as mesmas condições para aplicação na prática? Qual diversidade de cultura abarca? E assim, chegamos ao ML decolonial, que olharia para essas questões de modo contextualizado, respondendo se faz sentido para nós ou se se trata de mais uma receita, imposição dos países hegemônicos, como acontece em relação a vários aspectos culturais.

Aprendi a acreditar na possibilidade de olhar para as humanidades, todas elas, e acreditar no direito delas de estar no mundo. Ideias, métodos, ferramentas, que estimulem a continuidade dessas desigualdades devem ser vistas com muita cautela. É preciso observar as diversas formas de conhecimento, se sentir, e, principalmente, respeitar o "eu" como modo de atingir a igualdade e a educação libertadora.

113 Do original:"la sobrehumanidad de algunos, la subhumanidad de otros y las prácticas de deshumanización que no solo subordinan a ciertos grupos humanos, sus culturas, conocimientos y visiones de estar en y con el mundo, incluyendo la naturaleza y también a aquellos que apelan por su eliminación" (Walsh, 2014, p. 13).

4 –DISCUSSÕES FINAIS – COMO CHEGUEI ATÉ AQUI? E COMO CONCLUIR?

> "Não há educação para a libertação, cujos sujeitos atuem coerentemente, que não seja imbuída de forte senso de responsabilidade. O antagonismo não se dá entre a prática educativa para a libertação e a prática educativa para a responsabilidade. O antagonismo se verifica entre a prática educativa, libertadora, rigorosamente responsável, e a autoritária, antidemocrática, domesticadora" (Paulo Freire, Educação e Responsabilidade)

Ninguém melhor que Paulo Freire, presente na epigrafe e na conclusão desta dissertação, para me acompanhar nesta pesquisa. Propositalmente, é com ele que inicio e termino as reflexões que (não) pretendo concluir.

A primeira e mais importante conclusão é que todo esse caminho, que já inicio contando na introdução, me permitiu reflexões sobre o significado da educação, e sua aplicação na carreira escolhida por mim pela segunda vez. Sou graduada também em direito, não segui a carreira, mas o senso de justiça permaneceu e guiou-me – é pela educação que buscamos uma sociedade mais equânime, justa e democrática. Paulo Freire (2001) fala sobre o compromisso do docente ao praticar uma educação voltada para a responsabilidade, que vise a libertação das injustiças e todas as discriminações.

E por esse motivo, responsabilidade e liberdade estariam unidos, devendo ser o objetivo maior ao exercer o seu papel. Claro que o professor encontra muitos desafios e obstáculos, como falta de estrutura, apoio, formação adequada e muitos outros fatores que devem contribuir para o exercício efetivo da profissão, a qual sabemos exige muito, mas pouco se reconhece em troca.

Ainda, refletindo sobre o significado da educação para mim e sobre meu percurso, percebi que ao me deparar com a pergunta acima, qual foi o meu caminho e como concluir, congelei. Porque não aprendemos a escrever – ou mesmo a pensar – sobre nós mesmos, e vemos isso refletido na educação, notadamente mecânica, autoritária, disciplinadora. Retomamos aqui as considerações feitas na pesquisa, a qual meditou sobre um ensino que não nos estimula a pensar em nós mesmos e promove o foco em conteúdo, ficando clara a separação do eu, do indivíduo, no processo escolar.

Esse foi o grande desafio, como falar de mim, na primeira pessoa, no mundo acadêmico, em que a tradição nos exige uma escrita objetiva, formal, sob pena de não ser considerada "acadêmica", sem seriedade, tendenciosa e muito pessoal – e, afinal, por quê falar de mim, se

há autores que falam muito melhor e com mais propriedade sobre o assunto? Porém, com persistência (e paciência do meu orientador!), comecei a entender que a minha voz tem importância, e o que eu tenho para falar importa. Timidamente falo de mim na pesquisa, ficando cada vez mais claro que "nós somos parte do que nós estudamos"[114] (Adams; Jones; Ellis, 2015, p.41, tradução minha), e que todo o caminho tem relação com a minha história. Por mais que a tradição ainda persista em vários momentos da escrita, houve um esforço enorme para fazer diferente e trazer mais a minha subjetividade.

Retomando as reflexões que fiz ao justificar o tema da pesquisa, e indo mais a fundo, me recordo que, no final da vida dos meus avós, eu não conseguia mais me comunicar com eles, pois na fase de senilidade que eles se encontravam, eles já não falavam mais português, e eu não falo japonês – a minha escolha sobre a língua inglesa. Olhando de hoje, dos motivos, vejo que é muito simbólica essa quebra com as minhas origens, e relação da língua e cultura que permeia nossas escolhas, e está bem clara hoje. O apagamento da origem, da ancestralidade, é apagamento de nós mesmos. Será que eu quis, aqui, de forma quase que inconsciente, voltar para minha história?

E claro, isso tem relação com a pesquisa, pois a partir da minha experiencia escolar propus-me a falar sobre os ML e memes. Percebo esse movimento ao refletir sobre a educação, nossos alunos importam, as vozes, as vontades, a individualidade de cada um, devem ser olhadas e respeitadas. Fomos acostumados, por tantos anos, a seguir uma objetividade, parcialidade e neutralidade – mas isso é possível? Sabemos que não somos seres neutros, assim como a língua e cultura também não são. Como separar o aprendizado do ser, do corpo, dos sentimentos, dos sonhos?

Bom, iniciamos com o caminho desta pesquisa, para assim, quem sabe descobrir onde chegar. Esta dissertação teve como objetivo principal investigar a teoria dos multiletramentos, sua implicação na formação e professores, porém com um olhar voltado para o contexto brasileiro.

O capítulo 1 salientou os principais pontos sobre o conceito de letramentos e suas adjetivações fundamentais, como os letramentos críticos, letramentos visuais, com ênfase nos multiletramentos. Ficou claro que devemos questionar termos dos documentos oficiais, muitas vezes vendidos como fórmulas milagrosas (com nomes bonitos – se for em inglês, melhor ainda, seguindo a lógica neoliberal), e também quais e de quem são os interesses ao empregarmos esses termos. Não há de se falar em "receita de bolo", cada professor tem a sua autenticidade e

114 Do original: "We are part of what we study" (Adams; Jones; Ellis, 2015, p.41).

vai olhar para seus alunos como seres individuais, com sua história de vida, memórias, passado e sua perspectiva de futuro.

Já no capítulo 2 discorri sobre os multiletramentos na formação de professores e na avaliação. Busquei entender qual a visão dos professores sobre os ML, e fiquei com o questionamento: como e por que avaliar? A partir daí, pude olhar também para as minhas práticas e rever o sentido de aplicação de certos procedimentos os quais eu achava os mais corretos, mas que percebi serem imposição e ideias engessadas. Percebi isso tanto nas aulas, ao propor algo diferente, mais livre e pessoal (como por exemplo, escrever sobre os sentimentos deles), quanto na avaliação, o que causava estranheza nos alunos. Mas excentricidade e confusão também fazem parte do caminho.

No capítulo 3, tendo como base os dados gerados pelos alunos, refleti sobre os memes e os emojis, e sua importância no processo educacional. Os professores devem considerar essa nova forma de linguagem e todas as suas possibilidades. Ao fazer parte da vida dos alunos, entendo ser uma maneira bastante eficaz de se aproximar, de causar identificação, gerando assim um ensino mais verdadeiro e bem-sucedido. Considero ser uma maneira de chamar a atenção e de divertir – não a risada e curtição por si só, mas aquelas que levam para a criticidade, argumentatividade, permitindo ainda ao aluno se sentir capaz de criar, se tornando mais agente do processo.

No último capítulo, desenvolvi minhas considerações sobre os multiletramentos e teorias decoloniais. Falar de decolonial significa enxergar o sistema de desumanização que subjuga e elimina outros povos e formas de conhecimentos. Significa também reconhecer, nesse sistema, uma tendência de esquecimento de nós mesmos – por isso falar de nós, na primeira pessoa, é um processo importante para lembrarmos o tempo todo de voltarmos para nossa essência e de onde viemos. Proponho o uso do termo ML decolonial, a fim de que todas essas questões estejam presentes ao nos referirmos às práticas escolares, que consideram o local de aplicação, se faz sentido, e que se adaptam ao contexto do seu aluno.

Após concluir a pesquisa, percebo que há muito a se repensar – muitas práticas e ideias engessadas não cabíveis ao nosso contexto, mas que são usadas de forma indiscriminada e mesmo “endeusada”. Ao mesmo tempo, percebo um movimento de professores com vontade de fazer e ver mudanças, tanto dos professores entrevistados que fizeram parte da pesquisa, quanto dos professores colegas que conheci no caminho da graduação e pós-graduação. Como mencionei, trata-se de uma rede (de apoio) essencial para troca de ideias, ensinamentos, que nos estimula e nos inspira a continuar indignados e inconformados todos os dias.

Assim, eu já sou uma pessoa muito diferente de quando iniciei o caminho da pós-graduação, mais atenta, mais inconformada, crítica, e com mais vontade. A educação faz isso conosco, muda-nos de uma certa forma, de uma vida de conformismo, insensibilidade e indiferença. Vale a pena todo esse processo, com certeza. E é essa postura que acredito deve ser levada para nossas vidas e para a sala de aula, não nos esquecendo da nossa responsabilidade e compromisso, bem como dos motivos pelos quais fazemos o que fazemos e que nos fizeram chegar até aqui.

Aprendi a questionar e a criticar, e percebi que desaprovar é incômodo, porque você vê injustiças e reconhece que também contribui para isso de forma inconsciente. Como nunca havia pensado por essa outra perspectiva? Eu estava confortável, nunca havia olhado para essas questões, e agora busco o desconforto. O encontro com a academia, com colegas que tinham as mesmas questões como guia de pesquisa, possibilitou-me ter esse outro olhar, fundamental para a construção desse caminho. Digo, então: transformação é a ideia que permanece – uso o termo sob pena de soar cliché ou cafona. Nem tudo vai ser fácil ou bonito, mas vai ser transformador – como professora, aluna e ser humano.

Gostaria de concluir abordando os seguintes temas como sugestões de pesquisas futuras. Compreendo que se faz relevante aprofundar essa discussão sobre formação inicial e formação continuada de professores de inglês, a qual, muitas vezes, fica limitada à proficiência do docente na língua estrangeira. Além disso, acredito que os memes, como formas multiletradas, são fontes que podem e devem fazer parte da sala de aula, pois são parte da vida dos alunos – como ignorar tal fato? A linguagem desse novo modo de comunicação, assim como as suas possibilidades, merece ser melhor estudada. Os memes fazem parte da minha vida, e dos alunos, e como já perguntei, quem não gosta?

É preciso investigar essas novas formas, capazes de provocar discussões e questões sociais e culturais relevantes, possibilitando nos comunicar e nos expressar por meio de múltiplas linguagens (escrita, imagens estáticas ou em movimento, e gestos). Por meio de suas multimodalidades, que trazem novas maneiras de produzir sentidos, essas novas formas acionam outras maneiras de ler e escrever. Além disso, o ativismo que as mídias sociais possibilitam é de extrema importância, no entanto, elas devem ser olhadas com cuidado, pois precisamos “utilizar estrategicamente as potencialidades das redes sociais em relação à

produção, circulação e consumo de conhecimentos, adotando novas formas de ativismo nas sociedades digitais ”[115] (Duboc; Ferraz, 2018, p. 249).

São muitos os desafios que merecem a nossa energia para a luta por uma sociedade mais justa, alcançada por meio da educação, sendo essa mediada pela língua e cultura. Não há resposta pronta e acabada para esses problemas, mas refletir já é um ponto de partida. Ao utilizar ferramentas como a educação, é possível enxergar que há esperança. Com leveza, paciência, sorriso, afeto, mas atentos e críticos para as desigualdades.

Aprendi a acreditar em mim e no processo, e entender que ele não é linear. Aprender e ensinar são movimentos constantes, em todas as fases. Não podemos nos apegar à ideia de que o processo é sequencial, simples, acabado, muitas vezes ele vai ser confuso, tortuoso, haverá dúvidas – e como resultado nos serão apresentados múltiplos caminhos e destinos. O processo educacional é isso, é embarcar em um transcurso inacabado e de movimento constante.

É muito desafiador pensar em uma conclusão, em um fim. Significa um fim de ciclo, e esses são difíceis – ainda que mais tarde fique clara a sua necessidade. Então, não é um fechamento, mas apenas uma etapa. Quem sabe onde vai parar? Nesse fim de ciclo despeço-me com a companhia de Freire, com a definição do aprendizado e do ensino, sempre permanentes e indissociáveis do corpo e do sentir:

> Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas essas atividades humanas. (Freire, 2001, p. 37).

115 Do original: “making strategic use of the potentialities brought by social media with regard to knowledge production, circulation, and consumption by embracing new ways of activism in digital societies” (Duboc; Ferraz, 2018, p. 249).

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. E.; JONES, S. L. H.; ELLIS, C. **Autoethnography. Understanding qualitative research**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2015.

AVELAR, M.; CONTI, C. O uso dos jogos digitais como prática de multiletramentos: desafio na formação de professores. In: **FREITAS, C. et al. (Org.). Diálogos entre a universidade e a escola na (trans)formação de professores de língua**. Anápolis: Editora UEG, 2018.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago., 2013 .

BATISTA, S. Educação linguística crítica, protagonismo e mobilidade: caminhos para vivier a língua inglesa. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V. , MONTE MÓR, W. (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 01 de jun. 2022.

BOURDIEU, P. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p 79-162.

BULLA, G. Relações entre tarefas e atividades em um curso online de língua adicional, **Organon**. Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 1-21, 2020.

CASTRO-GÓMEZ, S. **La hybris del punto cero:** ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogota: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CÈSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Anisio Homem. São Paulo: Livros&Livros, 2020.

CONRAD, D.; OPENO, J. Visão geral: uma estrutura para a avaliação na aprendizagem online. In: CONRAD, D; OPENO, J. **Estratégias de avaliação para a aprendizagem online**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2019.

COSTA-ALBUQUERQUE, H.; MAYRINK, M. F.; OLIVEIRA, R. D. Repensando a relação entre metodologia, tecnologia e formação docente no ensino de línguas. **Revista Intercâmbio**. São Paulo: LAEL/PUCSP, v. XLV, p. 187-212, 2020. . ISSN 2237-759X.

COPE, B.; KALANTZIS, M. A pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. In: **Multiliteracies:** literacy learning and the design of social futures. 1. ed. Londres: Routledge, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies in education. In: CHAPELLE, C. A. (ed.) **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. [s.l]: Blackwell Publishing Ltd., 2013.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies:** literacy learning and the design of social futures**.** 1ed. Londres: Routledge, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Pedagogies for digital learning: from transpositional grammar to the literacies of education. In: SINDONI, M.G., MOSCHINI, I. (eds.). Multimodal literacies across digital learning contexts. 1. ed. Londres: Routledge, 2021. https://doi.org/10.4324/9781003134244.

COPE, B.; KALANTZIS, M. The things you do to know: an introduction to the pedagogy of multiliteracies. In: **A pedagogy of multiliteracies:** learning by design. Londres: Palgrave Macmillan, 2015. p. 1-36.

CRESWELL, J. W. **Research design:** qualitative, quantitative and mixed methods approaches. 3. ed. California: Sage Publications, 2009.

DUBOC, A. P. M. **Atitude curricular:** letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês**.** 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2012.

DUBOC, A. P. M. Avaliação da aprendizagem de línguas e os Multiletramentos. **Estudos em avaliação educacional**. São Paulo, v. 26, n. 63, p. 664-687, set.-dez. 2015.

DUBOC, A. P. M., & FERRAZ, D. M. Reading ourselves: placing critical literacies in contemporary language education. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**,Belo Horizonte, v. 18, n. 2, 227–254, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6398201812277

DUBOC, A. P. M.; SOUZA, L; TRINDADE, M. T. Delinking Multiliteracies and the reimBelo Horizonte, v. 21, n. 2, pp. 547-576, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202117998>.Acesso em: 8 jun. 2021.. ISSN 1984-6398.

DUBOC, A. P.; FERRAZ, D. MONTE MÓR, W. Critical literacies made in Brazil**.** In: PANDYA, J. Z.; MORA, R. A.; ALFORD, J. H.; Golden, N. A.; de ROOCK, R. S. (Eds.).**The handboook of critical literacies.** 1. ed. Nova Iorque: Routledge, 2021.

DUSSEL, E. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, E. (Coord.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2020.

ELKINS, J. **Visual studies:** a skeptical introduction. Nova Iorque: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRAZ, D. M. Cinco desafios para a formação de professores de línguas/educadores linguísticos no Brasil: como prosseguir diante das recentes políticas linguísticas e educacionais? In: FINARDI, K. R. ; ALMEIDA, C. S. ; AMORIM, G. B. (Orgs.). **Linguística aplicada na contemporaneidade:** temáticas e desafios. Campinas: Editora Pontes, 2021.

FERRAZ, D.; NOGAROL, I. Letramento digital: os usos dos celulares em aulas de licenciaturas em letras-inglês. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 26, p. 97-114, set.-dez., 2016.

FERRAZ, D. M. Multiletramentos: epistemologias, ontologias ou pedagogias? In: GUALBERTO, C. L. ; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. (Orgs.). **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

FERRAZ, D. M.; MATTOS, A. M.. (Multi)letramentos e as novas tecnologias: more buzzwords? In: FERRAZ, D. M.;, KAWACHI-FURLAN, C. J. Kawachi-Furlan (Orgs.)**. Bate-papo com educadores linguísticos:** letramentos, formação docente e criticidade. . São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

FERRAZ, D. O que podemos (des)aprender com as imagens contemporâneas?: cultura visual e remix. **Revista PUB Diálogos Interdisciplinares**. São Paulo, p. 1 - 5, 03 set. 2019b. Disponível em: <https://www.revista-pub.org/post/03092019>. Acesso em: 23 jul. 2022

FERRAZ, D. Visual literacy: the interpretation of images in English classes. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop,v. 5, n. 1,10. ed., p. 16 - 28, jan.-maio, 2014.

FERREIRA, G.; TAKAKI, N. Epistemologias de novos e múltiplos letramentos, identidade pós-moderna: repensando perspectivas para o ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 119-133, nov. 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Política e educação:** ensaios. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FURTADO, R. A liquidez discursiva no século XXI: os memes e seu caráter carnavalizante. **VERBUM - Cadernos de Pós-Graduação**, São Paulo, v. 7, p. 135-154, 2018.

FURTADO, R. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais:** a liquidez discursiva nos memes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GARCIA, A.; LUKE, A.; SEGLEM, R. **Looking at the next 20 years of Multiliteracies:** a discussion with Allan Luke. **Theory Into Practice**, Columbus, v. 57, n. 1, p. 72-78, 2018.

GEE, J. P.; HAYES, E. R. Literacy and interpretation. In: **Language and learning in the digital age**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2011.

GEERTZ, C. Thick description: toward an interpretive theory of culture. In: **The interpretation of cultures**. Nova Iorque: Basic Books, 1973.

GREGOLIN, I. La integración de tecnologías en la enseñanza de Español como Lengua Extranjera: algunos planteamientos. In: MIRANDA, C. (Org.). **La lengua española en Brasil:**

enseñanza, formación de profesores y resistencia. 1ed. Brasília: Consejería de Educación de España. 2018. p. 62-70. 1 v.

HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres: Sage Publications, 2000.

JORDÃO, C. Pedagogia de projetos de língua inglesa In: EL KADRI, M.; PASSONI, T. P.; GAMERO, R. (Orgs.). **Tendências contemporâneas para o ensino de língua inglesa:** propostas didáticas para a educação básica. Campinas: Pontes, 2016.

JONES, Rodney. Digital literacies**.** In E. Hinkle (ed.) **Handbook of research into second language teaching and learning**. Londres: Routledge, 2016. pp. 286-298. 3 v.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, . **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003.

KRESS, G.. **Multimodality:** a social semiotic approach to contemporary communication. Nova Iorque: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images:** the grammar of visual design. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (Eds.) Sampling the new in New Literacies. In: **A new literacy sampler**. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2007.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Ed.). **Digital Literacies:** concepts, policies and practices. NNova Iorque: Peter Lang Publishing, 2008.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New literacies:** everyday practices and social learning. Grã Bretanha: Open University Press, 2011.

MENEZES DE SOUZA, L. M., Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: **MACIEL, R., ARAÚJO, R. (Eds.) Formação de professores de línguas:** ampliando perspectivas Jundiaí: Paco Editorial, 2011. 328 p.

LUZ, E. B. P**.** Desenvolvimento do pensamento reflexivo em atividades online e a formação inicial de professores de línguas*.* **EntreLínguas,** Araraquara, v. 2, n. 2, p. 261-281, jul.-dez. 2016.

MAYRINK, M. F., AALBUQUERQUE-COSTA, H.; FERRAZ, D. Remote language teaching in the pandemic context at the University of São Paulo, Brazil. In: RADIĆ, N.; ATABEKOVA, A.; FREDDI, M.; SCHMIED, J. (Eds). **The world universities' response to COVID-19:** remote online language teaching.[s.l.], 2021. pp. 125-137. Disponível em: < https://doi.org/10.14705/rpnet.2021.52.1268>

MASETTO, M. Mediação pedagógica e o conceito de mediação. In: MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MATTOS, A. O rinoceronte e o mundo: uma perspectiva sobre a educação linguística crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.;, MONTE MÓR, W. (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MEIRIEU, P. A relação pedagógica. In: **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 127-149,

MENEZES DE SOUZA, L. M. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (Orgs.). **Bate-papo com educadores linguísticos:** letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Entering a culture quietly: writing and cultural survival in indigenous education in Brazil. In: MAKONI, S.; PENNYCOOK, A.. **Disinventing language,** multilingual matters. 2006.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Multiliteracies and transcultural education. In: GARCIA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. **Handbook of language and society.** Oxford: Handbooks Online, 2017.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Por uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, R.; ARAÚJO, V. (Orgs). **Formação de professores de línguas:** ampliando perspectivas. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MIGNOLO, W.; VÁZQUEZ, R. Pedagogía y (de)colonialidad. In: WALSH, C. **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Tomo II. Equador: Editora Abya-Yala, 2017. Disponível em: < https://ayalaboratorio.com/2018/03/31/catherine-walsh-pedagogias-decoloniales-praticas-insurgentes-de-resistir-reexistir-e-reviver/> Acesso em: 10 ago. 2021.

MIZAN, S. CNN's construction of the reality of september 11th: unveiling in the classroom the ideology behind words and images. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 2, p. 116-128, out. 2015.

MONTE MÓR, W. Formação docente e educação linguística: uma perspectiva linguístico-cultural-educacional. In: MAGNO E SILVE, W.; SILVE, W. R.; CAMPOS, D. M. (Orgs). **Desafios da formação de professores na linguística aplicada**. Campinas: Editora Pontes, 2019. p. 187-206.

MONTE MÓR, W**.** Learning by design: reconstructing knowledge processes in teaching and learning practices. In: **A pedagogy of multiliteracies:** learning by design. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

MONTE MÓR, W. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: MARTINEZ, J., Martinez; MONTE MÓR, W. **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**. Campinas: Editora Pontes, 2018.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Orgs.) . **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania:** aproximações jovens.

2015. 2 v. (Coleção Mídias Contemporâneas) Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>

NASCIMENTO, T. F.; ELUF, C. A inserção das tecnologias na formação do professor sob a ótica dos (multi)letramentos no ensino de língua inglesa. IV SEMINÁRIO FORTEC. Tecnologias Digitais; Redes e Educação: Perspectivas contemporâneas, v. 4, p. 109-119, 2018. Salvador: UNEB, 2018.

OBLINGER, D.; OBLINGER, J**.** Is it age or it: first steps towards understating net generation. In:**Education the Net Generation.** Washington: Educause Books, 2005. Disponível em: <www.educause.edu/educatingthenetgen/>.

PAIVA, V. L.. M. de O. e. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379–401, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>.

PINHEIRO, P. Sobre o manifesto "A pedagogy of multiliteracies: designing social futures" – 20 anos depois. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 525-530, 2016.

PRENSKY, M. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On The Horizon**. [s.l.]: MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, oct. 2001.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/quijano-anibal-colonialidade-do-poder-e-classificac3a7c3a3o-social.pdf>. Acesso em: 4 maio 2021.

RECUERO, R.; ZAGO, G.; SOARES, F. B. **Midia social e filtros-bolha nas conversações políticas no twitter**. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). 26, 2017 jun. 06-09, São Paulo, SP. [Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166193>.

ROCHA, C. Memórias e histórias de uma professora de inglês: por entre reflexões e vivências do letramento crítico. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil : trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, R.; MOURA, E.. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, C. F.; FERREIRA, C. C. Era multimodal e tecnológica: que recursos utilizar no ensino de línguas estrangeiras/adicionais? **LínguaTec**, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, v. 5, n. 2, p. 149-168, nov. 2020.

SANTOS, C. F.; FERREIRA, C. C. Apropriação da cultura digital sob a utilização de memes: produzir e ocupar espaços nas redes sociais em prol do ensino de línguas. **Revista X**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 608-632, maio 2021. ISSN 1980-0614. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76288>. Acesso em: 01 ago. 2022. doi: http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i2.76288.

SIQUEIRA, D. S. P.; DOS ANJOS, F. A. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 127-149, 2012.

SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Orgs.) **Inglês como língua franca:** ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 87-115.

VERONELLI, G. A.; DAITCH, S. L. Sobre a colonialidade da linguagem. **Revista X**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 80-100, fev. 2021. ISSN 1980-0614. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78169>. Acesso em: 27 mar. 2022. doi:http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78169.
atherine.

WALSH, C. (Des)humanidade(es). **Alter/nativas, Revista de estudios culturales latimoamericanos**, Columbus, n. 3, outono, 2014. Disponível em: <https://alternativas.osu.edu/es/issues/autumn-2014/essays2/walsh.html>. Acesso em: 24 mar. 2022.

WINDLE, J. Recontextualising race, politics and inequality in transnational knowledge circulation: biographical resignifications. **Research in comparative and international education**. [s.l.], v. 15, n. 3, p. 291-304, 2020. doi:10.1177/1745499920946202

WINDLE, J. Uma perspectiva transnacional sobre língua e educação crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil :** trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês**.** 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

ZACCHI, Wanderley J. O terreno movediço da educação linguística crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês**.** 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

ANEXO 1

RODA DE CONVERSA 1 – 16/08/21 – 55min51seg
Professor 1 – P1 - Clara.
Professor 2 -P2 - João.
Professor 3 – P3 – Douglas.

Simone: Boa noite pessoal. Primeiro eu gostaria de agradecer mais uma vez vocês aqui, disponibilizando o tempo de vocês, para conversar comigo. Eu gostaria que vocês falassem um pouquinho né, a gente "tá" em três aqui, três professores, falem um pouco de vocês, a cidade, porque eu sei que vocês são de cidades diferentes… eu e o A. estamos em São Paulo, né A., mas os outros professores eles estão em outras cidades. Então me falem um pouquinho de vocês, formação, experiência na sala de aula, bem rapidinho tá bom…quem quer começar?

Clara - Eu começo! Meu nome é Clara. E sou de São José dos Campos, interior de São Paulo. Eu comecei na educação faz uns 3 anos, éh, comecei trabalhando na Fundação Casa né, trabalho com meninos que são internados em medida socioeducativa. Então eu fiz Letras, fiz pós-graduação em psicopedagogia e agora eu tô cursando mestrado em intervenção psicológica. Então… assim, eu trabalho com ensino médio né, lá são salas multisseriadas e eu trabalho só com a parte do ensino médio, e é isso, é um desafio né todos os dias, é um sistema diferente de uma escola regular, a gente tem menos recursos ainda que uma escola regular tem, e os desafios são maiores, mas dá para fazer um trabalho bem legal lá.

Simone: Ah bacana, Fundação Casa, imagino o desafio que deve ser. E ( ) você falou em salas seriadas, ou multisseriadas?

Clara - Isso, é, como os alunos… a gente tem aluno de 13 a 19 anos, né, mas assim, por exemplo, tem sala do primeiro ano que (tem menino) do segundo e terceiro, tem sala do Ensino Fundamental que é sexta, sétimo e oitavo .Como não tem tantas salas, então eles colocam eles todos agrupados.

Simone: Todos agrupados Nossa, então deve ser bem difícil mesmo (Clara: difícil mesmo) obrigada Clara.. Douglas. ou João? …

João: Tanto faz…posso, vou eu. Meu nome é João, eu sou formado em Letras pela Universidade São Judas há muito muito tempo e fiz mestrado lá na FFLCH na Universidade de São Paulo e trabalho já há bastante tempo. Atualmente eu trabalho na Escola de Aplicação ali na FEUSP, devo estar lá há mais ou menos uns 25 anos mais ou menos, já trabalhei em várias escolas de… idiomas, escolas particulares trabalhei na Prefeitura de São Paulo também… tenho uma parte da formação foi na Inglaterra, morei um tempinho lá, o que me ajudou a aprender inglês também então eu aprendi inglês aqui no Brasil, um pouco na Inglaterra, e continuo aprendendo todos os dias né, acho que eu nunca vou parar de aprender inglês né ((risada)) é para sempre…e trabalho em uma escola que tá dentro de uma Universidade, então ela já tem uma característica bem diferente das escolas da rede, por exemplo, né, então a gente tem uma proximidade com as professoras de metodologia, nós recebemos muitos estagiários, então a gente acaba trabalhando com…muito ligado ao trabalho ali da Faculdade de Educação…e…que mais? bom, acho que por enquanto tá bom!

Simone: É isso! Eu fui estagiária do professor A. (d)a matéria de metodologia né e gostei muito, gostei muito, o professor faz um trabalho incrível com os alunos… eles são motivados né e é o

que você falou também né, é uma escola (de aplicação) que tem estrutura, então dá um trabalho bacana sim!

João: Só para comentar aqui a Simone foi uma estagiária *outstanding* assim…, fizemos uns trabalhos maravilhosos lá, uma festa de *Halloween* que a sala ficou a coisa mais linda do mundo né.

Simone: Ah, eu adorei. obrigada! Eu adorei o estágio lá, foi um ano, um ano inteiro, me apeguei aos alunos também.

João: eles te adoravam!

Simone: Eu adorava eles também!
E D., e você? D.l foi meu colega também uma disciplina do mestrado né…ih, você tá mutado e a gente não tá te escutando.

Douglas: Opa, perdão, eu tava mutado ( ) Eu sou, to bem distante de vocês, eu sou de Belém no Pará, aqui no norte do Brasil… fui colega realmente da Simone na disciplina que a gente fez junto na USP né, relacionado ao ensino de línguas mediado por tecnologias. Eu sou formado em letras inglês… atualmente estou fazendo mestrado em ensino e aprendizagem pela UFPA sou formado e estou fazendo mestrado por lá, mas é mestrado em ensino focado pra ensino superior porque do Programa de Pós graduação ( ) criatividade em novas metodologias pro ensino superior então é meio que distante um pouco da realidade que eu trabalho agora. Sou professor do Estado aqui, trabalho na capital, mas sou concursado do Estado, e… bem, eu trabalho com inglês na escola pública né, que vocês todos aqui devem ter trabalhado com isso e sabem dos desafios e realidade que é o ensino do inglês na escola pública no Brasil. Fora isso eu tenho turma no particular, nas escolas particulares que são completamente diferentes da realidade que tenho da escola pública, e também tenho cursos de inglês (geral) que já é outra coisa mais focada né, e … eu tô nisso desde que me formei né me formei em 2018 e vai fazer aí acho que cinco anos trabalhando com ensino de língua em diferentes contextos….lingua inglesa, né.
Espero que eu consiga tirar do meu mestrado, dê pra transferir um pouquinho pra… já tá dando na verdade ((risada)) para a sala de aula mas realmente o meu mestrado é mais focado no ensino superior com formação de professores né.

Simone: Ah que legal. bacana também né, nossa, no Pará…coisa boa da tecnologia né ( ) a gente pode conversar com pessoas tão distantes da gente

Douglas: a nossa disciplina mesmo, tinha gente lá do Nordeste né um rapaz de Fortaleza, que também era do Ensino público, se tu falasse com ele…

Simone: É verdade né, tinha gente para conversar lá também… bem lembrado, dá tempo ainda, acho que vou conversar com o pessoal de lá, vou mandar mensagem.

Douglas: Vai ser legal conversar com eles, (gente diferente) principalmente São Paulo né, que eu sei que vocês estão passando por mudança do ensino médio né… tô até preocupado que daqui a pouco vai chegar aqui… meu colega professor de filosofia tá desesperado já.

João - É, mudanças assim muito significativas e… sei lá, lá na escola a gente tá muito crítico em relação a essas propostas aí, porque… sabe, a gente tem que valorizar as disciplinas, as

especificidades sabe, isso… o acesso à universidade passa por isso, não dá para inventar um monte de nomes bonitos aí e dizer que isso vai dar uma formação e capacitá-los, então a gente tá bem preocupado. Acho que a primeira, a mais forte das mudanças é a da carga horária, já para o ano que vem, não é uma coisa tão de cara, mas ao longo do tempo são mudanças be:::m comprometedoras, eu digo, pensando nos jovens aí né…

Douglas: Não sei como estão lidando em SP, mas tanto para os alunos já que tão saindo do fundamental agora… já vai ser choque e tanto para os professores, claro né, mas …é algo assim, que a gente já tem que conscientizar, o pessoal do 9º ano, porque é uma responsabilidade e tanto, das escolhas que eles tem que fazer né…

João: Pois é…

Simone: já no 9º ano essas escolhas né… já vai começar nos últimos anos.

Douglas: Eu falo por mim, no meu tempo era 8a série não tinha 9º ano ainda, concluì o ensino fundamental acho que em 2006, e… se eu tivesse que fazer essas escolhas na época eu ia ter feito besteira ((risada))
Minha primeira graduação nem é em inglês, minha primeira graduação é em oceanografia…e…. quando eu entrei na UFPA em 2010, eu tinha 16 anos, naquela época eu já fiz uma escolha errada , imagina mais novo ainda.

Clara - E assim, na verdade, os estudantes, eles não entenderam ainda né, esse impacto que vai ser… então eles estão achando o máximo, 'ah, mas vai ter menos aula de portugues, vai ter menos aula de matemática, legal' eles não tão entendendo ainda esse impacto que vai ser, então assim, eu também estou preocupada, é triste né, a gente ver uma mudança que a gente sabe não vai levá-los num o caminho …que deveria levar. Eu vejo muito isso o novo ensino médio, assim, eles querem colocar a formação técnica como… ok, é isso que dá para vocês, seja feliz, sabe. E, assim como eles falaram, eu vi numa entrevista, a universidade tem que ser para poucos né, então eles estão colocando isso na cabeça do estudante, que é muito difícil chegar, e talvez eles tendo uma formação técnica já está ok…eu vejo bem assim.

Simone: Vocês três trabalham com Ensino Médio né… vocês três… e como vocês vêem o inglês nessa mudança também… a gente já pode aproveitar e falar um pouco disso.

Douglas: o inglês é uma das poucas que vai ser obrigatória né, mas eu acho que no geral a carga horária vai diminuir porque… atualmente, que eu saiba, eu não sei em SP, mas pelo menos no Estado nas turmas de EM, eu tenho duas aulas, e…depende de turma para turma, por ex, com EJA é meia hora uma aula né, a gente sabe é pra ser uma hora, mas dá meia hora, ainda mais à noite…âh… mas com o EM regular é 45, 50 minutos, duas horas… que eu saiba vai baixar pra uma, tipo artes… então de certa forma a carga horária de inglês vai ficar menor ainda…vai ser ainda menos de inglês. Então se era pouco, a única língua estrangeira deles.. (porque) vai ser inglês, matemática e portugues obrigatória, mas mesmo assim, vai ter diminuido, vai ter diminuido de tudo a carga horária geral, mas pelo menos não tiraram completamente, como tiraram filosofia, eu acho, que só vai ficar no primeiro ano, e sociologia no segundo...
Então se já era meio… complicado de trabalhar a língua estrangeira, principalmente com foco assim pro ENEM, tudo mais, com, digamos, duas horas por semana, uma hora é menos ainda. Por exemplo, o::: A., que dá aula no IF né, eu fui estagiário na IF também, a gente tem que fazer estágio… ah, não, não pe no IF, é na Escola de Aplicação agora - - antigamente era IEF, perdão, no meu tempo era IEF - - e … era uma professora excelente, eu fiz estágio com ela, ela falava

muito disso… que não tinha espanhol, só era inglês, então às vezes ela sentia que tava dando tiro no escuro assim, porque ela tentava o máximo ensinar o que dava para eles né, principalmente para interpretação de texto e tal, no Ensino Médio, mas era pouco tempo (por causa que) eles já vinham do fundamental prejudicado e agora, então, se ela já não tivesse se aposentado, ela ia ficar mais decepcionada ainda.. provavelmente, ela tava fazendo o que dava mesmo…

João: é isso. nos documentos, eu não encontrei essa especificidade da carga horária, eles deixam isso mais solto, mais livre, acho que as escolas aí vão vão se adequar aí, e ter certa liberdade pra montar essa carga horária…. é…na nossa escola, eles tem 3 línguas,eles têm inglês e francês até o 8º ano, no 9º ano entra o espanhol, e no 1º ano do EM eles indicam alguma língua para cursar ao longo de todo o EM. Então assim, eu tenho aluno que faz cultura inglesa há 5 anos, não tem porquê ele fazer inglês, ele já fala, ele já tem uma certa fluência, então (certamente) ele vai para o francês ou vai para o espanhol. Então a gente consegue, NEsse sistema, consegue trabalhar com turmas reduzidas, agora isso daí, essas mudanças, elas nos afetam diretamente, o que a gente vai fazer com francês e com o espanhol, vai simplesmente parar de oferecer? Não dá. Então a gente tá pensando em como garantir que a gente cumpra a lei, que a gente ofereça o inglês como é obrigatório, mas que, de alguma maneira, eles também mantenham o francês e o espanhol, porque a gente acha que empobrece o currículo dele. Então como que a gente pode pensar em um, em alguma alternativa, estamos quebrando a cabeça lá.((risada)) chegarem em alguma coisa.

15’’00

Douglas: Realmente haviam me dito que, éh, poderiam se moldar, principalmente nas escolas particulares né, eu acho que (eu ouvi que) poderia moldar um pouquinho o currículo da maneira, por exemplo, não necessariamente tirar filosofia de todos os anos, mesmo reduzindo a carga horária, um colega meu de filosofia tinha falado isso… mas eu acho que no currículo que eu li, pelo menos, um quadro né, eu vi um quadro e eu tinha pensado nesse negócio de diminuir a carga horária total porque…eles tem tanta coisa para colocar agora, apesar de ter aumentado a carga horária total do EM estão colocando esses cursos técnicos, (tirar) um pouquinho do tempo dos alunos.

Simone: Certo então, gente, eu adoro essa discussão, porque a gente fala do currículo, mas vamos um pouquinho para frente, para também não cansar vocês tá
( ) e a gente não vai pra frente. Eu tinha pensando, como eu to querendo falar de ML, eu tinha pensado em algumas atividades, éh, um pouco multimodais… eu separei aqui, vamos ver se vocês conseguem entrar nesse link aqui coloquei no chat, será que vocês conseguem entrar? Eu posso mandar pelo *Whatsapp* para você…será que…

Douglas: é melhor!

Simone: Vou mandar, se vocês conseguirem entrar. Um dos objetivos é quero analisar essa nuvem de palavras. O que vem na cabeça de vocês quando pensam em tecnologia na sala de aula tá? São só 3 palavras vocês podem colocar…tá, a pergunta está em inglês, só que vocês podem colocar em portugues. tá… acho que é até melhor…

João: Eu devo pensar em três palavras sobre *technology* é isso?

Simone: Isso, o que vem na sua cabeça…pra saber qual a primeira impressão de vocês…pode ser em portugues.

João.: Só pode ser uma palavra…

Simone: Oi? Ahh, uma palavra por espaço… são três espaços! Desculpa, eu não expliquei muito bem. Vocês estão conseguindo acessar?

João e **Douglas**: Sim!

Simone: Então tá bom! acho que daqui a pouco eu consigo ver, porque não estou conseguindo… será que tenho que dar um… ahh consegui já! Olha só! é… que legal! Só para mostrar para vocês como que fica né, a gente pode usar isso para discussão também, essa nuvem de palavras…aprendizagem, inovação, incentivo…

João: eu coloquei em inglês, gente.

Simone: Não tem problema, pode ser em portugues ou inglês! Esse *involving* né… E por que João?

João: eu acho que assim, quando você traz (...) eu acho que tecnologia é uma coisa muito envolvente para os jovens, eu acho que toda vez que eu falo assim 'agora vocês vão para o laboratório de informática, vocês vão acessar esse site, e vocês vão fazer isso daqui" ou uma coisa que, por exemplo, vocês vão acessar um site, vão ler uma manchete ou várias manchetes, vão fazer isso, isso e isso. Por mais que não vá, que ele vá usar aquilo só como uma janela para chegar até uma informação e não necessariamente produzir alguma coisa tecnológica, o simples fato dele estar usando uma máquina (ele) envolve. Então eu acho isso bem legal.

Simone: Legal! E esse *welcome*, foi você também?

João: É também, eu acho que, assim, que o uso de tecnologia é muito bem vinda por parte dos estudantes também…, e pra nós também porque facilita nossa vida em muitos aspectos. Hoje a gente tem acesso à língua de uma maneira fascinante. Quando eu estudava inglês, para eu conseguir a letra de uma música, tinha que assinar uma revista, comprar um disco que tivesse um encarte, alguém que tivesse e me passasse.. hoje em dia não… hoje eu tenho isso em minutos eu tenho a letra de uma música que eu quero… eu tenho acesso a dicionários, de qualidade, gratuitamente, na internet, então eu acho que isso é muito bem vindo, tanto para o professor, quanto para o aluno. E a gente pode, éh, fazer um trabalho de capacitação do aluno para uso disso, porque assim, muitos alunos, mesmo no EM, não sabem por exemplo que em algum dicionário eu tenho a pronúncia daquela palavra, então quando eu apresento, olha, isso aqui é como a gente pronuncia, é a transcrição fonética. Mas como que eu falo? olha, clica aqui, você tem no vermelhinho o americano, no azulzinho você tem a pronúncia britânica. Existem outras? Existem, mas essas duas aqui vão te dar uma referência bacana… então quando ele percebe esses recursos aí que são acessíveis e, né, eles gostam muito. Então eu acho que isso, pra gente, pra gente… aprender inglês mesmo e às vezes até mesmo ter ideias de planos de aula com coisa diferente. A internet é maravilhosa, tecnologia é muito boa.

Simone: Legal! E inovação, quem colocou inovação?

Clara: Fui eu! Então, eu acho que assim, essa questão do inovar, né, o aluno, ele, espera muito da gente, e quando você chega com uma proposta simples, mas que envolva tecnologia, eu acho que essa essa inovação é uma coisa que traz aquele entusiasmo mesmo para o aluno. é como o professor falou, só da gente pegar "ah vamo pesquisar uma página no site tal" é uma atividade simples, mas isso a gente tá inovando na educação, então eu acho que tem tudo a ver. Tem tudo a ver com a novidade, o professor ele tem um outro olhar, por mais que a gente tenha muitos desafios né, porque na escola pública tem os notebooks agora, mas as vezes não tem internet, às vezes a gente tá com internet, mas os computadores estão quebrados, a gente tem esses desafios, mas eu acho que inovar (a gente) vai ter sempre um sucesso, né, dentro da sala de aula.

Simone: Certo, bacana, gente, legal…éh, então, os multiletramentos na minha visão na minha linha de pesquisa, é que assim, ele fala muito de tecnologia na sala de sala, mas ele fala de imagens, de sons, dos táteis, do visual. e meu interesse nas imagens, então o que eu vou trazer para vocês é… são charges, memes, tá, pra gente conversar sobre isso. Não reflete a minha visão, tá, não necessariamente reflete a minha visão, mas é pra gente parar para pensar mesmo. Vocês estão conseguindo ver?

João: Você consegue ampliar um pouquinho?

Simone: Ampliar um pouquinho…tá melhor ou tá pequeno?

João: Eu estou sem óculos. A terceira idade é fogo! ((risada)). melhorou, ficou ótimo, agora eu consigo ver.
Simone projeta a imagem "educação moderna".

Simone: O que essa imagem te desperta em vocês? (...) Vocês concordam, não concordam? difiicil né, porque a gente fala de muita coisa boa…

Douglas:: Não sei. ((risada)). É meio anacrônico, não sei.

Simone: é, meio anacrônico, é então, eu acho que essa charge não é muito nova, realmente. é um pouco antiga.

Douglas: É uma charge, então a gente espera de uma charge um pouco de exagero assim, é inevitável mas… Por exemplo, *laptop*, *Ipad*, *tablet*, *mp3*, *smartphone* então, assim, é meio anos 2000 ((risada)) eu não sei, que escola tem isso, gente? Para um aluno só?

Simone: É uma boa visão! Que escola que vai ter tudo isso né?

Douglas: Talvez só um desses.

Simone:Mas e a outra pessoa falando que não tinha nada disso, que tinha cabeça, que …aquilo que era suficiente, que não precisa de laptop né nem de outras ferramentas.

João: Eu acho que aí a gente cai em alguns mitos. tem esse mito de que os jovens dominam a tecnologia de uma maneira impecável, que tudo é fácil para ele, e que o, a pessoa de mais idade não consegue utilizar. Eu já vi situações de estar no laboratório de informática e ter que ensinar o aluno a copiar e colar ... .entendeu, de EM! Então eu acho que tem um… sei lá, nem tanto ao mar, nem tanto a terra. Para eu usar um *laptop* eu tenho que usar a cabeça, para eu exploRAR

os recursos de um tablet eu tenho que usar a cabeça também. Agora, é muito legal ler um livro, é muito legal também fazer uma redação, é muito legal desenhar fazer um poster que você cola na parede e que outro aluno vai olhar e fala sobre aquele pôster e interage com aquele material… é muito legal fazer uma roda em que todo mundo vai jogar uma bolinha para o outro e outro vai ter que fazer, sabe, uma coisa viva então eu acho que tem lugar para tudo.Não dá pra gente ir só para esse mundo tecnológico e achar que ele vai resolver tudo porque não vai. A gente é humano, a gente precisa de outros seres humanos, e perto, e não só no digital, então não sei, eu acho que eu fico no meio do caminho aqui. Um pouco de tudo.

Douglas: Concordo também porque pela charge o pai tá falando que ele usava a cabeça, como se…a criança…(...) todo o resto, como se esse tipo de coisa requer mais conhecimento que muita gente mais velha né, hoje em dia teria dificuldade para conseguir. Então é só uma evolução da tecnologia, não é como se fosse ser visto como algo negativo, a gente tem muito essa visão de antigamente, por ex, eu tava até discutindo isso com professores da escola particular, de como por exemplo, quando eu falo meu tempo é anos 2000, é… se achava que celular ia arruinar assim as salas, na aula que ia tocar celular, que ia, alunos iam viver no celular, e o aluno que fosse pego no celular ia ser expulso de sala. Hoje em dia a gente utiliza o celular em sala, como recurso de ensino, então a charge diz meio que assim, ah só a cabeça e era o bastante.
Depois de tudo isso aí (...) Olha como era melhor, entendeu? mas não, é um recurso, seria leviana se a gente não utilizar esse recurso na sala de aula... potencializa o ensino…claro, não tem que ser a única coisa, mas ajuda, ajuda muito, é inegável dizer que não ajuda, Eu prefiro muito mais dar aula com alguma dessas coisas que eu levo pra escola… porque no Estado eu não posso levar nada disso, que eu não tenho esses recursos (...)

Simone: Legal. E essa questão dos nativos também né a gente pode discutir... porque os professores não conseguem aprender, atingir esse nível né, do mesmo nível dos alunos, né, mas… acho que é isso. Eu tenho mais uma aqui, é no mesmo sentido, tá, é só pra gente…(...) é .eu gosto muito de charge, de meme, mas não quer dizer minha visão, mas eu gosto de trazer para discutir ((risada)). Vocês estão conseguindo enxergar?
(Simone projeta meme da caixa de som) Também é antiga tá. E o que significa essa imagem do radinho, quando fala professor de inglês? Isso me lembra muito a minha época também, quando eu tava estudando.

30’’00

João: Uma vez um aluno perguntou para mim, quando na formação universitária, eles nos ensinavam a usar esse rádio, em que ano da faculdade que a gente aprendia a usar o rádio, porque todo professor de inglês chegava na sala com o rádio. Eu tenho até hoje ((risada))

Douglas: Eu acho que o A. deve ter trabalhado com isso. eu, antes, quando eu fazia oceanografia, eu pensava assim, “cara, quando eu aprender inglês, eu vou ter que andar com o rádio daquele ((risada))” .Mas eu acho que os alunos de hoje em dia, pelo menos, não tá pegando esse negócio de som, já que hoje a gente anda com caixa bluetooth, a gente anda com uma coisa mais moderna, daqui a um tempo eles não vão entender esse meme mais, mas a gente né assim entende, porque realmente, quando eu fiz curso de inglês, quando eu era mais jovem, todas as professoras tinham um desse aí. Tinha CD, tinha fit né, mas a evolução da tecnologia já permitiu a gente não precisava levar isso para cima e para baixo, não precisa de CD, a gente precisava

de CD, de negócio, daqui a um tempo acho que o meme não vai mais fazer sentido …para os alunos mais novos.

Simone: Com certeza né…além do rádio, tinha os livros, os CD's, e as fitas, então… e hoje a gente pode carregar tudo no celular, tudo no laptop né, então ajudou bastante também né..

Douglas: Eu me surpreendi, nas minhas primeiras experiências como professor de inglês, na UFPA toda sala tinha computador né, e tinha um som né, bonitinho, do computador, e tudo vinha versão do livro digital. tudo bem legalzinho já, mais moderno, não precisa do livro, CD, do negócio. Mas eu acho que até 2010 era regra né, por aí, talvez.

Simone: é, hoje você tem o livro e você tem o código para acessar no site né, para pegar o (...)

Douglas: Não tem que ficar mudando de faixa, porque no nosso tempo ainda era CD, e tinha que mudar a faixa provavelmente né, até alcançar a faixa que você queria.

João: Gente, mas o CD foi maravilhoso, o problema era fita cassete, que você tinha que achar o ponto e voltar até o ponto anterior pro aluno ouvir novamente, um inferno, terrível… nossa sofrimento.

Simone: para achar né. O CD a gente podia colocar, né, na faixa que você queria, era bom. Gente, a última charge também. (projeta o meme do verbo to be) O que vocês acham disso?

33''

Douglas: Eu acho que mais que o som, o *be*, ou como a professora Walkyria na Universidade gostava de falar, o *tobe*, é o meme dos alunos do inglês, é o maior meme, eu acho, daqui do ensino do inglês em escola…não só de escola regular, eu acho que em escola de idioma também. Uma vez ou outra a gente tem que voltar né…eu já recebi uma resposta assim "de novo o *be*" (...) e a professora pergunta pro aluno 'então me explica o que é o *be*', e o aluno não sabe. Mas hoje em dia eu tento justificar para os alunos porque é tão importante e porque a gente vê tanto ele. Porque geralmente eles têm dificuldade de aprender um verbo tão irregular, aí eu tento contextualizar assim, eu falo, olha, (sabe) os verbos em portugues como conjuga? vocês decoram as conjugações né, o *be* é como se – abre aspas – "conjugasse", mas ele muda completamente. Não tem a raiz ali morfológica, ele muda 100%, de *be* para *am*, de *is*, pra *are*…mas eu eu acho que …eternamente, eu não vou dizer eternamente não sei como é que vai ser né mas por muito tempo o *be* vai ser isso aí, ele vai ser onipresente, ele é muito importante.

Simone: E hoje os alunos ainda questionam isso, é isso mesmo.

Douglas: Sinceramente, se um aluno meu, se ele conseguir ter assim entendimento, da maestria do *be*, ele já é um aluno bom, na minha visão, porque não é fácil. assim, ainda mais para aluno de escola regular do ensino público, se ele conseguir entender o be no presente e talvez no passado também já é um aluno assim já passou do básico.

João: O verbo é muito demonizado né, o verbo *to be* né tem essa fama aí, mas eu acho que é como o Douglas falou, a gente precisa contextualizar. porque que ele é muito importante? Ele aparece em diversas situações e vai aparecer em diversos tempos verbais, ele vai ser (auxiliar) em um monte de lugares. E aí, será que é importante? E sabe, o presente vai que é uma beleza,

mas a hora que você chega no passado e engasga, então calma né… Mas quando você começa a contextualizar, aquele aluno mais interessado, começa a ficar mais relevante. É tudo no como né, como que a gente apresenta, como vende esse verbo em diferentes momentos da aprendizagem dele né…

Douglas: Inclusive semana passada, em uma prova de recuperação, de uma escola de EJA, segunda etapa, que eles tão se formando. Aí eu comecei a mostrar os adjetivos né, você começa a falar de adjetivo, você vai contextualizar alguém, a pessoa É alta, né, isso falando em inglês e aí o *be* de novo, mas ele ainda significa duas coisas né, ser ou estar, isso para colocar nos alunos…eles já ficam "ah, então *I am happy* pode ser uma pessoa alegre ou pode uma pessoa que está feliz naquele momento". É, se eles conseguirem entender isso já é uma vitória, sinceramente, é contextualizar realmente, comparar com portugues de vez em quando, paralelo com portugues, mas dá, mas é possível, É piada, mas é aquilo que eu falei, ele tá aí, vai estar ali no ensino do inglês mesmo, tem que se acostumar.

Simone: Certo, legal. Vamos seguir então… ih, peraí que eu tirei da página...só u m minutinho.. agora vamos mais para umas perguntinhas. Vocês usam os memes na sala? Essas c*harges*...?

Clara: Uso bastante.

Simone: E você usa como, C.?

Clara: Então, eu costumo sempre pegar o que tá na moda né, eu vejo muito esses *TikToks* aí da vida, vejo o que que tá na moda e trago para a sala de aula. Eu tento sempre trazer as novidades aí, que toda semana é uma novidade.

Simone: E como você trabalha? Você leva os memes, você pede para eles?

Clara: Então, lá na Fundação Casa a gente não tem acesso à internet lá dentro, mas eu posso gravar né, no meu notebook e entrar, isso a gente pode fazer. A gente não tem acesso à internet lá dentro e eles também não têm computadores… e eu dou aula de tecnologia lá também né, então desafio, porque é só na teoria, eles não tem muita prática, e isso o que o professor falou, a gente acha que todo adolescente sabe mexer né, não ,eles não sabem nem ligar o computador. Eles não sabem nada, eles não sabem trabalhar com *email*, eles não sabem fazer um texto no *word,* então assim, essa visão que a gente tem que adolescente nasce sabendo mexer nos equipamentos é bem fora da nossa realidade da escola pública, assim, eles não têm acesso assim a notebook, não tem computador, às vezes é um celular para a família inteira, então a gente vê o desafio que foi né as aulas remotas, porque era um celular para a família inteira, para todos os filhos usarem, e aí você vê que tem uma discrepância aí né, alguma coisa não tá certa… então lá da Fundação a gente tem isso também, ele sabem mexer um pouco do *Facebook*, que é o que eles usam aqui fora, mas fora isso nada.

Simone: Certo e aí já conecta com essa outra pergunta: Mas vocês usam *Facebook*, *TikTok*, *Instagram*, nas aulas?

Clara: Sim, porque eu dou aula também no regular né, lá a gente consegue fazer algumas coisas no *TikTok*, a gente grava *podcast, éh,* dá para usar muita coisa legal.Eles são bem antenados, assim, as crianças do regular.

Simone: Certo, eles têm mais facilidade então, com a questão do material mesmo né, você tá falando.

40''

Clara: Sim, isso, eles têm mais facilidade.

Simone: E vocês professores, vocês conseguem usar?

Douglas: É, o *Facebook* até vai, o *Instagram* mais ou menos. Eu já utilizei no particular, o *Facebook* dá para usar bacana, eu já utilizei em várias aulas, no público também. Agora, no público, eles têm mais contato, ainda mais agora que ficou no remoto né, durante a pandemia, é o *Whatsapp* mesmo… aí é o *Whatsapp,* é mandando imagem, mandando meme, algumas coisas, aí rola. Rola bastante. O *TikTok* eu ainda tenho um pouco de dificuldade, mas é uma coisa minha, eu ainda não peguei muito bem. Então eu acho que eu tenho que me familiarizar mais com ele porque tem muito aluno que utiliza mesmo.

Simone: É que é muita novidade né, toda semana tem uma coisa diferente pra gente aprender né… as nossas dificuldades também. E aí você falando do *whatsapp* também, dá para usar figurinha, *sticker,* os *emojis* também…

João: E mensagens mesmo né, sabe, trabalhar a produção escrita ali no *whatsapp,* mensagens curtas, e agora todo mundo (vai) mandar mensagem para o grupo, sobre várias coisas, acho que dá para usar também.

Simone: Legal! Que diferença que faz essas mensagens curtas, de.. usar símbolos, de usar emojis, vocês acham que isso eh... a gente falando de aprendizado mesmo, vocês acham que faz diferença?

Douglas: Eu acho que no caso do remoto lá, como a gente tava tendo que trabalhar lá, fica um pouquinho mais, não vou falar dinâmico, é um aplicativo de mensagem instantânea, então já é inerentemente dinâmico…mas…éh… aquela coisa, tem um monte de professores que só manda *pdf* e um vídeo, e… entreguem até tal dia, então quando eu peço para eles fazerem alguma coisa no chat ou mandar uma figurinha, se eles encontrarem um *gif*, que dá para encontrar gif naquela buscazinha lá do teclado do *whatsapp*, já dá um pouquinho de nova rotina, assim, sabe, faz o aluno ficar um pouco mais ativo, então engaja um pouco, principalmente no remoto que tava precisando um pouco disso, senão o aluno sumia, tipo ele só aparecia para matemática e portugues, se o aluno já não gostava muito de certa disciplina no presencial, imagina quando ele não tem que ir na escola, então …engajava um pouquinho mais, assim, digamos.

Simone: Então o uso desses recursos engaja mais, eles ficam mais animados…

Douglas: Eles participam mais.

Simone: E aí a gente tá …quase acabando, gente, só tem mais umas perguntinhas. Vocês já fizeram curso, já ouviram falar, o que que vocês já ouviram falar sobre os multiletramentos, mais especificamente? Se vocês já ouviram falar, também ... .se vocês não ouviram falar…

João: Eu nunca fiz um curso específico, ele vem nas formações que a gente vem fazendo na escola, mas acho que seria até interessante fazer futuramente…. Alguma coisa na Letras para me aprofundar um pouco mais.

Simone: A BNCC mesmo, ela fala né dos multiletramentos, então você acha que um curso de formação seria interessante.

João: Si:::m!

Douglas: A gente lá na UFPA viu multiletramentos em metodologia, e quando. … a gente vê tudo né, por mais criticado e defasado que tem eles mostram para gente, os estilos de aprendizagem, âh, aqueles *learning styles* né, em inglês… os professores criticam, mas eles mostram também. E multiletramento não foi muito trabalhado, tem uns colegas meus que gostam de trabalhar, tem uns colegas que inclusive que fez a disciplina a Eliene, mas ela não é professora de escola pública, ela trabalha muito com multiletramentos, inclusive o trabalho dela lá no mestrado é de multiletramentos, ela fez a disciplina com a gente lá na USP. E ela fala sobre multiletramentos, sobre esse negócio digital, a realidade das diferentes culturas e – é que eu não sou muito inteirado dos multiletramentos — diferentes culturas, diferentes formas que você tá aprendendo, diferentes meios né… multiletramentos justamente…então eu vi isso na Universidade, eu acho que entra um pouco em sociolinguística, eu trabalhei em sociolinguística um pouquinho, pelo menos enquanto eu tava na graduação e nos cursos livres do meu estágio, eu tentava trabalhar, principalmente contextualizando, trazendo abordagem comunicativa para as aulas né, e… mas eu não posso dizer assim que eu sou muito inteirado em multiletramentos, que eu tenha trabalhado intencionalmente pensando que eu tenha trabalhado com isso sabe. Talvez eu tenha trabalhado e nem saquei, e a professora Heloisa e a professora …Mônica, é, elas falaram para isso, talvez a gente trabalhe com *tiktok* e nem sabe né…

Simone: Com certeza.E não é necessariamente uma coisa nova né a gente pode falar, se a gente for pensar no visual… o prof J. que falou do poster, que é uma coisa muito legal de trabalhar com aluno e que não é novo, mas a gente pode falar que tá mexendo com o visual. Isso pode ser considerado também multiletramentos porque é diferente, tá mexendo com outras coisas né, bacana…Isso aqui vocês até falaram um pouco, de como foi a formação de vocês em relação às tecnologias. Vocês acham que na formação de vocês, vocês falaram de tecnologias também?

João: Durante a formação de professor, é isso? Não, na época, imagina, não tinha mesmo, então foi assim bem trabalhando, no trabalho, quando você começa a ter ..por exemplo na cultura quando chegou a lousa digital… ninguém tinha noção de como usar aquilo, então a gente teve recebeu formação trabalhando né a gente, aprendeu a usar, sei lá, computador, a gente teve curso pra aprender a fazer *power point* para apresentar para os alunos. Então, essa formação, no meu caso, ela veio muito pelo mercado de trabalho, então por exemplo, agora na universidade, tem um grupo chamado GAED (?) que dá formação, dá assistência tecnológica para as pessoas da universidade, da faculdade de educação, então um dia eles vão falar sobre recursos do *google*, recursos, éh, vários, sabe, então é no trabalho que tá vindo essa formação. Foi assim…enquanto tava dando aula, ia aprendendo, e agora na época da pandemia, imagina, eu aprendi um milhão de coisas, assim, no susto né, é pra amanhã, como que faço isso, como que eu faço aquilo, e foi uma bola de neve que a gente foi aprendendo.

Simone: E é isso que eu ia perguntar… o que é que mudou nas práticas de vocês? Na pandemia? Além de ter que aprender tudo na marra, tudo rápido, pra ontem?

Clara: Acho que todo mundo virou *Youtuber* né…(risadas) todo mundo né, não teve como né ((risada)) até quem nunca pensou que ia fazer isso teve que fazer, não tinha outra forma.

Simone: Certo, produzir conteúdo…

Clara: Acho que foi tudo no susto, eu acho que pegou todo mundo de surpresa, mas acho que enriqueceu também, acho que todo mundo voltou diferente, eu acredito que os professores, eles estão mais…éh vamos dizer assim, entusiasmados (com as novidades) né até os professores que são antigos, que tinham mais resistência né, eles voltaram mais engajados, a fazer diferente, então eu achei isso legal. eu lembro que tinha professor que não tinha nem *whatsapp,* e aí teve que comprar um celular, teve que instalar, teve que aprender a mexer, e agora eles vivem disso né, então foi legal essa mudança de chave que teve.

Simone: Então teve resistência dos professores, né, que não tem mais, E dos alunos? Vocês acharam que teve resistência, a usar (...) ?

Clara: Eu acredito que não. Só a questão mesmo de dados, das condições, porque tem aluno que não usa porque não tem. Mas os que, os alunos que já estão acostumados, não teve resistência não. Mas acho que todos preferem o presencial, assim..

Douglas: (inaudível) bem parecido até, eu já ia falar. Acho que resistência, assim, de "ah eu odeio remoto"..tem gente que realmente, a gente por exemplo do mestrado mudou para o remoto lá na UFPA né, o presencial certamente é bem melhor, mas não, a questão da resistência, assim, no sentido da palavra mesmo, de ativamente não querer, sabe.. é mais recurso mesmo, quando não tem internet, quando depende de pacote de dados né, aí o aluno fica meio triste até né… como ele vai participar? Mas no geral eles ficaram mais aberto do que muito professor, tinha professor que não queria ir pro remoto.

Simone: Gente, essa é a última pergunta, tá, prometo. Você concorda que a utilização de imagens, visual auditivo, espacial, é importante pra transmitir informação? Ou mudança de significado? Por exemplo, o arranjos das carteiras da sala de aula… éh, eu conheço o trabalho do prof A., eu sei que o arranjo das carteiras é em formato de U né, de semicírculo, é, você acha que isso faz diferença professor, e porque vocês fazem isso, vocês adotam isso na Escola de Aplicação?

João: Olha, eu gosto de trabalhar no semicírculo porque ele favorece a interação , então a língua também é instrumento de interação. (...) E… então assim, eu to vendo a pessoa com quem eu estou falando, sabe, dá uma ideia de unidade bacana pro grupo, e eu acho assim carteira a gente pode colocar de várias maneiras, dependendo do objetivo da aula, talvez a fileira seja melhor. Mas tem que ser sempre na fileira, ou tem que ser sempre em formato de semicírculo? ás vezes não… às vezes eu posso ter um círculo completo e fazer uma atividade com aquilo, então depende muito do objetivo da aula, mas algo que se tem num grupo menor, os nossos grupos não são muito grandes também, e… acho que aproxima, eu acho que humaniza um pouco, eu acho que isso é positivo, se a gente puder fazer isso porque aproxima o aluno da gente e o aluno do outro aluno também. Acho que é por aí.

Simone: Certo! Mais do que o professor lá no canto e os alunos enfileirados…

João: Sim, eu gosto as vezes de sentar numa cadeira igual a deles, para ficar junto mesmo, assim como se fosse um aluno também, pra tirar um pouco essa hierarquia, sabe, pra que a gente fique a vontade mesmo pra se expressar, pra falar em inglês, pra…sei lá.

Simone: Certo, faz diferença. E pra você Clara?

Clara: Ah eu acho que faz toda a diferença, e pro aluno com certeza faz também, porque a gente… eu lembro na época de escola, a hora que eu chegava na sala e as cadeiras tava diferente você já entra mais animado, você já "opa, vai acontecer alguma coisa diferente" né, então é como o professor falou, eu também gosto de sentar nas carteiras, gosto de sentar junto, pra mostrar que a gente não é melhor, que a gente não tem super poder, que a gente é igual eles mesmo, então acho muito legal a gente ter essa posição sabe, eles adoram isso. Até na fundação casa, éh, lá tem as regras né, a gente não pode chegar muito próximo, a gente não pode cumprimentar, só que eu fujo tudo dessas regras assim, claro que agora na pandemia eu não posso cumprimentar né, mas assim, eu sempre, eu chego, eu dou a mão para todos, eu olho no olho e falo "e aí você tá bem", porque eu acho que não tem porquê, entendeu, não é porque ele cometeu um crime que eu sou melhor que ele. Então sempre coloco na posição deles também, eu sento junto, na hora de fazer cartaz eu sento no chão, e eu vou um pouco contra as regras da instituição porque eu acho que dessa forma ( ) .. e eles se sentem super a vontade assim, né, e eles confiam em mim e eu confio neles, então é essa relação que a gente precisa ter. Então, e no regular também né, sempre tá junto, eles tem que ter essa parceria né, ver que a gente tá ali pra ajudá-los, mas que a gente não é melhor que eles…

Simone: ah que legal né, essa questão do corpo, do gesto, também é muito importante pro aprendizado. Ai gente, então é isso, a gente já falou da BNCC, era isso, então gente, muito obrigada, eu vou até parar de gravar aqui já.

ANEXO 2

RODA DE CONVERSA 2 – 17/08/21 – 46min
Professor 4 – P4 – Kelly
Professor 5 -P5 – Emília
Professor 6 – P6 – Vanessa

Simone: Boa noite. Obrigada Kelly, Emilia, por estarem comigo hoje tá... éh, eu vou começar aqui, só por uma (questão) de formalidade...éh... bem rapidinho, porque eu vou mandar para vocês, é sobre o termo, consentimento livre e consentido, tá, que eu vou mandar para vocês assinarem para mim, eu preciso disso para minha pesquisa também tá então eu não vou falar dela também, porque são 3 páginas...
(0min37s até 1min55s - Simone explica e lê alguns trechos do TCLC)

1min55s

Simone: Vamos lá...essa primeira parte aqui, eu quero, eu queria que vocês se pudessem, se vocês conseguissem entrar nesse site, tem o site aqui, o link ou *QR Code*, eu não sei se vocês conseguem acessar...deixa eu ver...eu posso compartilhar o link pelo chat também, ou pelo *whatsapp...*

Kelly: o meu leu...

Emília: o meu não leu porque eu tô no celular...

Simone: Quer que eu te mande pelo *whatsapp?*

Emília: Por gentileza

Simone: Então ta bom, só um minutinho... hummm eu não consegui te mandar ainda... mandei! Essa daqui é só para... é uma nuvem de palavras e eu vou mostrar pra vocês também como que vai ficar pra mim, que legal que fica...é que não aparece pra mim... o que que vem na cabeça de vocês quando pensam em tecnologia na sala de aula? Tem três campos, e vocês podem colocar as tres primeiras palavras cada um, cada palavra em um campo, que que é a primeira palavra que vem na cabeça de vocês...tecnologia na sala de aula

Emília: Simone, pra mim aparece "*no active questions for this presentation*" ...

Kelly: Pra mim também a mesma coisa....tem como colocar no *chat*?

Simone: tem sim! Mas será que eu precisava ativar? Mas eu ativei! Só mais um minutinho, deixa eu colocar no chat... ai meninas desculpa, a gente tenta usar umas ferramentas aqui mas a gente fica nessa dependência.

Emilia: esse é o preço da tecnologia...

Simone: é!
(risadas)
Quais os problemas que a tecnologia pode trazer pra gente também? O que acontece na sala de aula?

Emília: a mesma coisa, *no active questions*...

Simone: ahh será que tem a ver com a ... o link que não está ativo? Mas eu já... só um minutinho... é, eu to tentando aqui, mas eu acho que não vou conseguir gente... eu to no site e ....deixa eu tentar... posso tentar outro?

Emília: acho que você tem que mandar um código, o *mentimeter* gera um código né... ele gera um código e você passa esse código pra gente, da sua *presentation*, e a gente entra com esse código...

Simone: Pode ser esse outro link? Vamos ver se vai... esse já tem outras palavras lá que vocês podem juntar... Oi Vanessa, tudo bem, boa noite! Obrigada por estar aqui, sei do tempo do professor, como é precioso

Vanessa imagina... boa noite, boa noite...acabei de sair de uma aula, daqui a pouco já tenho que entrar em outra e a gente vai ajeitando...

Simone: então tá bom! olha V, eu vou pedir prá você então se você conseguir pegar esse segundo link aqui, eu mandei pelo chat vê se você consegue entrar...

Kelly: aí aparece "*how do you feel about technology in the class*"…

Simone: Isso…vocês podem colocar a primeira palavra que vem na sua cabeça, pode ser em português pode ser em inglês tá... as três primeiras palavras né....cada palavra em um campo, o que vem na cabeça de vocês... para montar a nuvem de palavras para gente poder analisar...ahh já to vendo aqui... *handy*...já tá aparecendo.. *practical...at will*... muito bom... quem escreveu *handy*?

Emília: Eu!

Simone: por que Emilia.?

Emília: ah porque é uma coisa bem... bem prática de você fazer alguma atividade que demoraria muito tempo pra você preparar...então por exemplo esse questionariozinho que você fez aí em cinco segundos a gente respondeu... e as veze a gente tem custo pra tirar cópia pro aluno, a gente escreve no quadro ...éhh.. gasta muito tempo....então eu acredito que seja muito... muito útil e prático nesse sentido...

Simone: Bacana! E você K., o que você colocou?

Kelly: eu coloquei *important, inclusive e useful*....

Simone: legal! Você quer falar um pouquinho por que você escolheu essas palavras?

Kelly: Bom, eu escolhi essas palavras porque... eu acredito que se torne importante e inclusivo ao mesmo tempo quando a gente consegue implementar essas coisas.... essas ferramentas novas, utilizar recursos na sala de aula e permite que nosso aluno tenha um contato com materiais que ele não teria facilmente se a gente não tivesse como utilizar, então acesso a vídeo, usar o video de diferentes sotaques, diferentes pronuncias, trabalhar as ferramentas...

Simone: Legal!! E você Vanessa.?

Vanessa: Eu coloquei duas... coloquei interação...coloquei prática né... que é bem prático, é bem o que a Emilia tava comentando, a praticidade ela é imensa, consegue chegar a todos os alunos... se você usando em sala de aula no caso né... vai depender muito da realidade também...essa é uma outra questão... e essa questão da acessibilidade... muito... prático e acho muito interativo, porque como a Kelly acabou de falar, você pode traze o mundo para a sala de aula... antigamente a gente ficava muito preso a todo o material adaptado do livro didático... hoje você pode pegar aquele material que tá sugerido no livro didático, no caso de um texto por exemplo você pode ir lá na fonte e trazer ele na íntegra e trabalhar com os alunos a visão deles do que eles adaptariam e não pegar o que foi adaptado, julgado por alguém, que aquela parte é importante...

Simone: ah que ótimo, esse é um ótimo ponto também né... não ser o material didático pronto não é a principal fonte, acho que a gente pode... muito bom! Obrigada meninas... ó.. aí.. a minha pesquisa, eu falo de multiletramentos, que envolve tecnologia, que é muito importante, mas também de outras formas de fazer significado, como o visual, o auditivo, o tato né.. o espacial também... e eu tenho interesse muito nas imagens... em memes, em charges... então eu vou trazer umas imagens para vocês, não reflete necessariamente a minha visão, mas eu queria que vocês comentassem essas imagens aqui.. vocês conseguem ver?

Emília: se você colocar no modo apresentação, fica um pouco maior, se você puder colocar, por gentileza...

Simone: tá! Já coloquei.. você consegue ver... ?
(Simone projeta charge educação moderna)

Kelly: melhorou sim, obrigada!

Simone: e aí meninas o que vocês pensam? Concordam, não concordam?

Kelly: Assim eu vejo como um pouco de conflito geracional nessa charge porque muitas pessoas que vieram de gerações anteriores que não utilizam tecnologia acham que o aluno se torna preguiçoso, que ele não pensa... isso pode de fato acontecer porque muitas vezes o aluno usa a tecnologia celular internet para jogos e... e não necessariamente pra, como uma ferramenta de aprendizagem... mas eu não gosto muito assim dessa coisa assim, de achar, de "ah, usava a cabeça e agora não usa"... eu acho que a gente tem como usar bem os recursos que nós temos hoje utilizando a cabeça e os recursos... acho que não precisa eliminar, acho que podem caminhar juntos.

Simone: Certo! Conflito de gerações a gente pode ver né desse jeito...

Emília: lembrando que o conceito de tecnologia de antigamente não é o mesmo conceito de tecnologia de hoje em dia né.... quando a gente fala d tecnologia de hoje a gente pensa em material eletrônico, tudo o que vai facilitar a nossa vida de alguma forma, mas antigamente o surgimento do papel foi uma tecnologia né... o surgimento da grafite, da caneta, tudo isso foi uma tecnologia desenvolvida no passado e algumas pessoas... eu coloquei lá, *at will*, porque muitos professores não se sentem a vontade de usar a tecnologia exatamente por causa dessa resistência né, de achar que o aluno vai ficar preguiçoso.. que a pessoa tem que aprender a fazer

as coisas mecanicamente, e que essa é a maneira correta... depende também dessa conceituação de tecnologia que o professor e o aluno estão levando em consideração...

Simone: certo!

Vanessa: a tecnologia é o conceito dela vai ser subjetivo né... e essa *charge* – é uma *charge* né – ela me lembrou de uma outra charge que trabalhei com alunos na semana passada e me lembrou do relatório do PISA que ficou evidenciado que é uma geração que mais tem acesso à informações, não é só o meio, mas ela tem mais acesso, mas é que menos sabe utilizar... então veio essas duas...deixa eu ver se consigo mostrar, ela tá no livro didático, deixa eu ver se consigo colocar aqui, deixa eu tirar o foco daqui...aqui... deve ficar mais fácil para focar... só pra vocês verem... essa número dois aqui
(P6 projeta uma imagem do livro didático... na imagem um menino e a professora parecem discutir)

Simone: a gente consegue ver, mas não consegue ver o que tá escrito...

Vanessa: Aqui tá falando assim ó...a professora coloca a conta no quadro né, que é 9x9, e aí o menininho ele fala assim "*I'll answer that in a second... but first let me take this call from my mom*"... então ele fala que vai responder mas ele precisa falar com a mãe dele primeiro né... então eu tava trabalhando isso com alunos né, do acesso à tecnologia mas de que forma que eles estão utilizando.

Simone: ótimo! Bacana, depois eu peço pra você V. me mandar essa charge... então a gente pode conversar um pouco também sobre esse mito dos alunos, dos nativos digitais... porque como vocês acabaram de falar, os alunos não sabem mesmo usar né... eu conversei com alguns professores e eles falaram que os alunos às vezes não sabem ligar o computador, não sabem digitar um texto no *word* né...que essa é uma grande dificuldade e que não quer dizer que sejam nativos digitais, e não quer dizer que os professores que são de uma geração mais antiga, não consigam usar também né... vocês veem isso na escola também?

Vanessa: vai depender assim, eu tava lendo semana passada, posso também olhar depois e te mandar, um artigo justamente explicando, conceituando, o que é nativo digital, imigrante, e outro termo... e esse autor considera nativo digital o aluno que nasceu naquela tecnologia, então ele conceitua dessa forma.. e nós, que não nascemos nessa geração né, nós somos considerados imigrantes né... e aí ele vai explicando justamente esse ponto que você colocou... mas porque não nativo digital, que ele não vai saber usar essas tecnologias e não é porque é imigrante digital que ele também vai saber utilizar porque as vezes ele pode não ter aprendido... mas aí eu não vou lembrar o nome do autor agora mas ele tava conceituando isso, o que é que nativo, o que que é imigrante, e que não é sinônimo de que sabe ou não sabe...

15min38s

Simone: ótimo!

Kelly: Eu acho que é Marc Prensky o autor...

Vanessa: eu acho que é! Deixa eu ver se eu tenho ele aqui no meu computador e eu já mando aqui... sou péssima pra guardar nome desses autores aí vou guardando tudo (risada)

Simone: Vamos esperar você mandar..., mas a gente pode seguindo então... posso ir pra próxima? Esse tá um pouco... não sei se vocês conseguem ver aqui...
(Simone projeta imagem do radio...risadas)

Kelly: Eu acho hilário...

Simone: vocês já viveram isso? Perguntaram pra vocês? Cadê o radinho da professora?

Kelly: eu já fui marcada em memes assim... mas... eu já cheguei a utilizar na época do estágio eu usava o radinho... mas lá já tinha caixa de som então... é... leva a caixinha de som...

Simone: Certo... e vocês meninas?

Vanessa: Então eu uso... eu dou aula há 3 anos né...já tinha aí o computador, a caixinha de som né, eu só não tinha a rosa, a minha é vermelha né.... (risada) mas ... nem fui marcada nem nada né mas sou da época que a professora chegava lá com o sonzinho dela e era cinza...

Simone: Certo!

Emília: Eu comecei a dar aula com radinho... levava o radinho todo dia... CD...e depois a gente foi do radinho pro pen drive e agora a gente já usa TV e algumas salas temos a tela interativa né... então a gente já evoluiu bastante mas nunca fui também representada em memes não (risada)

Simone: Pois é! E é uma coisa assim... é antigo... do jeito que a gente aprendeu foi desse jeito mas o pessoal tá.. ainda...nisso, nessa ideia né que a professora de inglês vai chegar com radinho, CD's... não é fita mais pelo menos é CD... tá ótimo... e esse daqui? Estão conseguindo ver? Agora a gente tá falando aqui mais da questão do conteúdo né...

18min
(Simone projeta imagem do verbo to be)

Kelly:: (risada) éhh... eu sou apelidada de verbo *to be*, assim... olha a Kelly. verbo *to be*... quando a gente tava no presencial que tinha eu trabalho em escola pública, então a gente tinha coleta pra comprar água pra sala dos professores e do lado do meu nome colocaram entre parênteses *to be*... (risada)

Simone: E os alunos ainda falam isso dos professores também né... (...) que a aula só vai aprender isso, só vendo verbo *to be*...

Kelly: é algo que assim eu converso muito com eles né, porque muitos repetem que o professor só repete isso, mas não é verdade meu Deus, não dá, quando eles ficam mais relutantes com alguma coisa aí eu chamo a atenção pra isso, olha, depois você não diz que professor só trabalha isso, e eles 'é verdade".. a gente acha um pouco de graça, mas eu me sinto desconfortável, não gosto, parece que sei lá que é só isso, que a gente só faz isso e não é bem assim sabe... incomoda...

Emília: Mas essa crítica, eu percebi... particular de inglês... eu só trabalhei com inglês mesmo no instituto federal, e foram 4 anos.. e a ideia é essa mesmo, o que você aprendeu na aula de inglês... a gente aprendeu *to be*... mas você aprendeu mesmo? A gente pede para eles usarem

numa frase e eles não sabem... na verdade ele não aprendeu mas ele aprendeu muito vocabulário porque ele teve estratégia de leitura, então acho que esse é um estereótipo que vem, ó, desde muito tempo e que fica até hoje, mesmo os alunos não aprendendo verbo *to be* na sala de aula, mesmo aprendendo estratégias de leitura ... é uma crítica estereotipada dos alunos desde muito tempo.

Simone: Certo! Então, essas três *charges* aqui e memes, eu acho que eles têm uma visão estereotipada né, os três, e que queria saber como vocês trabalham com memes e charges em sala de aula, inclusive para questionar essas visões? Estereotipadas?

Emília: bom, o meu contexto de ensino ele é um pouco diferente né... eu trabalho em uma escola militar, federa, mais especificamente para controladores de tráfego aéreo...estudantes de controle de trafego aéreo... mas nos trabalhamos com meme sim, tem uma empresa britânica que trabalha com charges de aviação, e eles fazem muitos...muitas críticas à falha de comunicação entre piloto e controlador, quando um não consegue entender o outro... então por exemplo tem... na verdade as charges são feitas como o piloto como um pato... ele fala "*Hi Jack*" , eles tão tendo um sequestro... porque o nome do controlador é *Hi*... então...
Muitas vezes os alunos não entendem o que é esse *Hi Jack*...
O ensino de inglês eu não faço esse trabalho com ele... só a necessidade de fazer de se comunicar bem...

Simone: Certo! Mas você acha que poderia ser uma ferramenta para ajudar?

Kelly: Com certeza!

Emília: eu não cheguei a utilizar memes, éhhh... charge sim, e quando eu tive a ideia de usar meme, aí a gente entrou no ensino remoto, e meu contexto da rede pública estadual, então a gente ficou um tempo parado ate definir como ia funcionar esse ensino remoto, mas eu não inseri ainda... mas eu acho importante eles aprenderem a fazer essa leitura de mundo sabe...eu acho que os meninos trazem questões culturais... éhh,, estereótipos pra gente discutir, atrelados ao significado, questões linguísticas e tudo mais, então é importante pra eles se apropriarem dessa linguagem...

Simone: Meninas... desculpa eu esqueci de uma parte, que era pra vocês se apresentarem, mas vocês podem falar no meio da resposta... e *stickers*? Se a gente pensar no remoto, como é que foi pra vocês a conversa no *whataspp*, também, como alunos, se vocês usavam figurinhas, *emojis*, se vocês usavam... porque dá pra aprender com isso né...

Vanessa: Eu usei demais... porque eu trabalho com pública, na escola pública, e também na escola particular né então são realidades diferentes, são ambientes diferentes, e é muuito diferente, muito diferente... com alunos da escola pública eu usei mais né...em ambas eu usei mais...mídia... eu trabalho muito texto, eu trabalho sobre o texto, então eu trabalho a gramática contextualizada, mas são raros os momentos que você acaba trazendo a gramática pura...eu trabalho o texto pelo texto, seja o gênero qual ele for... e aí com os alunos particulares as aulas foram online não teve tanta interação então eu usei mais memes, eu utilizei mais imagens,, charges, cartoon... já com alunos da escola pública que a nossa interação foi basicamente pelo *whatsapp*, aí foi muita figurinha

25min

Vanessa: Aí foi muita figurinha então às vezes o aluno e mandava uma pergunta eu queria tirar um sarrinho mais claro que também depende do da sua relação com o aluno porque se você não tiver proximidade (com) ele pode se sentir ofendido, né? Então também tem que ter esse equilíbrio então com alguns alunos que eu já tinha uma proximidade uma intimidade, ah, eu tirei muito sarro. Em algumas situações... assim como eles tiram sarro da cara da gente, né?

Simone: Que dependendo como ele interpreta essa figurinha né o *emoji* ele pode entender do jeito que se sentiu ofendido, né? Então quer dizer pra a gente não é, mas ele pode entender, né desse desse outro jeito também então quando não tem essa proximidade é realmente a gente tem que achar um pouco, tomar um pouco mais de cuidado, né? A gente for usar justamente. Essa é uma forma de comunicação, mas de interpretação também.

Emília: eu não eu não trabalhei com com ...na verdade eu não trabalho com figurinhas com *stickers* com *emojis*, o que eu faço são ... a gente trabalha com figuras mesmo, né? Tem uma uma etapa do curso dos alunos aqui em que eles são preparados para fazer o exame de proficiência da da ECAL (?) né? que é a A organização que rege a aviação... e uma das tarefas desse exame de proficiência é descrever uma figura e contar uma história sobre ela, então o que a gente utiliza são figuras mesmo reais, né? São fotos de ... relacionadas à aviação alguma situação de emergência de urgência, mas os *stickers* dos *emojis* os memes a gente não trabalha..

Simone*:* e deve ter saído muita coisa diferente, né? Cada um com uma visão diferente, com certeza. Que legal. Ai que legal. Essa pergunta aqui. O que você entende por multiletramentos, você já fizeram curso já procurou algum curso? Porque o que a gente já escutou também que a gente a gente pode a gente usa os músculos de letramento, a gente não sabe que a gente tá usando né?

Vanessa: Eu já conheço já o termo multiletramento, até porque o meu futuro objeto de pesquisa, né na pós vai ser justamente a BNCC então a BCNN multiletramento de cabo a rabo, né? Então eu tive que buscar entender ... não cheguei de fazer curso ainda referente a esse assunto, mas assim eu conheço o termo multiletramentos e a gente já está utilizando, né meio que sem saber o conceito a gente acaba já utilizando né?

Simone: Certo e você vai entrar vai começar agora a sua pesquisa, Vanessa? É isso?

Vanessa: Se eu passar ano que vem, né? Eu tô na fase da escrita do Projeto,

Simone: vai sim e a BCNN. Com certeza ela fala muito de multiletramentos... também o inglês também

Vanessa: ela basicamente assim, é multiletramentos em todas as áreas em todos os componentes curriculares. Então tem que, por mais que eu não vá trabalhar com mutiletramento não vai ser meu objeto não pretendo macerar meu objeto de pesquisa o multiletramentos... mas para eu entender melhor o documento porque o documento é o meu objeto, aí eu tive que buscar e entender, né? E aí a referência que a gente vai ter aqui vai ser a professora Roxane, né? Roxane?

Simone: Eu acho é de Campinas, né? A professora de Campinas isso ela é referência. Com certeza... já que a gente tinha falado que multiletramentos ele fala muito de Tecnologia, mas não só né? Mas eu vou focar um pouquinho nessa questão da tecnologia. Como que vocês utilizam isso na sala de aula e como é que foi a formação de vocês em relação a tecnologias?

Formação de professores mesmo ...

Kelly: no meu caso eh eu tive a disciplina de recursos tecnológicos na graduação, mas isso assim já faz bastante tempo porque foi na metade do curso e eu já tenho oito anos de formada... éh.. e aí eu também. ..uma vez que foi professora substituta na graduação também trabalhei com essa disciplina, mas também foi lá faz tempo já e de vez em quando tinha formação, né, nos locais que eu trabalhava então, Eh... era dessa forma o o o contato e também a gente vai lendo, né? Vai vendo assim coisas (que) ferramentas que estão sendo utilizadas e trabalhadas e assim eu vou conseguindo me manter relativamente atualizada, mas hoje eu nem me considero tanto assim, porque tem muita coisa que eu não sei, né? Eu uso recursos, mas assim muitas vezes os que já são bem conhecidos, eu sei que tem muita coisa aí e vai surgindo, né frequentemente... recurso novo ferramenta nova ...

Emília: eu não tive formação oficial assim na graduação ou em alguma especialização o que eu fiz foram *workshops* específicos para determinada ferramenta então quando surgiu o *Prézi* por exemplo que era né sensação do negócio, né para substituir o *PowerPoint* então eu fiz um *workshop* sobre o *Prezi* e depois alguns workshop sobre o *storyline 360* ... e algumas ferramentas assim que são muito parecidas com que a gente tem gratuitamente hoje, né? Mas não tinha formação oficial mesmo não

Simone: e você acha que isso fez falta para você, no momento?

Emília: Acho que não.. não... é porque a gente também corre atrás, né? A gente procura, a gente lê artigo sobre sobre tecnologia sobre novas ferramentas. Então acho que pra gente que já tem um certo contato com o mundo acadêmico, ficou um pouco mais fácil, né da gente não não precisar de fazer formação... eh... formal, né? Eh nessa área da tecnologia.

Simone: Certo e os alunos eles têm ... é que a gente está falando das aulas remotas também, né? A gente pode emendar nisso também, vocês falaram que alguns professores tiveram alguma resistência principalmente no começo... e os alunos, como é que foi isso? (...) resistência em usar essas essas ferramentas na sala de aula.

Emília: O contexto de educação remota aqui na escola, ela foi um pouco diferente, porque como os alunos eles eles estudam em regime de internato [desculpa gente eu tô dentro do carro. Eu tô tentando utilizar a luz aqui e ela apaga] e os alunos eles estudam em regime de internato, então todos eles tiveram que ficar na escola, então eles iam pra sala de aula e a sala de aula estavam todos os alunos e as ferramentas estavam lá e o professor dava aula para todos os alunos na sala de aula... o que a gente percebia é que depois que nós retornamos e que os professores que estavam no grupo de risco continuaram dar aulas remotas os alunos reclamavam muito porque a dinâmica é diferente, né? O professor não tá lá para a rotina do aluno que ela é muito pesada. Então tem muito aluno que dorme em sala de aula e o professor quando tá lá remotamente ele não vê... não dá para ver todos os alunos em sala. Então os alunos tiveram resistência quanto à metodologia não quanto ao uso da tecnologia em si...

Simone: Certo a questão da presença física do corpo fez diferença?

Emília: Exatamente fez diferença.

Kelly: No meu contexto...éh... eu trabalho em na rede estadual e trabalho numa numa área assim ...periférica da cidade então eu tô falando de Belém tá gente... e o que acontece muitos alunos,

eles não não tem acesso assim a a internet né? Então a dificuldade muitas vezes vinha disso. Eles não conseguiam baixar um *PDF*, né? Às vezes tinha que fazer print da do *PDF* mandar por foto porque o único a única coisa que eles podiam acessar é o *WhatsApp*. Então nesse sentido eh o o ensino remoto assim ele ele não foi nada inclusivo digamos assim, né? A gente mandava os materiais para escola e... mas assim houve muitas falhas. Nós ainda estamos no remoto devo retornar no fim do mês para o presencial e os alunos que conseguiam fazer eu sempre eh usava no formulário e pedia para eles fazerem uma autoavaliação uma avaliação do período que falarem das dificuldades e eles sempre apontavam isso que preferiam o o presencial, né, com o professor é esclarecendo as dúvidas porque é assim a a secretaria de educação aqui disponibilizou *email* institucional para que nós usássemos o *Google classroom* no entanto não adiantava utilizar o *Google classroom* se o aluno não consegue baixar um *PDF* no *WhatsApp*, né? Então foi uma realidade assim muito dura e foi bastante difícil para nós professores, termos que assim adaptar o material diversas vezes, né? Porque aí você faz um material, vamos supor, se você vai dar uma aula pelo *Google meets* é diferente de você ter que fazer um *PDF* ou gravar um áudio ou um vídeo explicando e ainda consegui é simplificar o máximo para que o aluno tenha acesso, né? Então foi foi muito desafiador.

Vanessa: O seu contexto aí não foi muito diferente aqui no Mato Grosso não porque também a secretaria disponibilizou o *classroom*, né? E eu já estava utilizando na escola particular, tanto que na escola particular as aulas eram 100% síncronas, não havia e você depois ia lá e postava no *classroom*. E aí você vem para publica achando que vai funcionar assim, na verdade, ela não vai funcionar porque o que eu mais li e ouvi de aluno foi 'professora, eu só tenho internet para o *WhatsApp*, eu não tenho internet para acessar' então você não tinha como dar aula assim... aquela aula que você planejou para uma hora ela não acontece, ela vai acontecer ali talvez em 20, 30 minutos porque tem que ser dinâmica e às vezes o aluno ele não quer usar o celular dele para a aula. Ele não quer usar rede social pra aula, ele quer usar o celular dele para outras coisas, mas não para ambiente de aprendizagem. Então eu percebi que para eles foi ruim pegar o celular que era uma fuga deles ali e ter que utilizar como uma ferramenta de de aprendizagem ... então foi a esse a C. colocou a palavra certa, ela não foi nada inclusiva nem um pouco.

Simone: Certo ...é , muitos problemas mesmo, né? A gente romantizando, até algumas pessoas romantizando. Não sei se vocês lembram daquela reportagem do menino que tinha... assistia as aulas era do celular em cima de uma árvore aqui ... Ah, então foi no Pará. Né verdade então, né? Porque era o único lugar que pegava o sinal a pessoa fala. 'Nossa, que legal, mas né?' Isso não é nada legal não é nada legal, né?

Kelly: Ainda tinha o caso de famílias que... assim tem três filhos. E aí todos os filhos tem tem um celular para três crianças na casa ... exatamente

Vanessa: tanto que aqui os professores queriam criar o grupo de *WhatsApp* por disciplina então ia ter a disciplina de inglês, ou seja, ele colocava o seguinte exemplo, "o aluno não tem no caderno de 13 matérias, ele vai ter 13 grupos de *WhatsApp* de cada matéria"... e aí a gente todo mundo eles queriam fazer isso, mas aí você depara justamente com essa realidade é um aparelho para três filhos. E aí como é que faz?

Simone: Com certeza super difícil. Vamos lá então, você mais uma pergunta só para não tomar muito mais o tempo de vocês tá... essa última aqui. Você concorda que eu utilização de imagens visual de time espacial é importante para transmitir informação? Ou uma mudança de significado? Como o arranjo das carteiras da sala, por exemplo, porque tem um professor que ele a sala dele, eu sei que tem poucos alunos, mas ele faz em formato de um semicírculo, né?

Que ele prefere desse jeito, ele acha que contato com os alunos é melhor... vocês tem alguma experiência com isso também?

Kelly: Olha eu sempre gostei muito de mexer na geografia da sala de aula no disposição das cadeiras no entanto, eu tô há dois anos e alguns meses na rede pública aqui do Pará, né? Eu não morava aqui antes e as salas muitas vezes, elas ficam cheias a gente não consegue assim mexer direito não consegue mudar tanto essa essa dinâmica então assim isso me incomodou um pouquinho porque eu ficava assim gente, eu vou ter que eu vou ter que ficar com essa sala assim essas fileiras o tempo inteiro, às vezes eu consigo e ... dependendo do do que eu ia trabalhar eh... e eu gosto sim de utilizar, né? Imagens, a questão (?) também foi a primeira vez que eu tive um aluno cega e assim para mim era sempre muito desesperador...Eh, porque assim eu pensava ela não está me vendo ela não está me enxergando, só que para mim ela eh, eh era quem mais me percebia. Eh, eu sentia assim sabe? Eu acho que era o meu desconforto, porque eu não tive preparo algum para lidar com isso assim quando eu estudei sobre deficiência eh com com alunos especiais e tudo mais falava-se sobre autismo, hiperatividade. Não se não falaram 'Ah você vai pode ter um aluno de inglês que não enxerga', né? Então eu só fui ter essa experiência realmente trabalhando, depois já de alguns...uns 6 anos mais ou menos de formada foi quando eu eu fui ter uma aluna cega, né? Então foi muito eh difícil então a parte visual por exemplo, eu não ia utilizar com ela, eu ia trabalhar a questão auditiva, então foi assim muito eh muito difícil desconfortável no sentido do meu desconhecimento mesmo, né, de não saber como não saber o que fazer. Às vezes eu me sentia um pouco perdida... éh... consegui algumas coisas pela minha sensibilidade, eu conversava com ela, enfim, às vezes eu parava dava uma atividade para turma e ficava um tempo com ela individualmente.

Simone: Sim até porque isso não faz parte da nossa formação também, né? Como é que a gente pode incluir esses alunos na sala. Olha que bacana...bem legal Kelly...

Emília: Eu tô lembrando da experiência que eu tive com uma aluna surda. Olha eu trabalhava em Boa Vista em Roraima, eu tive uma aluna surda. A sorte é que meu intérprete de libras era fluente em inglês, então ele fazia uma triangulação ele traduzia para o português e depois passava para libras e na nossa apresentação de final de ano, nós cantamos uma música a Turma inteira em Libras, né? Então o que você colocou aí, né da utilização da imagem do visual do auditivo, eu acho que trabalhar com os os materiais multimidiáticos é muito muito importante, principalmente por para você atingir as múltiplas inteligências, né, as estratégias de aprendizagem de cada aluno aquele aluno que quer ver um negócio escrito no quadro você fala uma palavra em inglês é falam 'mas como é que escreve, né?' O aluno visual ..aluno. ' ah, mas como é que pronuncia esse som' eh eh trabalhar com mímica em sala de aula os alunos fazem mímica e o outro adivinha que palavra que é para trabalhar vocabulário... a questão da no surdo, né? Especialmente com imagens você associar a imagem a estrutura linguística para ele reconhecer eu acho isso muito importante e a configuração das carteiras também, principalmente para você ter um contato visual com aluno que isso é muito importante, né? O olho no olho e o aluno com o aluno também, né trabalhar em pequenos grupos grandes grupos do semi círculo éh... eu trabalho muito assim... consigo utilizar isso, né? Apesar de quando a gente fala que trabalha em escola militar o pessoal acha que todo mundo um atrás do outro, né? É mas eu trabalho sempre em grupo. Eu sou muito sinestésica eu pessoalmente né? Então eu adoro fazer jogos com os alunos para eles levantarem da sala de aula, gente passa na frente da minha sala e manda calar a boca porque os alunos estão gritando participando jogando... então assim eu tenho necessidade disso e alguns alunos também gostam, né? Porque não são todos que são sinestésicos, então eu acredito que seja muito importante você trabalhar essa variedade de estratégias.

Kelly: Com certeza tá falando de qual estado? Só para saber...

Emília: Eu tô em São Paulo, tô em Guaratinguetá.

Vanessa: Me lembrou que ainda antes da pandemia em 2019 as minhas as minhas aulas são as mais barulhentas, né? E aí você percebe que você gera um incômodo naquele colega ali naquela naquela sala, vizinha ali, né? Mas é por conta disso. Eu não consigo imaginar o ensino de uma língua estrangeiras, né língua inglesa sem ela ser dinâmica assim ela ser viva sabe? Então eu não consigo. E aí para uma questão de quantidade, né que nem a Kelly falou a gente lida muito com a questão da quantidade...é outro desafio que a gente tem para ensinar o inglês... e aí a o melhor forma que eu encontrei para trabalhar devido ao espaço geográfico que eu tenho da sala de aula com a quantidade foi colocar pra trabalhar eles em duplas, então eles se organizavam em duplas porque daí é o desafio de se passar em dupla é melhor mais fácil do que você enfrentar sozinho, né e deu muito certo super certo.
E eu assim como eu já trabalho muito com gêneros, né? Então assim eu gosto de trabalhar com tudo. Então ora eu consigo trazer todas as habilidades dentro de uma aula só, às vezes eu foco só em uma, às vezes é duas e assim vai então...Eh... trabalhar com imagem visual com a o auditivo são aqueles mais gostam porque eles eles acham muito engraçado assim, "mas olha o jeito que fala", "mas professora não dá para entender nada" e eu me divirto. Então isso é o que funciona tem funcionado para mim, né agora aqui na a gente tá retornando pro presencial nas escolas públicas. E aí é o outro desafio, né? Porque eu quero mexer na configuração. Mas a gente não foi autorizado a mexer por conta da questão biológica, né, da segurança biológica, né? Mas eu faço eles darem um jeito aqui de de se conversarem de se organizar porque eu não gosto daquela ... de perguntar e o aluno ficar quieto, sabe tímido retraído. Eu quero que ele fala nem que seja abobrinha assim no sentido da palavra mesmo assim. Ah, eu perguntei abacaxi. Ele respondeu abobrinha. Poxa legal, ele tá respondendo. Ele tá interativo. Ele tá tentando e assim a gente vai.

Simone: Que ótimo Ai gente, ó eu vou até agradecer já a vocês para não tomar o tempo de vocês, já estamos aqui 45 minutos, tá? Queria agradecer demais. Eu até parei já aqui tô parando a gravação tá gente obrigada é assim professor, eu sei que é super super ocupado. Então quero agradecer o tempinho que vocês tiveram para conversar aqui comigo tá? Vai me ajudar já já tive várias ideias aqui que pode me ajudar na minha pesquisa, tá? E deixa eu ver mostrar para vocês aqui e a minha pesquisa ideal. Aqui conversar com vocês, né professores, mas eu queria conversar com alunos também.
Não sei se vocês tão vendo sim, mas eu não tinha parado a gravação, mas tudo bem. Deixa assim depois eu tiro. Eh, queria conversar com os alunos, né? Então até a minha ideia era se eu conversar com vocês professores e saber da opinião de vocês. Se o que que vocês acham que é possível assim. Se vocês me indicassem um aluno para conversar comigo ou eu tive uma ideia também de fazer uma conversa pelo *WhatsApp* também com eles, talvez fique mais fácil. Talvez eles fiquem mais à vontade, né do que essa conversa assim.

ANEXO 3

RODA DE CONVERSA 3 – 19/08/2021 - 1h32min

Professor 7 – P7 – Professor Mario

Professor 8 – P8 – Professora Salete

Simone: Fica um pouco nervosa porque eu tô aprendendo *Meets*. Eu não estou acostumada a fazer gravações pelo *Meets* que eu uso mais o *Zoom*. Né? Então eu fico assim, nossa tomara que dê certo, tomara que não dê nenhum problema aqui (...). Ah, gente então eu queria só que vocês falassem um pouquinho de vocês eh que vocês falassem do contexto de vocês das formação de vocês experiências de sala de aula.
Vocês estão conseguindo ver que eu tô projetando, né? Então (é) só falar um pouquinho de vocês bem rapidinho.

Salete: Mario pode ser o primeiro

Mario: Ok. Então meu nome é Mario. né moro em Itaberaí, Goiás. Me informei em Letras na Universidade Estadual de Goiás campus Cora Coralina localizado na cidade de Goiás a 35 km aqui de Itaberaí. Então eu ia e voltava todos os dias, né? Também cursei o... fiz, participei né? Como aluno... fiz um mestrado, né no (...) lá do mesmo Campus em língua literatura interculturalidade então ...tem uma certa história e um vínculo bem afetivo com Campos.
E na minha pesquisa, né de Mestrado trabalhei com as narrativas de um professor... eh pensar e colocando em questão, né e problematizando eh... negociações identitárias na sala de aula. Então a gente buscou assim problematizar como que esse professor negocia gênero sexualidade e várias intersexualidades na sala de aula, né? Como que esses cursos eles emergem interpelam ali esse corpo esses corpos, né? E como que eles estão o tempo todo ali brotando na sala de aula, né em meio a esses cursos de ensino e aprendizagem aos pais, nós estamos engajados também.
Minha pesquisa foi nesse mais ou menos esse sentido e tem uma experiência muito linda assim com a sala de aula. Então tive uma professora de inglês que me inspirou bastante desde o nono ano e quando eu estava no terceiro ano assim, eu já tava mais do que decidido mesmo sabe eu percebo assim que... tive muitos colegas na graduação que caíram de paraquedas no curso assim porque colocaram letras como segunda opção e eu não coloquei como primeira mesmo. Então eu queria ser professor no terceiro ano do ensino médio então e na faculdade eu desenvolvi esse sonho aí fazendo iniciação científica com professor lá, de fazer o mestrado então uma coisa foi encadeando na outra.
Eh, como que eu aprendi inglês, olha aprendi inglês de várias formas através das músicas que eu escuto sempre escutei desde muito novo com os meus pais Sabe aqueles DVDs de *good times* que o pessoal geralmente vende naquele no domingo sabe ...eu cresci ouvindo aquelas músicas *Whitney Houston Michael Jackson* e sempre muito curioso sobre o que aquelas pessoas falavam então Sempre busquei o inglês dessa nessa perspectiva e depois que eu fui fazer cursinho, né?
Então eu tive uma experiência muito linda como inglês minha professora do ensino médio. Então a partir daí foi expandindo assim minhas perspectivas e eh não aprendi inglês só no cursinho aprendi inglês em outros lugares também no *Skype* enfim em outros contextos aí de práticas de letramentos, né, que eu fui me atravessando e entrando e participando e fui me jogando e fui aprendendo e foi uma troca muito linda assim. Então aprendi inglês no curso e fora do cursinho e enfim um monte de lugares na rua

Simone: bacana. Quanto tempo você já dá aula Mario só para ter uma ideia...

Mario: olha, como contratado contratado oficial 5 (cinco) ano, mas eu substituía já, dava aula particular muito tempo em casa, não de inglês aula assim de reforço mesmo e depois eu comecei a substituir nas escolas eh discutindo língua inglesa. E aí essa escola que eu trabalho atualmente, eu não sei se eu falei mas eu trabalho hoje numa escola militarizada, né? E tem cinco anos que eu já tô nessa escola já. Acho que é isso, né, Salete? Você acha que eu falo mais alguma coisa?

Salete: Não, acho que é isso mesmo. A minha história é bem parecida. Eu sou de Goiânia. Eu sou formada né em letras português e inglês mas eu graduei pela pela universo fiz uma especialização no no sepá, né em linguística aplicada para para o ensino de língua estrangeira e em 2009 eu formei em 2008. E aí em 2009, eu entrei nessa na nessa especialização foi também o ano que eu que eu passei no concurso da do estado, né da rede estadual e municipal aqui de Goiás e eu assumi a rede estadual em 2010. Então esse ano faz já tem né? Eh... 21, né, não?
É 10 11 anos ... (risada) 11 anos de escola e 11 anos na rede estadual no município eu assumi em 2012, então tem tem nove, né? 9 anos que eu tô no município. São realidades diferentes que eu atuo né? Quando eu entrei no estado eu entrei no ensino médio logo aí depois de 2014, eu fui para o ensino fundamental. E desde então eu eu tenho ministrado aulas para o ensino fundamental no estado na prefeitura. Eu entrei pra educação não foi educação infantil. Mas foi eu não lembro agora assim. Ah nomenclatura, mas foi do quarto da do quarto ano a sexta série, né? Então seria eu peguei o ciclo, pedaço do ciclo dois e um pedaço do ciclo 3.
Então seria da quarta sexta série que eu atendia. Hoje eu tô no (EAD) no município à noite a minha experiência de sala de aula. Eh, eh assim ao total eu fiquei acho que 3 meses numa escola de idiomas particular e logo foi quando eu passei no concurso. Aí eu deixei o a escola de idiomas e fui para rede estadual, eu confesso para vocês que eu me construí como professora na prática, porque quando eu saí da da Universidade né? Eu não me sentia preparada ...eu te eu tinha né? assim tive acesso a literatura tive acesso a a muitas experiências, mas nada comparado a prática, né? Então quando eu cheguei na sala de aula, eu não sabia organizar um quadro. Eu não sabia o que o termo gerenciamento de sala, né? E eu passei assim quase seis meses um pouquinho para entender que eu precisava ter essa organização de sala eh ter esse gerenciamento da sala de aula saber organizar um quadro de de maneira de fato organizada, né, meu quadro era uma bagunça, inicialmente hoje, eu tenho uma organização melhor e eu me construí realmente na prática eh com os meus alunos com com ...

Mario: É um aprendizado constante né...

Salete: É um aprendizado constante Mario. e eu lembro que eu recebi em 2014 o pibid na escola que eu tava e quando eu recebi o pibid foi assim um momento transformador na minha vida, né? Foi quando eu voltei a pensar em retornar para para Universidade. E desde então fui fazendo provas, né para entrar no mestrado e consegui 10 anos depois. Que foi em 2019 que eu consegui entrar né no no estado do do da UFG do sepai. E e essa é a minha experiência, né de sala de aula, realmente me construi como professora é algo que eu sou apaixonada, eu acredito que a paixão que eu tenho pela sala de aula pelas interações pelas pela pela por tudo que é construído, né? Eh nas interações nas é tanto emocionalmente quanto conhecimento que que eu construí com os meninos e as meninas é... me fazem assim a professora que eu sou hoje, né? Eu sou muito apaixonada mesmo, é eu tô com um problema por exemplo na perna hoje que que eu teria que tirar uma licença, mas eu tô lutando para não tirar porque eu não quero sair da sala de aula. E eu aprendi inglês igual M., né? Não nesse não não foi nos discos, como é que você falou aí Mario, .não foi dos *Good Times*, mas a memória é mais forte que eu tenho é que meu pai meu

pai também sempre gostou de inglês, então ele tinha uns livros de inglês capa dura bem antigo, que que era bem gramatical e vinha até com a com uma fitinha uma fita uma um *take* eh para aprender a pronúncia e um dicionário... então assim o meu primeiro contato foi com esses livros dele. E aí eu fui me apaixonando os a música me ajudou bastante a aprender pronúncia. Eh, eu sou uma pessoa extremamente musical, então assim eu realmente aprendi com a música e já e nunca vou deixar de mencionar o seriado *Friends* também que foi foi assim o meu vocabulário hoje é praticamente assim, eu construo ele, com *Friends*. Até hoje eu assisto sempre, né? É algo que que realmente tem uma significa é muito significativa na minha vida... e também com videogame, então eu aprendi jogando vídeo game ouvindo música e assistindo filmes seriados, né? Só fui buscar uma formalização, né? Para ter um um diploma depois que eu estava na universidade, aí eu fiz o inglês da universidade e fui atrás também de de ter um um certificado, né de línguas, mas e o inglês assim como a minha profissão representa tudo para mim, né? É são as duas paixões que eu tenho depois a bicicleta e depois minha cachorrinha e minha família e é isso. Acho que(...)

Simone: Bacana gente há bastante experiência que vocês têm é também a música acho que é muito importante na na minha vida para aprender inglês também para virar professora, né? Então acho que a gente tem uma história bem parecida gente, vamos seguir então, eu tô mandando para vocês aqui para o link. É pelo chat. Desculpa um *link,* vocês devem não sei se vocês conhecem esse site. Eu gostaria que vocês clicassem nesse link, por favor.

Salete: Eu aprendi com a Michely, né? Ela foi uma docinho.

Simone: Muito legal, eu queria que só que vocês clicassem e escolhessem três palavras que vem na sua cabeça assim quando vocês pensam em tecnologia, tá? Na sala de aula... vai ter três campozinhos podem só colocar uma palavrazinha em cada Campo. Pode ser português pode ser em inglês, tá? Você conseguiu S. conseguiu acessar?

Salete: Sim consegui, to escrevendo

Simone: Legal...Só para vocês terem uma ideia, acho que só para vocês terem uma ideia assim que fica para mim ...vocês estão colocando aqui...

Mario: as minhas foram.

Simone: Qual que você colocou M.?

Mario: Eu coloquei *learning*... eu coloquei *literacy* and *fear*...

Simone: ah *fear*... diferente.... por que você colocou?

Mario: Eu tive uma experiencia assim eu sou uma pessoa muito ansiosa e eu sofro por antecedência, né? É um problema que eu venho tratando assim, já tem um tempo já na psicoterapia enfim com os meus remedinhos aqui meus ansiolíticos (risada) e aí meu *kit life* tá aqui do meu lado e aí eu coloquei *fear* porque de fato assim o pessoal acha assim nossa novo e tal ouvir isso muitas vezes, né? E que eu arrasaria então assim eu tive uma experiência que foi bacana. Tô aprendendo bastante durante esse período das aulas remotas, mas ao mesmo tempo também nessa questão de ansiedade, elas ficaram muito violentas, então assim acredito que envolvendo tudo não só as aulas remotas, mas tudo assim ... o meu mestrado, a minha defesa sabe mas as aulas também a distância que deixavam, me deixam pô assim um pouco angustiado,

voltei presencial tem duas semanas, mas eh despertou um certo medo assim de... porque é tudo muito imprevisível, pandemia é muito imprevisível fluido, né? Tudo que vale hoje já não vale amanhã então pode ser que amanhã eu recebo ordem para ficar em casa normalmente e essa não essa liquidez, né? Ela me deixa um pouco inseguro e nós com essa herança moderna que a gente tem, né? A gente fica querendo ter uma estabilidade em tudo e eu já havido contemporaneidade nela é líquida, né? Ela não é não tem essa estabilidade aqui eu eu fui criado para achar que tem, né?

Simone: Aí que bacana Mario bem diferente bem diferente.

Mario: Mas assim, eu não tenho problema de falar sobre isso não, assim pessoal acha que a gente, que professor tem ...esses dias eu ouvi de um colega assim "Ai nós professores faz parte nós semelhante a nós", eu "o quê?" "Nós passamos por muitos problemas a gente dá conta de tudo". Eu falei. "Nossa, você dá conta eu não"... (risada) sabe essa coisa assim é demais que a gente dá conta de tudo, né? Eu não adoto esse discurso para mim sabe eu acho muito perigoso.

(inaudível)
Salete: Sim, é eu também mudei muito a minha concepção, mas o sistema ainda vê a gente como salvadores, né? Porque eles mandam por exemplo resultados de de avaliações, né do governo e trazem assim gráficos, mas assim você percebe que é é culpando... tá colocando na nossa mão responsabilidade

Mario: nos colocar nos colocar numa posição de constrangimento mesmo

Salete: e que a culpa nossa, né? Tipo assim, eu preciso resolver aquilo ali, você tem que salvar isso aí esquecem de todo um contexto, né de todo um uma falta de política pública em todas as áreas no país e é complicado, mas eu tenho mudado. Essa visão agora também, viu, Mario.

Mario: (inaudível) recentemente, né? E eu cheguei na escola para dar aula assim igual eu tô aqui agora, né? Dava aula de casa, então pegava essa parte do meu corpo corpo é uma coisa muito complexa de dentro da sala de aula. E aí quando eu cheguei lá na escola, com as tattoos minhas coordenadoras já sabiam já mas tive colegas assim "como assim"

Salete: o que tem na sua tattoo?

Mario: é uma flor ela chama pink magnólia ela parece fotos, mas ela é uma uma pink pink magnólia... gente, tipo eu percebida pelo olhar leitura de corpo, né? E aí você eu fiquei assim algumas pessoas já sabiam que eram bem conservadoras, mas outras eu não esperava então aquele leve...
Mas a gente está nós estamos sujeitos a passar por essa situação, né? Tem que (???) preciso discurso o tempo todo dentro e fora da sala de aula....discursos conservadores enfim determinista...

Salete: eu assim e eu eu vejo ...que eu eu depois de ter mudado essa postura ter mudado a perspectiva e hoje me ver como me enxergar como professora que educa de forma política, eu sou vista agora como a rebelde da escola, porque eu contesto eu questiono eu questiono avaliações eu questiono condutas eu questiono tudo e eu me sinto muito feliz hoje como professora e os alunos vendo isso, né? Então assim eu sou um texto ambulante na escola, entendeu? E isso e os alunos percebem então eu vejo que até eles têm mudado o comportamento

porque eles vêm a gente hoje questionando contestando trazendo argumentos, né para esses questionamentos e eles me veem dessa forma e eu vejo que eles têm mudado também essa essa forma deles se posicionarem dentro da escola e assim isso me deixa muito muito feliz.

Simone: Essa que é diferença que faz para educação, né? Porque é é isso que você tá fazendo na sala de aula, né? É isso que você quer provocar nos alunos, né, mas eles faz eles refletirem sobre as posições deles. Ai bacana,...

Mario: eu acho que nossos corpos eu tô falando de mim e da Salete que eu conheço .né? É nós nossos corpos em si colocam em crise, né Salete, vários discursos enfim que estão cristalizados aí, por exemplo, eu falo "arrasou" e às vezes o aluno quase não participa e tal, mas aí quando ele participou "Arrasou"... quando eu cheguei na escola em 2017, foi que eu falei "Arrasou" pela primeira vez, eu lembro que foi um borburiço assim e aí os meninos aí depois acostumaram comigo, então tem uns alunos que estão comigo tem cinco anos já mas é assim, você coloca a gente percebe, né? Que tudo é político. Então até a forma que você ri é político.

Simone: Bacana gente. Não tem problema, vamos seguir um pouquinho então para não tomar o tempo de vocês. Tem uma perguntinha aqui, o que que vocês entendem por multiletramentos, você já fizeram curso já ouviram falar, isso nas aulas de vocês... que que vocês sabem sobre isso que vocês já ouviram falar sobre?

Salete: Eu Simone, eu te vi acesso a esse termo depois que eu eu o Mario. faz parte também, né? Maario do GEFOPLE então foi depois que eu entrei no GEFOPLE depois que eu conheci a Michely, a Carla Conti ela já foi minha professora muito tempo eh, mas aí eu reencontrei ela na UEG, né pelo pelo GEFOPLE pelo pelo ENFOPLE e até então eu confesso para vocês que eu não tinha ...eu não tinha leituras eu não não conhecia o termo né? Foi é foi para mim realmente tudo muito novo, apesar de fazer o uso de algumas de algumas de algumas coisas que são ditas, né na teoria sem saber que tava dentro de uma teoria, né? Então atualmente eu tenho aprendido então eu não consigo falar muito, é, de forma com com propriedade porque eu estou aprendendo mesmo. Eu estou lendo eu estou dialogando no grupo, né do GEFOPLE eh e muitas coisas que a gente discute lá eu tenho é tenho colocado nas minhas aulas de forma-se muito nova então quando eu eu faço algum trago para sala de aula eh textos, né diferentes de diferentes modalidades, né? Textos escritos vídeos imagens eh ou até mesmo o meu discurso como texto é eu tenho feito isso hoje de forma muito nova. Então eu sempre falo para os meninos que é que tem falado, né atualmente, que que tudo que eu tô fazendo a partir de agora, eu tô fazendo de é como novo então pode ser que a aula vai ser boa, pode ser que vai ser ruim. Pode ser que dê certo ou não, mas que eu preciso ...isso...é e para mim é muito novo Mario. Então assim eu não tenho muita segurança para trazer essas questões pra sala de aula, mas eu tô fazendo no susto, entendeu? Eu chego lá, faço um negócio deu certo ótimo, não deu aí eu vou refletir ... tanto é que essa semana passada eh, eu apliquei uma atividade. Eu até fui atrás da Michele da Camila. (...) gente vocês têm que me ajudar porque eu pensei né? Uma uma proposta. Porque na minha pesquisa eu tô falando sobre alguns assuntos, né questões sociais, mas por meio da música para na aula de língua inglesa, né? E eu trouxe padrão de beleza. Então eu vim com a música da da Beyoncé aquela *pretty hurts* e organizei toda uma aula pensando uma coisa, né, mas eu não sei se deu certo, pois é M. Eu pensei assim, eles eles participaram trouxeram muito questionamentos posicionamentos muito muito assim, eu achei até além da idade deles, né uma visão muito assim, eu muito Nossa eu fiquei muito chocada com eles, mas eu parece que eu não consegui conduzir eles bem sabe.

Mario: A gente nunca vai saber não

Salete: é... mas aí eu fui atrás das meninas, falei "Gente vocês têm que me ajudar arrumar essa aula" porque é uma aula boa e eu trouxe o quê? Assim como essa questão do conceito, né de multiletramento... eu trouxe a música o vídeo, né? Eu comecei com o vídeo depois eu entreguei a letra da música para eles. Depois nós trabalhamos charges, depois trabalhamos mensagens pregadas em banheiro, sabe então eu trouxe muitas coisas. Muitas formas de, né, de leituras, eh, mas Nossa eu fiquei assim tão insegura Mario que eu falei gente...

Mario: (..) Pelo menos eu percebi isso quando eu fiz esse tipo de informação de professores com a professora Cristiane, né? A gente tá tem essa a gente quer (inaudível) (perspectiva) a gente parece que quer ter um controle sobre tudo e pra gente por exemplo, eu estava em sala essa semana e ontem no terceiro né, eu vi que o aluno ia perguntar uma coisa... sabe quando você percebe que o pessoal não vai perguntar sobre o conteúdo, você tá falando, mas vai perguntar outra coisa? E eu conheço esse menino ó, aí ele "fessor" e assim ele me conhece também, que sabe que eu sou feminista. Aí ele "cê viu o que aconteceu no Afeganistão? já falei assim "ah, sim" (arregalando o olho) porque assim gente eu tô até preparando uma lista aqui para ela para eles do eh, eu gosto muito da matéria sobre *BBC News* para eles. E aí é sempre permite apresentar aqui até abrir para mostrar aqui rapidinho e aí eu peguei e falei assim, aí ele já me perguntou sobre eh a questão do Talibã e o direito das mulheres aí eu já separei aqui ó, vou levar semana que vem até (...) e vou menina já separei umas imagens aqui

Salete: e vai levar pra qual turma?

Mario: vou levar para todas porque todas todas, tocar um assunto de alguma forma cada um da sua perspectiva, mas todos me perguntaram "E aí professor como que fica a questão das mulheres?" Porque eles viram a hora que - você vê um dado que eles trouxeram que eu não tinha visto- que as mulheres estão queimando eu tenho até pesquisar aqui para ver se não elas estão queimando o certificados de formação, porque os talibãs estão pegando então matando mesmo porque estão apagando imagem de mulheres lá, tipo assim pôsters e eu não sabia eu falei "meu Deus". Então é muito bem e vou levar...

Salete: você falou uma coisa muito interessante, eu também trouxe essas questões do Talibã a sala e um aluno falou para mim que eu não sabia, né de que as meninas lá tem direito de estudar só até os 12 anos e eu não sabia eu falei para você ver que a gente aprende com ele,.

Mario: com certeza... por exemplo eu nunca fui para fora do país. Não sei se você já foi, eu nunca fui não, aí hoje eu sempre essa pergunta emerge né? Não ainda não ainda ainda vou porque a minha série se passam todas lá, principalmente eh eh nos Estados Unidos, né? Enfim em Nova York e é uma pergunta que sempre emerge e assim eu tenho alunos que já foram então eu troco muita experiência com eles então onde eu trabalho um ponto e aí a gente estava falando do autor e a gente levou o autor morreu em tal lugar foi executado tal lugar e ao aluno falou "já fui lá" aí eu fiquei "como que é" ele me contou, né, na empolgação e tals. E aí foi uma aula que ele me deu porque eu nunca tinha ido para lá então e eu não fiz como uma coisa na perspectiva negativa sabe? Eu gostei muito foi uma aula que eu saí de lá assim, sabe quando você sai de lá leve e foi uma coisa muito bacana assim, eu não vejo como coisa "ah o aluno tá dando aula para você" ou então assim "nossa, o aluno" sabe... bem nessa

Simone: a gente aprende muito com os alunos a mesma coisa que a Salete. falou, né? Eles vieram com umas coisas, talvez muito (...) deles, mas eles sabem muito também, né? A gente pode aprender muita coisa com eles, né?

Mario: Eu tenho uma turma de oitavo ano, né? Que as outras duas ficam com a professora que é concursada, eu não sou concursado ainda - vou trazer um ainda pra minha vida - e aí se eu falar não gente as meninas assim comentaram que tem um colega machista. Falei "meu Deus, eu não tinha seu vocabulário quando eu tava oitavo ano nem ensino médio". Eu formei sem ter ouvido falar ouvir a palavra feminismo, por exemplo no ensino médio como aluno. Fui ter acesso essas praxiologias depois na universidade através de coletivos que eu fui inserindo mesmo, porque na minha educação também não tive assim essas essas perspectivas críticas, sabe, educação...

Valeria: Mario, por isso que eu falo que nós somos textos para eles, você sabe porque? eles te reconhecem como feminista, né que reconhece eu como como questionadora ali, então assim eu não tô eu não questiono. Por exemplo, eh, eu tenho questionado tudo todas as todas de todas as ordens, né? Então todo o problema que tem eles vêm atrás da gente porque aí eles querem eles querem se posicionar, mas eles querem respaldo, né? Eles querem tipo um apoio ali para saber se estão indo para o caminho certo...e você falou uma coisa muito importante também porque eu tenho percebido que as meninas hoje nas nas nessa escola que eu estou específica, elas não estão aceitando mas nem um tipo de situação que ela se sintam, eh, silenciadas, silenciadas constrangidas, elas não estão aceitando elas estão trazendo discussão pra sala...e é nossa e isso é muito muito bom pra gente sabe é muito pra mim até motivador para mudar todas as minhas aulas que foi uma das coisas mais difíceis que eu -não sei se você teve -mas eu eu tive muita dificuldade de entender que não não existe separação da da língua com essas questões pra sala ... eu não porque eu achava que eu tinha que dar aula só da gramática, né? E aí foi o outro grupo de estudo que eu participo que é o gplico da Rosane e da Viviane - você tem que entrar você tem que entrar nesse grupo - E é a Vivi, né? A Vivi a e a e a Rosane e e foi ali que eu comecei a entender que tem como eu fazer isso, né? E e depois da pandemia que fez sentido para mim essas é trazer esses assuntos pra sala então hoje por exemplo, eu não sei se vocês viram ele tem uma charge também do Talibã que tem a uma fotinha que eu vou mandar para você tem uma fotinha de uma mulher, a mãe a filha uma boneca sem nenhum a mãe só com um pequeno turbante aí na do lado, (...) só sei que termina no final elas todas tampadas aí o que que eu faço? Eu peguei ela em cada turma tem uma uma um aspecto linguístico que eu tenho que trabalhar, só que eu partir da mesma charge pra poder, por exemplo, no sexto ano trazer eh questões para eles aprenderem sobre *simple present e present continuous*, no sétimo sobre o passado no oitavo sobre o futuro.
30:10-31:09
Agora no nono sobre o *if clauses* que é muito difícil aprender só que quando você parte de um assunto que está em alta que tá no convívio deles, eles conseguem construir as frases. Você tem faz sentido você entendeu? Depois eu vou te mandar para você ver.

Mario: Manda para mim *please*

Simone: legal, gente. (sobreposição de vozes) eu to adorando ouvir vocês. Ó, já que vocês estão falando de charges e tal, conectado àquela pergunta dos multiletramentos, que eles envolvem, né, imagens, sons... e se você quiser falar (risada)

Salete: Eu também tive essa minha história muito parecida com a S., eu fiz a disciplina da professora Carla lá no POSLI que é topicos em estudo de letramento e não... tópicos em letramento e aí depois ela até mudou para o plural, né? Porque são letramentoS. Ela explicou lá e a gente leu um texto específico sobre a questão dos multiletramentos porque eram eram *inclusive* é né? A gente leu o a gente leu aquele texto do *New London Group* lá do da pedagogia

dos multiletramentos. Foi muito bacana foi um texto assim que é eu usei muito um artigo que eu fiz pra disciplina da professora Carla e assim ...eu entendo posso estar eu acho que essa questão a gente faz é expandindo aos poucos, né? Mas eu tenho uma visão assim muito ínfima sobre essa questão multiletramentos, mas eu entendo como a emergência de diferentes linguagens e culturas aí nessas práticas de letramentos aos quais estamos engajados no dia a dia, né da vida contemporânea.
32:10-32:57
Pelo menos eu eu leio nas perspectiva... quando eu falo multiletramentos vem na minha cabeça isso sabe... então eu penso né aí pensando justamente nessa colocação que a S. colocou para mim um exemplo de de multiletramentos sabe eh você perceber que as práticas são continenciais que ela levou uma charge, mas eh... emergiu diferentes recursos aí linguísticos sociais para cada turma que ela trabalhou então eu também quero vou fazer essa ...eu tava pensando em fazer esse mesmo exercício que você S., eu quero ver como que vai ser essa abordagem em cada séries e assim vamos jogar sabe?

Salete: Porque igual eu no susto, sabe? (risada)

Mario: Sabe por quê? Eu li quando eu li aquele artigo da Rosane com as Zezé sabe eu ...Ah esqueci o título. Lá ela fala muito sobre a questão de fortalecer não a língua mas os falantes dessa língua então no caso são os meus alunos e eu né? Hoje a gente está nessa pensando esse processo de empoderação através do da educação linguística. E aí eh, depois que eu li que lá aquele artigo eu fiquei louco porque eu pensei assim "gente, eu quero fazer isso em minhas aulas" só que a gente não tem uma receita, né? Então vai brotando as questões e eu vou levando então, por exemplo, eu vi que essa semana muita gente falou do talibã, menina, já tô aqui louco já desde do dia que eles falaram mais na internet. Vou procurar essa charge você me falou para ...

Salete: menino, vou te mandar agorinha...

Simone: Pode mandar pra mim também (risadas) é isso mesmo. É isso mesmo que vocês dois falaram assim e eu também tenho interesse por imagens sabe? Então a pesquisa também vai falar bastante sobre isso sobre as charges sobre os memes tá? E aí que eu trouxe para vocês que eu queria mostrar são algumas charges tá? Não quer dizer que essa é a minha opinião tá? É só para saber qual que é o poder das imagens. Tá: o que que desperta se você concorda ou não se dá para usar isso na sala de aula (Simone projeta imagem 1, educação moderna).

Salete: eu já quero essa daí também pode me emprestar. A a minha leitura né? É o que como que eu posso colocar ... é o que ...por exemplo comumente as pessoas têm eh, eh o conceito de tecnologia, né? Que tecnologia é a salvação da educação a salvação do mundo, mas... e não é a tecnologia. Ela é assim uma né? Uma uma ferramenta uma artefato que que permite um um aprimoramento, mas se você não souber utilizar se você não usar para construir conhecimento para transformar alguma coisa para trazer uma melhoria para alguma área, é você ter toda a ferramenta para fazer algo bom mas não utilizar de forma significativa que no caso seria a cabeça, né? Essa é a leitura que eu faço. Nossa é muito boa sim.

Mario: E assim é a gente tem esse confronto aí de geracional também, né? Pelo menos estou lendo aqui desse lugar, mas assim e eu vejo que tem entra em conflito justamente essas questões, né tecnológicas, né? Essa negócio da cabeça com relação ao laptop...enfim o *iPad* e a gente eu tô percebendo muito isso assim pelo menos em escola que eu trabalho o pessoal acha que é muito nessa vibe "as metodologias ativas é só sabe só postar atividade para o menino uma

semana antes da aula e o menino vai ter acesso e pronto". Ele foi protagonista pronto. E aí é só a tecnologia ali e não faz por si só, acho que tudo sabe parece... que o *tablet* estando ali todo mundo vai aprender sabe eu perspectiva que eu tenho ... Paulo Freire dava aula debaixo de árvore assim com uma folha de papel e o cara simplesmente arrasa então.

Salete: Porque Mario. eu acho que assim né é igual você falou não tem uma receita, mas ter todos esses artefatos mas você não preparar um professor não orientar de forma direcionada o aluno tudo isso aí todo esses artefatos eh eles não vão eles eles vão eles não vão ter função, entendeu? Eh eh eh eh é isso mesmo que você falou ...

Mario: e essa questão da tecnologia, ela estereotipa tipo muito, né? Porque o pessoal acha assim que por exemplo por eu ter nascido, sei lá, então é porque eu sou da geração *z* e aí eh eu sei eu domino toda a tecnologia. Eu sei tudo sobre tecnologia e que os alunos de hoje todos dominam tecnologia esse ano me mostrou que nem todo mundo agora do Século 21 consegue dominar a tecnologia... tem um aluno que não sabem eh que estão engajados em outras práticas sociais de linguagem que não necessariamente envolvem eh... o que a escola entende como aquilo que é o perfeito, como que é o ideal? Sabe? E aí a gente fica meio perdido assim porque a gente fica querendo alcançar uma coisa aqui, só colocar o *meet* e pronto

Salete: um exemplo Mario. é porque tem tem vários autores, né que fala da questão do nativo digital etc, né? É o Pransky, por exemplo os meus alunos os seus alunos eles podem sim eles são considerados nativos digitais por terem nascido, né, nessa nessa época agora... mas eh mas não quer dizer que eles dominam as tecnologias porque os meus alunos mesmo eles dominam as redes sociais, mas eles não sabem criar um e-mail, eles não sabem se cadastrar numa plataforma de por exemplo essa prova que eles estão fazendo agora que fizeram porque agora a tendência é ensino híbrido né, mas eu acho que quem no na no na educação na secretaria que pelo menos aqui da minha escola do estado eles não leram o que que é a teoria híbrida, porque a o híbrido deles é totalmente diferente do que pelo menos nas coisas que eu li ...não é das coisas que eu leio não tem nada de híbrido *but* eles não conseguem por exemplo fazer uma prova digital eles não conseguem preencher, por exemplo o nome eles não conseguem eles não conseguem fazer um e-mail para poder criar uma pra ter acesso ao *Google classroom*, entendeu?

Simone: Editar o texto do *word* né?

Salete: Ele não consegue entendeu? Então o que os nossos alunos que são ditos aí nativos digitais eles apenas sabem mexer em aplicativos que de interesse deles e que é de rede social de interação, eles gostam de interagir de compartilhar de postar fazer meme que eu tenho visto assim que eles estão começando alguns posicionamentos, mas não ainda não tá? Eu acho que falta uma orientação maior sabe mais crítica ...o que eu tô defendendo mesmo na minha dissertação. É isso é que eles consigam se posicionar mas com propriedade com argumentos com né trazendo a vivência e não só trazer ou seguir uma opinião comum sem né? Sem sem discutir isso.

Simone: Mais uma charge (Simone projeta charge do radinho) E se você não descer da época de vocês também, mas eu lembro que era da minha quando eu tava aprendendo inglês também desse radinho, não sei porque não sei porque que você acha.

Mario: Meus alunos me mandam direto... eu acho super bacana Ah, né, porque a gente eu eu trabalho com a jblzinho que eu tenho mas é tem tudo a ver assim, porque né eles meio que

fazem essa esse link, né da nossa imagem com essa que a gente trabalha muito com busca, né, Salete?

Salete: Eu lembro daquele das branquelas. Sabe aquela que fala assim "segura aqui o meu radinho" Eu amo muito legal (risadas)

Simone: legal. É porque foi é essa imagem mesmo. Professor com radinho, com aqueles monte de CDs né que naquela época, hoje é JBL hoje, né? Já é diferente ...e só mais uma aqui. (Simone projeta imagem do verbo to be) Você consegue ver?

Salete: Eu inclusive usei isso aí essa semana eu falo porque teve uma... quando eu tô quando eu fui falar sobre o presente continuous eu preciso usar o verbo *to be* né? Aí um aluno pegou e falou. "Ah não, mas tudo tudo tem verbo *to be* em inglês", eu falei *yes*. Aí eu falei você sabe por que que você vai estudar o verbo *to be* o resto da sua vida. Eu eu falei assim porque é com verbo *to be* que você fala, qual é o seu nome quem você é o que você faz o que que você tá fazendo...o que você ainda quer fazer, né? Então é um verbo que você utiliza para falar de você, se posicionar falar, o que que você o que que você espera então aí eu falei para eles, por isso que é um verbo que a gente vai estudar *forever* porque é um verbo onde você vai falar sobre você quem é você de onde você fala, né...quais são os seus sonhos o que que você anda fazendo eu trago sempre essa justificativa. Porque de fato eles fazem essa pergunta "ah, não verbo *to be* de novo", entendeu?

Mario: (...) então o que que é o verbo to be eles não sabe explicar também. É muito complexo essa questão, né? Porque assim, ele esses dias eu encontrei uma aluno na verdade eu encontrei a irmã dele, ele voltou agora para o presencial...e aí ele foi assim foi aluno meu durante cinco anos e aí ela falou assim "agora ele tá fazendo em inglês com um cara porque ele vai morar com meu pai nos Estados Unidos, agora ele tá aprendendo inglês", eu falei assim. "Nossa, mas eles dois cinco anos comigo você também, né?" Eles não têm maturidade para valorizar as aulas, sabe? Aí eles encontram a gente depois que eles formam, eles falam... eu encontrei uma aluna fazendo por exemplo.... eh, engenharia de computação e vê muito texto em inglês aí "professor eu tinha que ter prestado mais atenção nas suas aulas" porque enfim e aí quando eu pego - eu sempre tenho aula um terceiro ano é que eu coloco assim evidência tudo que a gente estudou pensando no conteúdo linguístico, então é isso aí com a S. falou, parece por exemplo presente simple, continious, futuros e assim vai né? E aí eles eu falo para ele falava assim "gente, se vocês aprenderam esse rolê todo aqui. Né? Vocês não precisam dominar tudo, que a gente não consegue dominar nem tudo no português, mas contudo porém entretanto todavia *but,* eu tenho que saber usar pelo menos que é o *do* e o *does*, que você mais vê em seriado eles usam para tudo do sabe aí do exemplos. E aí eh série enfim leva print de série leve print de diálogos. Enfim, mas eles têm assim essa ... eu também fui um pouco não posso falar só deles posso falar de mim também gente não tem muita maturidade para valorizar isso sabe... eu sou valorizado porque o inglês é um estado de espírito para mim. Então eu quando eu tinha aula dessa professora mesmo deu aula no ensino médio eu me sentia ao sair das aulas assim transformado, sabe... então e a gente viu o verbo *to be* e o tempo todo só que é distribuído aí por esses conteúdos que ... fazendo um passeio por esses conteúdos que já a Salete elencou e foi muito bacana, então assim, foi muito bom e assim tem que aprender o verbo *to be*...

Salete: e a gente ama falar sobre a gente, né? A gente gosta de falar preferências e eles têm que entender que é para isso, né? Que é pra falar, prá se posicionar...

Simone: E como é que você acha que dá para trabalhar figurinha dá para trabalhar meme de uma maneira crítica na sala de aula?

Salete: Pode ir na frente Mario., que eu to sempre passando na sua frente. Estou muito ansiosa, entendeu? Eu acho que eu sou mais que você Mario..

Mario: Eh, eu trabalho meme assim praticamente quando eu vou levar algum assunto crítico, sabe igual a S. falou dessa charge que ela vai me mandar aí e acho que também vou procurar alguma coisa assim em algum momento, mas acho que meme nessa situação do do Afeganistão agora, não sei como que como que seria um meme sobre aquilo que tá acontecendo lá, mas...

Salete: é que ele não dá para fazer uma coisa cômica, né? Só se for, só se for Mario. algo contra o Talibã, entendeu? Mas não algo contra as meninas algo relacionado à educação, eu acho que talvez contra igual ...quando tinha meme do do Bolsonaro com as armas. Eu acho que talvez nesse sentido daria pra gente fazer sim.

Mario: Eu por exemplo a gente teve uma unidade de um livro do primeiro ano falando sobre *body language* linguagem corporal. E aí eles trazem um estudo que mostravam como que as pessoas mudavam de feição, tinha triste alegre. Mas aí eu peguei e falei "não quero só isso não", peguei umas imagens assim, tinha um tem uma imagem muito forte do Rodolfo do BBB olhando de uma forma muito homofóbica pro Gil eu levei essa essa foto e coloquei joguei lá ...é do Rodolfo encarando o Gil no BBB. Eu tenho ela salva que eu acho se eu não tiver eu procuro te mando. E aí falei "um ponto para quem acertar eh fazendo a linguagem fazer uma análise aqui uma leitura dessa imagem". E aí pá, coloquei a imagem e aí eu sempre trabalho com essas questões de imagem, porque assim aí os meninos na hora "Rodolfo homofóbico e tal tal tal" e aí eu calei a boca. Eu falei assim, "não foi eu né? Eu simplesmente trouxe a imagem eles que lutaram lá fizeram toda a discussão". Enfim, mas é muito bacana assim sentido de ... é uma linguagem que é linguagem deles, né? Igual vou levar essa imagem que o dia que eu for... eu vejo o dia que eu for trabalhar aquele texto sobre o direito das mulheres com a questão do *Sharia* lá, daquele leis islâmica, que eu vou levar essa foto para eles e vou colocar lá do meu *WhatsApp*, sabe para as meninas para os meninos verem para as meninas também verem o quanto essa questão é séria..

Salete: e Mario ,não precisa nem ir longe é só você fazer uma pergunta que foi o que eu fiz (gente eu tô cortando um abacaxi tá? Pode falar) Éh eu falei para as meninas, eu falei assim "meninas só um minuto tenta ter uma empatia e se colocar no lugar das meninas que estão lá. Que que vocês sentiriam e fariam". Mas foi assim ó, um alvoroço sabe assim de não aceitar né? Então assim porque aí é uma forma de começar a provocar eles porque eles precisam também saber o que que acontece ali do outro lado do mundo né?

Mario: Eles têm que saber se colocar durante e nesses discurso sabe? Eu penso muito nessa perspectiva e aí eh eu fico... eu até brinquei com aluno meu com essa questão "olha você ainda tem que agradecer ainda viver num país democrático, porque se vocês podem decidir por exemplo se vocês vão presenciar o híbrido geralmente no país onde as mulheres estão queimando o certificado pra elas não morrerem isso nem é cogitado". E aí eles ficam assim, ó, (arregala os olhos) agora a gente vai desculpa essa verdade

Salete: Não, e é uma coisa tão básica, né assim para mim é impensável. Não ter o direito de ir para escola, por exemplo, na minha opinião

Simone: sim é uma questão antiga, a gente lembra da da Malala, né? Malala o nome dela, né? Que ela levou um tiro, né? Porque ela tava defendendo o direito dela de estudar então gente é. É muito delicada para trazer essas várias questões para sala, né? Muito legal ler o livro dela. Que bacana! Já que vocês estão falando disso também, eu não sei se você falar um pouquinho mas podia falar um pouco mais a pandemia, o que que mudou com a prática de vocês.

Mario: Tudo!

Salete: eu to mais surtada (risada) na pandemia, nunca trabalhei tanto Simone na minha vida, nunca fui tão desrespeitada em horários relacionada a horário sabe não não tem mais a divisão entre casa e trabalho né? Então eu nunca sabia se eu tava em casa ou trabalhando, e nossa, eu me senti, assim, pra resumir...

Mario: eu me senti muito exposto!

Salete: Nossa, exposto demais, mas o mais para mim o Mario eh, eu me senti desrespeitada em todos os setores como profissional como ser humano, sabe? Isso foi assim para mim que sempre alguém me perguntar eu vou só falar isso eu me senti desrespeitada.

Mario: Sim eu me senti. Eu não passei por nenhum momento porque assim eu vi colegas eh contando assim colegas de da rede particular contando Espera aí, só tô ... colegas contando assim porque o (tô tentando fazer duas coisas ao mesmo tempo, mas vamos lá) eu vi colegas dando depoimento assim de assédio, sabe em todos os sentidos, tinha um amigo que estava dando aula e um aluno com por exemplo um microfone aberto e sai falando "ah, essa professora é muito feia". E aí é sem falar assim, o pessoal acha que tudo hoje a plataforma e *live* ...são duas ó, três coisas que eu tô tomando assim, eu tô ficando tomando um certo aquela hora que eu coloquei medo, né? Foi por causa disso. A palavra *live* tão deixando assim me assustado, falei pro psiquiatra essa semana, eh, metodologias ativas, eu tô tomando assim ranço porque toda reunião que eu participe é só isso assim, eles acham que é só isso sabe? Dá um *tablet* para aluno ou então dá um celular e aí pronto resolveu para não ter educação e o mundo continuou a viver normal e foi lá e metodologia ativa e enfim todo o processo assim é ...plataforma, eu já vou para terceira plataforma que eu tenho que ficar constantemente mexendo e assim eu já tô perdido porque eu não tô sabendo mais como alimentar isso sabe de alguma forma. Então tá ficando uma coisa assim muito doentia sabe? E aí é concordo que nós estamos aprendendo muito também, então tá sendo um momento de muito aprendizado em todos os sentidos igual a S. falou então tô aprendendo a respeitar os meus horários a partir de agora, na minha prática de educação linguística, eu concordo que a utilização das imagens visual auditiva espacial é importante para transmitir informação, né? Eu acho que é hoje o sagrado né da sala de aula presencial, ele está exposto aí para todo mundo ver porque o que mais tem na internet também é meme com vídeos de alunos trollando professores. Enfim e a gente também nós fomos pegos de surpresa, né? Por uma pandemia por um enfim por uma crise sanitária mundial e nós tivemos que ressignificar muita coisa. Então assim não sei se nós somos resilientes porque é uma palavra tá sendo muito desgastada, mas nós temos que ver significar muita coisa sabe assim no sentido de ressignificar o que que é tempo. A S. falou isso, aí, nós tivemos que ressignificar muitos eh o meu próprio processo de educação linguística mesmo, porque eu não poderia simplesmente ficar só falando de língua língua língua língua língua gramática gramática, a gente eu não poderia por exemplo passar por um momento desse sem trazer alguma reflexão pensando num olhar mais empático para o outro porque hoje no contexto de uma pandemia das SARS COVID19 a sua vida ela depende do cuidado que o outro tem né com a vida dele, então você fica muito a mercê do do cuidado que o outro tem para com ele, então é isso é muito sério,

muita gente ainda não absorveu isso eu tenho alunos que ainda não absorveram isso que acha pandemia é uma grande mentira é uma gripezinha ... então sabe o tempo todo nós estamos resistindo o tempo todo né, Salete.? Pode falar.

Salete: É, não, concordo com você, o que eu mudei nas minhas práticas porque toda vez que alguém pergunta da pandemia só consigo falar do emocional, né? Não sei porquê, por isso que eu falei desrespeitada, mas é eu mudei eh, eu mudei muita coisa, eu sempre fui uma professora que sempre fui adepta a a montar slide eu usava slides eh, sempre usei música então sempre levei meu computador para sala de aula, né? Eu sempre utilizei o *YouTube*. Eu sempre utilizei é nossa tem vários sites que eu já utilizava, né? O *Akinator* ...é eu nunca consegui só usar o aquele outro que faz que tem as formas geométricas que agora eu esqueci o nome...*Kahoot*, eu ainda não utilizei ele mas eu ainda não usei. Mas eu sempre fui um pouco assim, sempre tive intimidade com tecnologia, né? Então essa transição para o remoto ela não foi difícil para mim para mim, né? Mas o que que foi difícil para mim S. é professora é porque eh eu eu preciso de um retorno do meu aluno sabe assim, quando eu tô com ele em sala. Eu consigo ver ele eu consigo ler ele né? E aí não remoto eles não ligam a câmera, não consigo. Então assim é aí eu montava as minhas aulas numa perspectiva, quando eu via já ia para outra, né? Então até eu realmente conseguir achar o time das aulas nesse modelo remoto demorou né? Então eu realmente tive que rever as minhas práticas rever as minhas aulas rever é eu tive que ter eh, eh eu não eu sei que você não vai gostar dessa palavra M. porque também eu já tô cansada de metodologias ativas, mas eu tive que fazer uma curadoria de tudo que eu tive né, que essa palavra eles falam *all the time* nas teorias, né na nos vídeos e nas teorias, eh, eu, tive que fazer uma curadoria de um material que já era um material assim bem seleto que eu sempre busquei muita coisa, né? E tive que fazer escolhas por conta da redução do tempo, né? Então no presencial a gente tinha 50 minutos quando veio para o online era 40, mas era 40 que assim eu tinha que esperar cinco para todo mundo entrar eu tinha que fazer uma chamada eu tinha ... acabava que eu tinha de no máximo 25 minutos de aula efetiva e eu sempre tentei durante as aulas, né trazer o que eu fazia na sala, tentei fazer com que eles falassem, eles trouxessem a opinião deles na hora da aula... quando era para corrigir a atividade eu pedia para eles lerem eh, mas foi difícil eu tive que me reconstruir de novo como professora, né? Porque eu me construí na prática e eu tive agora que me reconstruir na prática também, né? E teve essa alteração então assim e eu acho que é isso.
Eu mudei muito muita coisa e eu sei que quando agora que eu retornei pro presencial eu eu vou... eu acho que tudo que eu penso, né, que tudo que a gente aprendeu agora não vai ter como não usar mais, né? O *WhatsApp* vai ser uma ferramenta assim, eu já já usava o *WhatsApp* com grupos porque eu mandava sempre informações para eles depois da minha aula, sempre compartilhei muita coisa para aqueles eh conseguissem desenvolver uma autonomia fora da escola, né buscar essa informações, mas eu eu vou inserir o *Google meet* eu quero inserir também o *Google classroom* e ferramentas que eu aprendi para ser realmente um complemento das minhas aulas, né? Então eh de fato foi assim mudou muita coisa eu vejo hoje assim a minha profissão com outro olhar mas ainda assim, eu sou muito apaixonada mesmo, mas eu eu vejo ela com outro olhar, né? E mudou muito mudou esses aspectos, né? Mudou e mudou também o tempo de trabalho realmente que é muito maior gente, porque a gente trabalha aqui na hora a gente da aula, e é recebendo tarefa e eles querem um retorno rápido e eu não consigo eu tenho 12 turmas de manhã, como que eu respondo todo mundo *right away*? *Impossible*, entendeu? Então assim, foi algo foi difícil pra mim ...nossa, o dia que acabar esse negócio gente, eu quero ficar assim um ano um ano andando de bicicleta sem olhar para trás.

Simone: E Mario, por que que foi difícil para você, você comentou que foi difícil essa adaptação

P7: Menina, quando falaram pra implantar as aulas pelo *meet*, eu fiquei tão assustado eu tive uma crise de ansiedade no dia da reunião. E aí eu comecei a fazer um uso de ...eu posso falar isso aqui eu comecei a tomar um remédio para dormir muito forte aí. Eu eu assim, você é muito sincero para vocês. Eu fiquei muito doente,

Salete: você ficou com medo com medo?

Mario: o imprevisível me assusta muito sabe? Eu sou uma pessoa muito ansiosa. Então eu quero

Salete: Qual o seu signo?

Mario: Aquário, e não era eu para ser assim é é o ele é um signo de ar, né? Então era para assim, então todo mundo acha que eu ia ser dessa forma só que nem eu me reconheci em certos aspectos porque é tudo muito imprevisível, a gente tá vendo o mundo líquido, né, gente? Então eh eu não pude prever como que essas questões redundaria não só na minha prática pedagógica, mas é conectado a isso de uma certa forma as minhas questões emocionais, né? Eu tenho um corpo eu sinto eu tenho uma afetividade eu tive alunos que participaram das minhas aulas desde oitavo ano até o presencial no segundo ano que sumiram nas aulas online, então eu fiquei ficava angustiado, porque eu não conseguia vê-los. Eu ficava angustiado porque tudo era... tudo mudava de uma hora para outra e tudo assim sem perguntar como que a gente tava não ninguém nunca me perguntou assim eu eu - até que agora tá mais frequente, né que a gente já se vendo mais - mas ninguém perguntou assim, não sei com você S., "você tá bem?" pessoas do meu convívio me perguntavam, mas assim essa questão, acho que tem a ver com isso aqui sabe com as nossas práticas, porque geralmente o povo fala. "ah, isso não é um problema para sala", mas leva, nós somos corpo nós temos afetividade, quando a gente leva um meme quando a gente tá fazendo é igual S. falou essa curadoria, a nossa subjetividade ela tá atuando todo sentido nesse processo de curadoria desse desse material que a gente leva pra sala de aula. Então tô levando por exemplo essa foto dessa menina de de burca e não é à toa, porque eu tenho eu sou homem sou uma pessoa branca, fala de um de novo de novo, né de lugar de privilégio. Então para mim na prática eu tenho que ter esse olhar empático para quem tá usando a língua inglesa e para saber como que essas pessoas estão se colocando no mundo contemporâneo pensando isso aí ó, é com essas imagens visuais com esse com essa perspectiva auditiva espacial que é importante pra gente construir aí o o modelo de mundo que a gente quer é desconstruir construir de novo. Enfim, eles querem por exemplo essas construções imagéticas visuais ativos espaciais aqui no Brasil que tá acontecendo Afeganistão então quando a minha aula fala disso para mim é tipo sabe um *insight...e* tudo, eu vou levar tudo isso aí, ó para minha aula para eu poder enfim aprender com eles e ter uma troca de experiência massa, né? E aí eu acho que tudo isso foi solapado sabe você fala aí do arranjo da das carteiras da sala, a pandemia solapou com isso com a nossa noção de tempo, porque com a tecnologia noção de tempo ela ela é esvaziada para uma outra para outra *vibe* então a S. deu exemplo das aulas dela que foram diminuídas pra 40 a minha também foi diminuída para 40, mas todo esse rolê de aparato tecnológico, internet cai tudo muito imprevisível e líquido. E aí você fica ...eu tô aprendendo agora lidar com isso sabe, mas tô mais em paz, vamos dizer assim, mas depois (inaudível) e dormi muito e sabe e apanhar demais, mas eu acho que é uma construção sabe? Eu acho que tá sendo um aprendizado que tá sendo bacana para mim.

Eu não sei se eu acredito muito nesses discurso de "ai nós damos conta de tudo" sabe os professores dão conta de tudo tá de utilizar tudo isso aí perfeitamente porque eu tenho 25 anos, em tese eu sou nativo digital, mas eu não sei usar isso tudo e eu tenho um professores que são mais velhos do que eu e que conseguem. Então tudo isso a gente tá bem que tá sendo colocado

em cheque agora sabe com a pandemia da SARS, então é um momento de aprendizado constante.

Simone: Legal legal, então e essa daqui que você até leu é a última pergunta que tá muito conectado com a questão do corpo que vocês falaram bastante, né? Éh... a questão vai, se a gente não tivesse na pandemia a questão do arranjo das carteiras, porque eu sei que tem professor que ele arranja as carteiras eh formato de semicírculo, né com os alunos, formato de de U eu perguntei para ele, né que diferença que isso fazia na na sala de aula, né na significação no convívio do corpo de ...isso no corpo dele com os alunos se isso fazer diferença, como é que você vê isso Mario?

Mario: Olha eu sou um adepto de bell hooks né...Ai não tô com um livro aqui, mas a bell hooks ela fala muito essa questão do corpo na sala de aula e como que os nossos corpos também entram para sala de aula conosco. Apesar da gente entender que fazer parte da perspectiva da nossa formação moderna eh cristalizada engessada de que aí quando a gente entra para sala, a gente não leva o problema nós somos profissionais. A gente a gente tá construindo uma sala de aula que só quer uma informação intelectual mental, né? Então é o lugar consagradamente a bell hooks fala mas a sala de aula também é o lugar do corpo, né? Quando a gente entra as nossas entidades, elas entram junto conosco, né? Então quando eu falo inglês com os meus alunos ou quando eu dou algum comando na língua que nós estamos estudando de alguma forma, eu tô colocando nessa nesse enunciado nesse processo de anunciação no meu corpo então quando eu penso em educação linguística, eu utilização de todas essas questões imagéticas visuais auditivo espaciais, eu tô colocando tudo isso também na roda.
Eu já eu não organizava minha sala toda toda vez em formato de semicírculo, porque enfim não dava mas é assim você o interessante que essa questão do do ensino híbrido das aulas remotas também colocou esse em cheque porque às vezes não liga a câmera passa um papagaio dele, passa um barulho de um avião, passa um cachorro dele que tá latindo, né? Então não só são nosso corpo mais o nosso o nosso pessoal que em tese seria resguardado que tá dentro da nossa casa agora que tá totalmente exposto e tudo isso entra para eh envolve a nossa questão da nossa prática. Sabe? Pelo menos eu vejo essa perspectiva então

Simone: a privacidade né? Tanto nossa quanto dos alunos assim, não quero ligar a câmera não tudo bem, né

Mario: tem aluno que nem lugar pra poder estudar igual a gente tem aqui um espaço num quarto para poder sentar agora igual eu to aqui então que nem, tem isso porque a família grita muito não tem um quarto separado não tem computador para isso assistindo aula do celular celular tá lá pegando fogo e sabe então é muito complexo e sabe é um momento, eu acho que também vai ser um momento de muito aprendizado para nós. E assim tomara que seja saindo mais fortes dessa né? Pelo menos eu penso que sim.

Simone: Ah, então e também lembrei de uma professora que falou da questão do copo de da pandemia, de como que ela sentiu falta, e você comentou isso também, né Mario? Como é que você sentiu falta dessa questão, do aluno ali perto, do corpo a corpo, do aluno te fazer pergunta?

Mario: Sim, a Salete falou aí da leitura do corpo e a gente por exemplo, quando a gente tá debatendo alguma coisa, você percebe no olhinho deles assim, se ... ou delas né? Se eles estão por dentro do assunto ou se eles estão viajando na maionese ou não? Sabe? Então é muito mais tranquilo... agora com a câmera do computador desligada, como que você sabe se o aluno tá ali ou não está ali? Sabe?

Simone: É o jeito do professor, de como que pode conduzir a aula melhor é esse *feeling*, né de olhar para aluno.

Mario: É como uma qualquer outra relação também.

Simone: É uma relação como outra mesmo. Ah não é professor então é uma entidade é separado. A gente falou muito sobre isso, é um ser humano, né? E as pessoas às vezes não enxergam como ser humano,

Salete: Voltei, ai desculpa, a diretora me ligou aqui, tive que atender...

Simone: não tem problema não tem problema não. A gente está quase, era só essa pergunta mesmo, era só a pergunta que eu fiz para o Mario que se você pudesse responder a questão do arranjo das carteiras, né que eu acho que essa é uma questão muito legal antes da pandemia até, que tem professor que ele falava que ele ele é organizava as carteiras em formato de semicírculo um formato de U né? Para ter o contato melhor, né de contato diferente com os alunos.

Salete:: Amo esse tema (risada)

Simone: Então pode falar pode falar

Salete: Menina, o que que acontece, eu tenho problema na perna, né? Então toda a escola que eu vou eu já caço um jeito de eu ter minha sala, então de manhã, eu tenho uma sala que é só minha que os alunos vem até mim e à noite como eu trabalho no eaja tem muita sala e pouca turma então lá eu também tenho uma sala então o que que acontece eu sempre chego mais cedo, né minha sala de manhã, ela é toda decorada tem muito cartaz, tem tudo e eu já fiz essa sala essa organização de cada carteiras de tantas formas, eu já fiz um eu já fiz U, um semicírculo, já fiz só círculo circo, eu já coloquei a minha mesa no meio da sala e eles ao meu redor, né? Éh eu já fiz de duplinha virada para o quadro de duplinha eles de frente para eles. Então eu é igual o M.,fala, sou totalmente líquida, eu mudo o tempo todo lá dentro, né? Eu não não tenho estabilidade nenhuma eh na sala então eu vou mudando de acordo com o que eu acho que vai ser melhor para determinadas aulas então eh hoje mesmo como eu não tenho a sala eh eu tô organizando de acordo com os protocolos, né? Então é uma carteira x um aluno aí depois é x e aluno. E aí tá ficando eles de frente para mim, né? Aí a mesa do professor eu coloco bem perto da janela para ela não ficar centralizada, né? Não gosto dela centralizada, mas na minha sala era assim. Então eu nunca eu não consigo te te responder uma é algo fixo, não tenho ela precisa. Então assim depende do do meu humor, depende da aula que eu planejei, mas eu nunca nunca - não vou falar nunca mas no início da minha carreira sim - mas depois de perceber como funciona, né eu jamais coloco uma atrás da outra e eles só para mim sabe nem quando é prova, nem quando é prova, né? Quando a prova é na minha sala eh quando era minha sala eu tento arrumar de um jeito que não fique um atrás do outro um olhar a nuca do outro, né? Mas eu sempre coloco eles ou de frente um para o outro ou de lado um para o outro eh a eu uma vez, eu fiz uma mesona enorme sabe bem no meio da sala assim e eu sentei eh do lado de uma aluna e a gente foi fazendo assim um de frente para o outro, sabe e deixei dois alunos na ponta como se fosse uma mesa de jantar pra gente discutir, e aí eu faço assim também, né? Eu busco assim é igual eu falei eu arrumo as minhas carteiras dependendo da aula dependendo, né da proposta que eu vou trazer para eles ali que eu sei que vai funcionar. Por exemplo, eu já tentei fazer aquela aquela opção da que tá dentro, né das metodologias ativas (risada) aquela aquela rotação por estação sabe ... tem uma das estratégias dele a rotação por estação aí aí que que eu fiz eu

montei uma estação do meu lado, coloquei minha mesa no meio da sala, eu coloquei uma uma rotação ficou ficou parecendo sabe quando a gente faz é *wordcloud* que a gente foi uma coisa no meio e puxa as setinhas então a minha mesa ficou no meio e eu fiz estações ao redor da minha mesa, né e montei grupos com atividades diferentes em cada estação mas com a mesma temática, né pra que eles cumprissem essas eh, cada atividade em cada estação ...eu já fiz isso também, já fiz a aula ele sentados no chão também.
Então assim eu sou eu sou muito ansiosa, gente então assim eu mudo o tempo inteiro. Aí tem dia que eu quero fazer aula no corredor, aí eu quero descer.

Mario: Já dei aula debaixo de árvore já...

Salete: Isso, a gente tem que dar aula juntas!

Mario: eh com híbridos isso fica impossível de fazer né? Porque eu não posso levar o notebook para os meninos, mas é se eu pudesse eu levaria mas é eu, nossa presencial fazia tanta coisa que no online é por mais que todo mundo acha assim. "nossa online é perfeito" é bom também, mas a gente percebeu que só online não é o suficiente, né? Tem que ter o corpo a corpo gente, não adianta.

Simone: Isso faz diferença, né?

Mario: essa leitura que a S. falou é muito importante

Salete: eu acho que eu tenho isso por eu ter essa sala, por exemplo hoje que eu não tenho minha sala que que eu tenho feito ,eu vou para sala dos alunos, né? Então eu tento organizar dentro dos protocolos então infelizmente no nesse caso eu não posso fazer nada mais dinâmico, então a sala fica o máximo que eu consigo alterar com a minha mesa lá no cantinho da janela para não ficar centralizada, entendeu

Mario: e até pra você se resguardar né...

Salete: isso mas eu nem eu nem fico na minha mesa, porque eu não consigo ficar parada, né mesmo com problema na perna eu vou aqui vou ali, aí eu quero limpar a mesa deles saio batendo álcool na mesa de todo mundo. Tá muito engraçado, esse cenário

Simone: Ai que delícia. Ai gente. Eu adorei eu não vou ficar tomando mais o tempo de vocês então.

ANEXO 4
RODA DE CONVERSA 4 – 20/08/2021 - 36m30s

Professor 9 – P9 – Professor Fernando.

Simone: Oi, Fernando, bom dia. Vamos lá vamos conversar um pouquinho? você pode falar um pouquinho de você de onde você é um pouco da sua formação da sua experiência na sala de aula.

Fernando: Eu moro na cidade de Sorocaba, São Paulo interior. E eu sou professor de inglês há 11 anos, atuando na escola pública, né assim diretamente na escola pública, mas eu já eu já trabalho em cursinhos de de idiomas né? É da língua inglesa bem antes também, acho que dois anos antes de eu iniciar na rede pública e eu sou formado em letras português inglês. Eu tenho pós-graduação em práticas reflexivas e aprendizagem de ensino e aprendizagem de língua inglesa e uma pós em docência do ensino superior e pretendo iniciar um mestrado, né? Eu também atuo na rede pública municipal agora eu já fui, eh na verdade, eu fui contratado como cargo efetivo, né, de concurso mesmo na Prefeitura de Barueri.

Simone: Bem pertinho, né aqui de São Paulo.

Fernando: E atuo na rede pública Estadual aqui em Sorocaba, né? Como como eu iniciei esse ano né na Barueri e eu continuo na rede pública Estadual. Eu na verdade eu dou aula à noite para o ensino médio e à tarde eu dou aula para o ensino fundamental do primeiro ao quinto ano.

Simone: Ah legal, tem bastante experiência, né? Isso é muito muito legal para criança para os adolescentes já né um pouco mais velhos, isso é muito legal bacan... não sei se você vai conseguir eu vou te mandar aqui um link é de cadê um site ai, meu Deus, eh chama *mentímeter*, eu mandei pelo chat, não sei se você vai conseguir acessar ou eu posso
mandar pelo *WhatsApp* também.

Fernando: Se você puder mandar pelo *WhatsApp*, essa ferramenta do *meet* não conheço muito bem ...

Simone: eu uso mais o *Zoom* também sabe eu também o mix eu fico um pouco ainda um pouco perdida, fico assim será que eu vou conseguir gravar e tal fiz até um monte de teste... te mandei, tá? Eu queria só que você colocasse três palavrinhas, assim que vier na sua cabeça eh sobre *technology in the class*... pode ser em inglês, em português você pode responder só as três primeiras palavrinhas, o que que você sente sobre tecnologia na sala de aula, lembrando das suas experiências.

Fernando: três palavrinhas?

Simone: Isso, tem três campos, e aí, você pode colocar uma palavrinha em cada campo...
Do que você vier na sua cabeça?

Fernando: você quer que eu faça agora

Simone: isso se você puder. Só para você ter uma ideia que assim que aparece para mim, né? As palavrinhas que vocês vão colocando vão parecendo para mim aqui nessa nessa nuvem de palavras. Deu certo?

Fernando: Espera aí, eu tô colocando a última palavra

Simone: então tá dando certo você conseguiu acessar é só essa minha a minha dúvida também legal. Ai que bacana.

Fernando: Já mandei para você

Simone: Legal. Você colocou eficiência? porque que você colocou?

Fernando: porque por exemplo tecnologia tem tudo a ver com eficiência porque na sala de aula porque o ensino tradicional né aquela ensino que você tem giz na lousa então você trabalhando com tecnologia eu acredito que a aula se torna mais eficiente na na aprendizagem.

Simone: Questão de que você consegue fazer coisas um pouco mais rápido também mostrar as coisas

Fernando: sim é mais rápido mais do que você eh utilizar aquelas ferramentas, né mais tradicionais porque pelo pela você usando a tecnologia, né você consegue por exemplo baixar vídeos e ao mesmo tempo você consegue fazer várias coisas

Simone: ótimo bacana, F. Obrigada F. como eu te falei também a minha pesquisa fala sobre os multiletramentos. Você já ouviu falar sobre os multiletramentos o que que vocês já ouviu falar se você já fez algum curso já procurou algum curso?

Fernando: Eh, eu nunca fiz curso né? Mas eu já tive alguma alguma matéria sobre isso

Simone: você lembra do que?

Fernando: Letramento tem a ver com tecnologia, né? Na sala de aula.

Simone: Isso! Não só né usar as tecnologias na sala de aula, mas usar os múltiplas semioses, né? Que a gente fala que além de da tecnologia é o visual, é o auditivo é o tátil, né espacial, então a gente mexer que não só com a escrita ali, né tradicional, mas também as outras formas de comunicação, a gente fala muito de tecnologia, porque é o que tá aí, né? Porque a gente tá usando que os jovens estão usando também, né? Então nesse sentido dos multiletramentos e eu tenho interesse também nas imagens. Tá é como trabalhar as imagens. Então vou trazer algumas imagens para você aqui e queria saber o que que você pensa sobre isso, tá não quer dizer que não reflete a minha a minha posição. É só assim eu trago algumas charges para ver com o professor que que a professora acha você tá conseguindo enxergar? (Simone projeta imagem Educação moderna)

Fernando: Mais ou menos

Simone: ai tá pequeno, né? Então eu tô eu tô tentando aumentar um pouquinho aqui, ó.
É, para educação moderna aí tem essa conversinha... o que te desperta, o que que, você concorda com isso?

Fernando:: Educação moderna, eu concordo sim com essa tecnologia em sala de aula.

Simone: E a respeito do que o diálogo que eles estão tendo e falar "pai, eu tenho um *laptop iPad tablet MP3 notebook smartphone* e vocês na escola, o que usavam?" A cabeça... o que a gente está falando aqui de conflito de gerações, né? Que de uma certa forma a gente fala que desprezavam tecnologia.

Fernando: é porque a gente pode perceber que atualmente né? Eu vou falar a tecnologia hoje na escola pública, eu acho que melhorou assim, mas falta ainda muita coisa ainda para ser feito tá? Não tá assim digamos 100%. Porque eu digo isso porque na verdade ainda tem aqueles professores tradicionais que ainda preferem usar lousa e o livro didático então é naquela...e eu acho que agora com essa pandemia, eu acho que aumentou mais essa consciência do uso da tecnologia, porque os professores foram obrigados a usar.

Simone: Quanto a pandemia o que que mudou? Para você que que mudou nas suas práticas bem e se os professores mesmo estiveram resistência, né? Começar a usar a tecnologia.

Fernando: Olha vou falar assim da minha realidade da minha escola, né? Que eu estava o ano passado porque esse ano eu mudei de escola também, né, mas teve muitos professores que tiveram muitas dificuldades com uso da tecnologia, eu já tinha pouco conhecimento, mas eu acho que com essa com essa nova forma de ensino, né que veio para nós para mim foi bem benéfico, porque eu consegui aumentar mais a minha a minha assim digamos assim meu conhecimento nessa área de de você criar atividades, né? Eu aprendi muita coisa de atividades que que eu poderia usar até mesmo atividades lúdicas, né que eu consegui inserir nas minhas aulas

Simone: essas ferramentas, né? Porque o que tem de monte por aí, né?

Fernando: É tem bastante..

Simone: Legal, então você o que que mudou nas suas práticas? Pode ser que você começou a explorar mais essas ferramentas.

Fernando: Eu comecei a explorar muito mais do que antes, né? Porque né na verdade você tá trabalhando online pros alunos, né, então foi favorável, né, essa essa essa interação né com os alunos e e eu tive que buscar mais conhecimentos, né para criar atividades, né? Para que eles pudessem fazer né? Porque ele estava dando aula pelo *meet* né e também isso proporcionou que eu criasse, né, por exemplo jogos ali mesmo, né porque você tá ao vivo com eles, né, e isso possibilita que você crie jogos porque existe muitos sites, né que você pode criar esses jogos de acordo com o conteúdo que você tá ensinando né, te possibilita criar jogos de acordo com esse conteúdo que você tá ministrando. Então é isso foi muito foi muito legal.

Simone: Certo bacana e aí, você falou que alguns professores tiveram uma resistência assim, né no para usar e as tecnologias, principalmente no começo, né?

Fernando: É, no começo, depois eu acho que eles acostumaram, né porque viram que não dava pra fugir né? É isso

Simone: e os alunos eu acho que eles tiveram dificuldades ou tiveram alguma resistência, principalmente no começo das aulas, né? No começo das aulas online.

Fernando: Eu acho que aluno não tem dificuldade nenhuma em relação à isso, na minha opinião acho que eles que eles não têm eh dificuldades porque eles têm certa habilidades com relação a isso.

Simone: É porque eles falam de que eles são os nativos digitais, né? Os alunos os jovens eles usam muito essa expressão assim, você acha que seus alunos não tiveram dificuldades então para mexer nas ferramentas que você propunha para eles.

Fernando: Não. Eu acho que não

Simone: legal legal .., então essa foi a primeira imagem que eu trouxe. Essa daqui é a segunda, tá muito pequeno ainda para você enxergar? (Simone projeta imagem do radinho) Legal então "quando a professora de inglês chega na aula e tem um radinho", isso eu posso falar da minha experiência, quando eu aprendi inglês também sempre tinha um radinho. E para você se lembra alguma coisa?

Fernando: Então com relação ao rádio, né, é, como professor de inglês, você trabalha muita música, né, então hoje em dia. mudou né essa essa dinâmica né? Porque hoje você pega um vídeo no *YouTube* e você consegue ali, você consegue reproduzir a música, né, sem precisar do CD do rádio ... o professor de inglês carregava o radinho para tudo, quanto é canto né? (risada)

Simone: Um monte de CDs né junto com eles então pensa eu achei engraçado essa imagem porque é antiga. Mas hoje ela vira e mexe ela aparece no Facebook. Eu peguei ela do *Facebook*, né? E aí os alunos eles sempre ficam marcando os professores, né que tem ainda hoje isso, sabendo que isso esse radinho a gente não usa mais professoras fica falada não. Eu uso aquele JBL, né? Que é pequenininha que é mais fácil de carregar e tal e não rádio, mas os alunos ainda me marcam nessa imagem, né? Então tanto a primeira tanto quanto essa que eu acho que elas são bem anacrônicas, né? Não fazem parte do nosso dia, mas é a imagem que está na cabeça, né? Parece que a ideia que fica ali na nossa cabeça. E a última? Vamos ver se você consegue. Você consegue ver? Opa! Você consegue ver? (Simone projeta imagem do verbo *to be*) Sim, quinta série oitava série terceiro ano.

Fernando: É bom dia alunos hoje veremos o verbo *to be*. É interessante porque o verbo *to be eh* tem esse estereótipo, né de que o professor de inglês né da escola escola pública principalmente ensino verbo *to be* todos os anos, né? Até o terceiro ano, né? Eu na minha visão, né? Eu vejo que o verbo *to be* ele é um... na verdade eu ensino eu ensino para os alunos assim todos os verbos, né da língua inglesa e o verbo *to be*, ele é mais um verbo, né não tem a diferença né? Então seria basicamente isso, mas essa é a visão que se tem né do professor de inglês

Simone: isso da escola de inglês ainda de escola pública era só o verbo to be em todos os anos, né? não aprendi outra coisa. Essa é a visão, né? Então são bem essas essas imagens que eu trouxe aqui são bem esteriotipadas mesmo, né de propósito, essa é a visão da escola pública, porque o meu interesse é na escola pública ... e você usa memes usa imagens nas suas aulas, mídias sociais?

Fernando: Olha eu eu assim eu trabalho a minha dinâmica assim eu trabalho bastante tirinhas, né, que você trabalha com imagem e você trabalha com com a escrita, né? Mas assim eu trabalho algum ponto gramatical antes, né? Então por exemplo, eu vou ensinar o *simple past*, né então explico né o que que eu *simple past* né o que é, a estrutura, então eu foco num ponto gramatical. Depois disso que eu insiro as tirinhas, né por exemplo, só que da tirinha você tá... esse ponto

gramatical, ele tem que estar inserido na tirinha, né? Porque os alunos já viram né essa parte e para que eles possam entender eh para que tá sendo usado, né esse ponto da gramática, né? então, por exemplo vou explicar o *simple past*, mas o *simple past* ele tem que estar na tirinha então a tirinha ela é interessante porque você trabalha a gramática e você consegue também trabalhar a parte da do do que se circula na sociedade então a tirinha ela tem esse esse intuito, né, de despertar o algo que o que acontece na sociedade né então por exemplo você você trabalha muito com essa parte, né do da de de falar algo que está acontecendo na sociedade, né?

Simone: Certo, então com a tirinha fica mais fácil de você até visualizar. Legal, então além do ponto gramatical que vai ter né? Vai ter a fala você também trabalha com o significado da imagem.

Fernando: Sim, eu trabalho bastante essa parte, até mesmo agora nessas atividades eh porque a gente possa as atividades no *Google classroom*, então a gente eu eu eu trabalho dessa forma, né? E eu acho bem eu acho bem bacana, porque você trabalha o ponto gramatical e você também depois você trabalha com a parte do dessa parte da tirinha, né que é bem interessante

Simone: bacana, o *Google classroom*. Isso tem que aprender também é uma ferramenta que você teve que aprender durante a pandemia, é isso? Alunos tiveram dificuldades para aprender para mexer porque assim com mídas sociais, eles sabem mexer né, mas e com o *Google classroom eles* estiveram algum problema?

Fernando:: Eu acho que um ou outro é bem pouquinho.

Simone: legal F., eu tava tá te perguntando isso porque alguns professores falaram "não, porque eles não sabem mexer, né nessas outras ferramentas. Eles não sabem de estar um texto no *Word*, né?"

Fernando: Mas eu acho que até mesmo quando a gente tava na presencial, eu tinha muito disso, né porque eu por exemplo eu não sou um *expert* de de tecnologia, né e assim eh eu não eu não porque eu não quero né às vezes porque a gente não tem tempo para ficar né porque isso eu acho que demanda tempo também, né pra você conhecer muita coisa, né porque eu tenho um parente meu que ele assim ele se você pergunta tudo para ele, ele sabe né eh e uma coisa que eu demoraria muito para para tentar entender ele consegue fazer isso, né rápido, então até mesmo a gente estava nas aulas presenciais e muitas coisas que eu não sabia, né até mesmo aluno vinha e explicava como que fazia, né?

Simone: então a gente consegue aprender muito com os alunos também, né? Essa troca que é que é bacana? Legal, eu acho que algumas eu já perguntei para você, né? Como as tecnologias são usadas nas suas aulas. E como foi a sua formação, em relação às tecnologias?

Fernando: A minha formação eu posso dizer assim por exemplo na graduação eu não tive porque eu fiz a minha graduação faz uns 10 anos atrás, né? Eu acho que essa parte da tecnologia bem recente, né? Eu fiz uma pós na na PUC e eu tinha uma disciplina que que era sobre tecnologias e eu aprendi muita coisa também ali, como como usar... então eh a minha formação posso dizer que é mesmo na prática mesmo, né vai perguntando um para outro, né alguém que sabe mais e até mesmo agora na no governo do Estado de São Paulo, eles colocaram os professores de tecnologia, né? Cada escola tem um professor e eu acho isso bacana, porque antigamente não tinha aí hoje tem e hoje você consegue muita coisa que você não sabe você consegue perguntar para ele, ele consegue te ajudar.

Simone: Ah que legal. Não sabia disso. F., é um professor que fica para isso para ajudar vocês a dar o suporte para os outros professores

Fernando: Isso é uma novidade, começou esse ano por causa da pandemia, né então esse professor ele é contratado ele... é claro que tem que passar por um processo seletivo, né porque ele tem que conhecer bem a parte de informática, né de tecnologia é e ele fica na escola, né ele ganha por isso, né e aí ele fica ali para auxiliar os alunos e os professores

Simone: Olha, novidade mesmo, não tinha ouvido falar que legal, você já procurou ajuda dele?

Fernando: já

Simone: e te ajudou, é bacana isso. E essa daqui eu acredito que seja a última. Você concorda que a utilização das imagens visual auditivo espacial é importante para transmitir informação ou uma mudança significado como o arranjo das carteiras da sala, por exemplo, porque tem professores que eles mudam a configuração da sala com formato semicírculo, né? Ou fazem grupos, você acha que isso faz diferença? Quando era presencial, né?

Fernando: eh, eu não entendi a pergunta, por exemplo você concorda que a utilização das imagens é importante para transmitir informação.

Simone: Isso, e essa questão das carteiras porque a gente chama de imagens visual auditiva espacial, né? E aí eu pensei no espacial no arranjo das carteiras. Esse é o exemplo do arranjo das carteiras em formato de de semicírculo os alunos sentados, né, semicírculo ou enfileirados. Que diferença que isso faz nas suas aulas se faz né? Se faz né, alguma diferença.

Fernando: então, eh, eu acho que se você mudar... depende do do momento, né? Se você quiser transformar sala em círculo e você... ou você quiser fazer enfileirado eu acho que isso não influencia em nada. Eu já fiz isso de você colocar eles em círculo, né e eu acho que também é uma maneira de eles interagirem também, né, e mudar eh porque dá uma uma impressão de que eles estão mais próxima de você, né e eu já fiz isso. Por exemplo, quando eles vão fazer por exemplo um seminário, por exemplo um trabalho de apresentação oral, né então eles o grupo se apresenta e eles ficam em círculo, né, o restante da sala para poder ter mais esse contato, né?

Simone: Ótimo, é exatamente isso fala essa questão do corpo, né? Até mais mais proximidades de como professor, ele fica em relação aos alunos, é muito bacana... e durante a pandemia? Essa é a questão do corpo da gente fez falta para você, só perguntando em relação a um sentimento do professor mesmo.

Fernando: Sinceramente eu senti muita falta mesmo do contato. É porque é uma coisa nova, né? Uma coisa que ninguém esperava e eu acho um pouco (...) sobre esse contato,

Simone: então, mas está voltando presencial. Você voltou presencial né? A coisa que eles mais sentiram falta era de chegar ali perto ali do aluno, que coisa que eles não faziam nas câmeras ou desligam as câmeras, você não consegue nem ver, né?

Fernando: É porque é interessante, né? Porque quando eu tava dando aula pelo m*eet*, né algumas atividades eu queria que eles eh eram atividades orais, né? Então tinha que ter eh a interação deles e muito não ligavam as câmeras, né? Ficava essa essa timidez, né de querer falar

e assim alguns participavam né? Mas era muito poucos, né? Eles mais escreviam, né? Eles preferiam escrever do que falar... é complicado e até mesmo uma coisa que aconteceu agora nessa volta, né porque principalmente porque eu dou aula no ensino médio, né à noite e vai tá indo alunos por rodízio, né? Então o que eu percebi é que quando eu tô dando aula, né e às vezes eles estão muito calados eles são muito quietos eu não sei porquê dessa... acho que esse essa volta, né? Acho que criou essa barreira, né porque a gente estava acostumado com eles agitados, né? E hoje eles estão bem mais quietos, né? É prestando atenção, né

Simone: isso no presencial mesmo.

Fernando: Isso mais eu percebo no ensino médio, no fundamental também tem isso algumas classes, né...eh porque na verdade são tem poucos alunos na sala, né eu não sei se é por causa disso também dessa, né esses poucos alunos da sala, eles ficam meio retraídos, né?

Simone: Então por causa do rodízio, você tem além disso, você tem menos gente eles ...os pais não são todos os pais que estão enviando os alunos e aí quando eles chegam na sala, eles ficam tão mais tímidos ...entendi, olha que legal

Fernando: Isso tá acontecendo, né? Não é só eu que percebi isso aí eh vários professores da escola perceberam né, essa essa falta essa essa introspecção deles né? Eles estão ouvindo a gente falar, a gente tá dando aula, eu acho que a aula acho que tá sendo bem mais proveitosas se no sentido de que a gente tá conseguindo dar aula, né? Mas a gente não tá tendo a interação deles, né?

Simone: E no online tinha até uma interação maior né? Pelo que você falou no chat, eles conversavam. E por que que será então que quando eles voltaram o presencial eles ficaram mais timidos? É pra se pensar, né?

Fernando: eu não sei se é por ter esse número reduzido, né a sala tava... porque praticamente 50% da sala não tá presente, né, então seria basicamente isso, né (pode ser) eu estou dando aula, né? Eu eu tô eu explico explicando mas aí eu peço assim para eles eh interagirem no sentido de que eles me deem um exemplo, eles eu faço alguma pergunta, né? Para que ele para que eles interagem para que eu não possa ser só o professor falando, né?

Simone: Sim, entendi. E mesmo aqueles alunos que você já conhecia antes, né? Antes da pandemia que sabia que era mais agitado quando eles voltaram retraídos... eles voltaram a retrair eles também.

Fernando: Na verdade esses alunos que eu ...essa escola que eu estou esse ano é uma escola nova, então eu não conhecia a eles ainda. Mas pelos professorem que estão mais antigos na casa, né eles relatam, né essa essa falta de interação dele de introspecção, né que eles têm né?

Simone: legal Fernando, eu acho que... era isso então que eu queria te perguntar eu vou interromper aqui já gravação.

ANEXO 5

PERFIL DO PROFESSOR

CONTE SUA EXPERIÊNCIA: O QUE A/O LEVOU a estudar inglês.

No ensino médio, devido à necessidade de acompanhar a professora. Acho que a turma toda começou a estudar inglês. A professora era muito rígida e graças a ela eu comecei a estudar inglês de verdade. Ao longo do tempo eu me envolvi cada vez mais com a língua e acabei buscando um curso de Letras com o objetivo de melhorar os meus conhecimentos sobre a língua portuguesa, no entanto o curso de inglês foi bem melhor. Naquele momento eu não pretendia trabalhar como professor, mas nos últimos ano da graduação eu me comecei a dar aulas e percebi que era mais feliz como professor do que como publicitário (minha profissão naquela época).

Paixão por línguas

Paixão. Desde o primeiro contato na quinta série e queria muito entender as músicas do Backstreet Boys

Por meio de músicas, séries e redes sociais. Esses trânsitos contemporâneos contribuíram para que eu contatasse outras pessoas, de outras lugares, de outras culturas, para aprender novas linguagens.

Sempre gostava do Inglês na escola desde da 5 serie, e que por sinal tive ótimos professores e que me motivou aos 15 anos estudar para aprender a se comunicar

Comecei a gostar de inglês na primeira infância, ao ter contato com um canadense que trabalhava com meu pai. Na escola, comecei a ter aulas de Inglês na 2ª série do ensino fundamental (atual 3º ano) e segui aproveitando as aulas da escola. Quando adolescente, decidi fazer um curso de Inglês, no momento em que foi possível pagar. Eu sempre gostei do contato com língua estrangeira, culturas diferentes. Ainda adolescente, percebi que queria ser professora. Por esta razão, no 3º ano do Ensino Médio resolvi prestar vestibular para Letras (Inglês).

Influência da família, principalmente da minha mãe.

COMO Você aprendeu inglês? NA ESCOLA (OU CURSO DE INGLÊS) OU FORA DELA?

Eu aprendi inglês em escolas de idiomas, na faculdade de letras, e muito em estudos individuais.

Curso de inglês

Fora das escolas, mas fiz alguns cursos em escolas de idiomas

Primeiramente, tive uma aproximação maior com a língua por meio de músicas, séries e redes sociais. Depois é que procurei formalizar esse processo.

Posso dizer que aprendi 1 ano com uma professora particular a questão gramática e estrutura, mas aprendi mais ouvindo áudios (CDs, DVDs).Sempre ouvindo músicas e assistindo séries.

Considero que comecei na escola regular e depois aprofundei no curso de inglês.

Na escola regular, e fora dela estufando sozinho, a maior parte do tempo

O que o/a levou a seguir a carreira docente? E por que na escola pública?

Eu gosto de estar com pessoas e a carreira me propiciou isso. Na juventude, eu jamais pensei em seguir a carreira docente, mas à medida que o tempo foi passando e as oportunidades foram surgindo, eu percebi o quanto eu gosto de trabalhar com educação em salas de aula. A escola pública esteve sempre presente na minha carreira, tanto na Escola de Aplicação quanto na Rede Municipal de São Paulo, vivendo experiências boas e outras menos felizes. Acredito que atuar em escolas públicas seja muito importante na formação de professores, pois temos que lidar com a falta de recursos e inúmeras adversidades, mas apesar de seus problemas, é importante usarmos nossa criatividade para superar obstáculos e trabalharmos em prol de uma escola pública de qualidade para todos e todas.

Decidi ser professora porque era um sonho desde criança. Trabalhar na escola pública foi a oportunidade que surgiu.

Fui escolhida pela minha profissão, queria ser jornalista e quando fui fazer estágio de língua inglesa, me apaixonei pela sala de aula.

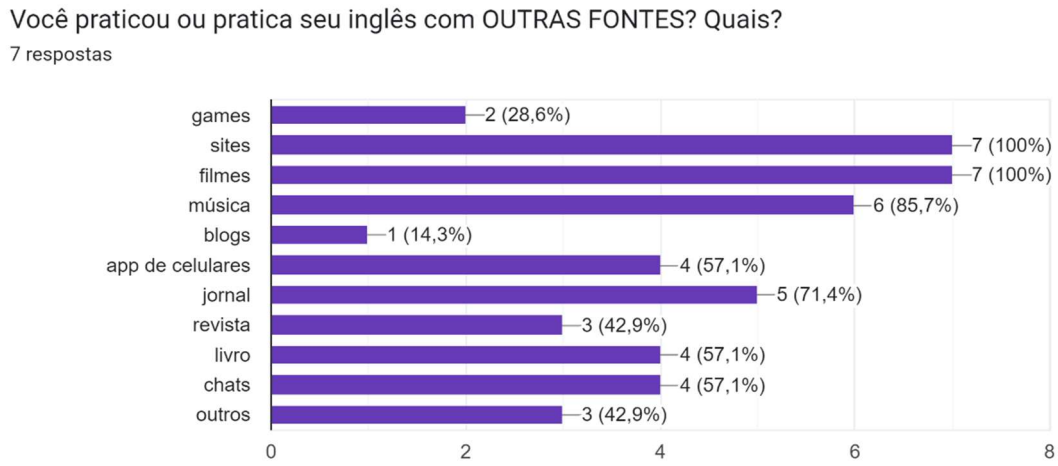
Além das professoras que me inspiraram a seguir carreira, descobri que gosto de ensinar e aprender inglês em sala. Hoje, alinhado a uma perspectiva crítica de educação linguística, vejo o quanto nosso trabalho é importantíssimo, pois temos a oportunidade de problematizar práticas lingajeiras que causam sofrimento humano e fazer a roda do conhecimento girar, ressignificando práticas e discursos cristalizados em nossa sociedade.

Dava aulas particulares em casa e escolas de inglês. Depois isso me motivou a fazer o curso de Letras e a lecionar na escola pública com intuito de melhorar o ensino de lingua inglesa.

Escolhi a carreira docente porque sempre gostei de estudar e compartilhar o que sabia, gostava de ajudar meus colegas e também meus irmãos nos estudos. Fui trabalhar na escola pública a princípio porque seria uma oportunidade de retornar para minha cidade/estado via concurso público. Além disso, eu sentia falta desta experiência na minha carreira profissional, visto que eu tinha trabalhado com ensino regular apenas na rede privada. Eu desejava saber como era trabalhar na educação básica pública.

É a melhor oportunidade para minha formação, que é a de professor de inglês. E trabalhar em escolas públicas significou me tornar funcionário público, o que também é uma ótima oportunidade.

Você praticou ou pratica seu inglês com OUTRAS FONTES? Quais?

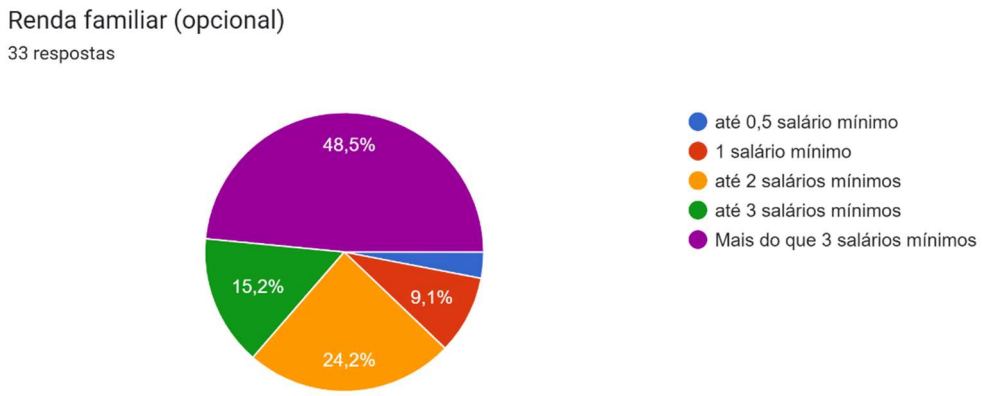


Se adicionou outros na última pergunta, quais?

Série
Com nativos.
Conversa via WhatsApp (síncrona e assíncrona) com amigas estrangeiras

ANEXO 6

FORMULÁRIO DO ALUNO



Seus professores utilizam tecnologia na sala de aula? Utiliza vídeos, imagens, memes, para além do livro didático? Realiza dinâmicas com o corpo? Projetos para além do espaço da sala de aula? Explique.

Sim
Sim, utilizam imagens ou apresentações para facilitar o entendimento, muitas poucas dinâmicas com o corpo que raramente projetos fora do espaço de aula
Sim, meus professores utilizam tecnologia na sala de aula, como vídeos, imagens, memes e músicas . Também, às vezes, realizam dinâmicas com o corpo. Fazem projetos para além do espaço de sala de aula, como recitação de poesia para outras pessoas.
Sim, os professores fazem bastante uso do data show instalado na nossa sala, apresentando vídeos, imagens, textos, documentários...
Sim, utilizam vídeos, imagens, memes, filmes e documentários normalmente. Mas normalmente não fazemos dinâmicas com o corpo.
Sim, eles utilizam vídeos, imagens e música.
Utiliza sim, como vídeos do Youtube, ou também slides para fazer as aulas ficarem mais dinâmicas. Gosta de pegar memes para estimular a curiosidade para saber do que está se tratando, e se interessar mais no aprendizado da língua inglesa.
Sim, utilizam várias formas didáticas que despertam interesse nos alunos.
Sim, usa vídeos lições online
Sim, eles utilizam. Eles usam slides, imagens, livros didáticos, alguns utilizam o corpo para dar mais força ao cérebro.
Sim, utilizam de diversas formas para explicar o seu conteúdo, desde musicas até jogos, porém geralmente em sala de aula.
Sim, os professores utilizan diversas linguagens além da escrita na lousa, como videos, memes, atividades interativas e etc.
Sim, maioria das aulas são utilizados imagens, vídeos e às vezes memes. Não usamos muito o corpo pois geralmente não temos tanto tempo de aula

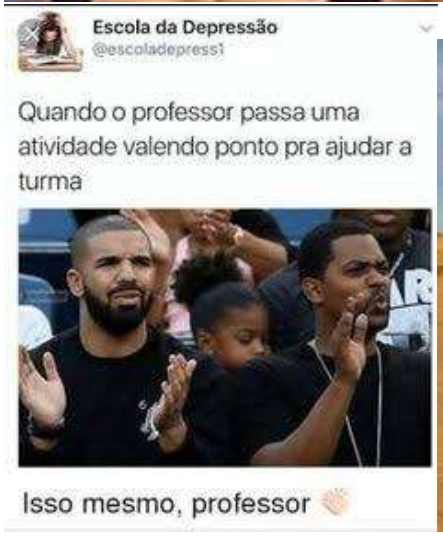
Sim, usam slides para apresentar a aula
Sim, eles utilizam vídeos, fotos, memes e também mostram posts na internet.
Sim, sim, sim, sim; alguns professores buscam atividades que vão além da sala de aula, para dinamizar as atividades
Sim, nossa escola é rica em diversificação de atividades e espaços.
Sim. Na sala nós utilizamos um telão para apresentar vídeos onde temos acesso a internet, por exemplo. Além disso, temos aulas de arte onde nos deslocamos para espaço diferentes como teatro e outros espaços abertos.
Sim, elea usam o pc para passar slides
Sim, são usadas várias técnicas
Sim, passam músicas nas aulas, slides com imagens e textos, oferecem Wi-Fi na sala de aula. Também realiza dinâmicas com o corpo, como mímicas e etc.
Sim, a maior parte deles usa todos citados acima.
Sim, eles utilizam vídeos imagens etc.
Sim, o professor usa vídeos, músicas, imagens, algumas vezes ele também faz aulas que temos que usar mímicas ou "atuações".
Usam tecnologia, ainda mais agora em tempo de pandemia. Utilizam vídeos,.imagens e raramente meses. Realizam dinâmicas com o corpo as vezes. Tem projetos pra além do espaço de aula também.
Sim, eles gostam de sair um pouco fora do padrão
Mas aulas são usados os computadores e vídeos do yt. A frequência do uso desses matérias aumentou depois a pandemia
Sim, As vezes sim, tem vezes q nos fazemos aula no pátio
Sim, músicas, exercícios com mímica, vídeos etc.
Utilizam vídeos, imagens e algumas vezes projetos
Sim , eles usam mais a tecnologia hj em dia do que livros
Utilizam mais a tecnologia, porém as atividades onde o corpo é utilizado, são usadas
Sim. Não. Alguns sim.
Sim, videos e imagens, raramente ultiliza dinâmicas corporais
Sim, normalmente eles usam o projetor, livro, caderno, jogos interativos, já que eu sou nova não seu se normalmente eles fazer atividades com dinâmicas de contato físico.
sim, ele utiliza vídeos, imagens, memes, músicas...
Sim,a minha professora trabalha de forma didática com a classe através de memes,músicas e slides.

<u>Como você se sente? O que você aprende com tudo isso?</u>

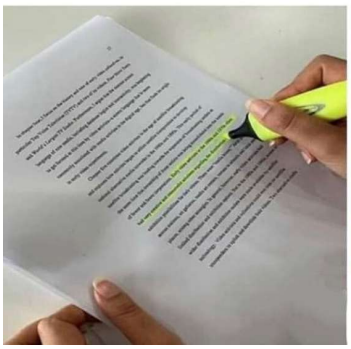
Acho essencial
Limitado, sinto que poderia aprender mais, mas o desanimo acaba sempre me deixando pra baixo
Eu me sinto muito bem, porque ficar sentada em uma cadeira enquanto o professor só passa tarefa ou fica explicando de forma tradicional é tediante e cansativo. Eu aprendo muito, de uma forma mais fácil, e percebo que há diversas formas de se explicar um conteúdo.
Me sinto privilegiado e um pouco triste, pois vejo que a maioria esmagadora das escolas não têm esse privilégio. Recebo um texto, impresso, e logo penso nas escolas que não têm condições disso, e são obrigadas a passarem o texto no quadro para que os alunos copiem.
Eu acho uma maneira legal de aprender. Pois por esses meios boa conseguimos ver e entender mais do conteúdo.

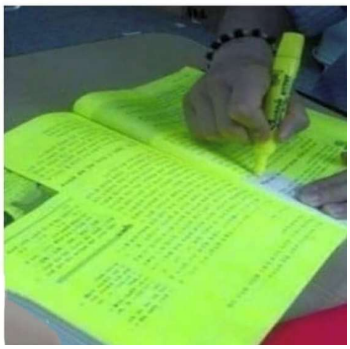
Me sinto bem, aprendo a conhecer novas culturas e me sinto mais informado com vídeos instrutivos.
Eu aprendo algumas variações e significado de algumas expressões ou tempos verbais que são utilizados no Inglês.
Com esses métodos me sinto com mais fome de aprender. Aprendi a valorizar mais meus professores, porque por mais que prende melhor nossa atenção, é trabalhoso para eles.
Aprendo com a tecnologia nova
Aprendo bastante, principalmente com imagens representativas. Me sinto bem exercitando a mente e lendo bastante.
Creio que é mais fácil de fixar por ser experiencias diversificadas.
Eu sinto que todos esses métodos diferentes deixam mais descontraído a aula e torna mais dinâmica, também aproximam os professores dos alunos.
Eu me sinto melhor, como se ficasse mais fácil de entender a matéria e alivia o stress do dia
Acho que colabora muito com o nosso aprendizado
Bem. Um monte de coisa
Sim, é uma forma descontraída e nos ajuda a aprender
Me sinto bem, aprendo que as vezes sair da mesmice pode ser uma grande passo para o aprendizado.
Aprendo a interagir com as pessoas e lugares.
Que o aprendizado vai muito mais do que a sala de aula e que dessa forma, é muito mais fácil e dinâmico de aprender.
Tudo
Me sinto ótimo
Eu gosto, pois não fica só em tecnologia, usamos livros e o corpo também.
Tudo isso faz com que eu me interesse mais pela aula e me dedique mais às aulas.
Aprendo de maneira mais fácil
Acho muito bom, é mais mais didático e da mais vontade de prestar atenção e entender.
Acho que é muito bom pq descontrai um pouco e faz a gente ficar mais interessado, a aula não vai ser tão chata e só escrever ou anotar. Mas não gosto se dinâmicas com corpo
Eu gosto, é divertido
Não muda mto, n acho q faz tanta diferença (talvez eu nem lembre como era antes da pandemia)
Eu me sinto meio estranho, eu sinto q aprendo mais facil
Indiferente, aprenderia da mesma forma caso o ensino fosse mais conversador
Me sinto mais conectado e facilita o meu aprendizado
Bem.
On-line eu não aprendi nada, mas ter a tecnologia na sala e muito bom , temos acesso ao Google e isso facilita tudo
Bem, a movimentação ajuda em manter o corpo bem. A tecnologia ajuda bastante, porém em aspectos atrapalham
Bem, até melhor do que ficar no mesmo ambiente sempre.
Gosto do jeito dele de ensinar com a Internet, aprendo mais desse jeito.
Me sinto bem, quando entendo a matéria.
Dessa forma eu consigo aprender mais do que apenas com o livro didático.
Eu amo conhecer novas músicas internacionais,então as aulas que trabalhamos com música me fazem ter mais atenção na aula e aprenda com mais facilidade.

Responda com um meme/emoji/sticker como a tecnologia te faz sentir.

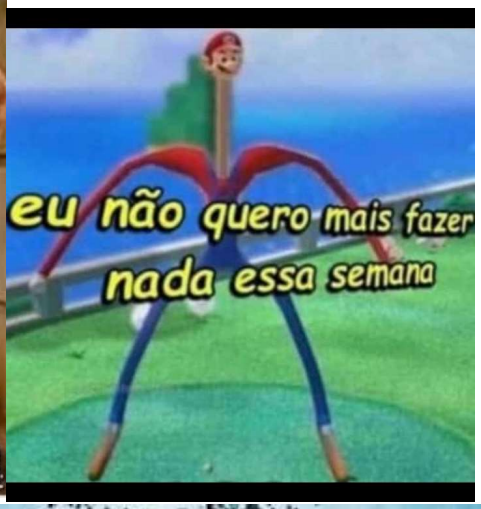


- Marque somente o que você não sabe
Eu:





15% 09:27
SE TOMA VERGONHA NA CARA
E VAI SE PROCURAR TRABALHAR


eu não quero mais fazer
nada essa semana

Ai xereca...:/

aleluia kkk

Explique

Feliz, porque além da tecnologia trazer inovações, vc pode reinventar ela como vc quiser
Quando eu tô usando tecnologia as vezes é tanta coisa que fico sem saber o que fazer, sem saber o que to fazendo, onde estou kkkkkkkkkk
A tecnologia me deixa fascinado, pois a cada dia aprendemos mais com ela, e a cada dia mais ferramentas incríveis são criadas.
Acho uma ferramenta legal, mas hoje em dia não é algo muito empolgante devido ao uso constante da tecnologia.
Pepita sorrindo, feliz.
Ela me faz sentir feliz, pois qualquer conteúdo que eu quiser conhecer mais um pouco, basta realizar uma pesquisa, e também possibilitou o aprendizado de outras várias maneiras.
Me refiro a esta imagem porque antes da tecnologia ir para as aulas a fixação sobre o conteúdo era mais lenta.
N sei oq colocar
Não consigo adicionar um arquivo :(porém se fosse pra colocar um, colocaria o meme do drake recusando as formas padrões de aprendizado, e em seguida ele gostando das formas diferenciadas.
Não consegui colocar a imagem, mas era o meme do "mais ou menos", pois eu utilizo muito a tecnologia, no caso para estudos e jogar, porém considero ela nociva, tanto pelo ambiente tóxico em algumas redes sociais, tanto pelo enfraquecimento das relações sociais quando um amigo só fic ano celular, e bão aproveita o momento, por exemplo.
Me sinto bem, algo que eu necessito no dia a dia para as coisas mais básicas e avançadas
I
Sempre que precisamos os professores fazem o possível para nós ajudar
Não consegui adicionar arquivo
;-;
Não consegui carregar o arquivo.
Nao tenho meme
□
tudo que é usado nas aulas é tecnologia, então não entendi a pergunta.
As imagens ajudam a compreensão sem muito texto.
A tecnologia é boa pra estudar mas também me atrapalha para me concentrar, aí eu fico assim.
A tecnologia é boa mas pensando no meu celular/computador Eu acabo usando demais e não querendo mais fazer as coisas que preciso, fico sem vontade de fazer pro resto da semana E me afundo na internet. Tirando isso a tecnologia é boa pra nossa vida, me ajuda bastante.
(□) é legal
...
Muita informação pra minha cabeça.

Feliz □
Eu gosto muito do galo sego , ele é engraçado
□: me deixa feliz
.
□✌□

Como a tecnologia te faz sentir? Escreva 3 palavras que vierem a sua cabeça.

essencial, desafio, aprendizagem
Feliz, empolgado, criativo
Esquecida, curiosa, perdida.
ilimitado, preso e fascinado
Segurança, confiante, curiosidade
Inteligente, futuro e conhecimento.
Privilegiado, aliviado e feliz
Sempre conquistando conhecimento.
Feliz Bom Legal
Depende, feliz, animada e com ansiedade.
Acomodado, praticidade e ansioso.
Curiosidade, medo e entretenimento.
Feliz, saudável, contente
Inteligente melhor e feliz
Ajuda, facilidade, agilidade
Feliz, avançado e a frente do tempo
Moderno, Feliz, Alegre
Facilidade,
Bem, entretido, alegre
Inteligente, burra e feliz
Feliz, distraída e rápida.
“
Poggers, based, chad
Distração, Auxílio e Dinheiro
Me ajuda, cansada
Avançada, sabia e geniosa
Útil, inútil e ocupada (??)
Ela me faz sentir bem, as vezes triste e muitas vezes bravo
Confuso, felicidade e distração.
Conectado, entretido e animado
Aquela história, te ajuda em um
Inteligente ,conhecimento , opções
Bem, inteligente, util
Feliz, triste e horrivel
Feliz, raiva e triste
"O cara".

E com a pandemia, o que mudou nas suas aulas?

Tudo
tudo, incrivelmente, tudo virou online do noite para o dia
a forma de aprendizado e a dificuldade de aprender certas matérias
Elas tiveram que ter inovações, eram realizadas via plataformas digitais, então a tecnologia foi de grande valia nesse período
Muita coisa, o EAD, por mais que tenha uma boa intenção, não conseguiu prender a minha atenção. A experiência de ter uma aula na sala de aula, ou no seu quarto, são completamente diferentes. Pra conseguir aprender de verdade as matérias passadas, você tem que se esforçar

10 vezes mais do que quando está indo pra escola. E muitos não estão dispostos a se esforçar tanto, acabam não aprendendo nada.
Elas ficaram 100% online por uns meses, mas em outubro já voltou 100% presencial
Mudou a rotina e a organização do espaço.
Quando estava nas aulas online, o professor tentava a participação dos alunos, fazendo aulas de conversação, pedindo alunos para lerem. Agora com as aulas presenciais voltando, estamos tentando nos readaptar com o professor tentando outras formas de aprendizagem.
Mudou a forma que estudamos, agora somos mais autodidatas.
Elas viraram on line e mais difícil de acompanhar
Muitas coisas, as aulas passaram a ser online e aumentaram a quantidade de atividades. E tudo remoto se torna mais difícil, tanto para aprender quanto para tirar as dúvidas.
Durante o EAD, senti menos envolvimento da minha parte com a escola.
Muita coisa, a frequência de aulas, consequentemente o conteúdo foi reduzido e pelo fato de eu estar no últimk ano do EM, é algo do qual não tem como recuperar.
A pandemia fez uma grande inovação nas escolas que agora usam métodos nunca antes utilizados para o ensino
Todas online, prejudicou muito
A tecnologia ajuda, porém prefiro que seja presencialmente, já que o EAD tem muitos problemas.
Minhas aulas passaram a ser todas online
Ficaram mais cansativas / Desgastantes
Houve um maior uso de tecnologias em sala de aula.
Antes nos não tínhamos Wi-Fi liberado para usar durante as aulas, hoje temos.
tive, durante a pandemia, menos atenção individual dos professores.
Me deixaram com dificuldade de prestar atenção nas aulas.
Mudou muito, foi muito difícil de conseguir me adaptar a lições e aulas online.
Tudo.
Muita coisa, eu sinto que eu fiquei mais focada nos estudos
A dinâmica das aulas
Com a pandemia foi muito chato as aulas
Ficaram mais difíceis de entender, já que online estando na internet ficamos sujeitos a mais distrações e o professor não tem controle disso.
No ead praticamente tudo, dificultou muito mais, porém com o tempo me acostumei
Aprendizado
Tudo muito , fiquei mais burra do que já era , por que não consigo entender de jeito nenhum, pode parecer estranho , mas é horrível
A frequência das aulas, o jeito de ser feito as coisas
A falta de entendimento.
Nas aula online não aprendi muito, mas minhas notas foram bem melhores rs...
As formas de interação e compreensão.
não aprendi direito
Os materiais não precisavam ser empressos tínhamos tudo em pdf's e isso facilitou muito.

O que esse meme te faz pensar?

não entendi
não vejo diferença em chamar de americano e estadunidense
Que os "americanos" não deveriam ser chamados de americanos, visto que não é somente quem mora nos Estados Unidos da América que está na América. Tem muitos outros países americanos, por isso o mais coerente é ser estadunidense, e é o que nós, habitantes desses outros países, fazemos.
Me faz lembrar de o quanto os estadunidenses se acham o centro do mundo, se acham o melhor país do mundo. Se você perguntar pra um estadunidense o que é a América, grande parte não sabe que é o nosso continente, e sim o país deles.
Que os países americanos preferem chamar os que nascem nós EUA de estadunidenses, pois todos nós somos Americanos, já que nascemos na América.
Que devemos chamar os moradores do EUA de estadunidense.
Todos estes países são americanos, por isso o uso correto para os EUA seria estadunidense.
Nos faz pensar que todos que fazem parte da América do Sul e norte são americanos.
Que todos nós somos americanos n só o Estados Unidos
O continente americano, não vê o Estados Unidos incluso. Visto que ele é uma potência fortíssima, todos também vêem ele com total independência, então incluir americano parece ser errado.
Que os demais países da América se incomodam com o fato de que a população dos Estados Unidos se referem a eles como americanos.
Que estadounidenses deveriam ter aulas de geografia.
Que América não é um país como estadunidenses dizem e que apenas eles são americanos
Estadunidenses se acham os únicos americanos mas a América é um continente inteiro
Normal
Está correto afinal estamos falando de uma pessoa que nasceu nós Estados Unidos e não do Continente Americano.

Me faz pensar que classificamos os americanos da nossa forma
Que chamar quem nasce nos EUA de Americano está incorreto.
Que norte americanos são burros e não sabem que existem outros países na América.
Que os paises da america nao gostam de chamar as pessoas do EUA pelo nome americano e sim pelo estadunidense
Não sei
Não entendi.
.
Que estadunidense é tudo egocêntrico que consideram os EUA como América inteira
Que não queremos ser indicados como os mesmos que os estadunidenses.
Me lembra como muitas pessoa as moram nos Estados Unidos ficam falando que são ameriacas como se só elas fossem e vivessem na América, mas existe ainda a america do Sul e todos nós somos americanos.
Faz que os estadunidenses esquecem que vários outros países são nomeados como "americanos" também, porque nós também vivemos na América.
De q os estadunidenses Acreditam ser os únicos americanos
Pior q eu nao sei sorry
Confuso, não entendi.
Esse meme me faz pensar que os estadunidense são conhecidos como americano, quando na verdade America é o país onde o país está
Engraçado rs
Que é mais "legal " falar o nome certo da nacionalidade
Pois todas as bandeiras mencionadas são americanos, porém sul-americanos ou centrais
Que chamar alguém de americano abrangeria toda região da america não se estados unidos
Nada
Americanos são pessoas que vivem na América não só nos Estados Unidos
não sei
Eu não entendi direito, talvez minha dedução doque expressa o meme deva está errada.

O que esse meme te faz pensar?

kkk funny
sempre tem oq melhorar mais.
Que geralmente quando uma pessoa estuda inglês, ela estuda só o básico, o que acha que realmente vai usar, mas na realidade é bem diferente.
Muitos acham que aprender outra língua é fácil, aprendem o básico, não procuram praticar nada da língua, e pensam que são fluentes.
Me faz rir e me identificar.
que temos um ensino fraco, infelizmente.
Esse meme me fez pensar na quebra de expectativa de estudar inglês para viagem, e de como é quando de viaja
Entendo que quando você está em um país que a origem linguística é inglês diferencia-se do que estudamos na escola, pois existe muitas gírias e é falado mais rápido.
É um meme brasileiro mais quando vc acha q tá bom pra falar inglês ou outras línguas chega no país quase n entende
Na prática é outra a realidade, acabamos ficando nervosos esquecendo como se fala as palavras e as conjugações. Então este meme é total realístico, ocorre muito.
Que o inglês teórico é mais fácil do que o inglês praticado no exterior.
Quando eu viajei pelo menos, no inicio, pela falta de pratica do inglês com falantes nativos, eu me sentia nervoso de falar alguma cosia errada e acabava travando um pouco, mas depois passou.
Me fez pensar que estamos indo muito bem em alguma coisa e no final nem tanto
Falar com nativos é muito mais complicado
Normal
É exatamente assim que me sinto.
Me faz pensar que as vezes nós pensamos que estamos bem, porem ainda precisamos melhorar muito
Que as interações em outros idiomas são mais difíceis do que parece
Na nossa cabeça nosso inglês é muito melhor do que cobseguimos mostrar para o munfo.
Expectativa vs realidade
Burro
Na prática é mais difícil.
.
Hi Lorena está ultrapassado, as pessoas ficam com receio de falar inglês em frente a pessoas que tem o inglês como sua língua mãe.
Que ultilizar o inglês de verdade é mais difícil do que pensamos, quando treinamos parece fácil mas não é bem assim.
Faz pensar que vou ser exatamente assim, acho que to bem mas quando vou falar sai tudo errado.
Faz pensar que na hora da pressão, na hora de utilizar o idioma, temos um esquecimento de todo nosso aprendizado.
Quando vc vai praticar o novo idioma em outro país é mais difícil
Que eu provavelmente vou estar assim
Que estudar inglês sozinho é de fato mais fácil do que falar com algum nativo em outro país.
Me faz pensar que as pessoas acham uma coisa quando estão estudando inglês, e quando vão para a prática ve como realmente é
Né representa.
Que vc acha que fala super inglês, que ja domina a lingua , mas quando vc viaja , não consegue desenvolver kkk
Pois na hora de treinar, o cérebro consegue. Mas na hora de por em prática já é diferente

Que a teoria é diferente da prática
Q falar com alguém q não sabe é fácil
As pessoas pensam que inglês é só o teórico esquecem da parte prática
que na prática é difícil
O exemplo é de uma pessoa que não está realmente preparada.

O que esse meme te faz pensar?

.
muita coisa, muito interessante
diversas maneiras de aprender inglês
Que memes, por misturarem a linguagem verbal e a não verbal, fazem as pessoas aprenderem melhor o inglês, até porque memes geralmente são humorísticos e isso coopera no aprendizado.
Que existem várias formas de aprender inglês, mas que se não correr atrás, praticar e pesquisar sobre a língua, não vai pra frente.
Que realmente é assim que funciona, amo aprender inglês com memes
Que os memes nos trazem muitas referências e aprendemos muito.
Das diferentes formas de aprender inglês presentes atualmente, e que a "melhor" seria com memes
Que para aprender inglês é mais dinâmico ser em meme.

Aprender inglês é mais fácil pelos jogos e meses do q em aula ou em curso
Que já ler este meme em inglês é um imenso avanço, jogar jogos ajudam e beneficiam. "Para que fazer um cursinho se você aprende com jogos?". Então com isso este meme se torna prático.
Que quanto mais fora do padrão a forma com que voce aprende ingles, mais voce vai estar transcendendo.
Muitas pessoas aprendem o inglês ateavés de outros meios além das escolas, eu por exemplo, tive minha base em músicas e jogos, e quandk entrei em uma escola de idiomas pulei diversos niveis por conta disso.
Formas diferentes de aprender inglês sem ser na escola e em cursos
Que é legal aprender inglês com memes
Nada
Parte dos meus aprendizados de Inglês realmente foram através de vídeo games e memes
Me faz pensar que eu estou bem em ingles kkkkkkk
STONKS
Temos potencial para aprender inglês das formas mais variadas possíveis.
Tédio
Não entendi.
Meh.
Que podemos aprender inglês de várias formas.
Me lembra que eu queria aprender inglês pra também conseguir ler mangas.
Faz pensar que estudar com memes faz você entender as coisas mais fácil
Q até coisas pequenas como memes no twitter podem te dar algum aprendizado
Que os memes sao bons pra aprender ingles
Que podemos aprender inglês com outras coisas além da aula.
Que aprender inglês lendo memes é de uma forma mais divertida e logo melhor
Acho q é mais ou menos isso kk.
Que vc aprende inglês de jeitos mais improváveis
Que usei o meme para ler em inglês, quando a última parte já estava em inglês.
Me faz pensar que, coisas mais interessantes chama-o mais atenção ao invés de aulas
Sla
Aprender se divertindo é melhor
que aprender ingles com memes é mais fácil e divertido
É possível aprender inglês se divertindo.

O que esse meme te faz pensar?

kkkkkkkkkk muito bom
não aprendemos falar inglês nas escolas, somente aprendemos o básico do básico.
Que a educação de outra língua, como o inglês, em escolas públicas, na maioria das vezes é fraca e repetitiva.
Que estamos atrasados, o inglês é deixado de lado como matéria, e por causa disso, os alunos não aprendem e nunca saem do básico caso não queiram aprender por conta própria em um cursinho.
Concordo com o meme, a maioria das escolas públicas só ensinam o verbo to be e mesmo assim os alunos saem da escola sem entender.
Nada.
Que infelizmente as escolas públicas só de preocupam em ensinar o verbo to be, e muitas das vezes o aluno ainda sai sem ter aprendido
Que o verbo to be é essencial para a língua inglês.
Mostra q na escola o pensamento e só o verbo to be
Que nas escolas só aprendemos o verbo to be que é ser ou estar. Todos pensam que é só verbo to be em todos os anos, tal meme é uma ironia.
Que reforçamos muito o básico por existir uma dificuldade em se aprender uma segunda lingua.
Muitas escolas públicas possuem o ensino de inglês muito básico por falta de estrutura, mas infelizmente essa carência abrange diversas matéria sno ensino público.
O inglês “nunca” avança em escola pública
Em escolas públicas o curso de inglês tende a ser mais fraco então a matéria desanda
Nada

O verbo tô na sempre estará presente e por isso sempre o estudamos, mas não voltamos ao básico em todas as séries escolares.
Me faz pensar que os professor poderiam tornar as aulas mais dinâmicas em escolas publicas.
O descaso do sistema público em ensinar a língua
Todo ano vemos a mesma coisa na escola sobre inglês.
Que a escola publica sempre ensina a msm coisa
Kkkkkkkkkkk
Muitas escolas e professores passam anos dando a mesma matéria, não procuram passar conhecimentos diferentes e novos.
geralmente tem muitos alunos em uma turma e poucas aulas curtas para os professores conseguirem avançar no conteúdo e as aulas de línguas serem produtivas
Me faz pensar que o ensino público de inglês é limitado.
Que sempre precisamos relembrar o verbo to be, que ele é essencial.
Me lembra quando algumas escolas repetem várias vezes a mesma coisa em vez de dar o conteúdo q precisa.
Faz pensar que independente da série que eu vou estar, sempre eu vou está aprendendo o “verbo to be”
Q em escola pública o inglês n parece ser bom ou ter algum avanço
Eu nao entendi muito bem
Que na maioria das escolas as aulas de inglês são ruins e com pouca variedade de conteúdo.
Que ficamos anos "aprendendo" a mesma coisa
Verbo to be todo hora kkk
Que TODO ano temos que falar do verbo to be , e que é difícil, e que sempre , sempre vai ter
Que o inglês, nas escolas públicas, são de ensino básico
Que o verbo to be é um padrão
Q o verbo to be não acaba kk
Isso me faz pensar que as aulas de inglês são defazadas na maioria das escolas
que em todos os ano vemos o verbo to be
parece que todo o inglês gira em torno do ver to be.

ANEXO 7

GEELLE especial: Vamos conversar sobre os Multiletramentos?
13/05/2022 - 14h - Live com Roxane Rojo e Walkyria Monte Mór (**1h34min42s)**
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lJLNjPZa78&t=2910s

Daniel Ferraz: E vamos lá ok pessoal, boa tarde, então sejam muito bem-vindos bem-vindas bem-vindos ao GEELLE, ao nosso grupo de estudos sobre educação linguística em línguas estrangeiras e também aqui tá do meu lado a Simone que eu já vou apresentar e vou fazer uma apresentação muito curtinha do que a gente vai fazer hoje, é basicamente um bate-papo e a nossa ...(espera aí, deixa eu ver o que que eu fiz aqui que tá dando tá dando um pouquinho de microfonia, deixa eu ver eu vou fechar aqui o de vocês)... e a basicamente a nossa proposta então para a professora Roxane Rojo e a professora Walkyria Monte Mór, é que a gente converse mesmo um pouquinho eh depois desse tempo todo, né, sobre da das teorias e práticas de multiletramentos no Brasil, a gente conversar com elas basicamente sobre a experiência delas, como é que elas estão vendo tudo isso hoje em dia, inclusive aqui nos bastidores, a gente tava numa conversa muito empolgada aqui falando eh da questão do retorno da pandemia e dessa obrigatoriedade e pressão pela volta eh exclusiva, né, do ensino presencial, ou seja a gente tava conversando então o que que aprendemos né com a pandemia isso tem tudo a ver com multiletramentos, né? Então a gente também vai querer saber delas, o que que elas acham de tudo isso, né? E o geelleusp@gmail.com é o nosso e-mail oficial se você quer saber do que que a gente tá fazendo, esse semestre esse encontro da Walkyria e da Roxane é um evento especial, é sobre os multiletramentos, ontem nós tivemos um sobre pedagogia crítica de Freire e interculturalidade com a Luz Mary Quintero da Colômbia e professor Lynn Mario e a gente vai ter um último evento que eu vou falar para vocês que vai ser sobre letramentos críticos, tá bom, barra (/)letramento crítico que agora eu aprendi que eu tenho que fazer o barra aí... e aqui é o nosso projeto Nacional de Letramento que foi coordenado pela Walkyria e pelo Lynn durante 10 anos e hoje em dia é coordenado por mim e pela Ana Paula do Duboc lá da FEUSP, o projeto Nacional de Letramento que envolve mais de 40 a universidades nacionais e mais de 10 universidades internacionais que a gente tá aí debatendo mais de uma décadas questões em torno dos letramentos, né? Então quem quiser conhecer também esse ano nós vamos ter o nosso evento anual todo ano tem né? Vai ser em julho e para encerrar então muito rapidamente eh na semana que vem nós vamos ter então *Critical Literacies in Australian and Brazilian contexts* com a Jennifer Alford e ela vai falar de perspectivas internacionais sobre os tratamentos críticos e o Joe vai falar de como ele vê os letramentos críticos no Brasil e na Austrália, né? Que ele é professor lá e é professor aqui também... no dia 27, nós vamos ter então um um evento da Michely Avelar que é da UEG eh epistemologias e jogos digitais com o Vanderlei Isaac da Federal de Sergipe, ética jogos digitais, informação de professores, tá bom? Tem tudo isso acontecendo tá aqui a minha colinha de perguntas vou então apresentar a Simone e agradecer Simone a sua presença aqui a Simone, ela é mestranda aqui no programa de pós-graduação e suas linguísticas literários de inglês e vai me ajudar aqui a conduzir o debate fazer as perguntas e também a organizar as perguntas e comentários do público porque são mais de 20 25 anos de multiletramentos e a gente às vezes tem impressão que eles estão assim super sedimentados nos programas etc, mas a gente convidou então a Walkyria e Roxane para conversar com a gente aqui, como é que elas estão vendo tudo isso e é bom, eu acho que nós podemos fazer o seguinte, ah e agradecer a professora Luciana. Fonseca, desculpa Lu, eu acho que eu nem vou trazer a Lu, ela pediu para não a trazer a tela mas agradecer a professora Luciana. Fonseca que é a minha colega aqui da USP e a gente coordena juntos GEELLE, viu? Muito obrigado, boa tarde a todos a todos, muito obrigado pela presença e Roxane e Walkyria, sejam muito bem-vindas mais uma vez ao GEELLE dessa vez pra um papo mais esse compromissado assim para a gente, bater

papo, tomar café *smoke a cigarette* etc, tá bom... eh bom, você quer quer começar Simone ou quer que eu comece como é que você quer fazer?

Simone: Eu posso falar um pouquinho também, tá boa tarde pessoal eh, eu também queria agradecer os professores pela disponibilidade e também pela generosidade de estarem aqui com a gente conversamos aceitar nosso convite a professora Walkyria a professora Roxane são referências na área, né de mutiletramentos, elas falam sobre os multiletramentos há muito tempo também, né? E também Daniel Ferraz também tem vários trabalhos publicados sobre o assunto então com certeza essa vai ser uma tarde um bate-papo maravilhoso, tá... e só para falar a minha pesquisa, eu sou mestranda, né? Como o Daniel já falou eu vou falar sobre os multiletramentos, mas é o objetivo é revisitar, o que que mudou né nesses 20 anos, como é que a gente pode atualizar né essa teoria e é isso, tenho certeza que vai ser ótimo e a estrutura da conversa vai ser essas a gente vai vai ser um bate-papo mesmo e também é espaço para comentários e perguntas o chat também que a gente vai perguntar no final então, por favor pessoal podem perguntar podem comentar e também tem um link que a gente vai postar para o certificados tá para quem quiser, obrigada gente um ótimo evento.

Daniel Ferraz: Já quer ir com a primeira pergunta que é uma pergunta bem pessoal assim como é que como é que elas vêm como é que foi o encontro? Quer fazer a primeira vai lá

Simone: Pode ser... professoras, o que são os multiletramentos para vocês na visão de vocês?

Roxane Rojo: Posso começar Valquíria? Então eh embora seja um conceito cunhado já bastante tempo, né (contra) final dos anos 90 lá do grupo de Nova Londres, embora, eu tenha contato com isso vem depois né, eu ainda acho e e embora haja também uma profusão de novos conceitos, né, a partir do conceito de letramento, né, transletramento, enfim, eh, eu continuo achando o não só o conceito como também abordagem dos dos dois, né do Cope e Kalantzis a mais interessante, né? Então eh em vez dos outros letramento digital transletramento, etc. acho que todo conceito acrescenta alguma visão particular, mas acho que é a abordagem deles é amplo suficiente para o conceito se manter né tanto é que eu mudei de objeto várias vezes de pesquisa, eu tô mudando de novo e continuo mantendo o conceito de multiletramento e mais novos letramentos transletramento e tal nem tanto né? Eu acho que são eh conceitos mais adjetivos que não pegam o cerne do fenômeno, né? Então eu continuo achando apesar de já fazer muitos anos que o conceito foi cunhado que ele continua muito atual e amplo o suficiente para poder trabalhar com várias coisas, né?

Daniel Ferraz: Legal, Walkyria, quer complementar?

Walkyria Monte Mór: Sim posso falar agora eu trouxe uma imagem para explicar um pouco a minha ideia tá então se puder projetar. O segundo slide, o primeiro slide é só aquele edifício que você construiu comigo então que eu adorei então só o segundo.
Aí, esse aí é o que eu gostaria de estar compartilhando com vocês para explicar como é que eu vejo essa questão dos letramentos, né dos multiletramentos (Imagem projetada – Anexo A). Então para mim eh eu vejo eh multiletramentos dentro de um um grande projeto que propõe revisões educacionais, né, então e esse projeto e o e o quer dizer esse projeto para mim ele é mais fundo eu eu conheço um nome mais para letramentoS que na verdade abraça todos esses outros conceitos, né? O que eu quero falar quero falar assim geralmente aqui no Brasil, muitas pessoas se identificam esse projeto de letramentos com a ideia que veio do grupo, *New London Group*, né? E esse que que era *o New London Group,* o *New London Group* eram pessoas que estavam cada uma delas, sub a área que para mim são sub áreas de letramentos desse programa

de projeto de revisão educacional e aqui eu coloco as divisões, olha nos multiletramentos onde eu identifico Cope e Kalantzis, nos novos letramentos Lankshear e Knobel e outros, hein, eu tô colocando reticências aí significando tem muitos outros envolvidos, mas coloquei pelo menos um nome pra gente se identificar, né nos letramentos críticos, eu vejo muito Luke, Freebody, Gee e Kress muito presente com essa ideia de letramentos críticos... nos letramentos visuais eu vejo Kress, van Leewen, Gee também de novo também de novo e os letramentos digitais Lankshear e Knobel, Gee de novo aqui o casal, né nos letramentos digitais, então essas eram as pessoas que estavam já desenvolvendo pesquisa nessas áreas e que se reuniram né na cidade de Americana e que ah tá discutir renovação da educação né? Então ah cada um deles estava já na sua na sua pesquisa e o que que usa uniu por exemplo nesse encontro, por que que eles foram chamados a esse encontro, primeiro porque todos tinham essa preocupação com a educação então aqui eu coloquei as as interfaces de cada uma dessas áreas, olha e coloquei educação como sendo a primeira delas sendo a que une todas essas sub áreas de letramentos, né? E em cada uma delas aqui, eu listei já por pesquisa que fiz deles a outras estudos que eles desenvolvem dentro de cada uma dessas áreas. Por exemplo, né e enfim então pra mim o que mais une todos eles não é só educação não, é também a ideia de práticas sociais, né e a ideia dos multi, né? A ideia é que da pluralidade, que eles começaram a falar em multiculturalidade multidiversidade multitecnologia, e por aí vai ...modalidades visões de língua linguagens sujeito e sociedade etc. Isso é o que eu vi de comum em todos eles mesmo cada um tendo seu foco específico... agora o que que eu quero chamar atenção, ah eu quero chamar atenção que aqui no Brasil apesar das pessoas identificarem que isso vem do *New London Group* ah pra pra nós do projeto de letramentos eles já já desenvolveram essas ideias a partir de Freire sabe, a partir desses estudos que já ah eram realizados aqui no Brasil as discussões tanto que todos eles citam Freire, né, ah como sendo uma uma um pensador que usa estimulou a a repensar o que eles pensavam antes, né? Então eu coloquei aqui numa numa acrescentei mais uma coluna na nessa minha divisão aqui falando ó no Brasil tudo isso aqui já já vinha sendo discutido por várias pessoas, né? Então ó, educação e deu ideologização pós colonialismo, letramentos letramentos críticos colonialidade decolonialidade desde a década de 80 a gente já vinha discutindo então um exemplo disso a tese do Lynn Mario do doutorado chama "o rato que ruge" já era uma proposta de discutir essa ideia do do colonialismo pós colonialismo aqui no Brasil no ensino de línguas, né também o meu o meu mestrado chamou "o aspecto ideologizante do ensino de línguas no Brasil", né de língua inglesa, aliás que eu falei no Brasil e durante um tempo essa esses foram trabalhos que ficaram um pouco patinando porque parece que eles não tinham tanta aderência ainda ah a a julgar a a forte influência estrangeira que a gente sempre teve no Brasil, né, das enfim das corporações dos consulados etc nessa busca pela língua estrangeira no caso língua inglesa, ah e ampliação do status dela e da presença dela no Brasil. E aí a partir disso aqui então emerge o Projeto Nacional. E aí eu coloco aqui também nessa lista, depois eu posso disponibilizar os temas todos ,nós temos os focos os teorizações todas com as quais a gente trabalha e vocês vão ver que a gente já trabalha com essas noções há muito tempo então isso só pra responder pras pessoas que as pessoas acham que nós do Projeto Letramentos estamos seguindo as pessoas do *New London Group*. Nós estamos somos colegas dele, estamos contato com eles, mas que eu sempre enfatizo que o nosso projeto eh, abraçou todos eles, mas nós já vínhamos com essas preocupações e com essas pesquisas desde a década de 80, né? Então é isso que seria a minha visão e essa é isso aí responde um pouco também a a questão do singularidade ou pluralização da da do letramento se a letramento ou letramentoS que para mim eu continuo achando que é letramentos no plural. Mas se sair outra hora a gente conversa mais, depois eu falo volta essas outras questões, tá bom? Obrigada, obrigada, por enquanto não vou pedir de novo para voltar a projetar senão eu esqueço que eu tenho que dizer, né? Tá sem som o Daniel.

Daniel Ferraz: Desculpa, eu eu fico me mutando... não, na hora que precisar eu eu mesmo já projeto aqui, né bom eu vou fazer essa segunda que eu acho que ela tem meio que encaminha essa primeira né? A gente ficou curioso aqui no GEELLE de saber como é que foi o encontro de vocês então com as especificamente com as teorias dos multiletramentos, né desse grupo que que com certeza, inclusive Walkyria a gente já tem escrito tudo isso, né sobre as fases de letramentos, né? Não é uma fase linear extremamente cronológica, nossa começou aqui, mas foi muito importante didaticamente a gente fazer esse estudo, né, que a gente vai lá pra saber também ... a gente ficou sem saber como é que foi, então o encontro de vocês como os multiletramento começaram a fazer parte da sua pesquisa, né também da sua carreira como docente, né? E ficamos curiosos de saber como é que foi esse encontro aí.

Roxane Rojo: Eu diria que eu vou na contramão do que a Walkyria queria falou né? Ela disse que ela já tinha muito antes do grupo de Nova Londres e depois também com preocupação grande, talvez por ser da área de livre estrangeira, não sei talvez ela possa considerar isso depois com a questão da decolonialidade, enfim com as questões políticas mais gerais, né que eh preocupam o que eh envelopam, vamos dizer assim penetra o interpenetra o conceito de multiletramentos, né? Eu diria que a minha carreira faz o percurso inverso, né no meu mestrado, eu fiz uma pesquisa sobre a única coisa que eu me neguei foi fazer uma linguística aplicada muito linguística, eu sempre tive na prática né, mas eu fiz uma pesquisa sobre produção de texto, este que foram os primeiros, texto escrito, meus primeiros temas né na aluna da (américa?) eh e eh que portanto não tinha ainda nem a vertente da da do conceito de letramento, né? Era produto primeira pesquisa de mestrado foi densidade sintática em textos escritos por crianças, a única coisa que eu não abri mão foi da questão da educação, né por crianças do fundamental 1 e fundamental 2, como é que evoluir a sintaticamente, então veja bem a pesquisa super linguística, né anos depois no doutorado alguns anos, depois eh, eu melhorei porque eu fui para uma perspectiva cognitiva, né, e aí eu queria saber do planejamento do texto, eu fui de certa maneira acompanhando a evolução e a linguística aplicada fazia ao longo desse tempo, né, então eu fui pra minha perspectiva cognitiva que envolvia entrevistar os alunos sobre como é que eles pensavam a produção das narrativas deles, né então planejamento de texto e eh coisas envolvidas mais, texto incendido aí como texto escrito redação, né? Então vai entrar relativamente tarde, eu até tive que voltar a relativizar o conceito multiletramento na minha vida, né, eh bem depois eu fui procurar no meu currículo, qual é a primeira citação e começou com uma disciplina, né, que usa o termo multiletramento eu devia estar acabando, mas mas já tardia porque vejam Nova Londres está em 96 essa disciplina é de 2007, eu não tenho meu currículo portanto quase, mais 10 anos depois que o grupo já estava trabalhando, né, eh, mas depois não larguei mão, né, porque todos os projetos que vieram depois do CNPQ 2007 2010 2014 2006 assim vai né, eh bolsas produtividade em pesquisa vão incorporar a ideia, né, já de que os letramentos não se restringem ao letramento da letra, mas entra de uma maneira relativamente tardia depois do doutorado que foi em 89, né? 2007, então quase 10 anos, não quase 20 anos depois doutorado, não é isso 2007, né? E quanto é que é o nova Londres? Não 2007, É entra nesse

Walkyria Monte-Mór: Aqui no Brasil aqui no Brasil, a gente começa a falar muito mais de letramentos a partir de 2005, 6, (inaudível)

Roxane Rojo: Então, mas muito em cima de material restrito para isso por exemplo projeto de 2007 do CNPQ da produtividade é um projeto sobre material didático impresso então o multiletramento fica muito restrito a imagem estática, né, e ao verbal, né? Já o projeto de 2010, né ele vai trazer o termo multiletramento e diversidade cultural, né no material didático, aí sim ele entra na pesquisa, mas em 2010 eh propriamente dito né? E aí, não saiu mais né? Isso aí

também não não gosto muito dos outros termos inventados porque eu acho que eles são muito mais restritos que o termo multiletramento, né novos letramentos são só os letramentos que vão envolver um novo *ethos*, né e não a multimodalidade, por exemplo, não é a marca principal ...transletramentos que são letramentos que atravessam o ambiente então todos eles vêm eu eu diria mais para delimitar o conceito de multiletramentos do que para ampliar, né? Então não vou dizer que não uso, uso, mas é realmente Cope e Kalantzis ainda são minhas grandes fontes, né e que continuam eu acho se atualizando constantemente, né?

Daniel Ferraz: O que é interessante que eu venho pensando também o como que cada, quando explico pros alunos que cada movimento de letramento, cada um quer fincar a sua bandeirinha também, produzir né, eu acho que tem isso também, né? Quanto que...

Roxane Rojo: e para mim um conceito é bom quando ele funciona, se nada funciona porque eu tô querendo fazer eu invento outro protótipos, eu não gosto de didático, então tá bom então protótipo, tá bom... agora quando ele fica muito tempo no meu trabalho é porque um conceito que no seu escopo geral me satisfaz e ele continua cada vez mais, né e eu não sinto necessidade de outros, né? Eu não acho que por exemplo o conceito de novos do Lankshear, não esteja incorporado no conceito de multiletramentos do Grupo de Nova Londres, né, o Kress trabalhava com eles, né, então eu acho que acrescenta uma refração do conceito, mas você não são... é diferente, né ela do conceito mais político a a a Walkyria decolonialidade e eu vinha de densidade sintática de para planejamento na produção de texto, quer dizer coisas que eram muito disciplinares mesmo, né, então foi um conceito que veio me abrindo muito muito muito cabeça, né para o social mais do que propriamente o próprio Street fez né?

Walkyria Monte Mór: Então essa ideia então acho que nós temos uma afinidade teórica aí porque para mim a ideia do multi o que eu gosto dele é justamente porque ele chama atenção para a questão das pluralizações, né? E aí começa a a a casar sentido com uma ideia que eu vinha já desenvolvendo que a ideia ah que as pessoas pensam que eu sou contra normatividade e eu não sou mas eu digo que a seria interessante que os nossos aprendizes os nossos alunos soubessem que essa normatividade foi criada no fundo de uma forma disciplinar e veio a disciplinar toda uma sociedade e a construção do sujeitos, né? Porque quando as pessoas a a nós sempre tivemos múltiplas línguas linguagens tonalidades seja o que for da língua, né, tivemos sempre muitas culturas cada uma respondendo ou ou caracterizando ou seja, o que for o verbo a a certos lugares locais e enfim, só que aí quando por um modelo de um modelo Iluminista para mim de sociedade, isso aí passou para a escola, né, então ah começa a se estabelecer que uma forma de tornar um cidadão ou ao ocidente, por exemplo civilizado seria via alfabetização agora como seria a sua alfabetização, eliminando as pluralidades e trazendo só a singularidade e para trazer a singularidade precisou eh, eu vou usar o o indefinido aqui agora mas precisou se chegar a um eh uma normatividade ou uma escolha de uma língua que não é de ninguém que é a norma culta, né que não é de não é não é localizada, ela é uma norma que que digamos compreende *comprise* esses essa ideia do inglês, né ah um conceito de que então aquela passa a ser a língua que vai representar num determinado território que vai representar um determinado sujeito que tem uma identidade x né e ao fazer isso, ah, quer dizer causou muitos problemas problemas identitários problemas linguísticos problemas de poder problemas hierárquicos entre as pessoas entende, e é isso que eu lamento, essa visão de sujeito, a visão de um sujeito diverso que existe na sociedade ela se perde justamente por conta dessa desse projeto Iluminista de sociedade que veio via a sociedade da escrita quando se decidiu que todo mundo vai nascer e vai e vai aprender a ler a escrever... não acho ruim que tem que aprender a ler e escrever, mas acho ruim que isso tenha ocorrido ah digamos priorizando ou só excluindo as outras pluralizações mesmo os hibridismos e etc sabe é isso que eu acho que é o lamentável

dessa desse projeto, então sou contra ele assim, não não sou contra mas acho que o aluno tem que saber que essa normatividade aí atende x mas que as outras não são inferiores entende, e que os outros sujeitos não são inferiores porque não são seguidores de uma nova única, né de uma. identidade única por exemplo. Então essa essa foi para mim a a grande sacada que eu acho que eu tinha já desde a década de 80 que me incomodava muito e e vários colegas me deixavam canceladas para usar o termo de hoje porque ah achavam que eu tava sendo contra o ensino de língua de língua inglesa, entendeu? Não, eu não sou contra nenhum ensino de língua estrangeira língua inglesa nada língua da mesmo da normatividade, mas só contra o fundamento disso do fundamento que é é passar por uma singularidade e esquecer dessas pluralizações... entendo também que um projeto didático pedagógico de de alfabetização eh seria muito mais complexo se tivesse que levar em conta as pluralizações eu entendo, né então para você alcançar mesmo em larga escala o ocidente como se pretendia o Iluminismo mesmo, ele precisava mesmo simplificar então para poder chegar lá, mas já já se passaram, muitos anos depois disso já já é mais que hora de isso aí a gente rever né? Então esse projeto de alfabetização de forma singular eu acho que não responde mais a sociedade, não responde mais a outros estímulos, enfim outras... é a nossa diversidade que sempre existiu, né?

Roxane Rojo: outras tecnologias que não impresso né de difusão e divulgação apareceram depois disso e que se falem como nós estamos, claro tem uns escritinhos aqui que é o nome próprio de cada um né, mas o horário da *live*, mas que eh, nós estamos usando uma uma fala letrada, não é isso, uma fala é quase que um texto teórico escrito e no entanto a escrita só tá presente aqui como etiqueta, né então a tecnologia as mudanças tecnológicas, eu era acho que vieram também dar muita ênfase a revisão, né, tanto das didáticas que foi que você abordou mais e da seu posicionamento que didáticas escritas são sempre muito universalistas excludentes, mas também a a abertura de lugar de publicação e de aparecer divisionamento das pessoas no caso da tecnologia digital, eu acho que isso tudo acompanhou nos anos 80 final dos anos 80, meu primeiro computador, eu acho que foi no final dos anos 80, né, e era absolutamente só o letrado da letra né mas essa evolução eu acho que eh e que foi a a que motivou no fim dos anos 90 o o grupo de Nova Londres a definir o conceito principalmente, né eh eu acho que muda tudo né, muda as pessoas de lugar a quem tem acesso evidentemente ao digital.

Walkyria Monte Mór: Então acho que eu já até escrevi um pouco sobre esse essa sociedade da escrita e a sociedade digital, né e e e assim eu eu busco esclarecer para as pessoas que que eu chamo de sociedade digital, não é uma uma ode ah os aparelhos digitais não é isso, é a construção de conhecimento que foi alterada via a linguagem digital.

Daniel Ferraz: Você quer os slides, tem dois aqui tem tem um sobre o da escrita e outros

Walkyria Monte Mór: Isso pode ser coloca para eu explicar isso. Você já viu que eu tô saindo da... entrando em digressão, né? (risada)

Daniel Ferraz: Aqui a gente não tem ... não, tá ótimo vamos lá então. (imagem projetada – Anexo B)

31min35s

Walkyria Monte Mór: Olha aí o que eu chamo de sociedade da escrita, (sumiu) a sociedade da escrita onde eu falo assim, como que eram, como que ... qual era o foco dos estudos linguísticos e os estudos sobre identidade, né e e eu fiz isso um pouco na esteira daquela daquele tripé que é o que eh sustenta a ideia de estado nação, né que as pessoas geralmente pessoas na área de

línguas acabam estudando muito sobre essa ideia do Estado nação que é o território língua identidade... então e eu vejo muito que ah os estudos linguísticos aconteciam olha eu deixei em azul na sociedade da escrita normatividade era a a questão importante, né e inclusive buscando a fazer com que a oralidade também levasse em conta essa normatividade da escrita, inclusive não vendo às vezes buscando uma exigência para que não houvesse tanta separação, né, eh e aí eu falo da influência, né a influência iluminista liberal neoliberal positivista que eu não vou entrar nisso, só se alguém se interessar aí depois falo mais e a identidade também era uma identidade iluminista eu coloco lá, olha a gente falava muito de identidade ah singular uma identidade única ...quer ver uma coisa que eu ficava muito intrigada quando falava assim "aluno perfil USP" sabe então para mim isso reflete a sociedade da escrita e reflete esse tipo de estudo de identidade que é o quê, quando vocês estipula um perfil de aluno para uma instituição e que aqui todos eles cheguem naquele perfil entende? Então quer dizer você precisa pagar certas ah certas diferenças para que a pessoa responda a certo perfil e aí eu gosto ah quando a na linguagem digital a palavra perfil já foi alterada porque perfil hoje não é uma singularização de uma pessoa é uma construção e uma construção, inclusive que não precisa nem refletir a própria pessoa que ...quer dizer não precisa ser essa a imagem fotográfica da própria pessoa que a criou e na sociedade digital olha bem o que caracteriza diversidade e a questão da pluralidade linguística cultural que é isso que a gente tá tentando fazer hoje levar hoje para o nosso aluno porque a gente chama de prática social, fala "olha aqui na normatividade não pode falar é nós, mas pode falar é nós" entende questões dessa natureza que reflete também na questão das identidades plurais, né? Então isso a sociedade digital eh levantou esses conceitos que ficaram adormecidos na disseminação da sociedade da escrita, ao meu ver, né, então é um pouco isso a forma de eu ver de uma forma didática pelo menos, de eu explicar.

Daniel Ferraz: Legal, eu fico pensando eu vou deixar assim já fazer as próximas que ela tá ali ansiosa preparada para fazer, Si, eu acho que dá para juntar três e a quatro tanto para Roxane e Walkyria, mas é é eu, vejo assim que os jovens também chegam pra gente com outras demandas eh comunicacionais eh um monte de coisa que eles falam que a gente não entende inclusive e vem muito assim de de comunicações que é claro que tá todo mundo estudando hoje em dia mas que na minha época não tinha quer dizer, eu também nem tive celular você foi celular muito, mas é essa linguagem das imagens me interessa muito porque assim eu vejo a minha sobrinha ela termina relacionamento com com *emojis* assim ela eles eles falam brigam, né, e é tudo imagem assim, manda imagem tá bravo, manda não sei o quê e tem e tem uma uma linguagem toda deles assim,

Roxane Rojo: eu prefiro um *emoji* de cara feia do que ser xingada com palavras... (risada)
É mais suave, eu diria

Daniel Ferraz: então o jovem demanda, eu acho que o jovem demanda esses multiletramentos, e aí bom as nossas perguntas tem muito a ver com isso assim, como é que vocês estão vendo, vai lá Si

Simone: isso é são pontos importantíssimos, né, que é necessário a gente não restringir considerar outras formas de conhecimento, né também... então a gente já pode fazer essas outras perguntas como o Daniel falou, tá conectado... como você vê os multiletramentos após mais de 20 anos da teoria, e no Brasil qual a sua relevância e tem diferença com os outros países?

Roxane Rojo: Bom aí (...) a sua época, né, minha filha duas perguntas, eu vou na primeira primeiro porque a minha memória de curto prazo anda meio afetada eh eu acho eu tive com a teoria dos multiletramentos o grupo de Nova Londres idas e vindas, né, idas e vindas, gostei

muito no começo quando conheci a teoria, né, já disse que a primeira vez que menciono o termo foi em 2007, portanto, ela já vinha vindo há algum tempo, né, a partir do manifesto e depois das primeiras publicações dos Cope e Kalantzis antes, né, se havia uma uma um conceito que eu gostava muito que era e que eu achava que me servia muito para trabalhar inclusive com digital que era o conceito de *design* aí quando ele saem da Austrália, vamos para os Estados Unidos, eles dão um recuo de 20 anos, né o conceito de *design* some e vem aquele negócio de contextualização aqueles quadradinhos lá, aí eu peguei ranço deles, aí eu não queria saber enquanto eles publicaram entre 2008 e 2012 e tal, depois eles voltam de novo e releio o trabalho, eu tenho impressão que eles devem ter tido uma reação eh quando foram para os Estados Unidos meio não sei eu não conheço eles, mas deve ter tido uma reação meio alergênica, né, porque eles deram uma recuada batida, né eles voltaram para a as habilidades ou competências, eh, planejamento de texto praticamente... quer dizer esquecendo toda a flexibilidade e a especificidade que cada linguagem tem e reduzindo algo que então essa fase aí 2007 a e agora mais recentemente especialmente a última tradução aí que eh Petrilson fez o trabalho deles tal, eu acho que volta a se restabilizar mas não chegou para mim a a jogar o bebê com a água do banho, né? Eh ameaçou o bebê (risada) essa é a cara dela, olha lá, tá olhando o que que essa mulher tá falando, isso é um ditado bem antigo, né do meu tempo, né, você vai jogar água do banho o bebê vai junto... tinha um bebê lá que para mim tá essencialmente no conceito de *design*, né, e que eu acho que é muito útil para você pensar o digital e todas as outras linguagens que vão ter *designs* completamente diferentes do verbal e que dirá então do escrito, né eh que é muito policiado, então eu agora atualmente estou de bem de novo com a teoria, vamos ver assim, né, o bebê não foi com a água do banho, mas eh eu acho que eh o que ele o efeito que provocou em mim essa ideia de que eu posso de pensar em *designers* de significação, né em todas as linguagens, foi ter que, como mostra o meu último livro, estudar eh que já tá meio velhinho, de 2019 estudar eh todas as outras linguagens aprender sobre elas, né, eu não fiz a opção de ir para uma semiótica geral, né, Peirce ou Santaella eu uso né, mas eu não quero generalizações. De fato entender como funciona hã a linguagem do corpo a a linguagem da imagem estática o cinema o *remix* enfim cada gênero né das diferentes linguagens e foi disso que eu me ocupei nos últimos anos, né, o livro de 2019 com Edu mostra bem isso né? E depois vem me ocupando no último projeto CNPQ em fazer material didático que se apropria disso que ensine os meninos pequenininhos primeiro a 5º ano do fund 1 de um a trabalhar e entender essas linguagens editar vídeo fazer remix etc, provavelmente ele já sabem até antes dos professores se eles tiverem acesso ao computador, né? A gente testou em uma escola pública de Sumaré, eu e um aluno o material didático que a gente fez, né, mas para mim sempre teve muito misturada a opção teórica com a questão do material didático e das práticas escolares dos professores, eu sempre trabalho neste domínio

Walkyria Monte Mór: Então mas acho que é essa é a ideia mesmo Roxane, você fez para mim é o que precisa ser feito, que é a gente ter contato com essas teorizações é mais pra gente pensar sobre o nosso local, né, então assim eh, eu sigo também as teorias de de todas essas sub áreas que eu chamei de sub áreas, né, mas eu eu não é que eu siga e seja uma seguidora por exemplo de tal pessoa, eu acho que eles, como qualquer teoria, contribuem pra gente pensar sobre o que a gente tá fazendo, né? É o que você falou teoria se não for boa, a gente não não não dá para não dá para guardar não, dá para usar, não dá para nada joga fora, né

Roxane Rojo: na minha vida é um contribui mais que o conjunto dos outros teóricos porque eu acho que Lankshear quando vem com novos letramentos por exemplo, ele tá muito num conceito menor, multiletramentos é muito mais abrangente né tanto sociologicamente, quanto eh as várias letramentos, né, pelo Street quanto em termos de mídia, né?

Walkyria Monte Mór: Sim sim, acho que a contribuição de Lankshear e Knobel vem muito pela pelo letramento digital até sabe, de começar a trabalhar mais essa algumas noções que eu achei que foram bastante úteis

Roxane Rojo: contribui também claro, mas é mais pontual menos abrangente né...

Walkyria Monte Mór: Agora a primeira vez que eu li algum trabalho deles era final de (...) né e eu já tive oportunidade de conversar com eles, inclusive sobre essa essa meu impacto ao descobrir que que tinha pessoas que falavam coisas que eu também gostaria de de estar trabalhando mais etc. via até meu mestrado e e o meu doutorado... agora sei também que essa saída deles da Austrália para os Estados Unidos causou uma diferença e não é só neles, se você pegar todos os outros é grandes pensadores que a gente utiliza tipo Canagarajah todos eles que eles saem são convidados para ir para as Universidades, Americanas, eu acho que ... nunca me falaram isso, hein gente uma impressão e eles nunca me falaram isso, mas assim eu inferi por conversas tá de que eles tinham uma expectativa de poder ter uma ação mais junto ao governo americano as ações americanos a ideia da Escola Americana e na verdade, eles foram contratados para ficar numa universidade para dar prestígio pra universidade também, a gente sabe que isso aí conta no ranqueamento etc e tal então ah eu cheguei a visitar uma das escolas que que eles conseguiram ah uma aproximação maior numa escola de ensino equivalente ao nosso funde (fundamental) dois aqui, né e que várias professoras usam então as teorias e e e bolam aulas e etc seguem bastante coisa daí dos multiletramentos e achei bastante interessante ... agora isso não é uma regra geral isso aí não foi encampado por exemplo para um uma secretaria de educação pelo currículo, então nos Estados Unidos, eles então se aproximaram um pouco daquela expectativa americana de esmiuçar tudo entendeu didaticamente que senão eles não sabem como que vão vão colocar para funcionar, né, então acho que teve uma aproximação deles aí de trazer mais pro espírito americano, né e acho que sim, estão retomando várias coisas. Então, acho que é muito atual, se é isso que você também queria saber, acho que é muito atual, acho que ainda continua valendo essa esse projeto que a gente quer ter de uma outra escola uma outra sociedade uma outra visão de educação, porque eu acho que é isso que na verdade tá lá nas raízes desse projeto sabe?

Daniel Ferraz: Seja quais letramentos você quer seguir, porque não dá para seguir tudo estudar tudo fazer tudo ... agora assim eh pensando assim dialogando com tudo que vocês estão falando eh, me veio essa pergunta assim não não de abrangência, né mas assim o que que vocês acham assim que os letramentos gerais multiletramentos, eles chegaram na educação básica? se a gente falar com um professor de língua materna ou de línguas estrangeiras seja qual for ela eh, vocês acham que ou não ou que nem precisa ou vocês acham que ... porque eles estão nos documentos oficiais hoje em dia desde 2006 estão nas PCN's, chegaram com muita força na BNCC embora Roxane, viu em línguas estrangeiras eh eh os letramentos estão muito citados ali, eles não tão ... é como se todo mundo já soubesse o que é e é a primeira vez que aparece numa base, né a palavra multiletramentos, né então eu queria saber de vocês se o que que vocês acham disso dessa questão de abrangência se já chegou nas formações nas escolas e e enfim da experiência de vocês, né, nós somos todos de São Paulo digamos né, não sei se a gente consegue conhecer muito além do que do nosso Estado, mas a gente tem contato com muita gente também, né?

Walkyria Monte Mór: Quer falar Roxane? Quer que eu comece?

Roxane Rojo: eh, eu to um pouco perdida em qual pergunta que você tá, no Brasil? É isso?

Daniel Ferraz: Ah não, já mudei, já fiz outra ...

Walkyria Monte Mór: acrescentou uma. eu eu posso começar então a falar

Daniel Ferraz: A minha pergunta que eu acrescentei essa questão de já que estão chegando nos documentos oficiais, isso é muito bacana é muito interessante... e agora estão chegando nas formações no no professor lá que tá lá no fundo da escola, eh qual é a ... é mais uma conversa de impressão que a gente não tem dados mas queria saber de vocês uma uma impressão, assim vocês têm de conversas e de que vocês têm de projetos aí .

Walkyria Monte Mór: então, posso começar Roxane, então vou falar um pouquinho e passa para você, eh. então é assim eh eu acho que chega a um público mais restrito acho que pessoas que estão tendo mais contato com esses estudos, por exemplo, nós temos um projeto nacional que está em 40 universidades a gente fala isso, mas isso é uma gota no oceano, né, isso é uma gotinha porque em cada universidade tem lá algumas pessoas trabalhando, quer dizer não é a universidade inteira aqui em encampou uma ideia como essa na área de línguas linguagens pelo menos né, eh, temos algumas pessoas trabalhando amadurecendo, né agora então eu eu acho assim grosso modo não chegou então eh agora analisa a seguinte questão primeiro, pra chegar precisamos pensar numas reestruturações, você não pode trabalhar isso na educação fundamental na Educação Básica nossa e mesmo universitária sem fazer alterações na outra ponta que é a formação do professor não adianta você lançar só o documento, você tem que mudar também a formação do professor para que ele possa se sentir confortável em pensar sobre essas coisas né? Mas primeiro ponto e o segundo ponto é a quem interessa fazer essa mudança na nossa sociedade entende interessa a nós acadêmicos, mas politicamente ah

Roxane Rojo: e acadêmico de esquerda, né

Walkyria Monte Mór: exatamente, acadêmico de esquerda e o conservador também não se interessaria em mudar a visão de língua ah quando a gente fala faz aquela crítica que na língua inglesa, por exemplo existe essa esse culto ao nativo, né, falante da língua inglesa, por exemplo, é que nós estamos tentando diluir essa essa imagem falando enfim todos os conceitos que a gente tem trabalhado, mas sabemos que ainda tem toda uma toda uma aula, que é que é conservar isso, né, esse culto ao nativo sabe, ah quer conservar as hierarquias...

Roxane Rojo: do escrito impresso...

Walkyria Monte Mór: Exatamente, do escrito impresso hã falar que hoje em dia é possível alguém fazer uma defesa de tese eh multimodal ou só oral ou ... isso é um horror para para grande parte, né então tem essa essa questão e para mim tem a ver com o interesse mesmo o interesse político não existe esse interesse político e e o interesse dos conservadores que seria a perder a possibilidade de controle porque a grande possibilidade dessa sociedade da escrita é o controle, né fazer o controle, faz avaliação você controla, você escreveu certo, você tá errado, trabalha muito desse binarismo que facilita, né, então agora com com uma uma sociedade mais aberta um um com a adoção da diversidade em todos os sentidos., como é que você controla a diversidade, né? Como é que você avalia a diversidade entende? Então isso é um impeditivo, eu acho para muitas pessoas de uma outra ala da academia e da sociedade, então nem se fala então

Roxane Rojo: eu acho o seguinte, eu acho que a base como o documento oficial acabou desencadeando sim e quase que de imediato por exemplo no Rio Grande do Norte, Natal, quase que de imediato eh reformulações curriculares, né das quais eu participei de quatro vezes então

do Rio Grande do Norte a da capital de São Paulo agora da Prefeitura e a outra acho que foi um pouquinho de pitaco em Minas Gerais, né? E em todos eles a questão dos multiletramentos que tá na base Nacional impactaram... eu acho que nós temos um outro eh problema né, que é um problema de gestão, por exemplo, vou dar aqui um exemplo do Rossieli que é quem tava no Ministério da Educação quando a base foi aprovada e que veio depois como secretário da Educação de São Paulo, né? E aí jogou o bebê com a água do banho, né, porque o que que tinha que fazer com uma base Nacional daquela, pelo menos em linguagens, né na área de linguagem ...tinha que fazer escolas tinha que conectar as escolas tinha aqui, né porque a renca de gêneros que tá lá sempre mistura gêneros valorizados da escrita com eh saber manejar eh ferramentas que são por exemplo checagem ferramentas de checagem de confiabilidade na internet e tal... tá, aquela base não não ganha corpo se não eh tiver uma escola eh que tenha as possibilidades de usar que quase não existe no país inteiro, né as tecnologias digitais e que não seja em laboratórios de informática para cinco alunos cujo computador da boot para dar *boot* leva uma hora o que fez o Rossieli com isso num currículo de São Paulo, depois como secretário, saiu do ministério e veio ser secretário da Educação em São Paulo, ele fez um currículo na parte de tecnologia com 45 minutos de hora aula e não equipou escola nenhuma... 45 minutos de hora aula de tecnologia, suponho que nos laboratórios de informática o computador nem da *boot* ele leva 45 minutos para dar a boot, né, então vai te catar, ou ele quer viabilizar vai se catar menos se for pessoalmente, fala a mesma coisa para ele... ou ele quer viabilizar a base que fez ou não quer porque não é só a linguagens que a tecnologia tá tá em matemática também, então eu acho que há eh procederes e procederes por exemplo, agora eu tô assessorando o currículo do ensino médio da Prefeitura de São Paulo a Prefeitura de São Paulo resolveu fazer bem diferente do que o Rossieli fez em vez de considerar assumiu o conceito de multiletramentos, né, então primeiro lugar eh estamos trabalhando em área juntando todos os componentes da área, inclusive a arte e educação física, né, ou currículo tem os componentes em separado evidentemente como todo currículo tem que ter porque afinal os professores são de português de inglês de eh espanhol de não sei o que a prefeitura tem espanhol, né, mas eh eles estão também, né propondo o que se chama no currículo da prefeitura do ensino médio percursos de estudo e formação e esses percursos são por natureza e tá dando na formação dos professores agora gente já fez o currículo que agora tá na formação um problema danado porque a escola eh dificulta isso...um percurso exige aumentou muito as disciplinas que eles podem dar né, tem todas as disciplinas da área em cada percurso, né então ele é por natureza interdisciplinar e por natureza, a escola tem dificuldade de conseguir conversar, né não tem tempo tem uma htps lá, ele tem outro nome na prefeitura, mas tem um horário lá de permanência JEIF né chama JEIF na Prefeitura de 45 minutos, ninguém conversa com ninguém nada em 45 minutos, muito menos um projeto de ensino interdisciplinar né? Mas tá posto no currículo e vai ter que dar um jeito nessa bagaça, né? No momento nós estamos fazendo um curso para eles, pra ver se consegue que é na JEIF de 45 minutos aí a menina me escreveu hoje um dos professores da da rede 45 minutos, "professora, 45 minutos não dá nem para baixar tudo isso que você mandou a gente fazer aqui" para fazer em casa, minha filha faz em casa, isso é um curso para você estudar, né? Não vou baratear porque vocês tem 45 minutos, não vou baratear o curso enquanto for a atividade minha pode se preparar que você vai trabalhar fora da JEIF né? Não dá nem computador na escola não funciona leva uma eternidade para baixar uma coisa aqui, enfim... então, eh, eu acho que eh eh como todo o documento oficial, ele é complexo, né? Ele tem impactos que a gente não pode esperar ...um impacto muito bom foi no Rio Grande do Norte e agora acho que essas propostas de interdisciplinaridade da Prefeitura de São Paulo do ensino médio são muito ricas, espero que o bebê não vá de novo junto com a água do banho né (risadas)

Daniel Ferraz: Olha eu acho que a pergunta cinco tá muito respondida, né pra gente poder ir pras perguntas do do pessoal que tem muitas perguntas não vai dar tempo de todos, essa última

nossa do GEELLE se os multiletramentos fazem parte de suas pesquisas, é óbvio que fazem já tá bem claro, né? Eu queria só fazer aquela que eu comecei o nosso evento hoje, mas queria ouvir de vocês assim rapidinho, o que que vocês acham então que ficaram nas dimensões da pandemia, porque o que a gente estava conversando nos bastidores, foi que muita coisa hoje em dia poderia ser online já que passamos pela experiência, não tô dizendo que foi o mundo maravilhoso que a gente num penou e que etc mas teve muito aprendizado, inclusive dois anos inteiros foram todos dados online, né? Muitos alunos eu tava conversando com a Roxane e muitos alunos aqui da USP, gostaram inclusive *regardless* não importando muito a metodologia, claro que a metodologia é essencial também, mas eu queria saber de vocês porque a gente percebe uma pressão para o retorno integral exclusivo do presencial para justificar prédios, eu sei que tem tudo isso, mas eu queria ver de vocês assim, se vocês acham que é isso, como é que é das duas, que que a gente aprendeu com a pandemia, já que isso tem tudo a ver como de letramentos, né?
58min27s
Roxane Rojo: Eu não acredito que aprendemos muito não assim no coletivo, né, não acredito... como eu estava te contando em offline antes da gente começar no na Unicamp e os alunos quando começou a pandemia não queriam de jeito nenhum ir para o digital, né dizendo que eles não tinham condição na própria casa de ter um computador de ter silêncio no lugar que a aula tá sendo dada etc eles lá se acostumaram e acho que até gostaram da experiência dependendo do que o professor fazia com uma aula de quatro horas online, né, tô falando de aulas que são aulas de 4 horas, porque lá na graduação quanto na pós as aulas são de quatro horas, né? Então eles não gostaram disso, mas depois se acostumaram e agora estão um pouco batalhando por algo híbrido, não precisa viajar tanto e tal porque tanto nós viajamos para dar aula quanto eles viajam para assistir aula na sua grande maioria, né, então eu acho que eu não sei se aprendemos muito com a pandemia ... do começo ao fim da pandemia eu vi professor do fundi 1 pegando, e várias vezes não uma, e fazendo o seguinte quando uma lousa aqui atrás na parede da da coisa o professor de alfabetização, né com com quem eu tava trabalhando fund um e escrevendo na lousa igualzinho a ordem alfabetização que ele dava e se filmando e projetando isso, quer dizer aprendeu alguma coisa do digital fez uma busca na internet? Tudo bem que sobre alfabetização é tudo muito ruim na internet, né, métodos e materiais e tal, né mas fez, considerou aqui a ferramenta digital, não, considerou que ia fazer um vídeo presencial para ser passado no digital e desenhar a letrinha no vídeo presencial, então eu não sei se fez diferença do ponto de vista de prática do professor, eu acho que o que faz diferença para mudança de prática do professor é currículo, se não for o currículo não muda, né, eu acho que pandemia por si só não vai ter efeito não.

Walkyria Monte Mór: Então eu já eu já acho que a gente aprendeu coisas aprendeu o que não fazer pelo menos né, eu acho que por exemplo o que que é problemático eh, eu tô participando de um projeto coordenado pela Eliane Azzari lá da PUC Campinas e to podendo aprender muita coisa também com os professores que estão eh tentando resolver suas vidas em época de pandemia, né e veja assim que muitos problemas que eles têm são realmente, os alunos não têm acesso, os alunos sabe aquele nível eh de problema familiar que a família tem um celular para quatro quatro estudarem, por exemplo...o sinal é péssimo...quer dizer leva mesmo mais que 45 minutos para baixar qualquer coisa, enfim então eles têm toda essa dificuldade. Então se o Brasil por exemplo se interessa em um um um em adotar alguma coisa também do digital também tem que olhar isso, né, pensar uma parte de suporte super importante, né, esse é um primeiro ponto segundo é o professor, por exemplo, tava dando essa aula lá no no quadro branco atrás, Roxane, mas também acha porque ele não sabe fazer outra coisa, cadê a formação dele, né? Muito a a ideia dos letramentos que chegam para para a ideia que chega pra eles dos letramentos, eles leem aquilo às vezes não sabem pensar como é que eles vão promover uma

educação com esse tipo de ideias e de princípios, né, então a formação dele também precisa melhorar

Roxane Rojo: Na UNICAMP que é UNICAMP Walkyíria, não tem uma disciplina obrigatória na graduação que inclua multiletramentos....tem uma de letramento que eu boto no título quando dou uma de multiletramento também né? Mas bota por minha autoria quanto em risco a disciplina não mudou de nome se eu quiser parar no Street eu paro no Street, entendeu,

Walkyria Monte Mór: então o que o que eu vejo ah também dessa questão do do da pandemia, né, eu acho que a pandemia também nos despertou para uma questão que é muito importante muitos daquelas aulas que a gente dava presencialmente não precisam ser presencialmente elas podem ser aulas dadas online então ah aí é esse essa foi uma sacada que eu acho que vale a pena a gente parar e pensar nela, eu eu acredito em ensino híbrido, eu acho que o híbrido pode ser interessante, e eu acho que é o ensino online pode ser interessante e deve ser interessante sim, temos que nos preparar mais, eu acho que a gente tava na numa estação de sobrevivência, né, eu eu mesmo andei um curso de pós-graduação completamente do jeito que eu dava o curso presencialmente, né? Eu não sabia muito bem o que como e olha que eu tô lendo sobre isso falando sobre isso há décadas, né, e aí na hora que chega a minha vez que eu sou pega ah para falar para dar um curso de pós-graduação ah online a nossa sorte é que geralmente a expectativa na USP é que curso de pós-graduação seja bastante teoria aquela coisa toda, né, ah a teoria teoria teoria, então isso ainda me salvou um pouco, mas eu fiquei muito preocupada com isso, falei que mais que eu posso fazer de interessante, sabe, que mais que eu posso fazer com com recurso, eu achei que é eu podia fazer muito mais que eu não estava fazendo né, e na rapidez do tempo também que tudo aconteceu que eu peguei o primeiro semestre logo da pandemia que eu que eu comecei a dar essa dar o curso enfim, eh, eu sou bastante otimista em relação a uma mudança eh até desse estilo, né, de aula e que não precisa ser tão presencial, eu sou bastante otimista em relação a isso acho que sim, ah, não pode ser totalmente online, mas também não dá mais para ser totalmente presencial, né, e eu acho assim nesse momento a pandemia não acabou ainda, como é que a gente pode voltar presencialmente em massa pra nossa sala de aula em alguns lugares, o índice está subindo no Brasil, agora o índice da pandemia tá subindo novamente, então acho que isso ainda é preocupante

Daniel Ferraz: é exatamente a gente também fala como se tivesse acabado né (risada) mas a gente sabe que ... é evidente quer dizer tá sempre rodeando né? Olha, eu quero agradecer então, a gente não acabou se vocês tiverem mais uns minutinhos queria fazer pelo menos umas perguntinhas do público as nossas acabaram e o papo foi bom, eu vou escolher algumas viu, pessoal, depois a gente manda para Roxane e pra Walkyria e a gente eu vou fazer essa primeira aqui que eu acho que tem a ver com que a gente tá falando e depois a Simone vai juntar algumas perguntas sobre formação também então agradecer lá a Roseane Tavares que tá lá em Maceió, Rose, querida, muita saudade... os letramentos podem ser utilizados como base teórica e prática dos estudos do discurso de provocação de medo e ódio na mídia? Vocês têm algum trabalho desenvolvido no assunto, quer dizer, podem ajudar a gente pensar essas questões?

Walkyria Monte Mór: Posso falar um pouquinho, eu acho que pode e eu acho que onde a gente pode começar a trabalhar nisso também é na mudança das concepções, eu escrevi acabou de sair um texto aqui agora que eu escrevi, só que eu já escrevi há mais tempo, ele acabou de sair, mas enfim, já tem tempo onde eu tô fazendo essa defesa, eu tô fazendo essa a defesa do seguinte ah minhas aulas de língua e cultura de primeiro eram outras sabem daquele estilo conservador e ainda uma aula que via língua e cultura dentro de uma perspectiva de estado nação, ou seja você ensina a língua inglesa e tem uma cultura que é da língua inglesa e eu hoje questiono isso

eu não não vejo dessa forma, é o contrário na hora em que a gente começa a trabalhar a noção de diversidade e da pluralização cultural, por exemplo, a gente começa a trabalhar uma ideia de que ah, então eu entendo que há diferença há pessoas diferentes, mesmo dentro de uma mesma cultura entende, começa a trabalhar a oportunidade das pessoas refletirem sobre isso, né? Então acho que isso é é super importante, e aí ah algumas atividades assim são feitas e e promovidas para reflexão, né, eh que eu acho que são importantes... agora não tem como mudar imediatamente, né, assim você deu uma aula e na aula que vem já o aluno já já repensou toda a sua vida, não é isso, porque mudar de concepção é uma coisa que leva tempo vai amadurecendo com as pessoas e tudo, né, então mas pra responder Roseane Roseane acho que sim, e aí temos que bolar muitas atividades, inclusive sobre isso...

Roxane Rojo: eu acho que quando você tem uma base discursiva, né, você está falando em estudos do discurso, né, esse discurso de medo e ódio ele é eh muito próprio das redes sociais, né, então você tá falando num trabalho, eu já conversei com muitos professores, né que adotam o trabalho sobre as redes sociais em em sala de aula em geral no fund dois ou médio, né, podendo então analisar claramente não só quais são e como é que funcionam esses discursos de medo e ódio, né, os robôs enfim o funcionamento disso tudo, né, eh como também eh como se defender deles, né, porque muita gente vê por exemplo no *Facebook* esse tipo de interferência na sua rede social e fica quieta né no máximo bloqueia, eu não, eu denuncio toda santa vez no *Facebook* se isso vai acontecer alguma coisa ou não vai acontecer alguma coisa no mínimo vou atrapalhar um pouco a vida da criatura. Então eu vou lá xingo o cara bloqueio e denuncio, né e vira e mexe tem é só falar mal do Bolsonaro que vem uma renca de robô, né eh fazendo discurso de ódio, eh então eu acho que há muito a ensinar, né o checadores de informação que as pessoas nem sabem que existe, né que existem várias ferramentas de checagem de exatidão da informação da mídia digital, eh os recursos que você tem no *Instagram* no *Facebook* em cada rede social para poder denunciar eh bloquear etc, né, então eu acho que tem trabalho sim a desenvolver sobre redes sociais especialmente, né, não só na questão eh do discurso de medo e ódio, né? Informação, checador de informação, eu acho que em qualquer currículo que se preze as redes sociais serem o seu objetivo, né, ou seja um usuário...

Walkyria Monte Mór: Nosso currículo de letras tá defasado em relação a isso, né, nós temos que principalmente nas letras nós tínhamos que tá trabalhando tínhamos que ter disciplinas, inclusive para esse tipo de discussão para esse tipo de letramento digital, né crítico e é isso que a Michelle Knobel, ela falou muito sobre letramento digital também num texto dela de 2016 onde ela fala sobre letramentos digitais no plural para ela é diferente do letramento digital no singular quando as pessoas se referem muito a conhecer máquinas, conhecer *software,* quando ela fala de letramentos digitais, ela vê faz isso ligado a uma prática social que é exatamente isso que você tá escrevendo e descreveu muito bem sabe, acho que é é esse é o letramento digital que a gente tá falando, né, então eu acho que é isso que precisa começar a incorporar nas universidades, inclusive, tem que passar a ter essa disciplina, né, não pode imaginar o curso de letras hoje em dia que não faz isso um curso de línguas ou literatura seja o que for que não trabalha com isso.

Roxane Rojo: A maioria não tem disciplina e nem material, né, eu tenho trabalhado muito ultimamente sobre criar materiais para que se isso possa ser trabalhado na escola porque o livro didático não adianta ele não consegue fazer isso porque o material que eles dispõe, né apostilado ele bota o *link* lá escrito mas não bota o *QR Code* se ele botasse o *QR Code* a pessoa podia ver no celular, mas ele não bota né, ele bota o *link*, eu não tenho como clicar no livro impresso o *link* e ver o negócio lá, né, então não adianta nada é outro tipo de material que precisa né? E basta colocar o *QR Code* do link que eu boto o celular na frente e vejo né basta ter qualquer

celular então quer dizer eu aprendi isso com aluno meu do primeiro ano de letras ... primeiro ano tinha acabado de entrar eu fui lá reclamando, tô escrevendo um livro que eu falo do Picasso ... do Picasso não porque aí é estática, sei lá, fala a origem do cinema, né, a estação de trem sei lá tá, por exemplo e a pessoa não pode ver o o filme, né, que eu tô falando... "claro que pode professora, bota um *QR Code"* eu falei "mas *QR Code* não é para preço do mercado", ele falou "não fica qualquer link professora, a senhora vai lá no codificador de *QR Code*" e de fato todo mundo gosta do livro por isso porque põe o celular na frente e vendo o que eu tô falando, né, então é um problema que já não existe mais nem mesmo pro impresso, né, então enfim, mas quem sabia era menino do primeiro ano foi o nosso professor... isso não é problema eu falei mas isso não é preso no supermercado, ele falou não é qualquer um, eu falei...

Simone Certo professoras, é muitas perguntas no chat, mas conectado essa o ensino crítico, né, tem uma pergunta da Rosana aqui os letramentos os multiletramentos podem ser de ajuda na integração e adaptação de crianças imigrantes nas escolas? Queria saber a opinião das professoras.

Roxane Rojo: Eu não sei responder porque não conheço esse assunto né?

Walkyria Monte Mór: Então não não eu não faço pesquisa necessariamente nesse falando sobre os imigrantes, mas acompanho algumas pesquisas sobre isso, né? E sim eu eu acompanhei inclusive um trabalho muito interessante de uma orientadora do Diógenes da Bahia onde ela fala sobre os imigrantes, eh e e aí ela tá comentando sobre essa ideia de letramentos críticos, ah, como forma de conscientização, como forma de de preparar mais os alunos para a para que isso ocorra né, na semana que vem eu vou estar discutindo essa essa noção novamente junto com a Fernanda Liberali numa outra mesa na outra mesa online, né e enfim. E aí eu acho que eh tem várias questões sendo discutidas nos estudos sobre superdiversidade, né diversidade super diversidade que estão falando sobre os imigrantes então sobre um trabalho mais crítico que possa conscientizar as pessoas... vai levar tempo porque eu acho que a questão é é de raiz mesmo, sabe assim, ele é mudança de concepção de como você, vê o outro, né, quando você vê o outro e quando é um um imigrante então que vem é deslocado, parece que, enfim, hierarquicamente, ele eh sofre mais discriminações, inclusive e aí outras consequências, então assim eu vejo isso como toda uma possibilidade e acho que tem que ter mais estudo sobre isso começamos a ter muito mais essa essa questão no Brasil, né, sendo que eu já participei de umas três bancas sobre isso eh, acho que isso é passa a ser uma questão muito importante dentro das escolas de universidades, não dá mais para estudar línguas, entendeu, só a língua, né, aquela coisa que já foi no passado tendo que estudar essas questões que tem junto com esses estudos culturais.

Daniel Ferraz: Nossa eu tô procurando uma última aqui que eu achei essa tão interessante. Nossa tem muita pergunta, viu, Roxane e Walkyria, é lógico que vocês atraem um público enorme a gente sabe que tá todo mundo interessado em ouvi-las, mas o bate-papo foi legal foi muito eu estou gostando muito, eu queria fazer essa última e depois pedir assim, eu ia fazer uma surpresa, mas já vou adiantar porque eu sou muito legal com vocês, vocês têm umas palavras finais pra quem tá interessado e ainda continuar faz estudar letramento multiletramento nas suas pesquisas ou de se enveredar pra estudar isso para dar aula, né, para quem já é para quem tá é professor, mas eu vou fazer essa última da Gabriela que eu achei muito interessante porque a gente às vezes percebe um racha, né? A universidade já nos fragmenta e nós na área de linguagens de línguas a gente se fragmenta ainda mais vamos ver se eu entendi a pergunta dela que ela falou assim como as professoras vem essa nomenclatura, né componente/disciplina língua portuguesa língua inglesa esse ainda nosso objetivo de ensino o que que eu tô entendendo

aqui que ela tá criticando a fragmentação, ela tá perguntando o que que vocês acham aí, né ... dessa eu incluiria nesse racha que nos nos dividem entre língua e língua materna língua portuguesa línguas estrangeiras e me perguntam viu Roxane, ué por que que você gosta de trabalhar tanto com a Roxane, né, ela de língua eu falei gente eu não acredito que ouço hoje essa pergunta ainda... o grupo não é de línguas estrangeiras, eu falei gente aqui é cabe espaço em torno da formação, a gente vai trabalhar com todo mundo com todo mundo que tem a acrescentar para o nosso grupo, né? Enfim essas provocações que a gente acaba recebendo, mas é muito fácil de responder, mas eu queria ouvir de vocês. O que que vocês acham dessas fragmentações que nos colocam, né?

Roxane Rojo: Eu acho que a a solução que os documentos oficiais e os orientadores da docência né dos professores tô falando da Educação Básica daí né, eh porque na na fragmentação na educação superior mais pesada ainda, né, eh tem eh buscado por enquanto subterfúgios, mas esse subterfúgios abrem espaços estratégicos, por exemplo o conceito de área que começa a se esboçar nos PCN e acaba se cimentando ou concretizando estabelecendo na base Nacional, né? O conselho diário não resolve o problema porque na universidade a formação continua disciplinar, né? Eu sempre desde que entrei na Unicamp lá é assim ... aqui tem arte, né, tenho IEL, linguagens e depois tem IFCH, eu falo assim essa putaria aqui só vai prestar se fizer uma ponte entre os três e todo mundo trabalhar juntos, ciências humanas e sociais a artes e linguagens e letras, né, porque senão nós vamos continuar parando lá em Camões, como faz o livro didático, ou no máximo em Guimarães Rosa e pronto, né, então eu acho que tem eh na universidade essa... ninguém fala em área na universidade área de linguagens, mas os nossos documentos sociais já desde os PCN falam né pro professor é quase impossível concretizar na escola, mas isso abre possibilidades, por exemplo essa que tá aparecendo no currículo de ensino médio da Prefeitura de São Paulo, que é de fazer percursos interdisciplinares dentro da área, né, onde o professor de Educação Física de arte de língua inglesa de língua espanhola, e de língua portuguesa tem o que dizer sobre o tema, são em geral percursos temáticos, né? Isso já faz toda a diferença agora como é que não dá para funcionar na escola, não dá para funcionar na escola porque a JEIF é de 45 minutos e eles não têm condição de se encontrar lá com essa estrutura não dá para você eh conseguir prover nenhuma interdisciplinaridade, né? Então aí eu acho eu acho um pouco isso, não sei se eu falei bem dentro da pergunta que você fez ...

Walkyria Monte Mór: então primeiro eu quero dizer porque que a gente gosta de trabalhar com a Roxane porque a Roxane tem muita afinidade com essas nossas ideias esse nossas propostas não é... onde a gente acha sempre, umas parcerias com a Roxane, né, ah de área portuguesa gostaríamos de de ... então e até seria legal, se tivesse mais parcerias com a com pessoas da língua portuguesa, porque eu digo há muito tempo que esse projeto de letramento como um projeto de revisão educacional só vai funcionar na hora que a gente juntar língua portuguesa línguas estrangeiros e etc para isso, talvez formando uma área, né, de forma que a gente possa trabalhar de forma coletiva conjunta, né dentro de princípios etc. Então acho que é essa é a primeira questão, então eu eu concordo com a raciocínio também apresentado pela Roxane eh com essas divisão que existe, né disciplinar, né entre língua portuguesa língua inglesa ou língua espanhola seja o que for, e aí é que tá... quer ver uma quer ver se você conseguir uma ideia não vai pra frente quando você não muda nada na estrutura que aí é assim podem discutir qualquer ideia é boa por aí, vocês podem ir na academia ficar discutindo lançando projeto lançando bases lançando o que for a escola não muda a estrutura dela, então você não consegue implementar também, né? Então enquanto ela for disciplinar o professor é contratado por hora por hora para o trabalho disciplinar é uma pessoa ter português uma pessoa de inglês é uma pessoa de Geografia, por exemplo ah está complicado porque eh inclusive essa divisão a porque 5 horas de aula pra língua portuguesa ah porque a língua materna é a língua oficial que é a língua que

você tem que realmente defender ... só que essas 5 horas de língua portuguesa não resolveram até hoje nós estamos com os nossos alunos que não sabem português e essa é a reclamação de muitos não é não sabem matemática também que é português e matemática... então eh toda essa estrutura, né eu acho que ela precisaria ser revista também, por isso que eu eu sou favorável a uma nova uma outra estruturação de escola, sem precisar de destruir desconstruir essa que tá aí, eu acho que a gente podia começar a ter ah, escolas públicas dentro de outro modelo sabe pra gente experimentar

Roxane Rojo: tem algumas né, em São Paulo tem uma lá perto do Butantã, a Amorim Lima uma vez eu fiz um trabalho lá naquela escola e fiquei impressionada porque o que que foi aquilo uma diretora que entrou ganhou a simpatia dos professores e tal o que que ela fez? Ela reformou a escola inteira fazendo o seguinte... primeiro ela acabou com a seriação... continua evidentemente do ponto de vista da secretaria tendo seriação sexto ano sétimo ano oitavo ano e tal, mas ela demoliu todas as salas de aula nos dois pavimentos, a escola tem dois lados assim, ela botou todas as paredes abaixo, botou duas três ilhas de computador isso há anos atrás a mais (...) atrás, né, três ilhas de computador no meio de cada coisa, né e a biblioteca nas paredes desses dois grandes salões e misturou os meninos de fund de um primeiro a quinta e de fund dois de sexta a oitava todos juntos naquele salão para fazer projetos... ela é uma das escolas municipais de São Paulo mais bem avaliadas.

Walkyria Monte Mór: Eu sei eu tive um orientando meu fazendo pesquisa lá, acompanhei a pesquisa dele tem uma ele chama Sandro Rocha uma pesquisa de doutorado também da Luciana Ferrari que foi foi para o projeto Âncora fazer pesquisa lá que também é é tem bastante semelhança com essa proposta, enfim, tô sabendo de outras escolas também do Rio que estão fazendo propostas semelhantes, mas estou falando isso é um projeto de de educação que pode ser pensado, né, porque que ... eu tô falando assim e e e sentido amplo mesmo em vários locais, né, começar a ter escolas públicas que são diferenciadas pra gente testar pra gente experimentar outros formatos de escola, né, para que as pessoas possam ter opção, né em relação a isso vou te dizer né?

Roxane Rojo: Agora vou te dizer, não vou falar só vou falar o nome de uma escola, não vou falar da outra por questões de ética até os alunos têm medo de uma coisa como essa né, meu neto agora passou para o ensino médio e passamos pela fase dele escolher a escolas tem uma pequenininha aqui perto de casa que eu queria muito que ele escolhesse não vou falar o nome da escola, mas ela é interdisciplinar, ela faz isso que essa diretora do Amorim Lima fez há muitos anos ela trabalha com pedagogia de projeto, né, e ela coloca todos os professores que tem a ver com aquele projeto juntos dentro da sala de aula e não tem grade de disciplinas no ...tem o projeto a fazer sai pra rua vai coletar dado vem e todos os professores que estão naquele projeto trabalhando junto naquela turma... meu neto foi ver essa escola, falou "não vou de jeito nenhum, quero ficar na que eu tô" eu falei porque com 14 anos para 15 né para entrar no ensino médio falei "por que Tonico, que decepção você tá me decepcionando tão profundamente é uma escola ótima, você vai aprender muito você vai parar de ser CDF, você vai parar de ser primeiro da turma o que faz bem para tosse, né?" Porque ele é super, né, cumpridor... falou "por isso mesmo vovó que puta bagunça aquilo lá, não vou saber como fazer vou ficar ouvindo, né?" Então até o aluno tem medo, né?

Walkyria Monte Mór: Aí não são só os políticos, né que tem medo disso, né (risada)

Roxane Rojo: até o adolescente aluno tem medo e falou "vou não vou ficar onde eu tô" é porque é primeiro da turma, né? Primeiro

Walkyria Monte Mór: ok, não precisariam ter só escolas desse modelo, mas ser também esse modelo... e ter outros, outros que podem escolher....

Roxane Rojo: Como era o modelo também sucedido antigamente eu vocacional, né, a gente jogou a experiência do vocacional.

Daniel Ferraz: o que fica é essa necessidade de uma revisão educacional um pouco maior, né, porque a gente percebe que muitas localidades temos feito muitas coisas, mas talvez seria importante essas localidades se conectarem, né? Eu acho que para nós com muito orgulho a gente fala que o GEELLE tenta fazer isso de uma forma muito tímida obviamente, mas a gente recebe muito e-mail e material de gente do Brasil inteiro eh fazendo coisas, né, e enfim, eu acho que a gente pode mais ou menos encaminhar para o encerramento agradecer muito, vou deixar a Simone falar daqui a pouco e vou pedir então para vocês falarem aí para o pessoal que tá nos assistindo passamos aí por mais de 100 pessoas da tarde inteira rodando aqui com a gente do Brasil inteiro agradecer todo mundo que tá com a gente e assim se vocês têm alguma alguma palavra final assim para quem quer começar ou continuar nessa nesses estudos aí em torno dos letramentos tá e já agradecendo imensamente esse bate papo muito bom conversar com vocês duas sempre sempre.

Roxane Rojo: bom, eu vou puxar sardinha pro meu interesse, eu acho que a gente precisa mais gente trabalhando na área de linguística linguística aplicada em letras em materiais didáticos, porque os professores se sentem muito desvalidos em trabalhar como multiletramento com multisemiose eh com as diferentes linguagens porque a formação inicial é unidirecional é só prescrito e no máximo plural, né? E os currículos vão para a diversidade de linguagem já né, então eles são muito desvalidos para conseguir pensar isso as pessoas que falam de multiletramentos em cada universidade e tô falando das grandes são poucas, né, duas três quatro 10 no máximo,

Walkyria Monte Mór: No nosso projeto tem 40

Roxane Rojo: Não, dando aula na USP?

Walkyria Monte Mór: Não na USP não.. não não tô falando assim das Universidades

Roxane Rojo: eu to falando dos professores nas Universidade pensando Brasil velho, né, que aí é um projeto ... agora em cada Universidade, vai ter o quê dois três quatro preocupados, não é? Como dizia minha avó uma andorinha só não faz verão, então eu acho que a gente precisa começar a fazer coisas que cheguem lá no chão da escola, vulgo, o nome é material didático, só que nesse caso que nós estamos discutindo um impresso não basta né, então acho que a gente precisa começar a pensar a propostas alternativas que atendam às necessidades dessa falta de equipamento falta de conexão... não é fácil pensar, mas eu tenho me dedicado a isso, eu acho que vou continuar até o final me dedicando a isso...

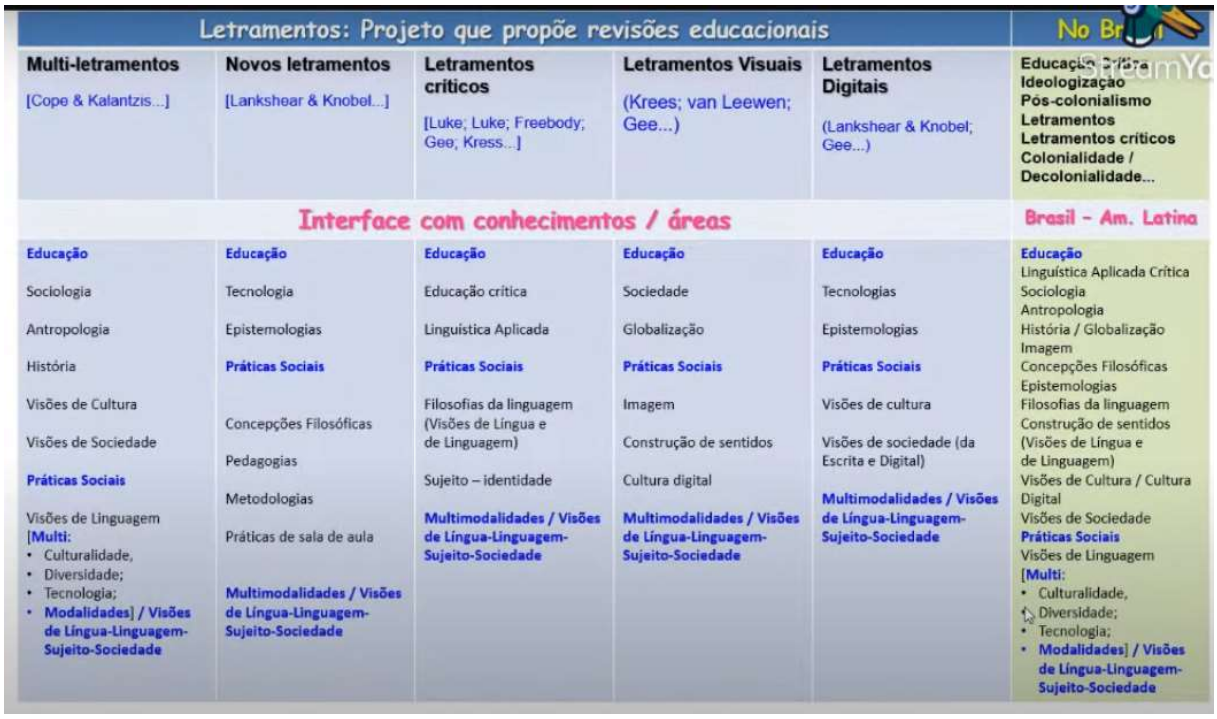
Walkyria Monte Mór: Ah sim, eu também né, então acho que eh então assim como a Roxane, acho que a ideia de materiais e preparar o professor para para isso é é muito importante e acho para mim eu tô a décadas pensando numa outra educação, eu inclusive uso o termo de uma nova academia, né, eu por exemplo acho que o curso de letras ah, tá ultrapassado sabe ele precisa se atualizar mais ele precisa não numa perspectiva neoliberal, toda vez que eu faço isso tem alguém que eu que é opositor a minha ideia coloca assim para mim "você é neoliberal" porque

você sabe que xingar a gente de esquerda de neoliberal é seríssimo, né, então é as pessoas falam você "quer uma universidade neoliberal?" Falo ao contrário, eu quero que repense esse curso de letras do jeito que ele é sabe para não ser elitista mesmo, sabe para colocar o pé no chão em relação a várias questões que nós vivenciamos hoje em dia na nos tempos atuais, mas acho acho que a questão da crítica para mim eh é muito importante a questão de repensar essa a construção dos sentidos para mim todo isso tá dentro do que eu chamo de letramentos tá dentro dessa renovação educacional via linguas linguagens, tá plural assim, tá bom. Então essa é a ideia e eu eu acho que aquela que também vou puxar a brasa com a minha sardinha, se não for fazer pesquisa nessa área, nem sei viu, pra que hahaha (risadas)

Simone: ai a gente foi foi ótimo mesmo contribuições maravilhosas riquíssimas, né, que ajuda a gente a pensar ah a educação, né no Brasil refletir a teoria e prática também pensar no aluno pensar na formação do professor também que é importante e isso da da força, né, eh dá esperança para que a gente tá vendo que tem gente pesquisando tem gente querendo pesquisar gente querendo melhorar né? Por isso que eu só queria agradecer professora mais uma vez essa esse bate-papo maravilhoso e também agradecer o pessoal do chat que participou bastante muitas perguntas muitas contribuições, a gente não conseguiu, né, mostrar todas aqui, mas foi muito bom vai ajudar muito com certeza. Então eu acho que é isso, muito obrigada mesmo...

Daniel Ferraz: eu também, ó, seja muito bem-vindas sempre Roxane e Walkyíria são quase membros do GEELLE já (risadas) estão com a gente há muitos anos e eu queria só anunciar então que na semana que vem pessoal nós vamos ter o nosso último evento especial, então, vocês não percam porque é o nosso último especial, então é o último né, galera ó aqui, não sei se tá projetando aí vê aí se para mim *Literacy in Australian and Brazilian contexts*, eu e a professora Luciana vamos mediar a Jennifer Alford e o Joe Windle... agora os meus cachorrinhos resolveram participar da *live*, mas é vai ser na semana que vem às 19 horas oito horas da manhã na Austrália e 19 da noite. Contamos com a presença de vocês, vai ser muito bacana grande abraço aí bom final de semana para todo mundo boas pesquisas sobre letramentos e multiletramentos. Se não foi isso vai ser o quê, né, Walkyria, né? Tamo Junto. Tamo junto. Tchau, tchau.
Gente, obrigado

ANEXO 7A



Letramentos: Projeto que propõe revisões educacionais

No Br...

Multi-letramentos	Novos letramentos	Letramentos críticos	Letramentos Visuais	Letramentos Digitais	Educação Crítica Ideologização Pós-colonialismo Letramentos Letramentos críticos Colonialidade / Decolonialidade...
[Cope & Kalantzis...]	[Lankshear & Knobel...]	[Luke; Luke; Freebody; Gee; Kress...]	(Krees; van Leewen; Gee...)	(Lankshear & Knobel; Gee...)	
Interface com conhecimentos / áreas					**Brasil – Am. Latina**
Educação Sociologia Antropologia História Visões de Cultura Visões de Sociedade **Práticas Sociais** Visões de Linguagem [**Multi**: • Culturalidade, • Diversidade; • Tecnologia; • **Modalidades**] / **Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Tecnologia Epistemologias **Práticas Sociais** Concepções Filosóficas Pedagogias Metodologias Práticas de sala de aula **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Educação crítica Linguística Aplicada **Práticas Sociais** Filosofias da linguagem (Visões de Língua e de Linguagem) Sujeito – identidade **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Sociedade Globalização **Práticas Sociais** Imagem Construção de sentidos Cultura digital **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Tecnologias Epistemologias **Práticas Sociais** Visões de cultura Visões de sociedade (da Escrita e Digital) **Multimodalidades / Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**	**Educação** Linguística Aplicada Crítica Sociologia Antropologia História / Globalização Imagem Concepções Filosóficas Epistemologias Filosofias da linguagem Construção de sentidos (Visões de Língua e de Linguagem) Visões de Cultura / Cultura Digital Visões de Sociedade **Práticas Sociais** Visões de Linguagem [**Multi**: • Culturalidade, • Diversidade; • Tecnologia; • **Modalidades**] / **Visões de Língua-Linguagem-Sujeito-Sociedade**

(Projetado por Walkyria Monte Mór no evento)

ANEXO 7B

Sociedade da Escrita

	Estudos Linguísticos	Estudos sobre Identidade
Sociedade da Escrita **Projeto *Modernista* de Sociedade**	Aprendizagem e ensino de **padrões linguísticos institucionais, normatividade** (influência da **visão iluminista, liberal, neoliberal,** e também **positivista,** de língua-linguagem)	Sujeitos **iluministas** – cujos modelos de **identidade** se constroem de modo **convergente e coerente,** dotados das capacidades de razão, consciência e ação (sem corpo)

(Projetado por Walkyria Monte Mór no evento)

ANEXO 8

COMENTÁRIOS DO CHAT AO VIVO DO YOUTUBE

GEELLE especial: Vamos conversar sobre os Multiletramentos? 13/05/2022 - 14h Roxane Rojo e Walkyria Monte Mór

Roseanne Tavaresboa tarde, pessoal.

Luciana Carvalho FonsecaFiquem à vontade para postar suas pergutnas por aqui!

Bel LacombeBoa tarde!

Marcus ViniciusBoa tarde

Luiz Carlos de Alencar RibeiroEu enviei e-mail para esse endereço e não obtive retorne professor.

Jades DanielBoa tarde!

Luciana Carvalho FonsecaBoa tarde! Obrigada, Dan!

Kiko ArquerBoa tarde a todos.

Ebson GomesBoa tarde a tod@s! Prof. Ebson Gomes, UFERSA Caraúbas - RN. Prazer estar aqui com todos vocês!

GEELLE Daniel Ferrazoi pessoal, boa tarde! Façam as suas perguntas e comentários...

Amony da Flora Bonifácio SaulosseBoa tarde a todos e a todas

Jades DanielPesquiso os multiletramentos no ensino de História como mestrando pela UEG e a professora Roxane Rojo tem contribuído bastante para este entendimento.

Amony da Flora Bonifácio Saulosseola Suiane

Lizika GoldchlegerProfessoras, qual, quais os letramentos mais recentes e seus conceitos que foram encorporados aos estudos dos multiletramentos?

Profa Adriana QuímicaBoa tarde!

Daniel Ferraz Uspoi pessoal isso! podemos nos apresentar e conversar aqui

Laysla RibeiroBoa tarde!

Daniel Ferraz Uspde que lugar do Brasil falamos?

Luiz Carlos de Alencar RibeiroOlá, sou de Valparaíso de Goiás, do programa de mestrado em gestão, educação e tecnologia. Da UEG

Kleber Aparecido da SilvaKleber Silva - Brasília/UnB

geovane albuquerquePontes e Lacerda (interior de Mato Grosso)

Aline Erika A. de FreitasBoa tarde! Sou mestranda do POSLLI UEG - Campus Cora Coralina.

Danielle RosaBoa tarde !

Danielle RosaGoianira - Goiás

Kellita Do CarmoBoa tarde!

Limerce LopesBoa tarde!

Ursula Puello SydioBoa tarde - USP/São Paulo

Maria Inês HernandezBoa tarde a todas e todos!

Limerce LopesOlá Suiane, Amony

Silvia Letícia Cupertino dos SantosBoa tarde, pessoal!

VIVIANE RAPOSO PIMENTARoxane, que saudade!

Elissandra GouveiaBoa tarde! Sou mestranda do POSLLI - UEG - CAMPOS CORA

CORALINA!

Jades DanielGostaria de saber dos palestrantes qual a visão que se têm a respeito do letramento ou literacia (termo em português de Portugal) e dos multiletramentos no ensino de História?

GEELLE Daniel FerrazPessoal, segue o link para certificados: https://forms.gle/ENEChVTe6xQpDXsZ6

GEELLE Daniel Ferrazé bem rápido preencher...

Jades DanielBoa tarde a todos! Sou Especialista em Letramentos e em Práticas Interdisciplinares (UnB/DF) e Mestrando em Gestão, Educação e Tecnologia UEG/GO).

GEELLE Daniel FerrazOi Roseanne! que saudade docê!

G
Gabriela Martins MafraBoa tarde!

Lidia TenorioWalkyria... enriquecedor te ouvir...

G
Gabriela Martins MafraProfessoras brilhantes!

A Different TeacherProfessora Walkyria, existem propostas práticas desse processo de alfabetização plural?

GEELLE Daniel Ferrazpessoal, boa tarde! façam perguntas e comentários para Rojo e Monte Mór! Muuuito bacana tê-las no GEELLE...

André Effgen de AguiarComo seria alfabetizar na escola pública brasileira a partir da perspectiva dos multiletramentos?

L
Limerce LopesBoa pergunta, Andre

Michely AVELARSempre inspirador ouvir vocês!!!

Alícia GabrielBoa tarde.

Fernanda Nogueira Hyra Chagas RodriguesBoa tarde, professores! Gostaria de saber qual a relação que vocês veem no Brasil entre multiletramentos e transmedia? Como trabalhar a transmedia na escola pública?

R
Rosana Daza Gonzalezos letramentos ou multiletramentos podem ser de ajuda na integração e adaptaçao de crianças imigrantes nas escolas?

G
Gabriela Martins MafraComo as professores veem essa nomenclatura: componente/disciplina "Língua Portuguesa", "Língua Inglesa"? Esse ainda é nosso objeto de ensino?

Karin de Oliveira Lemosadorei sua pergunta @Rosana Daza Gonzalez

A Different TeacherNossa, quero ter acesso a esse material

VIVIANE RAPOSO PIMENTAPenando nos multiletramentos, sobre o nosso objeto de ensino em LI e LP, seria o texto (escrito, oral, imagético, pictórico, sonoro etc) ou os gêneros?

VIVIANE RAPOSO PIMENTApensando

N

Nara TakakiBoa tarde!

Roseanne Tavaresos letramentos podem ser utilizados como base teórica e prática dos estudos do discurso de provocação de medo e ódio na mídia? vocês tem algum trabalho desenvolvido sobre o assunto?

A Different TeacherTambém nas escolas públicas

A Different TeacherPoucos recursos tecnológicos para trabalhar

GEELLE Daniel Ferrazpessoal, segue o link para certificado: https://forms.gle/ENEChVTe6xQpDXsZ6

GEELLE Daniel Ferrazjá vamos começar com as suas perguntas e comentários ok?

Michely AVELARtambém tenho percebido isso... Não tenho visto muito movimento, por parte da Educação/escola/governo, em prol dos multiletramentos ou de outras linguagens q não as tradicionais

Aline Erika A. de FreitasSim @Michely AVELAR , há uma defasagem entre o que está nos documentos e o que está sendo aplicado na escola no dia a dia. É preciso que se tenham mais cursos de formações para o professores.

Michely AVELAR@Aline exato. Ora falta formação, ora falta recurso, ora ambos.

Iniss Pozzobom Costa MewsAlém de formação para os professores, disponibilizar os recursos.

Michely AVELARthe same old wine in new bottles

Aline Erika A. de FreitasCom certeza, @Iniss . É necessário mais recusos também.

Michely AVELARvi muito professor que no presencial usava o datashow, querendo usar quadro no online

Profa Adriana QuímicaAdriana Lúcia Barbosa - PPG-IELT - UEG - Anápolis - Goiás.

Simone BatistaAcho que todos nós ficamos em início de carreira de uma hora pra outra...

Simone Batistae este é o momento de efetivamente mudarmos a prática docente, rever o conceito de aula

Michely AVELARProfa. Walkyria, muito interessante aprendemos muito e tivemos oportunidade de repensar algumas questões também.

Elissandra GouveiaExcelentes reflexões!

elba MarSó tenho a agradecer e apontar que o ensino a partir dos multiletramentos tem sido fundamental no desenvolvimento cognitivo de minha filha que é uma criança no Espectro do Autismo.

Roseanne Tavarestambém, beijos

Roseanne TavaresObrigada, Walkyria

G

Gabriela Martins MafraSim precisamos falar de materiais didáticos hipermidiáticos

Roseanne Tavaressim, Roxane

Roseanne TavaresObrigada pela atenção, ótimas reflexões.

F

Fatima CabralSempre tudo muito interessante!! Obrigada! Beijos...

R

Rosemary CândidoBoa tarde!

G

Gabriela Martins MafraÉ a língua ou linguagens?

Fátima MonteiroMuito obrigada Professoras!!!! por nos aproximar das suas experiências das práticas docentes e nos aproximar das teorias de maneira tão fluida e de compreensão mais efetiva.

G

Gabriela Martins MafraAdorei sua visão Daniel

G

Gabriela Martins MafraObrigada!

L

Lizika GoldchlegerMuito bom, Professoras! Obrigada !!

G

Gabriela Martins MafraPerfeito professores e que não abordem apenas o ensino de língua, mas de linguagens de forma intertransdisciplinar (pelo menos).

G

Gabriela Martins MafraUm projeto de país

Elissandra GouveiaMuito bom trabalhar com Pedagogia de Projetos!

Eliana Merlin Deganutti de BarrosMaravilha de conversa! Parabéns aos organizadores!

Karin de Oliveira LemosMuito Obrigada!! Adorei!!

Elissandra GouveiaAmei!

Eliana Merlin Deganutti de BarrosRoxane e Walkyria - top!

Ivone LimaQuanta riqueza. A Educação precisa dessas discussões para repensar a formação e os currículos.

K

Kleber Aparecido da SilvaFantástica esta roda de conversa sobre multiletramentos. Parabéns!.

Jades DanielGratidão!!! Valeu incrivelmente essa conversa sobre multiletramentos para a minha pesquisa de mestrado.

G

Gabriela Martins MafraPode deixar Roxane hahaha Temos que pensar materiais didáticos hipermidiáticos!

João Paulo Araújohahahaha sim, Profa. Walkyria

G

Gabriela Martins MafraHahaha

Maria Inês HernandezSim, por outras formas de educação e escolarização!

GEELLE Daniel FerrazMuuuuito obrigado pessoal tarde maravilhosa neh

João Paulo Araújoparabéns pela mesa! necessária e importante!

G

Gabriela Martins MafraMuito bom

N

Nina Nunesexcelente! obrigada pelo encontro

Silvania Cápua 🤗🤗🤗

Alícia GabrielBate papo maravilhoso. Ótima tarde. obrigada a todos.

N

Nara TakakiTop, obrigada! 👏👏👏👏

Deborah BalestriniBom demais! Mesa maravilhosa! Obrigada!

Maria Inês HernandezÓtima conversa! Muito necessária!

Cintia RabelloMuito obrigada a tod@s vocês e parabéns ao GEELE pela organização dos eventos. Todos excelentes e muito ricos!

Simone BatistaMuito bom!

VIVIANE RAPOSO PIMENTAMuito obrigada, Walkyria e Roxane.

Eliana Merlin Deganutti de BarrosUm abraço

B

Beatriz Mariano TolentinoConversas incríveis, muito obrigada

ANEXO 9

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "**MULTILETRAMENTOS NO CONTEXTO BRASILEIRO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA**". Meu nome é Simone Yukie Kawashima, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, pela Universidade de São Paulo, e, pesquisadora responsável por esta pesquisa , sob orientação do Professor Doutor Daniel de Mello Ferraz. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, ressaltando que: o termo será enviado de forma eletrônica, e deverá ser assinado e devolvido também de forma virtual, considerando que a pesquisa ocorrerá de forma online. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail simone.kawashima@usp.br ou simone_yukie@yahoo.com.br, endereço Av. Professor Luciano Gualberto, 403 | Prédio de Letras - 2º Andar, Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-010, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (11) 3091-4296. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato a Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas Departamento De Letras Modernas, Universidade de São Paulo, Av. Professor Luciano Gualberto, 403 | Prédio de Letras - 2º Andar, Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-010, Telefone: (11) 3091-4296, E-mail: dlm@usp.br, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira (o horário de funcionamento pode ser afetado em virtude da pandemia) .

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa são Simone Yukie Kawashima e Daniel de Mello Ferraz.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas da CEPH-FFLCH – Comitê de ètica em Pesquisa da FFLCH, órgão que recebe, avalia e acompanha projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, buscando resguardar a seguridade aos direitos e deveres dos participantes de pesquisas. O CEPH-FFLCH-USP funciona na sala 110 do Prédio de Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - à Rua do Lago, 717, Cidade Universitária, São Paulo, telefone (11) 2648-6560 / Email: ceph-fflch@usp.br - e conta com servidor exclusivo para esta função, designado pela Diretoria da FFLCH em conformidade com a Resolução do CNS/CONEP nº 466/2012, norma operacional do MS/CNS n.001/2013 e seguintes. No plano federal, responde à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 20 minutos e a sua participação na pesquisa 1(uma)hora.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é investigar os mutiletramentos no contexto brasileiro, levando em consideração a visão de professores e alunos de escola pública, bem como especialistas da área, o que podem propiciar expansão de perspectivas para a formação crítica de professores de língua inglesa. Assim, pretendemos (a) Discutir as diferentes visões sobre os multiletramentos; (b) Problematizar o conceito de multiletramentos no contexto brasileiro 20 anos após sua criação; (c) Discutir as possíveis contribuições dos multiletramentos para expansão de perspectivas para a formação crítica dos professores de língua inglesa; (d) Refletir sobre as questões dr decolonialidade nas teorias de letramentos no contexto brasileiro.

A proposta justifica-se pela necessidade de (re)significação das perspectivas dos (multi)letramentos e da formação crítica e para reflexões críticas acerca da língua(gem) e decolonialidade. A pesquisa ocorrerá de forma online, síncrona, com duração de aproximadamente 1(uma) hora, sendo que os participantes estão livres para que se caso desejarem, desligarem as câmeras.

Os procedimentos de coleta de dados serão relatos, interações, questionários, as gravações das atividades realizadas nas rodas de conversa, também, de notas da pesquisadora, considerando a pesquisa etnográfica. Assim, serão obtidos registros de opinião, fotográficos, sonoros e/ou audiovisuais da conversa, assim, são impressindíveis as concessões de uso da sua imagem, voz e opinião.

( ) Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

( ) Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

( ) Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

( ) Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Por favor, marcar a proposição escolhida.

Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são relacionados ao desconforto emocional (ansiedade, angústia, insatisfação). Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação os pesquisadores estarão continuamente abertos ao diálogo e aos questionamentos e adaptações se for necessário

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios acadêmicos e sociais criar novos produtos para o ensino de língua estrangeira a partir da investigação dos conhecimentos construídos pelas experiências e interações com as multimodalidades na sala de aula e possibilidade de reconhecimento das pluralidades e expansão de perspectivas.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo. mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido por mim, pesquisador responsável, nos termos do art. 9º, incisos 6º e 7º, da Resolução 510/2016. Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos o e-mail simone.kawashima@usp.br ou simone_yukie@yahoo.com.br para solicitar as informações.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo, ressaltando que os materiais e as informações

obtidas no desenvolvimento da pesquisa apenas para atingir os objetivos propostos por ela e não utilizá-los para outros estudos ou objetivos sem o devido consentimento dos participantes da pesquisa O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP, e me comprometo a informar a este Comitê qualquer alteração que eventualmente venha a ocorrer no projeto; e comunicar e justificar a este Comitê caso haja desistência ou cancelamento da Pesquisa; bem como anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais; encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos autores; e a seguir as orientações e cumprir as responsabilidades do pesquisador definidas pela Resolução CONEP nº 510/2016.

Declaração do(a) Participante

Eu, ..., responsável por ....., discuti com a pesquisadora Simone Yukie Kawashima sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo "Formação de professores de inglês e os Multiletramentos no contexto brasileiro" . Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: _____/_____/_____

Cidade/Estado

_____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Simone Yukie Kawashima

Data:

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **MULTILETRAMENTOS NO CONTEXTO BRASILEIRO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA**". Meu nome é Simone Yukie Kawashima. Seu responsável permitiu que você participe. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá nenhum problema se desistir. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo, pesquisador (a) responsável por e-mail simone.kawashima@usp.br ou simone_yukie@yahoo.com.br ou telefone, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): 11 99550-2022. Você também poderá fazer contato com com a Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas Departamento De Letras Modernas, Universidade de São Paulo, Av. Professor Luciano Gualberto, 403 | Prédio de Letras - 2º Andar, Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-010, Telefone: (11) 3091-4296, E-mail: dlm@usp.br.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os multiletramentos e as tecnologias na sala de aula e como podem contribuir para aprender mais sobre a língua inglesa. Se você quiser participar, iremos realizar uma roda de conversas (um bate-papo) para falar da língua inglesa. Conversaremos, principalmente, sobre os as tecnologias, memes, imagens. A atividade será feita por meio da plataforma Google Meet, com duração de 1h, e será gravada, ou bate-papo pelo "WhatsApp" ou preenchimento de formulário 'Google Forms". Os riscos que você terá ao participar do estudo são desconforto emocional (ansiedade, angústia, insatisfação), mas estaremos dialogando cuidadosamente para evitar possíveis desconfortos e abertos a questionamentos. Caso aconteça algo de errado, você receberá assistência total e sem custo e terá direito de buscar indenização. Este estudo tem como benefícios acadêmicos e sociais criar novos produtos para o ensino de língua estrangeira a partir da investigação dos conhecimentos construídos pelas experiências e interações com as tecnologias na sala de aula e como podem contribuir com aprendizado. Os resultados da pesquisa serão divulgados, mas não daremos o seu nome aos outros. Qualquer dúvida que você tiver, pode me perguntar quando quiser.

Eu, _____ aceito participar da pesquisa. Entendi que posso desistir de participar a qualquer momento e que isto não terá nenhum problema. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

_____

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Data: _____/_____/_____

Cidade/Estado

_____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: _____/_____/_____

Cidade/Estado